



CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE

Ensino Fundamental – 2º ano



FICHA TÉCNICA

Comitê Executivo

Iris Célia Cabanellas Zannini
Moisés Diniz Lima
Mauro Sérgio Ferreira da Cruz
Vômea Maria de Araújo

Coordenadores Estaduais

Carmem Cesarina Braga de Oliveira
Maria Izauníria Nunes da Silva

Coordenadores de Etapa

Artemízia Barros Pimentel
Expedita Gomes Teles
Gleicicleia Gonçalves de Souza

Articuladora do Regime de Colaboração

Maria Gomes Cordeiro

Articuladoras dos Conselhos

Elisete Silva Machado
Maria de Fátima Miranda Lima
Maria Zélia Mendonça da Silva

Redatores de Currículo

Arte

Anaílson Mesquita de Oliveira
Isabel Paixão de Souza Albuquerque
Leonel Martins Carneira
Sílvia Rejane Teixeira de Abreu

Ciências

Eneida Fernandes Maciel
Hélio Guedes Vasconcelos Silva
Jocicleide Pinto Nogueira
Renata Carolina Barbosa dos Santos Craveiro

Educação Física

Artemízia Barros Pimentel
Márliton Páscoa da Silva
Perlla Maria Martins Campos Pinheiro
Victor Manoel Alab de Oliveira

Educação Infantil

Flávia Pereira Correa Silva
Neli Rodrigues Lima
Rosamara Silva de Souza
Sheyla Oliveira da Silva

Ensino Religioso

Cid Mauro Araujo de Oliveira
Maria Elenir Lima Rodrigues Farias
Minéia Dias Lopes Spoltore

Geografia

Cristine Maria Rodrigues Silva
Elásio de Souza Oliveira
Fabianne Fideles Araújo
Genildo Alves da Silva

História

Eliete Timoteo de Queirós
Lúcia Torres de Oliveira
Márcio Araújo Parente

Língua Espanhola

Claudenice Nunes dos Santos
Dheymeson Mesquita Souza
Rosely Quintela de Souza Belém

Língua Inglesa

Catianregina Machado Alves Pinto
Lázaro Gomes
Liliany de Souza Benício
Maria Aparecida de Oliveira
Maysa Cristina da Silva Dourado

Língua Portuguesa

Fabiana da Costa Silva
Karina da Silva Souza
Maria do Socorro Vitor da Silva
Raíssa Cunha Rocha do Nascimento

Matemática

Aguinaldo Pessoa de Lima
Bartor Galeno Cunha de Oliveira
Eduardo Leandro Maia Moura
Gilberto Farias Camelo
Joseane Gabriela Almeida Mezerhane Correia

Colaboradores

Albanir da Silva Lebre Maia
Ana Keully Gadelha dos Santos Darub
Antonia Inez Rodrigues Loureiro
Bartor Galeno Cunha de Oliveira
Benedita Mourão Rodrigues
Carmem Cesarina Braga de Oliveira
Celio de Melo Souza
Christian Morais de Oliveira Rêgo
Cláudia Fernanda Fernandes Coelho
Cláudia Regina da Silva Dourado
Cristine Maria Rodeigues da Silva
Daniel do Nascimento Albuquerque
Danielly Franco de Matos
Dulciléa Vasconcelos Beiruth
Edilse Maria Marques de Albuquerque
Eduardo Leandro Maia Moura
Elisabete Carvalho de Melo
Érica Alves do Couto
Ertenilda Gomes Moreira
Euna Maria Ferreira de Lima
Francisca das Graças Macedo Bezerra
Girlane Maria Araújo de Oliveira
Giseles Maria Saraiva Lessa
Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo
Hemila Suelen Souza de Oliveira
Irismar Severino da Silva Fernandes
Jaqueline Guimarães
Jessé Dantas de Souza
João Bosco Souza
Jociley da Silva Lima
Júlia Ferreira Silva
Kátia da Silva Albuquerque Leão
Lena de Araújo Pontes

Luverly Menezes de Sousa
Luziele Alves Dias
Maíra Andriani Scarpellin
Márcia Barroso Loureto
Maria Clara Geraldo Siqueira
Maria da Conceição Borges
Maria da Conceição Lima Rodrigues
Maria das Dores Melo de Souza
Maria Edina de Amorim Silva
Maria Elzimar Ferreira Pereira Calixto
Maria Lêda Farias Coelho
Maria Lúcia Mesquita de Abreu
Maria Zeli Calixto dos Reis
Marília Bonfim Melo Gonçalves
Marta Ricardo dos Santos
Meiry Silva de Souza
Mirtis Ribeiro da Silva
Neiva Lopes da Silva
Neurivânia Menezes Castelo Branco
Nilza Barros de Oliveira
Norma Maria Vasconcelos Balado
Patrícia Maria de Souza Régio
Raimunda Gama de Souza
Rosilene Nobre da Cunha
Rosseline Muniz e Silva
Sara Maria da Silva de Freitas
Selemias Barros da Silveira
Sheyla Oliveira da Silva
Suely França da Costa
Tereza Mendonça de Freitas
Valeska Ribeiro Alvim
Victor Rendon Hidalgo
Wladimir Melo Rebouças

Leitores Críticos

Arte

Cauê Camargo
Consuelo Bylaardt

Ciências

Ana Elisa Piedade Sodero Martins
Arlete Pereira de Oliveira
Glícia Maria Correia Conde

Educação Física

Adriane Ferreira
Márliton Páscoa da Silva

Educação Infantil

Ana Luce Galvão Moreira
Ana Regina Azevedo Feitosa
Giane Maria Grotti
Ensino Religioso
Elaine Honorato

Geografia

Edmar Alves da Cruz

História

Flávia Rodrigues Lima da Rocha

Língua Portuguesa

Grassinete Carioca Albuquerque de Oliveira
Paula Tatiana Antunes

Matemática

Paulo André de Souza e Souza

Revisores

Alessandra Araújo Brasileiro do Nascimento
Benedita Mourão Rodrigues
Carmem Cesarina Braga de Oliveira
Camila Lima da Silva
Clícia Messias Mendonça
Francisca Claudete da Silva Cabral Amorim
Francisco Leite Braga
Francisco Sobralino de Oliviera
Gervânia de Souza Mota
Gislaine Maria Oliveira Fontenele
Hadhianne Peres de Lima
Kattucia de Souza Fernandes Silva
Maria Arcanja de Carvalho Araújo
Maria das Dores Melo de Souza
Maria Márcia Moreira
Maria de Nazaré Pereira Rodrigues
Neyla Maria Alves Pedroza
Sara Maria da Silva de Freitas
Shirley de Souza Fernandes
Tiago Tavares de Sá

Analista de Gestão

Bruno de Toledo Martins
Raffaella Valdemarca Norcia

Diagramação

Bruno de Toledo Martins
Eduardo Leandro Maia Moura
Jamerson Souza

INDICE

	Pag.
Apresentação.....	05
Os componentes curriculares	
<i>Área de Linguagens</i>	
- Arte.....	06
- Educação Física.....	28
- Língua Portuguesa.....	63
<i>Área de Matemática</i>	
- Matemática.....	100
<i>Área de Ciências da Natureza</i>	
- Ciências.....	122
<i>Área de Ciências Humanas</i>	
- Geografia.....	141
- História.....	162
<i>Área de Ensino Religioso</i>	
- Ensino Religioso.....	179

APRESENTAÇÃO

O Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para todas as etapas de Educação Básica e a definição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), explicitando os princípios que devem presidir os currículos e especificando as áreas do conhecimento ou disciplinas que devem compor a BNCC. No dia 06 de abril de 2017, o MEC entregou ao CNE o documento construído com a participação de educadores e órgãos educacionais dos Estados, do Distrito Federal e municípios que apresenta proposições de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento das etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, consolidando propostas para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, normatizada pelo Parecer CNE/CP nº 15/2017, aprovada pela Resolução CNE/CP nº 2/2017.

Os Estados foram orientados pelo MEC a constituir um comitê de governança, bem como uma equipe de currículo, para o processo de implantação da BNCC. Como primeira etapa do processo de implementação, o Acre revisou/reelaborou o currículo vigente em 2018. A segunda etapa, implementada em 2019, foi a de formação docente.

O processo foi coordenado pelo comitê de governança, composto por representantes do CONSED e da UNDIME, com atuação deliberativa, e pela Comissão Estadual de Implementação da BNCC, com atuação consultiva. O processo teve início com o estudo da BNCC e das Orientações Curriculares do Acre (2009), seguido da re/elaboração do Currículo do Estado que resultou na versão preliminar, submetida à consulta pública em todos os municípios, a partir do mês de agosto de 2018. Essa etapa foi concluída com um grande encontro em Rio Branco e configurou-se como um momento de discussão final das contribuições acerca do documento. Paralelo ao processo de consulta pública realizada nas escolas e por membros de entidades educacionais, a versão preliminar também passou por análise de especialistas, que emitiram pareceres técnicos sobre o texto. Em dezembro de 2018, o Currículo de Referência Único do Acre foi protocolado no Conselho Estadual de Educação.

Com aprovação do documento referente à BNCC pelo CNE, o Conselho Estadual de Educação (CEE/AC), em consonância com os atos do Conselho Nacional de Educação (CNE) fixou normas operacionais (Resolução nº 264/2018) para a implantação, implementação da BNCC no Estado do Acre, reportando-se ao Regime de Colaboração como condição precípua para o currículo único, tecendo considerações orientativas sobre o currículo e as competências de cada sistema e da escola.

A Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco – SEME organizou esse material específico para o trabalho com os anos iniciais, tendo em vista que os professores desta etapa do Ensino Fundamental trabalham com todos os componentes curriculares de um determinado ano. Para uma maior compreensão do Currículo recomendamos a leitura e estudo do Guia de Implementação do Currículo de Referência Único do Acre, também produzido pela equipe da SEME, visando contribuir para uma maior compreensão da estrutura e concepção do novo currículo estadual. Portanto, se faz necessário o estudo por todos os professores, coordenadores e gestores da versão integral do currículo e também de outros documentos auxiliares que podem ser disponibilizados pelas equipes de formadores das secretarias estadual e municipais de educação e também podem ser acessados em diversos sítios da internet, como aqueles listados nas referências bibliográficas deste documento.



ARTE

1. REFLEXÕES SOBRE ARTE

A linguagem de Arte foi introduzida na educação acreana como item obrigatório a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996) e implementada, apresentando informações para os professores, especialmente com a aprovação dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte, em 1997. Em seguida, no ano 2000, surgiram no Estado cursos de formação específica de professores para atuar nas linguagens artísticas. Com a publicação das Orientações Curriculares do Estado do Acre (2010) os professores de Arte ganharam subsídios para a construção de suas aulas, na maior parte das linguagens artísticas.

No ano de 2017, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular, todos os Estados da Federação e o Distrito Federal foram convocados a criar comissões para a revisão ou criação dos currículos estaduais. No estado do Acre, o currículo de Arte foi criado a partir de uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação e Esporte do Acre e a Universidade Federal do Acre. O processo de revisão foi acompanhado por uma comissão de professores das Redes Estadual e Municipal de Educação e da Universidade, com formação e atuação nas quatro linguagens artísticas, previstas na lei (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro).

Durante a revisão, foram criados quadros complementares para o Ensino Fundamental I (teatro e dança) e os conteúdos foram rearranjados por ano, para facilitar o planejamento, considerando suas especificidades. Outrossim foi observada a progressão dos conteúdos e mantida a sistematização por linguagens, respeitando as legislações vigentes.

Na Bibliografia temos, além dos estudos e pesquisas que corroboram com nosso texto introdutório, uma lista de teóricos, pesquisadores da Arte que nos auxiliam traçando um diálogo amplo com as propostas do Quadro Organizador Curricular: Barbosa (2010), Brito (2003), Shafer (1992), Japiassú (2007), Marques (2009), dentre outros.

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

A Arte é um dos principais meios de socialização e inclusão social, que possibilita ao ser humano expressar suas emoções e sentimentos, extrair valores estéticos, comunicar-se, conhecer a si mesmo, dentre outros. O componente curricular Arte, no Ensino Fundamental, tem como foco as 04 linguagens artísticas: **Artes Visuais, Dança, Música** e o **Teatro**. Cada linguagem se define em si mesma, possuindo características e peculiaridades próprias.

O professor e/ou professor-artista, conhecedor dos aspectos de cada linguagem, produz arte e está engajado com as questões do seu tempo, torna a discussão em sala de aula mais potencializada de saberes, incluindo o saber-fazer e o saber-ser, de forma que estes não sejam adquiridos de fora, mas compreendidos e sentidos de dentro. Goldschmidt (2004, p. 75), afirma que “[...] a função da arte é objetivar o sentimento interior formulando um tipo de ‘experiência interior’ que não pode ser atingida pelo pensamento”. Espera-se que esse professor amplie em si o contato com diferentes repertórios artísticos e matrizes estéticas culturais, alimentando um bom lastro de referências, passível de ser acessado, proporcionando aos alunos a vivência de experiências artísticas nas diferentes linguagens.

As aprendizagens advindas das atividades trabalhadas com as linguagens artísticas, segundo a BNCC:

“[...] articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a ludicidade, a intuição, o autoconhecimento, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão, no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017, p. 191).

Este componente curricular também auxilia na inter-relação dos alunos com o mundo em sua complexidade, tendo em vista que estimula o diálogo intercultural pluriétnico e plurilíngue, respeito às diversidades, fatores importantes para o exercício da cidadania. Ademais, a Arte favorece as trocas culturais propiciando o reconhecimento de diferenças e semelhanças existentes nas diversas culturas. De acordo com as propostas da BNCC: “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. A linguagem artística contribui, portanto, para a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de trabalhar em equipe e contribuir para o avanço social do lugar onde vivem” (BRASIL, 2017, p. 191).

Nessa conjuntura, esse documento, propõe garantir aos alunos o acesso “[...] a aprendizagem de diferentes linguagens” (BRASIL, 2009, p. 20), reconhecendo a Arte como área do conhecimento que, de maneira ampla, ajuda no desenvolvimento integral do aluno. A atividade artística favorece a criação individual e coletiva e o compartilhar de produções entre os alunos, ampliando seus repertórios a partir das trocas de saberes e fazeres. Faz-se importante e necessário ao professor, conhecer e contemplar a bagagem cultural do aluno, respeitando e valorizando o meio sociocultural no qual este aluno está inserido. Assim, o professor poderá aliar novas experiências, propor criações e pesquisas para que o aluno, a partir de suas vivências, extraia significados subjetivos e objetivos, caracterizando uma aprendizagem mais plena. Dessa forma, é essencial proporcionar aos aprendentes a participação e/ou apreciações de espetáculos teatrais e musicais, saraus, recitais, exposições de artes visuais, performances, concertos, e outras formas de manifestações artísticas e culturais, sejam na escola ou fora dela. É fundamental considerar que: “[...] os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos” (BRASIL, 2017, p. 191).

No fazer artístico os alunos aguçam a imaginação, desenvolvem criações, experimentam, refletem, fazem inferências, fruem, pesquisam, percebem uma poética pessoal e extraem significados de sua própria arte. Os saberes absorvidos nas produções realizadas nas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro possibilitam a compreensão das relações entre tempos, espaços, sujeitos e seus contextos sociais, nessa relação de interação com a arte e a cultura. Vejamos o que a BNCC nos apresenta acerca das linguagens artísticas, no quadro a seguir:

LINGUAGENS ARTÍSTICAS / BNCC

As **Artes Visuais** são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas.

A **Dança** se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, em um determinado espaço e tempo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética. Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo. Eles têm, assim, a oportunidade de repensar dualidades e binômios (corpo versus mente, popular versus erudito, teoria versus prática), em favor de um conjunto híbrido e dinâmico de práticas.

A **Música** é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado, no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos, estabelecidos no domínio de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade.

O **Teatro** instaura uma experiência artística multissensorial no encontro entre espectadores e produtores. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação de tempos, espaços por meio de ações. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e expectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a atenção, a memória, a reflexão e a emoção. Destaca-se a importância da formação do olhar que a linguagem teatral propicia. O teatro na escola deve possibilitar o conhecimento das regras de composição, propiciando elementos-chaves para a leitura do teatro e do mundo.

Na BNCC, as linguagens artísticas possuem suas especificidades, no entanto, as experiências e vivências dos sujeitos ao se relacionar com a Arte não ocorre de forma isolada. É valoroso que dentro do componente curricular, articule-se um diálogo entre essas linguagens, e outros aspectos como a literatura e outros fazeres artísticos. Deve-se, ainda, oportunizar o acesso e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas como:

[...] as artes circenses, o cinema e a performance. Nesse diálogo surgem as competências propostas pela Unidade Temática “Artes Integradas” da BNCC, que estão imbricadas ao trabalho com as quatro linguagens. Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução, inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas (BRASIL, 2017, p. 194).

Possibilitar o acesso à Arte, no Ensino Fundamental, significa ampliar o repertório de experiências dos alunos, suas vivências com diversas situações, relações, sensações e emoções. Essa oportunidade, também, desperta a imaginação, as subjetividades, corporalidades, expressividade, a intuição, etc.. Vygotsky (2014) orienta que, quanto mais ricas forem as variedades de experiências de uma pessoa, mais matéria-prima ela terá para as atividades criativas.

Nessa dinâmica de trabalhar Arte no Ensino Fundamental, associam-se as manifestações culturais e a realidade sociocultural do aluno às matrizes estéticas e culturais diversas, alargando seu arcabouço de subsídios e experiências, auxiliando no desenvolvimento de sua capacidade criativa. Há, também, que se contribuir para o despertar do senso crítico argumentativo, aguçando um olhar mais atento ao que ocorre ao seu redor dentro e fora da escola. Nesse contexto:

Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação. Para tanto, é preciso reconhecer a diversidade de saberes, experiências e práticas artísticas como modos legítimos de pensar, de experimentar e de fruir a Arte, o que coloca em evidência o caráter social e político dessas práticas (BRASIL, 2017, p. 195).

Da mesma forma que se faz significativo trabalhar as unidades temáticas, com suas particularidades ou de maneira integrada, é importante associar esses saberes às 06 Dimensões de Conhecimento propostas pela base. Essas dimensões estão descritas no quadro abaixo:

DIMENSÕES DE CONHECIMENTO / BNCC

Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo, em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto), é o protagonista da experiência.

Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas, por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar, durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais, oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.

Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

Assim, a Matriz Curricular do Estado do Acre, seguindo a BNCC (2017, p. 193) sugere que:

[...] a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há nenhuma hierarquia entre essas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada uma no campo pedagógico.

Ao fazer esta referência objetiva-se que o processo de ensino e aprendizagem em Arte seja facilitado, face à integração dos conhecimentos através da relação entre essas dimensões, as unidades temáticas e as competências propostas pela BNCC para o componente curricular. Pois, “[...] uma vez que os

conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva” (BRASIL, 2017, p. 193).

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

O currículo de Arte do Estado do Acre propõe que cada uma das dimensões de conhecimento seja desenvolvida, sem perder de vista a especificidade regional do Estado. Ele está inserido dentro da maior floresta tropical do mundo, cuja população constitui-se pelas mais diversas origens, desde os povos ameríndios, passando pelas ondas de migrações dos ciclos da borracha. Estes ciclos trouxeram grande influência da cultura nordestina para a região, chegando aos fluxos migratórios mais recentes, trazendo uma grande população do sul e sudeste do Brasil.

Ao buscar refletir e valorizar tal diversidade, este currículo oferece sugestões de trabalhos com aspectos da cultura tradicional e popular, valorizando as festas populares como a Cavahada (Sena Madureira), Marujada (Rio Branco e Cruzeiro do Sul), Novenário Nossa Senhora da Glória (Cruzeiro do Sul), Reisado (Tarauacá), Pastorinhas (Rio Branco e Xapuri), Festa Junina (Presente em todo estado), Festas do Daime, Festivais Indígenas (MaririYanawa, Festa Huni-Kuin), Festival do Açaí (Feijó), Festival do Peixe (Sena Madureira), Festa de São Sebastião (Xapuri), Expoacre (Rio Branco), ExpoJuruá (Cruzeiro do Sul), Festivais de praia em vários municípios, entre outras. Nestas festividades fica clara a diversidade cultural presente no Estado. Não se restringindo a tais festas, o professor deve se relacionar, em cada município, com as manifestações locais e regionais, valorizando-as como produção de cultura. Destaca-se a importância de a aula de Arte contemplar temas das culturas indígena e afro-brasileira, cumprindo as disposições legais e valorizando as origens da população local. O professor de Arte deve, ainda, contemplar em seu planejamento, a pesquisa sobre artistas locais e equipamentos culturais de cada município, promovendo visitas, entrevistas e pesquisas *in loco*, considerando que a arte se dá na prática social da comunidade.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE ARTE

A **Arte** na escola tem por desiderato proporcionar ao aluno a ampliação do acesso a experiências estéticas, onde o aluno torna-se protagonista desse processo de aprendizagem. Na oportunidade, o aprendente expressa seus sentimentos e desenvolve sua criatividade. Em suma, em consonância com a BNCC, o componente curricular apresenta propostas que tem como cerne as quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), agora denominadas de Unidades Temáticas, acrescidas de outra, chamada Artes Integradas (uma forma de integração das linguagens e suas diferentes práticas, possibilidades e tecnologias).

Ademais, soma-se a esse pressuposto, a importância de associação das Unidades Temáticas às seis Dimensões de Conhecimento (Criação; Crítica; Fruição; Estesia; Expressão e Reflexão), no intuito de garantir os direitos de aprendizagens dos alunos. Tomando este propósito por referência, seguem os objetivos sugeridos para as linguagens artísticas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Anos Finais:

1º ANO

ARTES VISUAIS

- Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- Responsabilizar-se pelo cuidado com o espaço de trabalho, os materiais e a própria produção.

DANÇA

- Conhecer o próprio corpo, enfatizando o sistema motor e a sua relação com o movimento.
- Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.).
- Apreciar e Experimentar formas distintas de manifestações de dança de modo a desenvolver a percepção, o imaginário e a capacidade de simbolizar através de movimentos corporais e coreografias na apreciação da dança.

MÚSICA

- Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
- Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música.
- Desenvolver e ampliar o gosto pela vivência musical.

TEATRO

- Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando o estar em cena e o observar a cena.
- Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias.
- Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo coletivo e colaborativo.

2º ANO

ARTES VISUAIS

- Experimentar expressar-se nas modalidades da linguagem visual do desenho, pintura, colagem, construção, modelagem ou com o auxílio do computador, de forma criativa, mesmo que não coincidente com a estética valorizada pelo professor ou pelo senso comum.
- Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- Reconhecer a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

DANÇA	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança, presentes em diferentes contextos. • Estabelecer relações entre as partes do corpo e estas com o todo corporal na construção do movimento dançado. • Discutir, com respeito e sem preconceito as experiências pessoais e coletivas em dança, vivenciadas na escola.
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber, reagir e reproduzir os elementos sonoros que formam a música. • Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais, convencionais ou não convencionais, de modo coletivo e colaborativo. • Aperfeiçoar expressão musical pelo improviso.
TEATRO	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.). • Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral. • Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

3º ANO

ARTES VISUAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. • Pesquisar e produzir, a partir da cultura da infância na tradição local. • Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. • Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. • Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
DANÇA	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, especialmente a partir da fruição e experimentação dessas matrizes estéticas por meio da dança • Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado. • Experimentação de movimentos dançados de maneira improvisada, individual e coletivamente, explorando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber e explorar os elementos constitutivos da música a partir da improvisação de ideias musicais. • Explorar diferentes formas de notação e registro dos sons produzidos. • Conhecer e valorizar o patrimônio cultural musical, ampliando o gosto pela vivência musical.
TEATRO	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar distintas formas de contar história, incluindo as formas da cultura tradicional. • Experimentar o trabalho colaborativo e coletivo de criação a partir do recontar histórias. • Desenvolver um projeto temático ligado às histórias e manifestações tradicionais, compreendendo as relações processuais entre as diversas linguagens artísticas.

4º ANO	
ARTES VISUAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística. • Caracterizar e experimentar, pesquisar e produzir a partir da cultura da infância na tradição local. • Experimentar e planejar um projeto de trabalho individual ou em grupo que envolva a pesquisa sobre os gêneros de representação na arte, em especial as formas tradicionais de arte popular, bem como dos seus meios de expressão (instrumentos, materiais, ferramentas). • Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
DANÇA	<ul style="list-style-type: none"> • Criar partituras de movimentos de modo individual, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. • Criar, coletivamente, trabalhando a oralidade do movimento, a partir das individualidades. • Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança, vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.) de canções populares tradicionais e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical. • Explorar as diferentes possibilidades de notação musical, a partir da leitura e da escrita codificada. • Desenvolver e experimentar técnicas para expressão musical, a partir do canto coral e possibilitar o aprendizado individual, coletivo e colaborativo.
TEATRO	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e apreciar repertório teatral diverso, cultivando a percepção, imaginação e desenvolvendo a capacidade simbólica. • Observar a teatralidade na vida cotidiana e utilizar o repertório na criação de cenas teatrais. • Experimentar corporeidades e vocalidades diferentes da sua própria.

- Experimentar o trabalho colaborativo e coletivo, na construção de exercício cênico.

5º ANO

ARTES VISUAIS

- Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
- Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, vídeo, fotografia) no processo de criação nas artes visuais.
- Experimentar a construção processual, de maneira a coordenar a criação visual, com um projeto temático que dialogue com as demais linguagens artísticas.

DANÇA

- Apreciar e experimentar as manifestações da dança em diversos contextos culturais.
- Criar, coletivamente, uma coreografia, a partir de improvisos e de aspectos estruturais e expressivos de danças conhecidas pelo grupo.
- Discutir as experiências individuais, vivenciadas no processo de criação, coletivamente, buscando a criação e vocabulários e repertórios em comum e a avaliação dos processos.
- Experimentação da dança como parte de projeto temático, evidenciando as possibilidades de criação de exercício cênico que promovam as relações entre as diversas linguagens artísticas.

MÚSICA

- Apreciar diversas formas e gêneros de expressão musical, demonstrando perceber e reconhecer os elementos sonoros que compõem a música.
- Criar, interpretar, improvisar, pesquisar, selecionar músicas e sons relacionados às outras linguagens artísticas.
- Manifestar conhecimento dos materiais sonoros, baseados na própria experiência do 'fazer' musical; levar em consideração os argumentos dos outros, demonstrando disponibilidade para o diálogo.
- Experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre a música e as diversas linguagens artísticas.

TEATRO

- Conhecer, identificar, perceber, apreciar e interpretar diversos trabalhos de artistas ou grupos teatrais.
- Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos performativos.
- Experimentar composições performativas a partir do repertório individual, desenvolvendo relação com as diversas linguagens artísticas.

MÚSICA

- Explorar, criar e expressar-se através da improvisação, composição e interpretação musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa.
- Explorar, analisar e construir instrumentos sonoros/musicais, convencionais ou não convencionais (criados pelos próprios alunos) reconhecendo timbres e características diversas.
- Explorar, identificar e fazer uso de registro musical/grafias musicais convencionais e não convencionais.

	<ul style="list-style-type: none"> • Appreciar, identificar, fruir e analisar diferentes estilos e obras musicais de diversas culturas e épocas. • Perceber, identificar e relacionar as práticas artísticas, suas relações entre uma obra/produção musical, seu contexto cultural, estético, ético, histórico e geográfico. • Explorar, identificar e compreender diferentes meios e equipamentos culturais de circulação da música, as diferentes funções e conhecimento musical, exercidos pelos músicos e sua forma de atuação na sociedade.
TEATRO	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisar e representar, individual e coletivamente, processos cênicos fazendo uso dos elementos da linguagem teatral. • Appreciar, perceber, reconhecer, fruir e analisar obras teatrais de diversos artistas e grupos de teatro brasileiros e estrangeiros de diferentes culturas e épocas. • Identificar, analisar e compreender os diferentes estilos cênicos, diferentes momentos da história do teatro mundial de regiões e épocas variadas, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética teatral. • Investigar, identificar e compreender diferentes funções exercidas pelos profissionais das artes cênicas e sua forma de atuação na sociedade.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

A Base Nacional Comum Curricular apresenta 10 (dez) competências gerais para a Educação Básica e 08 (oito) competências específicas para o componente Ciências conforme o quadro abaixo:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA AREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>02. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>03. Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>	<p>01. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.</p> <p>02. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.</p> <p>03. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes</p>

- 04.** Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 05.** Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 06.** Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 07.** Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 08.** Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 09.** Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10.** Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017).

contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

- 04.** Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 05.** Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(BRASIL, 2017).

Competências específicas de Arte para o ensino fundamental

- 01.** Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- 02.** Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- 03.** Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- 04.** Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- 05.** Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- 06.** Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
- 07.** Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- 08.** Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- 09.** Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – ARTE – 2º ANO - ARTES VISUAIS

Objetivos Capacidades / competências amplas do Componente	Conteúdos/Objetos de Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos	Propostas de atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar expressar-se nas modalidades da linguagem visual do desenho, pintura, colagem, construção, modelagem ou com o auxílio do computador, de forma criativa, mesmo que não coincidente com a estética valorizada pelo professor ou pelo senso comum. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação da produção de imagens ou objetos, expressando a singularidade e a visão de mundo, a partir da experiência pessoal e do repertório de imagens trazidas pelo professor. • Produção de trabalhos individuais, pesquisando as mais diversas formas e técnicas convencionais e não convencionais, de utilização e o uso sustentável e expressivo dos materiais. • Utilização de suportes bidimensionais, tridimensionais e digitais para a composição visual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades semanais de produção individual e coletiva nas linguagens escolhidas para o ano, em que o aluno possa manifestar seus temas e assuntos de interesse. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • De como a criança escolhe seus temas de representação, elabora seus sentimentos e pensamentos nas diversas modalidades de expressão visual; • De como interage produtivamente com seu grupo de trabalho; • Se utiliza ou não as referências visuais trazidas pelo professor; • Quais as escolhas que faz entre as referências observadas; • Qual a maneira pessoal de reutilizar criativamente estas informações.
<ul style="list-style-type: none"> • Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de ponto, linha, plano, volume, forma, textura, cor, espaço e movimento para criar imagens bidimensionais e formas tridimensionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de produção individual e coletiva, a partir de propostas de trabalho que tragam desafios de exploração da linguagem visual (ponto, linha, plano, volume, forma, textura, cores primárias e cores secundárias), explorando a bidimensionalidade e a tridimensionalidade. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • De como a criança experimenta os códigos da linguagem visual nas diversas modalidades; • De como ela se expressa, tanto nas linguagens bidimensionais como nas tridimensionais; • De como a criança trabalha com as cores, se cria novas

				cores pela pesquisa da mistura de tintas; <ul style="list-style-type: none"> • Como cria novas formas bidimensionais e tridimensionais.
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e apreciação de obras/ reproduções, percebendo e analisando as diversas modalidades de produção visual, reconhecendo, identificando a modelagem, materiais, técnicas e temas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação: Pintura, desenho e escultura; • Reprodução da Arte acreana: estética local; • Arte indígena; • Matrizes culturais e estéticas: <ul style="list-style-type: none"> • Indígena • -Afro-brasileira • Africana • Europeia • Americana, etc. encontradas na região. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa para apreciação • De imagens de obras/reproduções, interpretando-as e estabelecendo vínculos com as atividades exploratórias, com os materiais e elementos da linguagem visual; • Visitas a exposições em espaços culturais que a cidade/comunidade oferece: museus, centros culturais ou comunitários, galerias, feiras, ateliês e oficina de artesão da própria comunidade local. • Rodas de conversa sobre a produção dos próprios alunos. 	Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> • De como a criança faz a leitura e a análise das obras de arte/reproduções bidimensionais ou tridimensionais; • De como ela percebe os elementos da linguagem visual.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – 2º ANO – ARTE - DANÇA

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento		Propostas de atividades	Formas de avaliação											
Capacidades / competências amplas do Componente	O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Situações mais adequadas para avaliar											
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de diferentes formas de manifestações de dança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de diversos estilos de dança. • Danças de roda. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propiciar ocasiões para que os estudantes possam apreciar formas distintas de dança e experimentar, a partir de recriações das danças observadas. • Situações de improvisação e composição de danças em grupos, a partir de gestos espontâneos dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observar se, na proposta, os estudantes são capazes de articular elementos do que foi assistido e ressignificá-los, simbolicamente, em seu processo criativo. 											
	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação, a partir da reprodução de elementos das danças observadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dança regional e nacional. 			<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção e compreensão da estrutura e do funcionamento do corpo humano, estabelecendo relações entre as partes do corpo e a construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção e expressão corporal; • Consciência corporal; • O corpo em movimento; • Autoconhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • O professor deve propiciar situações em que o estudante possa, de maneira lúdica, experimentar a movimentação das partes do corpo de maneira articulada, evidenciando a construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas que permitam identificar e compreender como o estudante, estabelece relações entre as partes de seu corpo e as traduz de maneira criativa em movimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir, com respeito e sem preconceito as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento das diferentes experiências do mesmo movimento experimentado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cinestesia – o reconhecimento dos movimentos, do peso, e da posição do próprio corpo durante a vivência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa para reflexão sobre as experiências de fruição e composição artística em dança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se o estudante consegue estabelecer relações entre as experiências vivenciadas individual e coletivamente, articulando-a às ocasiões de fruição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de que cada experiência pessoal faz parte de uma vivência coletiva da dança e do movimento, sempre enfatizando a troca com respeito e sem preconceito.
<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção e compreensão da estrutura e do funcionamento do corpo humano, estabelecendo relações entre as partes do corpo e a construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção e expressão corporal; • Consciência corporal; • O corpo em movimento; • Autoconhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • O professor deve propiciar situações em que o estudante possa, de maneira lúdica, experimentar a movimentação das partes do corpo de maneira articulada, evidenciando a construção do movimento dançado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas que permitam identificar e compreender como o estudante, estabelece relações entre as partes de seu corpo e as traduz de maneira criativa em movimentos. 											
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir, com respeito e sem preconceito as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento das diferentes experiências do mesmo movimento experimentado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cinestesia – o reconhecimento dos movimentos, do peso, e da posição do próprio corpo durante a vivência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa para reflexão sobre as experiências de fruição e composição artística em dança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se o estudante consegue estabelecer relações entre as experiências vivenciadas individual e coletivamente, articulando-a às ocasiões de fruição. 											
	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de que cada experiência pessoal faz parte de uma vivência coletiva da dança e do movimento, sempre enfatizando a troca com respeito e sem preconceito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivência coletiva de danças, brincadeiras de rodas, coreografias; • Apreciação, fruição da experiência pessoal e coletiva na dança. 													
	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre o movimento e a dança presentes na vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> • A dança no cotidiano. 													

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – ARTE – 2º ANO - MÚSICA

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento		Propostas de atividades	Formas de avaliação
Capacidades / competências amplas do Componente	O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> Perceber, reagir e reproduzir os elementos sonoros que formam a música. 	<ul style="list-style-type: none"> Percepção do som e do silêncio através de dinâmicas, brincadeiras e de performances musicais. Percepção e exploração através da criação e da reprodução dos elementos constituintes da música como: altura (grave e agudo), intensidade (forte e “leve”), timbre (diferentes tipos de materiais), melodia, ritmo e duração (sons longos e sons curtos). 	<ul style="list-style-type: none"> Percepção sonora; Elementos do Som: <ul style="list-style-type: none"> - Altura - Duração - Intensidade - Timbre - Densidade Elementos da música: <ul style="list-style-type: none"> - Harmonia - Melodia - Ritmo 	<ul style="list-style-type: none"> Participação em atividades em que a percepção da localização da fonte sonora seja meta a ser alcançada, como ‘cobra cega’, por exemplo. Pesquisa e produção de listas de objetos que produzem sons curtos ou longos, agudos ou graves, fortes ou fracos, levando em consideração que um som só é mais curto que outro, que é mais longo; Um som é mais ou menos agudo do que outro e assim por diante. Atividades que alternam o uso da voz entre falada e a cantada. Atividades onde seja disponibilizada grande variedade de objetos, de materiais diferentes, para exploração sonora. Participação em jogos, brincadeiras, desafios em que a produção de sons graves/agudos, curtos/longos, fortes/fracos, promova o interesse pela repetição e memorização dos sons. 	<p>Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Da prontidão para localizar a fonte sonora; Das listas e sons registrados; Da conscientização da diferença entre voz falada e do canto; Atitude exploratória dos sons; De objetos disponibilizados; Da participação nos jogos em relação às propostas e ao convívio com as outras crianças e à memorização dos sons.
<ul style="list-style-type: none"> Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumen- 	<ul style="list-style-type: none"> Experimentação da produção de histórias inspiradas na escuta musical. 	<ul style="list-style-type: none"> Técnica de composição musical – criar explorando diversas possibilidades de sons; Instrumentos musicais convencionais e não convencionais. 	<ul style="list-style-type: none"> Improvisação mediante escuta de canções e músicas instrumentais. Desenhos inspirados na escuta e vivência de músicas. 	<p>Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> De expressão corporal; De dramatização das músicas;

<p>tos musicais convencionais ou não convencionais, de modo coletivo e colaborativo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de músicas para desenhos, quadros. Criação de músicas para histórias. • Discussão sobre as experimentações valorizando histórias. • Discussão sobre as experimentações, valorizando a experiência individual e o empenho de criação coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sonorização de histórias; • Composição; • Execução musical. • Momento de socialização; • Desenvolvimento do pensamento crítico. • Conversa em grupo sobre as atividades desenvolvidas, estimulando respeito e valorização pelo trabalho do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação - pelas crianças e professor - de dramatizações para canções. • Sonorização de histórias. • Atividades de estímulo de habilidades aurais: ouvir os sons do ambiente ou da natureza e reproduzir para inserir na sonorização de histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> • De sonorização de histórias; • Das falas das crianças sobre as atividades e músicas realizadas.
<ul style="list-style-type: none"> • Aperfeiçoar expressão musical pelo improviso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração dos sons relacionados à voz. • Pesquisa de modos de realização de sons em objetos cotidianos e instrumentos, na natureza, reconhecendo os elementos que compõem a música. • Desenvolvimento das diversas maneiras de produzir sons nos diversos objetos e instrumentos musicais. • Interesse em partilhar suas conquistas com a comunidade externa. • Memorização e interpretação de canções para ampliação de repertório. 	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação vocal; • Pesquisa de sons em instrumentos de percussão convencionais e não convencionais; • Pesquisa de sons em instrumentos de percussão convencionais e não convencionais; • Apresentação das composições musicais individuais e coletivas; • Apreciação de canções para ampliação de repertório. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso da voz de diferentes modos: o canto, a fala, o grito, o sussurro, o suspiro, o bocejo, as risadas, o choro, os ruídos produzidos na boca. • Participação em jogos de imitação e improvisação com um ou mais objetos ou instrumentos que a criança já tenha desenvolvido habilidade de manipulação. • Exploração da qualidade dos sons dependente dos modos de manipulação de objetos e instrumentos musicais. • Exercícios de escuta e apreciação da apresentação de colegas, discutindo (analisando) as possíveis causas das diferenças nas interpretações. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • De como a criança procede em relação às 'regras' das atividades; • Dos seus comentários a respeito das atividades; • Dos seus comentários a respeito da própria participação; • Dos seus comentários a respeito das atitudes e habilidades dos colegas.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – ARTE - 2º ANO – TEATRO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento		Propostas de atividades	Formas de avaliação
Capacidades / competências amplas do Componente	O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão e descoberta coletiva sobre os elementos teatrais da vida cotidiana, valorizando as informações trazidas pelos discentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Teatralidade na vida cotidiana; • Elementos do teatro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de diários de pesquisa de campo para anotação dos elementos observados. • Jogos teatrais que trabalhem memorização, coordenação motora, ressignificação de espaço, objetos, situações do cotidiano e outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas que permitam identificar e compreender se o estudante é capaz de sintetizar as observações que realiza no mundo natural e na sua cultura em falas e gestos.
	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, dentro e fora do ambiente escolar, dos elementos de teatralidade do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos teatrais. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz, na criação de um personagem teatral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de personagens caricaturais, discutindo estereótipo, a partir da observação, do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação de personagens em histórias acreas, regionais e nacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Imaginação teatral, exercitando o 'como se fosse' criando personagens e situações de conflito entre os personagens. • Jogos teatrais, alternando a participação como atuantes e como plateia, ou seja, como emissores e receptores da comunicação teatral. • Situações de representação de cenas inventadas pelos alunos, a partir de situações e cenários do cotidiano da sua vida; • Aquecimento e sensibilização em que se proponha aos alunos, com o sentido de preparar o grupo para o jogo teatral: • Jogos corporais de experimentação de movimentos e da fala; • Jogos de exploração expressiva do corpo em relação ao espaço cênico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas que permitam identificar e compreender como e se o estudante: • Comporta-se em situações de improvisação, através do gesto, do movimento e da voz; • É capaz de sintetizar as observações que realiza no mundo natural e na sua cultura em falas e gestos próprios para o jogo teatral; • Participa cooperativamente na organização de uma cena ou espetáculo teatral, identificando os diversos elementos e sua integração; • Estabelece relações de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho de colegas na atividade teatral na escola.
	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação de movimentação e voz diferentes da cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos teatrais que trabalham: a voz, o corpo, o espaço e a interpretação. 		

<ul style="list-style-type: none"> • Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de pequenas cenas de teatro, de formas animadas com uma dramaturgia que parta de textos dramáticos, músicas, histórias tradicionais populares ou imagens, conforme a escolha dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de cenas; • Teatro de formas animadas; • Interpretação das cenas criadas para os colegas e professores da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propiciar situações de criação de cenas a partir do repertório desenvolvido em improvisação, com foco no teatro de formas animadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • A avaliação deve ser feita com base no engajamento do estudante no processo criativo e na sua capacidade de articular o seu repertório para o desenvolvimento de um trabalho coletivo.
---	---	---	---	--

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação do Acre. **Cadernos de orientação curricular**: Para organizar o trabalho pedagógico no Ensino Fundamental: caderno 1. Rio Branco-AC.: SEE, 2009.
- _____. **Cadernos de orientação curricular**: Para organizar o trabalho pedagógico no Ensino Fundamental: caderno 2 geral. Rio Branco-AC.: SEE, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.
- _____. **Diretrizes Curriculares da Educação Infantil**. Parecer 20/09 e Resolução 05/09. Brasília, MEC, 2009.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9394/96.
- GOLDSCHIMIDT, Lindomar. **Sonhar, pensar e criar: a educação como experiência estética**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.
- VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

LISTA DE REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA EMBASAMENTO DO QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR:

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BRITO, Teca. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri e SWANWICK, Keith. **Composição, apreciação e performance na educação musical**: Em pauta- v. 13 - n. 21- dezembro 2002
- JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola**. São Paulo: Papyrus, 2007.
- MARQUES, Mariana Garcia. *Consciência Corporal: O que é?*. Revista Ensaio Geral, Belém, v.1, n.1, jan-jun | 2009.
- NANNI, Dionísia. **Dança educação: pré-escola a universidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: 1998.
- NETO, Argentino. Keith Swanwick: *Teoria Espiral de Swanwick*. Ideias em Arte Educação. Disponível em:< <http://ideiasemarteeducacao.blogspot.com.br/2009/05/teoria-espiral-de-swanwick.html>>. Acessado em 01 nov. 2019.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 16. ed. - Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 2002.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro** / Patrice Pavis: tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Grinsburg e Maria Lúcia Pereira, 3. Ed – São Paulo : Perspectiva, 2008.
- PENNA, Maura; MARINHO. Vanildo Mousinho. **Ressignificando e recriando músicas: a proposta do re-arranjo**. In: Marinho, V.M.; Queiroz, L. R. S. (Org.). *Contexturas: o ensino da arte em diferentes espaços*. João Pessoa: Editora Universitário/UFPB, 2005.
- PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Lisboa: Editora Fundo de Cultura AS. 1967.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. 5. ed., Petrópolis: Vozes, 2004.
- SANTOS, Cleonice dos. *Preferências Musicais de alunos de 5ª a 8ª série da rede municipal de ensino de Curitiba*: Significados da escuta. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.
- SHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v.1, outubro de 2009.

LISTA DE REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO DOS TEMAS:

- ASLAN, Luciana Mourão. **Ensino de arte**. São Paulo: Editora Thonson Learning, 2006.
- AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas. Máscaras, Bonecos, Objetos**. São Paulo: Edusp, 1996.
- AZEVEDO, Sônia Machado de. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da arte**. 3ª Edição- São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 9ª ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- _____. **200 exercícios e jogos para e ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2010.
- FIAMONCINI, Luciana. *Dança na Educação: A busca de elementos na Arte e na Estética*. Revista Pensar a Prática, vol. 6, 2003. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/16055/9840>> Acessado em 01 nov. 2019.
- FREIRE, Ida Mara. *Dança-Educação: O Corpo e o Movimento no Espaço do Conhecimento*. Caderno Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n53/a03v2153.pdf>>. Acessado em 01 nov. 2019.
- MARQUES, Isabel A. Corpo, **Dança e Educação Contemporânea**. Pró- Posições, vol. 9, no 2, 1998. Disponível em <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/26-artigos-marquesia.pdf>> Acessado em 01 de nov. 2019.
- _____. **Dançando na escola**. São Paulo: Motriz. 5ª ed. 2010.
- _____. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 6ª ed. 2011.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular** – introdução à fotografia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, Brasil.
- OSSONA, Paulina. **Educação pela Dança**. São Paulo: Summus. 2ª ed. 1984.
- PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro?** – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos; 10).
- PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. *Reflexões sobre a experiência estética na educação*. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 203-212, ago. 2015.
- QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. *Educação Musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem de música*. Revista ABEM, Porto Alegre, V.10, p. 99-107, março de 2004.
- RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentres perigosas nas escolas**. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.
- SITCHIN, Henrique. **A possibilidade do novo no teatro de animação. Centro de estudos e práticas do teatro de animação**. Ed. 2. São Paulo, 2012.
- SOUZA, Maria Helena. **Introdução à psicologia escolar**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.
- ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.



EDUCAÇÃO FÍSICA

1. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

A introdução da Educação Física na escola ocorreu, oficialmente, no Brasil, em 1851, com a reforma Couto Ferraz, embora a preocupação com a inclusão de exercícios físicos, na Europa, remonte ao século XVIII, com Guths, J. J. Rousseau, Pestalozzi e outros (BETTI, 1991).

Com a reforma realizada por Rui Barbosa, em 1882, houve uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos, e que fosse oferecida para as Escolas Normais. Mas apenas a partir da década de 1920 é que vários estados da federação começaram a realizar suas reformas educacionais e a incluir a Educação Física com o nome mais frequente de ginástica (BETTI, 1991).

A concepção dominante da Educação Física, no início, estava ligada à perspectiva higienista, em que a preocupação central são os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral a partir do exercício. Já o modelo militarista estava vinculado à formação de uma geração capaz de suportar o combate e atuar na guerra. A concepção esportista teve seu auge nas Copas do Mundo nas décadas de 58, 62 e 70 e contribuíram para manter o predomínio dos conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física.

Segundo Betti (1991), entre 1969 e 1979 o Brasil observou a ascensão do esporte, a razão de Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo, muito embora o esporte de alto nível estivesse presente no interior da sociedade desde os anos 20 e 30. Esse modelo, também chamado de mecanicista, tradicional e tecnicista, foi muito criticado pelos meios acadêmicos, principalmente a partir da década de 1980, embora essa concepção ainda esteja bastante presente na sociedade e na escola nos dias atuais.

As concepções educacionais da Educação Física vêm se modificando ao longo do tempo, de modo que ainda hoje influenciam a formação profissional e suas práticas pedagógicas. Apesar de ser permeada pelas crises paradigmáticas mencionadas acima, a área vem passando por mudanças significativas que colaboram com a ação docente. Embora composta de várias concepções, a Educação Física tem apresentado um grande progresso no que diz respeito à sua identidade e relevância no ambiente escolar, pois, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9.394/1996, a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório de toda a Educação Básica.

A referida lei ainda estabelece, enquanto responsabilidade dos governos Federal, Estaduais e Municipais, a elaboração de novas diretrizes e a definição de conteúdos com base na cientificidade e nas questões do mundo contemporâneo, de modo que, dentre os temas propostos numa perspectiva de inclusão social, estão as diversidades e problemáticas sociais, por meio de uma Base Nacional Comum Curricular, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2017).

Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao campo de atuação e a forma de ser ensinada no contexto atual. O fato é que, quando se conhecem os pressupostos pedagógicos, é possível melhorar a coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente está sendo realizado. Assim, a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, são considerados fundamentais as atividades culturais de movimento, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. Atualmente, coexistem, Educação Física várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. São elas: humanista, fenomenológica, psicomotricidade, baseada nos jogos cooperativos, cultural, desenvolvimentista, interacionista-construtivista, crítico-superadora, sistêmica, crítico-emancipatória, saúde renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/ Brasil, 1998), além de outras.

Portanto, é tarefa da Educação Física escolar garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuindo para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecendo-lhes instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.

Compreender a Educação Física a partir de um contexto mais amplo significa entendê-la na sua totalidade, ou seja, compreender que exerce influência e também é influenciada pelas interações que se estabelecem por meio das relações sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, ético-raciais, de orientação sexual, de geração, de condição física e mental, entre outras, enfatizando o respeito à pluralidade de ideias e a diversidade humana. Diante disso, a ação pedagógica da Educação Física deve estimular o acesso e reflexão ao acervo de formas e representações do mundo que o ser humano tem produzido, exteriorizadas pela expressão corporal por meio de jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginástica, esportes, práticas de aventura, dentre outras, levando em consideração o contexto sociocultural da comunidade educativa (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

O acesso à cultura corporal representa uma oportunidade de diálogo com o ambiente cultural, com tradições, sentidos e significados que as diferentes práticas transformam e ressignificam a cada tempo e contexto. Aprender dessa cultura significa dialogar com o outro a partir de jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes. Devemos também considerar que esse diálogo se dará a partir de conteúdos historicamente relevantes da Educação Física e que são portadores de valores. Alguns deles, como o esporte, muitas vezes são estabelecidos e transmitidos por uma cultura dominante e hegemônica, pela mídia atrelada à indústria do consumo, mantendo o que está previamente estabelecido sem uma reflexão crítica. Assim, por trás da escolha de cada conteúdo, faz-se presente uma opção política, ética e estética; por trás da concepção e da metodologia de ensino, revela-se uma perspectiva mais ou menos crítica, mais ou menos emancipatória. Dessa forma, mais do que o conteúdo tradicional entendido como conjunto de técnicas a serem aprendidas - por exemplo, chutar uma bola, fazer uma estrela, uma determinada técnica de ginástica, ou seja, tudo aquilo que é preciso ensinar explicitamente -, é importante que o professor crie condições para que o aluno aprenda, estabeleça um diálogo entre o jovem e o conhecimento, entre os jovens, entre eles e os professores e com a comunidade e a cultura em que estão todos inseridos. Aponta-se aqui uma perspectiva metodológica que tem como eixo o diálogo com o conhecimento e não a aprendizagem de um conteúdo estático, acabado e pré-determinado. É nesta capacidade comunicativa e dialógica que enxergamos a contribuição da Educação Física na formação dos alunos: a possibilidade de um aluno que se quer autônomo e crítico, participativo e emancipado na construção do ambiente de convívio social, a partir das práticas da cultura corporal.

Diante destes preceitos, esta orientação curricular está organizada através de eixos estruturantes de modo a garantir ao aluno o direito de aprender sobre as práticas de cultura corporal, orientando metodologicamente o trabalho pedagógico do professor. Os eixos temáticos foram pensados a partir de uma fundamentação teórica da Educação Física conhecida por crítico-superadora, descrita e aprofundada no livro "Coletivo de Autores - Metodologia do Ensino de Educação Física". Os eixos temáticos são: jogo e brincadeira, esporte, ginástica, dança, luta e práticas corporais de aventura. O último eixo (práticas corporais de aventura) surge da necessidade de adequar o Currículo do Estado ao que determina a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, visto que o mesmo não era considerado no último documento curricular do Estado, tampouco na fundamentação teórica referida acima. Cabe destacar que as categorizações das práticas corporais são sugestivas e não têm pretensões de limitar as possibilidades de exploração do universo da cultura corporal, podendo o professor inserir práticas que não estão contempladas ou citadas diretamente neste documento, principalmente as práticas oriundas das experiências dos alunos. A teoria em questão contribui na concretização do trabalho pedagógico do professor, visto que a disciplina de Educação Física na escola deve contribuir para a formação do aluno em sua totalidade, não se pautando em um currículo tradicional e fragmentado.

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas (...). Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e

outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (Coletivos de autores, pg. 26, 1992).

Como forma de materializar os conteúdos da cultura corporal, sugerimos o método histórico-crítico de educação, tendo como referência Savianni (2005), que propõe uma abordagem dos conteúdos a partir dos seguintes momentos pedagógicos:

- 01.** Prática social inicial – levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, o que eles dominam acerca da realidade em forma de conhecimento sincrético;
- 02.** Problematização – questionamentos acerca da realidade, relacionando com o conteúdo que os alunos deverão discutir e esclarecimento ao longo do processo de ensino-aprendizagem partindo do senso-comum para o senso-crítico;
- 03.** Instrumentalização – momento da aula em que o professor apresentará aos alunos os conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) de relevância histórica, social e científica, de caráter científico e sistematizado, com propostas de atividades diversificadas que permitam ao aluno apropriar-se do conhecimento em direção aos questionamentos realizados no início da aula;
- 04.** Catarse – momento de síntese avaliativa em que os alunos irão constatar a apropriação dos saberes adquiridos;
- 05.** Prática social final – nova postura do aluno diante da realidade que o cerca, de posse dos conhecimentos adquiridos sistematicamente.

O quadro organizador curricular contém uma tabela de "propostas de atividades" que estão organizadas a partir dessa lógica de abordagem dos conteúdos. Vale ressaltar que tal abordagem não tem caráter estático e linear, podendo ser alterada a critério do professor, de acordo com a realidade apresentada em cada unidade escolar.

A reorganização da orientação curricular de Educação Física ocorreu com a classificação de todos os objetivos de aprendizagem do documento anterior. A classificação teve como critério os objetivos de aprendizagem que poderiam ser abordados por todos os eixos estruturantes e em todos os anos do Ensino Fundamental I e II e os objetivos que seriam desenvolvidos especificamente em algum ano ao longo do Ensino Fundamental. Todos os objetivos de aprendizagem que se enquadravam no primeiro critério tiveram alterações no texto que consistia na inclusão do termo referente ao eixo em questão, bem como nos conteúdos a serem abordados para o alcance dos objetivos de aprendizagem e, por fim, nas propostas de aprendizagem. Os demais objetivos foram mantidos na íntegra. Os objetivos de aprendizagem foram organizados também de acordo com os campos de atuação que as práticas corporais podem proporcionar ao aluno, quais sejam: cultural/educacional, lazer e saúde, sendo que esta organização está implícita nos objetivos e não literalmente demarcada no quadro organizador curricular.

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

O Currículo de Educação Física do Estado do Acre foi reescrito para se adequar à Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Contudo, durante o processo de reescrita, constatou-se que, em quase toda sua totalidade, o referido currículo já estava de acordo com o que determinava a BNCC, requerendo apenas a alteração de alguns termos e a inclusão de certos conteúdos, como jogos eletrônicos e práticas de aventura. A parte diversificada de nosso currículo apresenta-se nos conteúdos, que não se limitam apenas aos de natureza procedimental, mas se ampliam aos conceituais (pouco abordados nas aulas de Educação Física) e os atitudinais, nas propostas de atividades, que são sugestões de como o professor pode desenvolver metodologicamente determinado conteúdo e formas de avaliação, que são também sugestões para o professor avaliar o aprendizado do aluno com maior critério e diversidade.

Quanto às especificidades do nosso Estado presentes no Currículo de Educação Física, consideramos que, apesar de a cultura corporal possuir uma linguagem quase que universal, o professor deve, obrigatoriamente, considerar as experiências práticas dos alunos nos diversos eixos estruturantes, as

práticas habituais em sua comunidade e formas de valorização das mesmas, bem como a utilização de praças, parques e outros espaços públicos também de suas comunidades, sem, entretanto, impedir que o aluno conheça e pratique atividades que não são comuns ao seu ambiente, mas que podem ser adaptadas como forma de conhecer e valorizar outras culturas. Essas práticas que se comunicam com a realidade acriana dos alunos foram distribuídas ao longo do quadro organizador curricular, com mais frequência na coluna de propostas de atividades, conforme ilustrado no recorte a seguir:

Eixos Temáticos

PROPOSTA DE ATIVIDADES	
Jogos e Brincadeiras	Andar com pés de lata, perna de pau, queimada ou baleado, pepeta e bet
Esporte	Corrida de revezamento, futebol, futsal.
Ginástica	Malabares, musculação, cross fit e funcional.
Dança	Forró, frevo, arrocha, samba, samba de gafieira, soltinho, pagode, lambada, xote, xaxado dentre outras.
Luta	Boxe, jiu jitsu, capoeira, judô, MMA.
Prática corporais de aventura.	Parkour, trilha e skate.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, as crianças chegam à escola trazendo grande quantidade e diversidade de experiências atreladas à Cultura Corporal. De algum modo acumulam, ao longo do desenvolvimento, vivências e conhecimentos relacionados com os jogos, brinquedos, brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, esportes e todo tipo de práticas corporais, seja através da convivência escolar, seja através das relações sociais de fora da escola. Dessa forma, é importante considerar que os conhecimentos relacionados à cultura corporal de movimento são parte da produção cultural humana, estão presentes e são praticados fora da escola, que toma uma parte desse conhecimento como objeto de ensino e aprendizagem escolar na área do componente curricular de Educação Física. O acesso a essa dimensão cultural, identificada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1996 – 1997) como Cultura Corporal é muito diversificado. As crianças crescem e brincam em espaços físicos e condições bastante diferenciadas, de modo que existem alunos que moram em chácaras e casas com quintais, bem como alunos que moram em favelas ou condomínios fechados com espaços físicos muito restritos. Alguns podem ter tido acesso a brinquedos e oportunidades que não estiveram disponíveis para outros, assim como alguns convivem e aprendem com crianças mais velhas, enquanto outros têm que, por tarefa doméstica, cuidar de irmãos mais novos. O acesso a experiências e informações relacionadas às manifestações da Cultura Corporal acontece de modo aleatório e empírico, conforme as possibilidades e oportunidades de cada criança individualmente, e tanto pode ser vivido de maneira prazerosa e saudável como pode ser vivido de maneira ameaçadora ou constrangedora. O contato das crianças com o celular, com a televisão, com o computador e com as demais mídias informativas e culturais (videogames, internet, jornais, revistas, cinema) fornece grande quantidade de lazer e informação relacionada à saúde, esporte, espetáculo, treinamento, desempenho, enfim, ao universo de conhecimento relacionado ao corpo e ao

movimento humano. O desafio que se coloca para os primeiros anos da escolaridade é incluir todas as crianças como sujeitos de direito ao acesso a essa Cultura Corporal, construindo um processo de sucesso na aprendizagem que torne possível usufruir dessa cultura, nas diferentes dimensões: como forma de lazer e entretenimento; para o desenvolvimento e manutenção da saúde e do bem estar; como forma de integração e inserção social, transformando-a e criando novas formas de expressão na dimensão do corpo e do movimento. Essa dimensão deve ser entendida no sentido amplo da corporeidade, compreendendo a “aprendizagem como um momento em que o sujeito está corporalmente presente - corpo com mente - e, não, como processo puramente mental - eu e meu corpo” (PEREIRA; GONÇALVES; CARVALHO, 2004, p. 53). Cabe, portanto, à escola, proporcionar um ambiente e oportunidades de aprendizagem que permitam às crianças ampliarem seus conhecimentos e construir uma postura autônoma em relação ao seu uso e desfrute pessoal. Para isso, é necessário que as intervenções e atividades sejam planejadas e executadas de maneira intencional, sistemática e organizada, por parte dos professores e da escola como um todo. Também é importante sublinhar que, além dos horários de intervalos as aulas de Educação Física, são os únicos momentos do cotidiano escolar nos quais as crianças têm a oportunidade de se movimentar. Sendo assim, esses momentos devem ser aproveitados ao máximo para um enfoque educativo e não meramente recreativo. Neste sentido, é fundamental que alguns princípios e aspectos sejam considerados na formulação e encaminhamento dos processos de ensino e de aprendizagem da Educação Física Escolar.

É muito importante que o professor considere a diversidade das crianças na organização do processo de ensino e aprendizagem. Essa diversidade existe em função das oportunidades e experiências anteriores de cada criança e determina diferentes caminhos e ritmos de aprendizagem. Em função disso, é preciso mesclar, a todo tempo, intervenções coletivas e individuais, para atender a peculiaridade de cada uma nos diferentes âmbitos de aprendizagem. A mesma atenção deve ser dada às crianças com mais iniciativa e às que têm mais receio; às mais habilidosas e às menos habilidosas; às que têm mais facilidade de expressar suas ideias e às mais acanhadas e tímidas. Esse olhar para a diversidade, obviamente, inclui as crianças com deficiência, que exigem um olhar ainda mais sensível aos ajustes e aos combinados coletivos, adaptando a prática à vivência da deficiência. Por exemplo, diante da deficiência visual, podemos propor um futebol no qual todos estão de olhos vendados ou um futebol em duplas, contando com a visão do parceiro. Devemos considerar o potencial para aprendizagem no tempo e no espaço, cuidando mais das relações com a aprendizagem do que com a ‘classificação’ das crianças, evitando cometer o engano de, ao considerar a diversidade, classificar e, por isso mesmo, ao fazê-lo, promover a separação. Num mesmo grupo-classe existem crianças que foram incentivadas a brincar, dançar e se movimentar e outras que não receberam tal apoio e que, em alguns casos, foram reprimidas nesse aspecto da aprendizagem e do desenvolvimento. É muito comum, por exemplo, que seja dito aos meninos que “dançar não é coisa de homem” ou que seja dito às meninas que “jogar futebol não é para meninas”. É necessário que ideias preconceituosas e comportamentos estereotipados sejam trabalhados nas aulas de Educação Física e que todos tenham a oportunidade de experimentar e aprender múltiplas vivências e conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento. Os aspectos relacionados ao gênero, ou seja, às especificidades e características de meninos e meninas, revelam boa parte dessa diversidade, pois as influências socioculturais costumam resultar em dois grupos bastante distintos em relação à aprendizagem das práticas da cultura corporal.

Cabe destacar que, em boa parte dos programas de televisão para crianças que envolvem gincanas, concursos e competições, é comum que o embate aconteça entre um grupo de meninas e um grupo de meninos, incentivando a rivalidade entre os grupos de gênero, de modo completamente desnecessário e indesejável. Nesse sentido, o professor deve dedicar um olhar particularmente atento a essas nuances de gênero, buscando garantir que todas as crianças possam ter as mesmas oportunidades de aprender e avançar.

Boa parte dos conteúdos de aprendizagem da Educação Física nessa faixa etária se constitui de jogos, esportes, lutas e brincadeiras. Essas atividades têm na sua essência uma característica de competição, mobilizando necessariamente uma grande expectativa das crianças quanto ao resultado de seu desempenho pessoal e de sua participação nas ações coletivas e grupais. Desse modo, a vivência de situações e emoções relacionadas ao perder, ganhar, frustrar-se, esforçar-se, arriscar, buscar, enfim, a sensação de êxito ou de fracasso, são elementos constituintes da aprendizagem das práticas da cultura corporal. É muito importante que o professor tenha clareza de que a aprendizagem de atividades competitivas não deve se tornar um processo competitivo

em si mesmo, cuidando para que todas as crianças sejam incluídas em todas as atividades e possam participar com todos os recursos disponíveis, evitando atividades que resultem em exclusão ou em situações de comparação constrangedora. Por exemplo, durante um jogo em que se configuram várias funções e papéis dentro de cada uma das equipes (ataque, defesa, armação, finalização, salvamento), é necessário que o professor estabeleça um rodízio nesses papéis e funções, de maneira que todas as crianças possam experimentar todas as funções dentro da equipe e possam aprender sobre elas, evitando situações do tipo “o menor vai para o gol” ou “meninas ficam só na defesa”. Nessa perspectiva, vale sublinhar a valorização dos aspectos cooperativos presentes nas atividades competitivas, principalmente nas modalidades e atividades em equipes, nas quais a coordenação de várias habilidades individuais pode resultar numa ação coletiva eficiente. O desafio da inclusão de todos nas atividades pode e deve ser compartilhado com as crianças, na forma de perguntas e problemas a serem resolvidos pelo grupo. Nas rodas de conversa, o professor pode colocar o desafio de pensar, por exemplo, em regras e estratégias que garantam a inclusão de todos na participação das atividades.

Tomando-se como referência o conjunto de orientações pedagógicas contidas neste documento, a expectativa de aprendizagem é de que, ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), os alunos sejam capazes de:

1º ANO

- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das manifestações da cultura corporal de movimento presentes no cotidiano (jogos, brincadeiras cantadas, danças simples populares e folclóricas).
- Organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples, compreendendo a função das regras.
- Resolver desafios corporais individualmente e utilizar diferentes habilidades motoras em circuitos, tendo como referência o esforço pessoal.
- Criar e recriar circuitos tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas.

2º ANO

- Conhecer, valorizar, apreciar e usufruir de diferentes manifestações populares e folclóricas da cultura corporal presentes no cotidiano, por exemplo: jogos e brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples ou adaptadas.
- Organizar autonomamente jogos e brincadeiras com regras mais elaboradas, compreendendo a sua função e demonstrando empenho em cumpri-las.
- Criar e recriar circuitos e atividades que mobilizem o desenvolvimento das habilidades motoras, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas.
- Criar e recriar jogos, brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples e adaptadas considerando suas habilidades e as habilidades do seu grupo, bem como participar e apreciar as brincadeiras criadas e ensinadas pelos colegas.

3º ANO

- Valorizar a ampliação do conhecimento sobre diferentes manifestações da cultura corporal a fim de melhor apreciá-las e desfrutá-las.
- Organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais com regras mais elaboradas, compreendendo a função das regras e demonstrando capacidade para cumpri-las, bem como de sugerir novas e/ou pequenas alterações nas regras, para tornar a atividade mais complexa

e desafiadora.

- Enfrentar desafios corporais individualmente, utilizando habilidades motoras mais refinadas e complexas, tendo como referência o esforço pessoal, avaliando o próprio desempenho e estabelecendo metas com o auxílio do professor (circuitos, jogos, elementos ginásticos e circenses, brincadeiras).
- Criar e recriar jogos, brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples e adaptadas, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas.
- Participar de danças simples pertencentes a manifestações populares, folclóricas ou de outro tipo que estejam presentes no cotidiano, criando e recriando algumas variações.
- Explicar e demonstrar brincadeiras, jogos e atividades aprendidas em contextos extraescolares, apreciando e participando também das trazidas pelos colegas.

4º ANO

- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas manifestações da cultura corporal de outros contextos culturais (outras regiões do estado e do país), adotando uma postura de compreensão e aceitação da diversidade, ou seja, não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais.
- Participar de atividades competitivas e cooperativas, respeitando as regras, não discriminando os colegas, procurando solucionar os conflitos pelo diálogo, tendo no professor um parceiro para mediação dos conflitos apenas quando todos os recursos pessoais forem esgotados.
- Avaliar e refletir sobre o próprio desempenho e dos demais, tendo como referência o esforço pessoal, contando, ainda, com o auxílio do professor em alguns momentos.
- Valorizar, participar e apreciar as danças pertencentes à sua localidade, bem como as manifestações culturais pertencentes a outras localidades.
- Perceber o próprio corpo, ampliar a consciência corporal e adquirir hábitos posturais de modo a não prejudicar a própria saúde.
- Conhecer, participar e compreender algumas das diferentes manifestações de lutas como parte da cultura corporal, respeitando as regras e adversários, resolvendo as situações de conflito pelo diálogo, diferenciando competição de agressividade.

5º ANO

- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas manifestações da cultura corporal de outros contextos culturais (outras regiões do estado, do país e do mundo), adotando uma postura de compreensão e aceitação da diversidade, ou seja, não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, culturais ou de gênero.
- Participar de atividades competitivas e cooperativas, respeitando as regras e não discriminando os colegas, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade, repudiando atitudes violentas para si e para os colegas.
- Avaliar e refletir sobre seu próprio desempenho e dos demais, em práticas individuais e coletivas, expressando opiniões quanto a atitudes e estratégias a serem utilizadas em situações de jogos e esportes.

- Valorizar as danças como expressões da cultura, sem discriminações por razões, sociais, culturais ou de gênero. Participar na execução e criação (adaptação e transformação) de coreografias a partir de diferentes manifestações regionais.
- Perceber as possibilidades de desenvolvimento de capacidades físicas dentro de lutas, jogos, ginásticas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder controlar algumas de suas atividades corporais com maior autonomia, valorizando o conhecimento para manutenção da saúde.
- Analisar alguns padrões de estética, beleza e saúde, presentes no cotidiano, buscando compreender o contexto em que são produzidos, de modo a ampliar a capacidade crítica sobre aqueles que incentivam o consumismo.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA DE LINGUAGENS

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>02. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>03. Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p> <p>04. Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p> <p>05. Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar,</p>	<p>01. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.</p> <p>02. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.</p> <p>03. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.</p> <p>04. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.</p> <p>05. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção</p>

acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

06. Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

07. Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

08. Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

09. Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

06. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

(BRASIL, 2017).

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DO COMPONENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

01. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.

02. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.

- 03.** Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
- 04.** Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
- 05.** Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
- 06.** Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
- 07.** Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
- 08.** Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
- 09.** Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
- 10.** Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – ED. FÍSICA - BRINCADEIRAS E JOGOS – 2º ANO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento	Propostas de atividades	Formas de avaliação
<p>Capacidades / competências amplas do componente.</p>	<p>O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos</p>	<p>Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos</p>	<p>Situações mais adequadas para avaliar</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, valorizar, apreciar e usufruir de diferentes manifestações populares e folclóricas da cultura corporal presentes no cotidiano, por exemplo: jogos e brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples ou adaptadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escuta ativa da explicação da atividade de jogo, brincadeira, dança. • Disponibilidade para conversar com os colegas, acompanhando o fluxo da conversa e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. • Experimentação, fruição e recriação de diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas. • Participação em situações de jogos e brincadeiras, favorecendo a ampliação do repertório motor e a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo. • Disponibilidade para explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem. • Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa que envolvam a apresentação das atividades, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram e como as realizaram. • Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinado jogo, expondo como a atividade aconteceu e sugerindo modificações para torná-la mais desafiadora. • Situações em que as crianças possam vivenciar diferentes práticas da cultura corporal e compartilhar sentimentos e as dificuldades encontradas. • Situações em que as crianças possam apreciar brincadeiras e jogos que estejam sendo produzidas pelos grupos de sua classe ou de outras classes. • Momentos de planejamentos interdisciplinar com História e Geografia, voltados à identificação de semelhanças e diferenças de brincadeiras e jogos de diferentes tempos e lugares. • Situações práticas em que possam vivenciar diferentes manifestações folclóricas, diferenciando- 	<p>Observação, registro e análise de como a criança procede:</p> <ul style="list-style-type: none"> • nas atividades propostas na coluna anterior; • participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, o prazer que tem em participar, compreensão das pequenas coreografias; • se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas, emitindo opiniões sobre as atividades, expressando seu sentimentos e afetos, bem como suas dificuldades e a forma de lidar com elas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa sobre as práticas de jogos e brincadeiras da cultura corporal vivenciadas cotidianamente. • Fortalecimento do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígena local e nacional, assegurando o respeito às especificidades culturais de cada povo. • Compreensão e apreciação do que é considerado “popular” e “folclórico”. 		<p>as de outras não folclóricas, estimulando a pesquisa sobre as origens, costumes e contextos de criação das diferentes práticas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas, registros e apresentações das brincadeiras e jogos Indígenas. • Momentos de apreciação das brincadeiras Indígenas através de: documentário, filmes, registro fotográfico, depoimentos ou exposições, conforme a realidade local. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Organizar autonomamente brincadeiras e jogos com regras mais elaboradas, compreendendo a função das regras e demonstrando empenho em cumpri-las. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação da prática ao grupo, evidenciando a participação do aluno como elemento integrante dos resultados obtidos no trabalho coletivo. • Disponibilidade para aceitar as regras e combinados dos jogos e brincadeiras como elementos organizadores da prática. • Planejamento e utilização de estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas. • Participação em situações de jogos e brincadeiras conhecidas buscando a organização e manutenção do desenvolvimento das atividades, prescindindo da mediação do professor. • Disponibilidade para comentar e debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas. • Preocupação em cuidar dos materiais utilizados nas diferentes práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras e jogos da cultura local e suas regras; • Brincadeiras e jogos no contexto cooperativo e respeito a individualidade biológica; 	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa enfatizando a participação de cada um na atividade realizada, estimulando a verbalização das crianças sobre como se perceberam na atividade e a participação do grupo. • Situações de vivência de jogos com regras simples em que predominem muitas ações, favorecendo assim a compreensão das regras e sua valorização como organizadora da atividade. • Planejamento de como ensinar os alunos a formular e empregar estratégias de observação e análise para: <ul style="list-style-type: none"> • resolver desafios peculiares à prática realizada; • apreender novas modalidades; • Adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem se compartilha a sua realização. • Rodas de levantamento de jogos conhecidos com a explicitação das regras e materiais para sua realização. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; • de como a criança procede nessas diferentes situações cotidianas; • da evolução no cumprimento das regras, da dinâmica coletiva e das participações individuais; • registro sobre os jogos e as alterações nas regras, explicitando evolução da complexidade.

			<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento das atividades mais conhecidas com a organização dos alunos. • Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões sobre as regras dos jogos, expondo como a atividade aconteceu em relação às regras e combinados, enfatizando a reflexão do quanto conseguiram cumprir. • Registro e reconhecimento das características dessas práticas identificando quais as habilidades motoras e capacidades físicas necessárias, quais as regras, os materiais, os espaços necessários ou número de participantes, a fim de que tenham informações para planejar as modificações e adaptações às práticas para que todos participem. • Situações em que as crianças tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante os jogos e atividades, estimulando que reflitam sobre o aumento das dificuldades a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência o jogo inicial. • Registro das regras das brincadeiras e jogos, refletindo coletivamente sobre o grau de dificuldade, considerando o quê e por que se torna mais fácil, mais difícil, menos ou mais desafiador. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar circuitos de brincadeiras e jogos que mobilizem o desen- 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades corporais desafiadoras com disponibilidade para 	<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras e jogos compreendendo limites e possibilidades de cada indivíduo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Circuitos/percursos elaborados com bancos suecos, cordas, aros bambolês, pneus etc., que: 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de desafio;

<p>volvimento das habilidades motoras, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas.</p>	<p>buscar o êxito a partir de tentativas (trabalho com o “erro construtivo” no processo de aprendizagem).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades propostas em aulas cotidianas de aprendizagem corporal em que é preciso avaliar o próprio desempenho para estabelecer metas (com o auxílio do professor). • Produção de circuitos de brincadeiras e jogos considerando as possibilidades individuais e as possibilidades dos colegas. • Participação em atividades de criação de circuitos de brincadeiras e jogos, a partir de modelos (aula historiada, desenhos, fotos e maquetes de dobradura e massinha) utilizando materiais diversos. • Planejamento e montagem de circuito de brincadeiras e jogos considerando os riscos e possibilidades de acidentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras e jogos da cultura corporal em circuitos; 	<ul style="list-style-type: none"> • estimulem o desenvolvimento dos padrões motores de estabilização, manipulação e locomoção; • mobilizem o jogo simbólico; • - permitam a modificação e adaptação do nível de dificuldade. • Circuitos/percursos a partir de histórias, fotos e desenhos, montagem de pequenas maquetes de papel, massinha, madeira, que possam estimular a criação e adaptação do circuito utilizando os materiais presentes na escola, como bancos suecos, cordas, aros bambolês, pneus etc. • Situações de desafios corporais combinando ou sequenciando diferentes movimentos que favoreçam avaliar o desempenho e a evolução: <ul style="list-style-type: none"> • salto em altura • salto em extensão; • pular corda e correr; - subir em árvore e balançar em uma corda; • arremessar o mais longe, correr, desviar; • acertar um alvo, correr e esquivar-se; - pendurar, saltar e rolar; • correr conduzindo uma bola (com os pés, com as mãos, quicando, rolando, etc.). • Observação: é importante que o professor atue preventivamente, antecipando os riscos da atividade e, nestas situações, participe das decisões de montagem opinando e ampliando as condições de segurança. 	<ul style="list-style-type: none"> • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de segurança da atividade; • das adaptações realizadas pela criança para dificultar e para facilitar a tarefa; • das adaptações e transferências entre imagem, história ou maquete para a criação do circuito; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude frente às dificuldades.
--	--	--	---	--

<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar brincadeiras e jogos, com brinquedos educativos e adaptados, considerando suas habilidades e as habilidades do seu grupo, bem como, participar e apreciar de todas as atividades criadas e ensinadas pelos colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades de criação e transformação, tendo como referência as brincadeiras e jogos conhecidos pelo grupo. • Participação em atividades de criação e transformação envolvendo os jogos e brincadeiras com disponibilidade para expressar suas dificuldades, bem como para escutar as dos seus colegas. • Recriação e adaptação de brinquedos educativos com objetivos de entretenimento e aprendizagem motora. • Escuta atenta da fala dos colegas. • Disponibilidade para participar das brincadeiras acompanhando a explicação dos colegas e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. • Participação em situações de brincadeiras favorecendo a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo. • Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças e desigualdades nas habilidades individuais e coletiva de brincadeiras e jogos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de vivência de brincadeiras e jogos conhecidas que: • estimulem a prática de construir pequenas variações de brincadeiras e jogos, utilizando brinquedos educativos e adaptados; • permitam à criança manifestar suas dificuldades e escutar as dificuldades dos colegas, favorecendo o diálogo e as decisões coletivas; • Incentivem a criança a planejar e experimentar a inclusão de outros movimentos, gestos, regras e materiais; • solicitem que a criança atue na montagem e desmontagem das atividades. • Organização de um 'cronograma' de apresentação de brincadeiras ensinadas pelos alunos, em que todas as crianças possam vivenciar e que todos tenham a oportunidade de ensinar. • Rodas de conversa que envolvam a apresentação das brincadeiras pelos colegas, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram, como as realizaram. • Rodas de conversa em que as crianças devam manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinada brincadeira apresentada pelo colega, expondo se a conheciam (em caso afirmativo) ou como a compreenderam a partir da explicação 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • dos jogos, brincadeiras e danças criadas pelos alunos; • das adaptações realizadas pelas crianças sobre os jogos, as brincadeiras e as danças; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude durante os momentos de criação, transformação e organização das atividades; • de como a criança participa das atividades: grau de compreensão da atividade, envolvimento e o prazer que tem em participar; • de como a criança se expressa oralmente explicando a brincadeira nas rodas de conversa e durante a atividade.
---	--	--	--	--

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – EDUCAÇÃO FÍSICA - ESPORTES – 2º ANO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento	Propostas de atividades	Formas de avaliação
<p>Capacidades / competências amplas do componente.</p> <ul style="list-style-type: none"> Conhecer, valorizar, apreciar e usufruir de diferentes manifestações populares e folclóricas da cultura corporal presentes nas práticas de esportivas. 	<p>O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> Experimentação e fruição, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes. Escuta ativa da explicação da atividade de jogo, brincadeira, dança. Disponibilidade para conversar com os colegas, acompanhando o fluxo da conversa e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. Participação em situações de práticas esportivas, favorecendo a ampliação do repertório motor e a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo. Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. Conversa sobre as práticas esportivas da cultura corporal vivenciadas cotidianamente. Compreensão e apreciação do que é considerado “popular” e “folclórico”. Fortalecimento do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígena local e nacional, assegurando o respeito às especificidades culturais de cada povo. 	<p>Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos</p> <ul style="list-style-type: none"> Elementos comuns nos esportes de marca e precisão; Esportes de marca e precisão do cotidiano; Esportes e jogos da cultura indígenas; Rodas de conversa que envolvam a apresentação das atividades, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram e como as realizaram. Rodas de conversas mostrando que o trabalho coletivo e o protagonismo são ações importantes presentes nos esportes, destacando que: <ul style="list-style-type: none"> Protagonismo prevalece nas modalidades individuais, como no salto em distância e no tiro ao alvo, mas é importante também nos esportes coletivos, visto que o aluno deve se empenhar em realizar a sua função para o bem coletivo. Trabalho coletivo ocorre quando um grupo de pessoas se dedica a realizar uma tarefa, como nos esportes coletivos, e possibilita troca de experiências, ajuda mútua, aprendizagem de novas habilidades motoras e compartilhamento de decisões Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinado jogo, expondo como a atividade aconteceu e sugerindo modificações para torná-la mais desafiadora. 	<p>Situações mais adequadas para avaliar</p> <p>Observação, registro e análise de como a criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> Procede nas atividades propostas na coluna anterior; Participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, o prazer que tem em participar, compreensão das pequenas coreografias; se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas, emitindo opiniões sobre as atividades, expressando seus sentimentos e afetos, bem como suas dificuldades e a forma de lidar com elas.

			<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças possam vivenciar diferentes práticas esportivas da cultura corporal e compartilhar sentimentos e as dificuldades encontradas. • Situações em que as crianças possam apreciar práticas esportivas que estejam sendo produzidas pelos grupos de sua classe ou de outras classes. • Situações em que possam vivenciar diferentes manifestações folclóricas, diferenciando-as de outras não folclóricas, estimulando a pesquisa sobre as origens, costumes e contextos de criação das diferentes práticas esportivas. • Pesquisas, registros e apresentações dos jogos Indígenas. • Momentos de apreciação dos jogos Indígenas através de: documentário, filmes, registro fotográfico, depoimentos ou exibições, conforme a realidade local. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Organizar autonomamente práticas esportivas com regras mais elaboradas, compreendendo a função das regras e demonstrando empenho em cumpri-las, bem como, identificar os elementos comuns aos esportes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação da prática ao grupo, evidenciando a participação do aluno como elemento integrante dos resultados obtidos no trabalho coletivo. • Experimentação e fruição, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes. • Participação em situações de jogos esportivos conhecidos pelos alunos buscando a organização e manutenção do desenvolvimento das atividades, prescindindo da mediação do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos comuns nos esportes de marca e precisão; • Esporte, trabalho coletivo e protagonismo; • Noções das capacidades e habilidades físicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa enfatizando a participação de cada um na modalidade escolhida e realizada, estimulando a verbalização das crianças sobre como se perceberam na atividade e a participação do grupo. • Em grupo, propor o estudo das características dos movimentos necessários para execução dos elementos comuns aos esportes de marca e precisão, como: • as habilidades motoras de correr, saltar, lançar e arremessar; 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; • de como a criança procede nessas diferentes situações cotidianas; • da evolução no cumprimento das regras, da dinâmica coletiva e das participações individuais; • registro sobre os jogos e as alterações nas regras, explicitando evolução da complexidade.

	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para comentar e debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas. • Preocupação em cuidar dos materiais utilizados nas diferentes práticas. • Realização dos movimentos comuns aos esportes coletivos e individuais (como correr, saltar, girar, lançar, arremessar, e outros.) 	<p>cas e motoras nos esportes individuais e coletivos;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • as capacidades físicas requisitadas durante as práticas, como a força muscular, a potência muscular e a velocidade. • Situações de vivência em esportes com regras simples em que predominem muitas ações, favorecendo assim a compreensão das regras e sua valorização como organizadora da atividade. • Rodas de levantamento de esportes conhecidos pelos alunos com a explicitação das regras e o uso de materiais adaptados para sua realização. • Desenvolvimento das atividades mais conhecidas com a organização dos alunos. • Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões sobre as regras dos esportes, expondo como a atividade aconteceu em relação às regras e combinados, enfatizando a reflexão do quanto conseguiram cumprir. • Situações em que as crianças tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante as práticas esportivas, estimulando que reflitam sobre o aumento das dificuldades a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência o jogo inicial. • Registro das regras de jogos, refletindo coletivamente sobre o grau de dificuldade, considerando o quê e por quê se torna mais fácil, mais difícil, menos ou mais desafiador. 	
--	--	--	--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar circuitos de práticas esportivas que mobilizem o desenvolvimento das habilidades motoras, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes. • Participação em atividades corporais desafiadoras com disponibilidade para buscar o êxito a partir de tentativas (trabalho com o “erro construtivo” no processo de aprendizagem). • Participação em atividades propostas em aulas cotidianas de aprendizagem corporal em que é preciso avaliar o próprio desempenho para estabelecer metas (com o auxílio do professor). 	<ul style="list-style-type: none"> • Esportes de marca e precisão considerando riscos e acidentes; • Esportes de marca e precisão, normas e regras; 	<ul style="list-style-type: none"> • A partir da identificação das modalidades pelos alunos com auxílio do professor, pede-se para classificar quais esportes eles conhecem com essas características: • quais podem ser classificados como esportes de marca e precisão; • quais são os individuais; • quais são os coletivos e que adaptações podem ser feitas para que consigam praticar esses esportes na escola. • Circuitos/percursos elaborados com bancos suecos, cordas, aros bambolês, pneus etc., que: • estimulem o desenvolvimento dos padrões motores de estabilização, manipulação e locomoção; • mobilizem o jogo simbólico; • permitam a modificação e adaptação do nível de dificuldade. • Estações com modalidades, que pode ser, ao mesmo tempo, individual e coletiva, podem levar a reflexões acerca do trabalho coletivo e do protagonismo, como: • corridas individuais (corrida em linha reta, corrida com obstáculos, corrida carregando objetos); • corrida em revezamento e, ao final, discutir sobre as diferenças entre os dois tipos e sobre o que sentiram os alunos ao participar de ambas. • Situações de desafios corporais combinando ou sequenciando di- 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de desafio; • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de segurança da atividade; • das adaptações realizadas pela criança para dificultar e para facilitar a tarefa; • das adaptações e transferências entre imagem, história ou maquete para a criação do circuito; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude frente às dificuldades.
	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de circuitos de práticas esportivas considerando as capacidades físicas individuais e as possibilidades dos colegas. • Participação em atividades de criação de circuitos de práticas esportivas, a partir de modelos (aula historiada, desenhos, fotos e maquetes de dobradura e massinha) utilizando materiais diversos. • Planejamento e montagem de circuito de práticas esportivas considerando os riscos e possibilidades de acidentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esportes de marca e precisão em circuitos; 		

			<p>ferentes movimentos que favoreçam avaliar o desempenho e a evolução:</p> <ul style="list-style-type: none"> • salto em altura • salto em extensão; • pular corda e correr; - subir em árvore e balançar em uma corda; • arremessar o mais longe, correr, desviar; • acertar um alvo, correr e esquivar-se; • pendurar, saltar e rolar; - correr conduzindo uma bola (com os pés, com as mãos, quicando, rolando, etc.). • Observação: é importante que o professor atue preventivamente, antecipando os riscos da atividade e, nestas situações, participe das decisões de montagem opinando e ampliando as condições de segurança. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar práticas esportivas simples e adaptadas considerando suas habilidades e as habilidades do seu grupo, bem como, participar e apreciar as práticas esportivas criadas e ensinadas pelos colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades de criação e transformação, tendo como referência as práticas esportivas desenvolvidas pelo grupo. • Participação em atividades de criação e transformação envolvendo as práticas esportivas com disponibilidade para expressar suas dificuldades, bem como para escutar as dos seus colegas. • Escuta atenta da fala dos colegas; • Disponibilidade para participar das práticas esportivas acompanhando a explicação dos colegas e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. • Participação em situações de brincadeiras favorecendo a valorização de cada 	<ul style="list-style-type: none"> • Esportes de marca e precisão na construção de jogos pré-desportivos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de vivência de danças, jogos e brincadeiras conhecidas que: estimulem a prática de construir pequenas variações; permitam à criança manifestar suas dificuldades e escutar as dificuldades dos colegas, favorecendo o diálogo e as decisões coletivas; incentivem a criança a planejar e experimentar a inclusão de outros movimentos, gestos, regras e materiais; solicitem que a criança atue na montagem e desmontagem das atividades. • Organização de um 'cronograma' de apresentação de brincadeiras ensinadas pelos alunos, em que 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • dos jogos, brincadeiras e danças criadas pelos alunos; • das adaptações realizadas pelas crianças sobre os jogos, as brincadeiras e as danças; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude durante os momentos de criação, transformação e organização das atividades; • de como a criança participa das atividades: grau de compreensão da atividade, envolvimento e o prazer que tem

	<p>prática como momento de convivência em grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. 		<p>todas as crianças possam viver e que todos tenham a oportunidade de ensinar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Habilidade pode ser contextualizada comparando os movimentos das atividades com situações do dia a dia dos alunos, como a necessidade da força muscular ao carregar uma sacola, subir escadas ou subir em uma árvore. • Rodas de conversa que envolvam a apresentação das brincadeiras pelos colegas, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram, como as realizaram. • Rodas de conversa em que as crianças devam manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinada brincadeira apresentada pelo colega, expondo se a conheciam (em caso afirmativo) ou como a compreenderam a partir da explicação • Observação: o aumento do critério de complexidade durante os anos pode ser estabelecido partindo de aprendizagens das modalidades dos esportes de marca e precisão que exigem movimentos mais simples, como a corrida e o lançamento em um alvo estático, para modalidades com movimentos mais complexos, como as provas de arremesso com giro, revezamento e com alvos que exijam mais habilidades motoras para a precisão. 	<p>em participar; de como a criança se expressa oralmente explicando a brincadeira nas rodas de conversa e durante a atividade.</p>
--	--	--	--	---

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – EDUCAÇÃO FÍSICA - GINÁSTICA – 2º ANO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento	Propostas de atividades	Formas de avaliação
Capacidades / competências amplas do componente.	O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos	Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer, valorizar, apreciar e usufruir de diferentes manifestações populares e folclóricas da cultura corporal presentes no cotidiano, por exemplo: elementos básicos das ginásticas nos jogos e brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples ou adaptadas. 	<p>O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> Escuta ativa da explicação da atividade de jogo, brincadeira, dança, envolvendo elementos básicos das ginásticas (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais). Experimentação, fruição e identificação de diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança. Disponibilidade para conversar com os colegas, acompanhando o fluxo da conversa e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. Participação e execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, favorecendo a ampliação do repertório motor e a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo. Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. <hr/> <ul style="list-style-type: none"> Conversa sobre as práticas da ginástica e da ginástica geral, da cultura corporal vivenciadas cotidianamente. Compreensão e apreciação do que é considerado “popular” e “folclórico”. Fortalecimento do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígena 	<ul style="list-style-type: none"> Identificação dos diferentes elementos básicos da ginástica como: habilidades motoras, que são todos os movimentos que aprendemos e que são incorporados ao nosso acervo motor e podem ser utilizados em tarefas cada vez mais específicas. Roda de conversa sobre o que o aluno deve observar e quais procedimentos adota para conseguir realizar os movimentos ginásticos de forma segura, como, por exemplo, realizar uma cambalhota com a ajuda do amigo ou providenciar um material, como um colchão, para amenizar a queda durante um salto. Rodas de conversa que envolva a apresentação das atividades, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram e como as realizaram. Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinado movimento, expondo como a atividade aconteceu e sugerindo modificações para torná-la mais desafiadora. Situações em que as crianças possam vivenciar diferentes práticas da cultura corporal e compartilhar 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; de como a criança participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, o prazer que tem em participar, compreensão das pequenas coreografias; de como a criança se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas, emitindo opiniões sobre as atividades, expressando seu sentimentos e afetos, bem como suas dificuldades e a forma de lidar com elas.

	<p>local e nacional, assegurando o respeito às especificidades culturais de cada povo.</p>		<p>sentimentos e as dificuldades encontradas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças possam apreciar por intermédio das brincadeiras e danças que estejam sendo produzidas pelos grupos de sua classe ou de outras classes. • Situações em que possam vivenciar diferentes manifestações folclóricas, diferenciando-as de outras não folclóricas, estimulando a pesquisa sobre as origens, costumes e contextos de criação das diferentes práticas. • Pesquisas, registros e apresentações das brincadeiras e jogos Indígenas, relacionando-as com os movimentos realizados nas ginásticas. • Momentos de apreciação das brincadeiras Indígenas através de: documentário, filmes, registro fotográfico, depoimentos ou exposições, conforme a realidade local. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Organizar autonomamente situações de movimentos das ginásticas, identificando as potencialidades e os limites do corpo, compreendendo a função das regras e demonstrando empenho em cumpri-las. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação da prática ao grupo, evidenciando a participação do aluno como elemento integrante dos resultados obtidos no trabalho coletivo. • Disponibilidade para aceitar as regras e combinados usando movimentos das ginásticas como elementos organizadores da prática. • Realização de planejamentos, utilizando estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ginástica geral e função das regras; • Ginástica geral - elementos básicos: andar, correr, saltar. Girar, rolar, equilibrar, balançar, trepar; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa em dupla ou individual considerando que existem elementos básicos da ginástica que fazem parte do universo dos alunos, pois correr, saltar, manipular objetos, rolar, equilibrar-se são habilidades motoras presentes tanto nas ginásticas como em outras práticas das quais participam, como nos jogos e brincadeiras. • Situações que favoreça a interação entre aluno/professor/aluno, na medida em que se depara com 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; • de como a criança procede nessas diferentes situações cotidianas; • da evolução no cumprimento das regras, da dinâmica coletiva e das participações individuais;

	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em situações práticas de ginástica e ginástica geral conhecida, buscando a organização e manutenção do desenvolvimento das atividades, prescindindo da mediação do professor. • Disponibilidade para comentar e debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas. • Preocupação em cuidar dos materiais utilizados nas diferentes práticas. 		<p>alguma dificuldade durante a prática, compartilhar com os colegas e o professor, que analisa e propõe soluções para que as dificuldades sejam superadas na realização da atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa enfatizando a participação de cada um na atividade realizada, estimulando a verbalização das crianças sobre como se perceberam na atividade e a participação do grupo. • Situações de vivência com movimentos ginásticos simples em que predominem muitas ações, favorecendo assim a compreensão das regras e sua valorização como organizadora da atividade. • Rodas de levantamento dos movimentos conhecidos com a explicitação das regras e materiais para sua realização. • Desenvolvimento das atividades mais conhecidas com a organização dos alunos. • Rodas de conversa onde as crianças tenham que manifestar opiniões sobre as regras das brincadeiras, expondo como a atividade aconteceu em relação às regras e combinados, enfatizando a reflexão do quanto conseguiram cumprir. • Situações de movimentos e atividades vivenciadas durante a aula, estimulando que reflitam sobre o aumento das dificuldades a partir da alteração de algumas regras, 	<ul style="list-style-type: none"> • registro sobre os jogos e as alterações nas regras, explicando evolução da complexidade.
--	---	--	--	--

			<p>tendo como referência o movimento original.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propor a análise dos movimentos realizados para se identificar os elementos das ginásticas como: correr, saltar, manipular objetos, rolar, equilibrar-se, deixando claro que esses movimentos são habilidades motoras presentes nas ginásticas • Registro das regras de jogos, refletindo coletivamente sobre o grau de dificuldade, considerando o quê e por quê se torna mais fácil, mais difícil, menos ou mais desafiador 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar circuitos de atividades que mobilizem o desenvolvimento das habilidades motoras envolvidas nas ginásticas, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades corporais desafiadoras com disponibilidade para buscar o êxito a partir de tentativas (trabalho com o “erro construtivo” no processo de aprendizagem). • Participação em atividades propostas em aulas cotidianas de aprendizagem corporal em que é preciso avaliar o próprio desempenho para estabelecer metas com o auxílio do professor. • Participação em ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ginástica geral e habilidades motoras; 	<ul style="list-style-type: none"> • Circuitos/percursos elaborados com bancos suecos, cordas, aros bambolês, pneus, colchonete etc. que: • Estimulem o desenvolvimento dos padrões motores de estabilização, manipulação e locomoção; • Mobilizem o jogo simbólico; • Permitam a modificação e adaptação do nível de dificuldade. • Circuitos/percursos a partir de histórias, fotos e desenhos, montagem de pequenas maquetes de papel, massinha, madeira, que possam estimular a criação e adaptação do circuito utilizando os materiais presentes na escola, como bancos suecos, cordas, aros bambolês, pneus etc. • Situações de desafios corporais combinando ou sequenciando diferentes movimentos que favoreçam avaliar o desempenho e a 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de desafio; • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de segurança da atividade; • das adaptações realizadas pela criança para dificultar e para facilitar a tarefa; • das adaptações e transferências entre imagem, história ou maquete para a criação do circuito; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude frente às dificuldades.
	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de circuitos de ginásticas considerando os limites individuais e as possibilidades de movimentos dos colegas. • Participação em atividades de criação de circuitos de ginásticas, a partir de modelos (aula historiada, desenhos, fotos e maquetes de dobradura e massinha) utilizando materiais diversos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Circuitos de ginásticas considerando riscos e acidentes; • Ginástica geral em circuitos individuais e coletivos; 		

	<ul style="list-style-type: none"> Planejamento e montagem de circuito de práticas corporais considerando os riscos e possibilidades de acidentes. 		<p>evolução: salto em altura, salto em extensão, pular corda e correr, subir em árvore e balançar em uma corda, arremessar o mais longe, desviar, acertar um alvo, correr e esquivar-se, pendurar, saltar e rolar, correr conduzindo uma bola (com os pés, com as mãos, quando, rolando, etc.).</p> <ul style="list-style-type: none"> Observação: é importante que o professor atue preventivamente, antecipando os riscos da atividade e, nestas situações, participe das decisões de montagem opinando e ampliando as condições de segurança; Uma possibilidade de organização da habilidade por anos consiste em considerar como critério a complexidade de solicitação das habilidades motoras, iniciando com as mais simples, de acordo com as características dos alunos, para as mais complexas. 	
<ul style="list-style-type: none"> Criar e recriar jogos, brincadeiras, movimentos acrobáticos, danças simples e adaptadas a partir dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, considerando suas habilidades e as habilidades do seu grupo, bem como, participar e apreciar as brincadeiras criadas e ensinadas pelos colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> Participação em atividades de criação e transformação tendo como referência os elementos básicos da ginástica e da ginástica geral pelo grupo; Descrição, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais. Participação em atividades de criação e transformação envolvendo os elementos básicos da ginástica e da ginástica geral com disponibilidade para expressar suas 	<ul style="list-style-type: none"> Ginástica e ginástica geral; Ginástica geral - elementos básicos: an- 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de vivência de danças, jogos, movimentos acrobáticos e brincadeiras conhecidas que: estimulem a prática de construir pequenas variações; permitam à criança manifestar suas dificuldades e escutar as dificuldades dos colegas, favorecendo o diálogo e as decisões coletivas; incentivem a criança a planejar e experimentar a inclusão de outros movimentos, gestos, regras e materiais; solicitem que a criança atue na montagem e desmontagem das atividades. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> dos jogos, brincadeiras e danças criadas pelos alunos; das adaptações realizadas pelas crianças sobre os jogos, as brincadeiras e as danças; do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude durante os momentos de criação, transformação e organização das atividades; de como a criança participa das atividades: grau de com-

	<p>dificuldades, bem como para escutar as dos seus colegas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escuta atenta da fala dos colegas; • Disponibilidade para participar das brincadeiras acompanhando a explicação dos colegas e identificando os momentos de falar e de escutar o outro; • Participação em situações de brincadeiras favorecendo a valorização das práticas corporais como momento de convivência em grupo; • Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. 	<p>dar, correr, saltar. Girar, rolar, equilibrar, balançar, escalar;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimentos básicos fundamentais da ginástica com aparelhos, sem aparelhos e em aparelhos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Importante que se proponha práticas nas quais os alunos identifiquem a ação das regiões corporais e as suas possibilidades de movimentos, como: movimentar-se utilizando as mãos, os pés, os braços, o tronco, a cabeça e o pescoço durante a prática das ginásticas, assim como outros movimentos que os alunos realizam no seu dia a dia. • Organização de um 'cronograma' de apresentação de brincadeiras ensinadas pelos alunos, em que todas as crianças possam vivenciar e que todos tenham a oportunidade de ensinar. • Rodas de conversa que envolvam a apresentação das brincadeiras pelos colegas, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram, como as realizaram. • Rodas de conversa em que as crianças devam manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinada brincadeira apresentada pelo colega, expondo se a conheciam (em caso afirmativo) ou como a compreenderam a partir da explicação. 	<p>preensão da atividade, envolvimento e o prazer que tem em participar;</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança se expressa oralmente explicando a brincadeira nas rodas de conversa e durante a atividade.
--	--	--	---	--

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – EDUCAÇÃO FÍSICA - DANÇAS – 2º ANO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de Conhecimento	Propostas de atividades	Formas de avaliação
<p>Capacidades / competências amplas do componente.</p>	<p>O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos</p>	<p>Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos</p>	<p>Situações mais adequadas para avaliar</p>
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer, valorizar, apreciar e usufruir de diferentes manifestações populares e folclóricas da cultura corporal presentes no cotidiano, por exemplo: jogos e brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples ou adaptadas. 	<ul style="list-style-type: none"> Escuta ativa da explicação da atividade de jogo, brincadeira, dança. Disponibilidade para conversar com os colegas, acompanhando o fluxo da conversa e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. Experimentação e fruição das diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal. Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. Conversa sobre os movimentos rítmicos da cultura corporal vivencia cotidianamente. Compreensão e apreciação do que é considerado “popular” e “folclórico”. Fortalecimento do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígena local e nacional, assegurando o respeito às especificidades culturais de cada povo. 	<ul style="list-style-type: none"> Tipos de danças do contexto comunitário e regional; Apresentações que envolvam as atividades rítmicas, bem como o relato de como as realizaram. Rodas de conversa em que as crianças tenham que manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinado gesto, expondo como a atividade aconteceu e sugerindo modificações para torná-la mais desafiadora. Dispondo de situações em que o aluno utilize diferentes gestos para marcar o ritmo, como palmas, sapateados, percussão corporal ou em latas, baldes ou bastões contra o chão, utilizando seu repertório corporal para o improviso e a criação Situações em que as crianças possam vivenciar diferentes práticas da cultura corporal e compartilhar sentimentos e as dificuldades encontradas. Situações em que as crianças possam apreciar danças que estejam sendo produzidas pelos grupos de sua classe ou de outras classes. Situações em que possam vivenciar diferentes manifestações folclóricas, diferenciando-as de outras não folclóricas, estimulando a 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; de como a criança participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, o prazer que tem em participar, compreensão das pequenas coreografias; de como a criança se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas, emitindo opiniões sobre as atividades, expressando seu sentimentos e afetos, bem como suas dificuldades e a forma de lidar com elas.

			<p>pesquisa sobre as origens, costumes e contextos de criação das diferentes práticas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas, registros e apresentações das danças Indígenas. • Momentos de apreciação das danças Indígenas através de: documentário, filmes, registro fotográfico, depoimentos ou exposições, conforme a realidade local. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Organizar autonomamente alguns movimentos de danças do contexto e regional com regras mais elaboradas, compreendendo a função das regras e demonstrando empenho em cumpri-las. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas. • Adequação da prática ao grupo, evidenciando a participação do aluno como elemento integrante dos resultados obtidos no trabalho coletivo. • Disponibilidade para aceitar as regras e combinados das danças como elementos organizadores da prática. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivências rítmicas e expressivas de acordo com os diferentes tipos de danças; • Tipos de danças do contexto comunitário e regional; 	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa enfatizando a participação de cada um na atividade realizada, estimulando a verbalização das crianças sobre como se perceberam na atividade e a participação do grupo. • Apresentações de danças com regras simples, favorecendo assim a compreensão das regras e sua valorização como organizadora da atividade. • Planejamento para a escolha de danças conhecidas pelos alunos, com a explicitação das regras e materiais para sua realização. • Desenvolvimento das atividades mais conhecidas com a organização dos alunos. • Rodas de conversa onde os alunos tenham que manifestar opiniões sobre as regras das danças, expondo como a atividade aconteceu em relação às regras e combinados, enfatizando a reflexão do quanto conseguiram cumprir. • Momentos em que as crianças tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante as danças e atividades, estimulando 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior; • de como a criança procede nessas diferentes situações cotidianas; • da evolução no cumprimento das regras, da dinâmica coletiva e das participações individuais; • registro sobre os jogos e as alterações nas regras, explicitando evolução da complexidade.
	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em situações de danças conhecidos pelos alunos buscando a organização e manutenção do desenvolvimento das atividades, prescindindo da mediação do professor. • Disponibilidade para comentar e debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas. • Preocupação em cuidar dos materiais utilizados nas diferentes práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Danças folclóricas regionais; • Danças populares; • Danças e suas regras; • Valores e atitudes; 		

			<p>que reflitam sobre o aumento das dificuldades a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência a coreografia original.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registro dos movimentos rítmicos, refletindo coletivamente sobre o grau de dificuldade, considerando o quê e por que se torna mais fácil, mais difícil, menos ou mais desafiador. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar circuitos com movimentos constitutivos das práticas corporais (danças, jogos e brincadeiras) que mobilizem o desenvolvimento das habilidades motoras, tendo como referência o conhecimento de suas possibilidades e limitações, assim como as dos seus colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades corporais desafiadoras com disponibilidade para buscar o êxito a partir de tentativas (trabalho com o “erro construtivo” no processo de aprendizagem). • Participação em atividades propostas em aulas cotidianas de aprendizagem corporal em que é preciso avaliar o próprio desempenho para estabelecer metas (com o auxílio do professor). • Produção de circuitos a partir de movimentos constitutivos das práticas corporais (danças, jogos e brincadeiras) considerando as capacidades físicas individuais e as possibilidades dos colegas. • Participação em atividades de criação de circuitos a partir de práticas corporais (danças, jogos e brincadeiras) com modelos (aula historiada, desenhos, fotos e maquetes de dobradura e massinha) utilizando materiais diversos. • Planejamento e montagem de circuito com movimentos de danças considerando os riscos e possibilidades de acidentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Danças folclóricas regionais: diferentes percepções de ritmo; • Danças populares; • Brincadeiras cantadas e cantigas de roda; • Circuitos com elementos da dança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Momento de reflexão a cercado reconhecimento e respeito às diferenças de desempenho evidenciadas nas experimentações, possibilitando a aprendizagem de importantes aspectos relacionados ao movimento: • Habilidades motoras: são todos os movimentos que aprendemos e que são incorporados e podem ser utilizados em tarefas cada vez mais específicas, que, nas danças, estão presentes em um de seus elementos constitutivos: os gestos; • Capacidades físicas: são características que nossos movimentos apresentam e que podem ser aprimorados como o equilíbrio, a flexibilidade e a coordenação motora. • Situações didáticas onde os alunos experimentem e identifiquem quais são as habilidades motoras necessárias para a prática das danças. • Em roda de conversa com os alunos situar o foco na ampliação de aprendizagens de movimentos, e 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de desafio; • da evolução dos circuitos e percursos quanto ao grau de segurança da atividade; • das adaptações realizadas pela criança para dificultar e para facilitar a tarefa; • das adaptações e transferências entre imagem, história ou maquete para a criação do circuito; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude frente às dificuldades.

			<p>não na execução da técnica da dança em si.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento com foco em aprendizagens nas quais os alunos utilizem os movimentos da dança para conhecer-se, relacionar-se com os outros e explorar os espaços. • Circuitos/apresentações a partir de montagem de estações com movimentos diversos, que possam estimular a criação e adaptação de pequenas coreografias utilizando os materiais presentes na escola, como, cordas, aros bambolês, caixa de som etc. • Situações de desafios corporais combinando ou sequenciando diferentes movimentos que favoreçam avaliar o desempenho e a evolução: • Do ritmo, que é um elemento constituinte das danças, outras capacidades, como a coordenação motora, o equilíbrio, a agilidade a flexibilidade, entre outras, estão presentes nessa prática. • Observação: é importante que o professor atue preventivamente, antecipando os riscos da atividade e, nestas situações, participe das decisões de montagem opinando e ampliando as condições de segurança. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criar e recriar jogos, brincadeiras, brincadeiras cantadas, danças simples e adaptadas considerando suas ha- 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em atividades de criação e transformação, tendo como referência as práticas dançantes desenvolvidas pelo grupo. • Participação em atividades de criação e transformação envolvendo as danças 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivências rítmicas e expressivas de acordo com os diferentes tipos de danças; 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de vivência de danças, conhecidas que: • Estimulem a prática de construir pequenas variações; 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • dos jogos, brincadeiras e danças criadas pelos alunos;

<p>bilidades e as habilidades do seu grupo, bem como, participar e apreciar as brincadeiras criadas e ensinadas pelos colegas.</p>	<p>com disponibilidade para expressar suas dificuldades, bem como para respeitar as dos seus colegas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escuta atenta da fala dos colegas; • Disponibilidade para participar dos momentos de danças acompanhando a explicação dos colegas e identificando os momentos de falar e de escutar o outro. • Participação em situações de movimentos rítmicos favorecendo a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo. • Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de danças do contexto comunitário e regional; • Danças populares; 	<ul style="list-style-type: none"> • Permitam ao aluno manifestar suas dificuldades e escutar as dificuldades dos colegas, favorecendo o diálogo e as decisões coletivas; • Incentivem o aluno a planejar e experimentar a inclusão de outros movimentos, gestos, regras e materiais; • Solicitem que o aluno atue na montagem e desmontagem das atividades. • Organização de um 'cronograma' de apresentação de danças ensinadas pelos alunos, em que todas as crianças possam vivenciar e que todos tenham a oportunidade de ensinar. • Rodas de conversa que envolvam a apresentação das danças pelos colegas, bem como o relato de como foram as práticas, o que fizeram, como as realizaram. • Rodas de conversa em que os alunos devam manifestar opiniões, por exemplo, sobre determinado movimento feito pelo colega, expondo se o conheciam (em caso afirmativo) ou como o compreenderam a partir da explicação. 	<ul style="list-style-type: none"> • das adaptações realizadas pelas crianças sobre os jogos, as brincadeiras e as danças; • do envolvimento da criança com a tarefa e sua atitude durante os momentos de criação, transformação e organização das atividades; • de como a criança participa das atividades: grau de compreensão da atividade, envolvimento e o prazer que tem em participar; • de como a criança se expressa oralmente explicando a brincadeira nas rodas de conversa e durante a atividade.
--	--	--	---	---

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 3, 1992.
- BETTI, M. **Janela de vidro: Educação Física e esportes**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CASTELLANI FILHO, L. **Considerações acerca do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física escolar**. Revista Paulista de Educação Física, supl. n. 1, 1995.
- CLARO, E. **Método dança. Educação Física: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional**. São Paulo: Robe, 1995.
- COLL, C. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1996.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DARIDO, SURAYA CRISTINA- **Para Ensinar educação física: Possibilidades de Intervenção na escola/ SurayaDarido, Osmar Moreira de Souza Júnior.-** Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- DE LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- DE MASI, D; BETTO, F. **Diálogos criativos**, Rio de Janeiro: Sextante, 2008
- FREIRE, J. B. **De corpo e alma**. São Paulo: Summus, 1991.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas, SP: Autores associados, 2002.
- GALLAHUE, D. L., OZUMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.
- GIMENO, S. J. **El currículo: una reflexión sobre la práctica**. Madrid: Morata, 1988.
- GOÑI, A. M. R.; GONZÁLES, A. **El niño y el juego**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.
- HERNANDES, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.
- LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. (coords.). **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo etc. e mente**. Campinas: Papyrus, 1983.
- MOREIRA, W. W. **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.
- PEREIRA, M. Z.; GONÇALVES, M. P.; CARVALHO, M. E. **Currículo e contemporaneidade: questões emergentes**. Campinas, SP: Alínea, 2004.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F.- **Jogos Educativos: Estrutura e organização da prática**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. - **Práticas Pedagógicas Reflexivas em Esporte Educacional: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem** São Paulo: Phorte Editora, 2009

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. n. 2, 1996.

TANI; MANOEL; KOKOBUN; PROENÇA. **Educação Física escolar**. São Paulo: Edusp/EPU, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ZABALA, A. **Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



LÍNGUA PORTUGUESA

1. REFLEXÕES SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA

O primeiro documento curricular do Estado do Acre, com proposta para o ensino de Língua Portuguesa, bem como para os demais componentes, foi escrito em 2009, com o objetivo de delinear os conteúdos a serem ensinados e garantir uma melhor qualidade na educação e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.

A nova redação elaborada tem o propósito de ajustar-se aos princípios pedagógicos estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular, homologada em dezembro de 2017, cujo teor “dialoga com os documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, motivado pelas transformações das práticas de linguagem em decorrência do desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC).” (BRASIL, 2017, p. 65).

A perspectiva assumida na proposta de trabalho é a enunciativo-discursiva da linguagem, também observada em outros documentos, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que definem a linguagem como “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

Tal perspectiva adota o texto como objeto central da unidade de trabalho, de modo que esteja sempre relacionado à interação comunicativa e aos contextos envolvidos, com o objetivo principal de que os alunos possam utilizar a linguagem de modo significativo em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Desse modo,

Compete, portanto, à Língua Portuguesa, enquanto dispositivo curricular, proporcionar aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p.65-66).

Levando em consideração que a linguagem permeia as práticas de interação e que é através dela que as pessoas adquirem informações, socializam ideias, opiniões, posicionam-se em relação a seus pontos de vista, expõem suas reflexões e experiências, é necessário que a escola esteja comprometida com a democratização social e cultural dos saberes. Além disso, precisa tomar para si a responsabilidade de garantir o acesso a todos esses conhecimentos imprescindíveis para o exercício da cidadania, considerada direito de todos, ainda que essa oferta não garanta a efetiva participação.

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

A visão de ensino, a partir do conceito de Letramento, possibilita a formação de um aluno capaz de, não apenas aprender sobre a estrutura do texto e suas características, mas também que possa participar de situações reais de fala e escrita, como sujeito ativo para dizer o que pensa, levantar soluções para possíveis problemas, construir e expor opiniões e que seja autor de suas próprias histórias, tanto no papel quanto na vida.

A proposta curricular está organizada em eixos voltados para as práticas de: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses). (BRASIL, 2017, P.69)

Ao tomarmos as práticas sociais como conteúdo escolar, como é o caso dos usos da linguagem que se manifestam basicamente em situações de fala, escuta, leitura e escrita, o maior desafio que se tem é o de não desvinculá-las de suas particularidades como práticas sociais que são. Ou seja, é necessário

que não se tornem atividades meramente escolarizadas, dissociadas das características de objetos socioculturais reais, a fim de que haja a maior proximidade possível entre os objetivos didáticos e os objetivos sociais do ensino. A respeito disso, Dolz (2010) afirma

“Se a maneira de trabalhar a leitura ou a escrita não é coerente, pode-se alfabetizar um aluno sem que ele seja capaz de compreender o que está lendo – isso porque, neste caso, o objeto do ensino da leitura está limitado ao código e não à compreensão do texto.” (DOLZ, 2010, p. 5).

Assim como nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na BNCC, no eixo da oralidade, o trabalho deve acontecer no interior de atividades significativas que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como: seminários, dramatização de textos teatrais, programa de rádio, entrevista, aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, declamação de poemas, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Nesses tipos de atividades é possível dar sentido e função ao trabalho com aspectos como entonação, dicção, gesto e postura que, no caso da linguagem oral, tem papel fundamental para dar significado aos textos.

Para o trabalho com o eixo leitura/escuta, o objetivo é a formação de leitores/ouvintes/espectadores autônomos e interessados com os textos escritos, orais e multissemióticos. Desse modo, as propostas de atividade devem mobilizar os diferentes propósitos para os quais a leitura é utilizada: ler para aprender, para se informar, por prazer, ler para fruição, para estudar e para todos os outros propósitos e necessidades que se possam apontar. É importante desenvolver os procedimentos adequados para cada modalidade, além de levar os alunos a compreenderem o valor do ato de ler. Esses, portanto, devem constituir-se em objeto de ensino.

A fim de favorecer a realização dessas práticas, é imprescindível que haja mobilização de cada professor e de toda a equipe gestora, por meio de propostas de organização da biblioteca ou acervo de classe, projetos e programas de leitura. Assim, devem-se oferecer aos alunos momentos prazerosos, em que leiam textos de sua preferência, participem de rodas de leitura, compartilhem opiniões sobre o que leram, façam indicações de obras, organizem murais e outras formas de exposição e mídia, elaborando resenhas, resumos e comentários e outras formas que julgarem necessários.

De acordo com a BNCC, o eixo produção de textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades. Em relação às práticas de escrita, as propostas de atividades precisam levar em consideração a situação comunicativa. Esta diz respeito a quem escreve (o autor do texto), o que / como escreve (o que implica considerar articuladamente gênero textual, conteúdo e recursos da linguagem), de que lugar escreve (que instituições representa), qual a função social do que se escreve (o que exige uma situação comunicativa real) e para quem se escreve (o que pressupõe um destinatário real e a adequação do discurso a essa circunstância). Do mesmo modo que na leitura, precisa-se prever que as produções escritas não sejam desenvolvidas de maneira descontextualizada, com foco apenas no código, mas por meio de propostas que envolvam diversos gêneros presentes nas diferentes formas de interação humana.

Atrelado ao eixo da produção está a revisão dos textos, considerada um importante conteúdo de ensino e de aprendizagem em todas as etapas da escolaridade, visto que permite ao aluno identificar os equívocos e incoerências de suas produções textuais orais, escritas e multissemióticas, no que se refere aos diferentes aspectos linguísticos e discursivos. Esse trabalho possibilita a conscientização, no aluno, da constante necessidade de aprimorar e refazer o texto, buscando o contínuo aperfeiçoamento.

Para o eixo da análise linguística/semiótica, as propostas estão fundamentalmente a serviço da ampliação da capacidade de uso da linguagem. Visa desenvolver a habilidade de análise e avaliação consciente dos recursos e formas de composição dos textos. Refere-se à coesão e coerência, progressão temática dos textos, as características de cada gênero e a todos os recursos disponíveis na língua, que possibilitam a construção dos efeitos de sentido, dos estilos assumidos e da situação comunicativa. Dessa maneira, pretende-se que os alunos se apropriem dos conhecimentos necessários para uma escrita mais aprimorada.

No que diz respeito ao estudo da gramática normativa, propõe-se que seja realizado de modo a conhecer os conceitos teóricos sobre os aspectos da linguagem que estão sendo trabalhados. Nesse sentido, torna-se uma importante ferramenta, desde que seja tomada como um apoio no processo de aprendizagem, e não como foco para as propostas de análise linguística, em atividades fora de contexto.

Dessa forma, como diz a BNCC

Os conhecimentos grafofônicos, ortográficos, lexicais, morfológicos, sintáticos, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos que operam nas análises linguísticas e semióticas necessárias à compreensão e à produção de linguagens estarão, concomitantemente, sendo construídos durante o Ensino Fundamental. Assim, as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que essas descrições, conceitos e regras operam e nas quais serão concomitantemente construídos: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/suscitar; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (BRASIL, 2017, P. 79).

Dentro de cada eixo, encontra-se uma subdivisão dos conteúdos por Campos. São cinco os campos de atuação considerados: Campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico/midiático e Campo de atuação na vida pública, sendo que esses dois últimos aparecem fundidos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com a denominação Campo da vida pública. (BRASIL, 2017, P. 82)

A organização dos eixos leitura, escrita, oralidade e análise linguística por campos de atuação deu-se por entender que eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública; uma formação estética, vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos. (BRASIL, 2017, p. 82)

A seguir temos a definição de cada campo, para cada etapa do Ensino Fundamental, dada pelo texto da BNCC:

1º AO 5º ANO

Campo da vida cotidiana campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, próprias de atividades vivenciadas cotidianamente por crianças, adolescentes, jovens e adultos, no espaço doméstico e familiar, escolar, cultural e profissional. Alguns gêneros textuais deste campo: agendas, listas, bilhetes, recados, avisos, convites, cartas, cardápios, diários, receitas, regras de jogos e brincadeiras.

Campo da vida pública campo de atuação relativo à participação em situações de leitura e escrita, especialmente de textos das esferas jornalísticas, publicitária, política, jurídica e reivindicatória, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos. Alguns gêneros textuais deste campo: notas; álbuns noticiosos; notícias; reportagens; cartas do leitor (revista infantil); comentários em sites para criança; textos de campanhas de conscientização; Estatuto da Criança e do Adolescente; abaixo-assinados; cartas de reclamação, regras e regulamentos.

Campo das práticas de estudo e pesquisa campo de atuação relativo à participação em situações de leitura/escrita que possibilitem conhecer os textos expositivos e argumentativos, a linguagem e as práticas relacionadas ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica, favorecendo a aprendizagem

dentro e fora da escola. Alguns gêneros deste campo em mídia impressa ou digital: enunciados de tarefas escolares; relatos de experimentos; quadros; gráficos; tabelas; infográficos; diagramas; entrevistas; notas de divulgação científica; verbetes de enciclopédia.

Campo artístico-literário campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charges/cartuns, dentre outros.

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

A Base Nacional Comum Curricular aponta definições pertinentes a todos os estudantes e instituições de ensino do país. Visando adequar o currículo à realidade do Estado do Acre, é que se propõe a parte diversificada, o que não implica que esteja separada, mas sim, diluída ao longo do documento, com a intenção de oferecer maiores possibilidades de aprendizagem. Desse modo, é necessário garantir que os alunos se apropriem das temáticas locais, as quais possuem relevância social e cultural e, ainda, contribuem, igualmente, para a formação do estudante. Assim, pretende-se favorecer a ampliação dos conteúdos, a partir da seleção de textos escritos por autores acreanos, nos mais diversos gêneros, bem como as várias produções artísticas regionais.

No que diz respeito às questões culturais, alguns conteúdos e propostas referem-se ao folclore amazônico, à valorização da cultura indígena, objetos da cultura local, dentre outros. Esses conteúdos poderão ser trabalhados tanto nas atividades desenvolvidas em sala, ao se trabalhar os gêneros textuais diversos, quanto nos projetos didáticos planejados pelas escolas para cada ano/série.

As temáticas mencionadas poderão ser trabalhadas em situações de reflexão sobre a língua, com o objetivo de conhecer e analisar criticamente os seus usos como veículos de valores e preconceitos de classe, credo, gênero e etnia, explicitando, por exemplo, a forma tendenciosa com que certos textos tratam questões sociais e étnicas, as discriminações veiculadas em campanhas publicitárias etc. É importante ressaltar que o professor possui, também, autonomia para inserir novas abordagens aos elementos constituintes da parte diversificada.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS

Nos últimos anos, vem se formando um consenso entre os estudiosos da língua de que os processos de ensino e aprendizagem inicial da leitura e escrita e dos diferentes usos da linguagem devem ocorrer de modo simultâneo, desde que a criança entra na escola.

É necessário trabalhar não apenas com a concepção de que o aluno precisa dominar a correspondência letra-fonema, mas numa perspectiva de letramento, possibilitando que as crianças entrem em contato com o mundo da escrita, não apenas como um “código a ser decifrado”, mas como um universo de possibilidades para interagir socialmente.

De acordo com a BNCC,

as diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos. (BRASIL, 2017, p. 87).

É fundamental que haja uma reflexão sobre o modo como os textos circulam e são produzidos, em contextos extraescolares, levando em consideração que a escola não é o único ambiente onde as crianças têm contato com textos escritos, seja lendo ou escrevendo.

As primeiras interações da criança, que se estabelecem no âmbito familiar, à princípio, estendendo-se, posteriormente, com o seu ingresso na Educação Infantil, possibilitam sua participação em diferentes contextos de práticas letradas. Todavia, é no contexto dos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que reside a expectativa de que ocorra sua efetiva condição de alfabetizada. Nesse sentido, na etapa de alfabetização deve centrar-se o núcleo da ação pedagógica.

No período relativo a esse processo, é que os estudantes são demandados à aprendizagem do alfabeto e o mecanismo da leitura/escrita, bem como apropriação do sistema de escrita alfabética – recursos estes que intentam tornar que o aluno seja alfabetizado, isto é, que se torne plenamente habilitado para “codificar e decodificar”

Os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2017, p. 88).

O citado processo básico da etapa de alfabetização, pode ocorrer em dois anos, contudo, via de regra, é acrescido por outro, de extensão mais prolongada, comumente denominado de ortografização, o qual expandirá o conhecimento ortográfico do português do Brasil.

O citado processo básico da etapa de alfabetização, pode ocorrer em dois anos, contudo, via de regra, é acrescido por outro, de extensão mais prolongada, comumente denominado de ortografização, o qual expandirá o conhecimento ortográfico do português do Brasil.

Conforme o texto da Base,

[...] os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes e lides, listas de regras da turma etc., pois favorecem um foco maior na grafia, complexificando-se conforme se avança nos anos iniciais. Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. Do mesmo modo, os conhecimentos e a análise linguística e multissemiótica avançarão em outros aspectos notacionais da escrita, como pontuação e acentuação. [...] (BRASIL, 2017, p. 91).

Passado o ciclo inicial, o desafio em relação ao trabalho com a linguagem oral e escrita é consolidar e garantir a continuidade do que foi aprendido nos dois primeiros anos e a superação de dificuldades que eventualmente se tenham acumulado. Para tanto, é necessário investigar quais conhecimentos sobre a linguagem verbal já foram construídos pelas crianças para poder planejar e desenvolver propostas e intervenções pedagógicas ajustadas às suas necessidades de aprendizagem. Evidentemente, avaliar o que foi ou não aprendido pressupõe considerar o que foi de fato ensinado e de que forma: é a partir

da relação estabelecida entre ensino e aprendizagem que se pode compreender melhor por que alguns aspectos dos conteúdos abordados foram mais bem aprendidos do que outros (ou não).

As possibilidades de desempenho dos alunos – que se espera cada vez mais autônomo e adequado com o passar do tempo – dependem tanto de seus conhecimentos prévios como da complexidade dos conteúdos ensinados e, por isso, os critérios de sequenciação dos conteúdos de Língua Portuguesa em todo o Ensino Fundamental são sempre os mesmos: as necessidades de aprendizagem identificadas e o nível de complexidade do que se pretende ensinar.

Como sabemos, garantir que as crianças adquiram autonomia no uso da língua é uma conquista gradual, entretanto, a convicção de que determinados conteúdos não são possíveis de se dominar completamente ao final de um determinado período não significa que não devam ser ensinados ou que parte da turma já não possa dominá-los. O repertório de conhecimentos linguísticos com o qual as crianças chegam à escola é muito diferente e, nos primeiros anos escolares, isso é algo que pode interferir de algum modo no desempenho que elas apresentam.

Assim, é necessário possibilitar às crianças o direito de aprender a ler e a escrever de maneira contextualizada, bem como é primordial assegurar a formação de estudantes que demonstrem competência no ato de ler, escrever, interpretar, compreender e fazer uso social desses saberes, e, por isso, tenham maiores condições de atuar como cidadãos nos tempos e espaços além da escola.

Assim, a expectativa é de que os alunos sejam capazes de:

1º ANO

- Comunicar-se através da fala, empenhando-se em ouvir com atenção e em adequar a linguagem a diferentes situações comunicativas do cotidiano, sabendo conversar num grupo, expressar sentimentos, ideias e opiniões, relatar acontecimentos, expor o que sabe sobre temas estudados e recontar histórias conhecidas, recuperando características da linguagem do texto recontado.
- Interagir com materiais diversificados de leitura, experimentando modos de ler que combinem – em diferentes níveis, conforme os conhecimentos que tenha – estratégias de decodificação, seleção, antecipação, inferência e verificação.
- Produzir uma escrita alfabética ou que dela se aproxime.
- Produzir textos de autoria, ditando para o professor ou colegas e, quando possível, de próprio punho, bem como reescrever e revisar histórias conhecidas, mantendo as ideias principais e algumas características da linguagem escrita, coletivamente ou com ajuda do professor.

2º ANO

- Comunicar-se pela fala, empenhando-se em ouvir com atenção e em adequar a linguagem a diferentes situações comunicativas do cotidiano; expressar sentimentos, ideias e opiniões; relatar acontecimentos, expor o que sabe sobre temas estudados, formular e responder a perguntas, intervir sem sair do assunto, explicar e compreender explicações, manifestar opiniões, respeitar os diferentes modos de falar.
- Ler, por si mesmos, diferentes gêneros textuais previstos para o ano, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar formas adequadas para abordá-los, com base nos conhecimentos sobre o tema e as características do portador, do gênero e da escrita e ler com ajuda do professor, textos para estudar os temas tratados nas diferentes áreas de conhecimento (enciclopédias, revistas, livros, sites da Internet etc.)
- Utilizar o conhecimento já construído sobre as convenções da escrita (ortografia, segmentação do texto em palavras, pontuação...) para escrever textos de alguns gêneros previstos para o ano preocupando-se que estejam na melhor forma possível
- Produzir textos de autoria, reescrever histórias conhecidas, mantendo as ideias principais e algumas características da linguagem escrita e revisar textos coletivamente, com ajuda do professor ou em parceria com colegas, até considera-lo suficientemente bem escrito para o momento.

3º ANO

- Comunicar-se pela fala em diferentes situações de interlocução em que sejam manifestados sentimentos, ideias e opiniões; relatadas experiências cotidianas e outros acontecimentos; formulados convites, pedidos, propostas ou respostas a eles; elaboradas conclusões sobre questões levantadas em discussões coletivas.
- Ler de modo autônomo textos de diferentes gêneros previstos para o ano, identificando os que atendem a interesses, possibilidades, necessidades em jogo e discutindo os sentidos construídos na leitura, utilizando em parceria, procedimentos de estudo propostos pelo professor.
- Utilizar, em situações de escrita com diversas finalidades, os conhecimentos já construídos sobre ortografia e pontuação, identificando

dúvidas e resolvendo-as da melhor forma possível.

- Produzir textos de autoria dos gêneros previstos para o ano, preocupando-se em adequá-los às diferentes situações comunicativas e torná-los coesos e coerentes e revisar em parceria textos próprios e de outros, em busca da melhor versão possível no momento, levando em consideração as condições de produção estabelecidas.

4º ANO

- Comunicar-se pela fala espontânea em diferentes situações de interlocução em que sejam manifestados sentimentos, ideias e opiniões; relatadas experiências cotidianas e outros acontecimentos; formulados convites, pedidos, propostas ou respostas a eles; apresentados argumentos e contra-argumentos; desenvolvidas reflexões críticas; negociados acordos; elaboradas conclusões sobre questões suscitadas por fontes diversas de informação, utilizando a linguagem oral de modo planejado em situações que favoreçam o progressivo domínio de registros formais.
- Ler, de modo autônomo e voluntário, textos correspondentes a diferentes gêneros selecionados para o ano e desenvolver procedimentos de estudo propostos pelo professor.
- Utilizar, em situações de escrita com diversas finalidades, os conhecimentos já construídos sobre aspectos convencionais (ortografia, acentuação, concordância, pontuação), recorrendo a diferentes fontes de consulta indicadas pelo professor.
- Produzir textos de autoria, correspondentes aos gêneros selecionados para o ano e, de modo cooperativo, textos de apoio à fala planejada e adequados às necessidades de estudo em diferentes áreas de conhecimento, bem como revisar textos próprios e de outros em busca da melhor versão possível, no momento, levando em consideração as condições de produção estabelecidas.

5º ANO

- Comunicar-se pela fala espontânea em diferentes situações de interlocução em que sejam manifestados sentimentos, ideias e opiniões;

relatadas experiências cotidianas e outros acontecimentos; formulados convites, pedidos, propostas ou respostas a eles; apresentados argumentos e contra-argumentos; desenvolvidas reflexões críticas; negociados acordos; elaboradas conclusões sobre questões suscitadas por fontes diversas de informação, utilizando a linguagem oral de modo planejado em situações que favoreçam o progressivo domínio de registros formais.

- Ler, de modo autônomo e voluntário, textos correspondentes a diferentes gêneros selecionados para o ano e desenvolver procedimentos adequados de estudo.
- Utilizar, em situações de escrita com diversas finalidades, os conhecimentos já construídos sobre aspectos convencionais (ortografia, acentuação, concordância, pontuação), buscando o maior ajuste possível aos padrões normativos da língua.
- Produzir, de modo autônomo, textos de autoria e de apoio à fala planejada, coesos e coerentes, correspondentes aos gêneros selecionados para o ano, planejados de acordo com diferentes situações comunicativas e revisar textos próprios e de outros quanto a aspectos discursivos e notacionais, levando em consideração as condições de produção estabelecidas.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

A Base nacional Comum Curricular apresenta 10 (dez) competências gerais para a Educação Básica e 06 (seis) competências específicas da área de Linguagens:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>02. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para in-</p>	<p>01. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.</p> <p>02. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida</p>

investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

- 03.** Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 04.** Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 05.** Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 06.** Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 07.** Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 08.** Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 09.** Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da di-

social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

- 03.** Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- 04.** Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 05.** Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 06.** Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

(BRASIL, 2017).

versidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

- 10.** Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DO COMPONENTE LÍNGUA PORTUGUESA

- 01.** Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- 02.** Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- 03.** Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- 04.** Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- 05.** Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- 06.** Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
- 07.** Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- 08.** Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

09. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Como uma maneira de sintetizar e orientar metodologicamente o professor quanto ao currículo do componente Língua portuguesa, apresentamos a seguir o quadro organizador curricular, com todos os objetivos de aprendizagem, do 1º ao 5º ano, organizado por eixos estruturantes e conteúdos a serem trabalhados pelos professores, com o intuito de garantir os direitos de aprendizagem de cada aluno.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR - LÍNGUA PORTUGUESA – 2º ANO

Objetivos Capacidades / competências amplas do Componente	Conteúdos/Objetivos do Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos	Propostas de atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<p>Comunicar-se pela fala, empenhando-se em ouvir com atenção e em adequar a linguagem a diferentes situações comunicativas do cotidiano; expressar sentimentos, ideias e opiniões; relatar acontecimentos, expor o que sabe sobre temas estudados, formular e responder a perguntas, intervir sem sair do assunto, explicar e compreender explicações, manifestar opiniões, respeitar os diferentes modos de falar.</p>	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Participação em situações de intercâmbio oral em que é preciso relatar acontecimentos, expressando-se com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor, usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. Escuta com atenção as falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário. Conversa sobre assuntos relacionados às vivências cotidianas e acontecimentos veiculados pela mídia. Reconhecimento de características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor. 	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Rodas de conversa (podem ser com atividades de outras áreas do conhecimento) que permitam à criança falar, ouvir com atenção, intervir sem sair do assunto tratado, formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações, manifestar e acolher opiniões, etc. Pequenos seminários, mesas-redondas, entrevistas que podem ou não estar inseridas em atividades sequenciadas e que requeiram uma escuta atenta. Reconto na roda de leitura e/ou relacionadas às atividades sequenciadas de Língua Portuguesa. Estudo de diferentes tipos de conversação, em diferentes situações comunicativas, utilizando gravações em áudio e/ou vídeo. Situações que requeiram ensaiar apresentações, possibilitando que as crianças emitam opiniões sobre a qualidade das apresentações, além de sugestões e/ou soluções para aprimorá-la. Situação que requer uma escuta atenta, como: assistir a um programa de vídeo, para depois realizar determinadas tarefas. Exemplo: fazer registro escrito que irá contribuir para apresentação de uma exposição. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação e registro de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior. <p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Não faz sentido propor as atividades da coluna anterior com a finalidade específica de avaliar. Análise do registro das anotações sobre como a criança produz textos oralmente em diferentes situações cotidianas comparando-as para verificar a evolução.

	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuição de significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, risos, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizações de pequenos seminários, rodas de conversa, solicitação de informações nos espaços da escola. Exemplo: biblioteca ou secretaria da escola, sobre passeios previstos no calendário escolar, visitas à exposições de arte e museus. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação (com ajuda de professor) de ruídos na comunicação oral (qualquer elemento que interfira no processo da transmissão de uma mensagem do emissor para um receptor) e suas possíveis soluções. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de ruídos na comunicação oral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças precisem compartilhar ideias para: solucionar determinado problema cotidiano, apresentar algo que está sendo produzido na classe, definir o destino de produções orais ou escritas, resolver um conflito, outros. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito aos diferentes modos de falar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Modos de falar. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação das finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências, outros). 	<ul style="list-style-type: none"> • Relato oral/Registro formal e informal. 		
	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconto oral (com e sem apoio de imagem) de textos literários lidos pelo professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconto oral. 	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situações de revisão de produções orais em que as crianças ouçam recontos e sejam convidadas a sugerir alterações. Considerando a situação comunicativa, o espaço onde será recontada a história, os conhecimentos do destinatário, a adequação à linguagem que irá usar para escrever. 	
	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção em colaboração com os colegas e ajuda do professor, de recados, avisos, convites, receitas, instruções de montagem, dentre outros gêneros do campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção de recados, avisos, convites, receitas, instruções de montagem, dentre outros 	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades com textos orais em que os alunos, com ajuda do professor, aprendam a planejar e produzir textos orais, dependendo da situação comunicativa. Exemplo: recados produzidos oralmente; (as instruções de 	

<p>da vida cotidiana, que possam ser repassados oralmente e/ou por meio de ferramentas digitais e/ou impressos, em áudio e/ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.</p>	<p>gêneros do campo da vida cotidiana.</p>	<p>montagem costumam ser elaboradas por escrito), podendo ser oralizadas, tendo como objetivo final a transmissão oral dos textos. Prevendo que criança pode saber o conteúdo de um recado e elaborar o texto quando falar ao destinatário (pessoalmente ou por meio de mensagem de voz em aplicativos de celular, outros) quanto pode necessitar ter o texto escrito para então ler ao interlocutor (como instruções de montagem e receitas, outros).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de canções em colaboração com os colegas ou o professor. Garantindo que todos tenham em mãos as letras das músicas para que possam cantar a canção. Pode-se articular o conteúdo ao eixo de reflexão sobre o sistema de escrita.
<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir e reproduzir oralmente cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cantigas e canções. 	
<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção em colaboração com os colegas e ajuda do professor, de notícias curtas para o público infantil. Confecção de noticiário que possa ser repassado oralmente e/ou em meio digital, em áudio e/ou vídeo, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção de notícias curtas para o público infantil. 	<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades com utilização de ferramentas digitais para que viabilizem a produção de textos em áudio e/ou vídeo. Pode-se propor, a análise da situação comunicativa e dos gêneros indicados, na modalidade oral. Com a finalidade de compreender as características para repertoriar o planejamento, produção e revisão dos textos, com apoio do registro escrito. • Atividade de análise, planejamento e produção dos gêneros textuais, slogans e peça para campanha de conscientização destinada ao público infantil. Exemplo: campanhas de trânsito, <i>bullying</i>, outros) Levando aos alunos a observar as características e finalidades dos gêneros.
<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento em colaboração com os colegas e com ajuda do professor, de <i>slogans</i> e peça para campanha de conscientização destinada ao público infantil que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento de <i>slogans</i> e peça para campanha de conscientização destinada ao público infantil. 	

	<p>em áudio e/ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.</p> <p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Planejamento e produção em colaboração com os colegas e com ajuda do professor, de relatos de experimentos, registros de observação, entrevistas, dentre outros gêneros do campo investigativo, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio e/ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema /assunto/finalidade do texto. Organização de pequenas exposições sobre um tema de estudo: organizando o que irá expor em função da relevância da informação, mantendo o fio condutor adequando a exposição ao tempo disponível. 	<ul style="list-style-type: none"> Planejamento e produção de relatos de experimentos, registros de observação, entrevistas, dentre outros gêneros do campo investigativo. Exposição oral 	<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades de planejamento e produção de textos do gênero investigativo, para mídias digitais. Considerando a situação comunicativa, o tema ou assunto, a finalidade da produção. É possível, por exemplo, preparar um relato de uma viagem, organizando previamente um esquema orientador e selecionando recursos a serem empregados na apresentação (esquemas, imagens, gráficos). Da mesma forma, é possível escrever um relato e lê-lo em voz alta, gravação de vídeo e/ou áudio, selecionando os recursos de mídia a serem utilizados. 	
<p>Ler, por si mesmos, diferentes gêneros textuais previstos para o ano, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar formas adequadas para abordá-los,</p>	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificação da função social de textos (com a ajuda do professor) que circulam em diferentes campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa/digital, TV, rádio, outros. Reconhecendo, para que tais textos foram produzidos? Onde circulam? Quem os produziu? E a quem se destinam? 	<ul style="list-style-type: none"> Função social de textos. 	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades de leitura colaborativa, em que os alunos analisem as características dos gêneros e com a ajuda do professor, estabeleçam relações entre eles. Os campos de atuação e sua organização interna. Espera-se que o aluno reconheça que, para informar-se sobre a vacinação contra febre amarela, por exemplo, pode-se ler notícias publicadas em jornais impressos e/ou digitais que circulam na esfera pública e privada. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação e registro de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior. Análise do registro das anotações sobre como a criança procede nessas diferentes situações cotidianas, comparando-as para verificar a evolução. Atividades de leitura semelhantes às listadas na coluna anterior, que sejam pertinentes para avaliar – por exemplo:

<p>com base nos conhecimentos sobre o tema e as características do portador, do gênero e da escrita e ler com ajuda do professor, textos para estudar os temas tratados nas diferentes áreas de conhecimento (jornais impressos, revistas, livros, sites da Internet, outros).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção destes textos, o gênero, o suporte e o universo temático. Bem como, os destaques textuais: recursos gráficos; imagens; dados da obra (índice, prefácio, outros). Confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, verificando a adequação das hipóteses levantadas. 		<ul style="list-style-type: none"> • Situações de leitura de diferentes gêneros previstos para o ano, com diferentes propostas, identificando a função social do texto. Identificar os motivos para a produção, onde circulam? Quem os produziu? E a quem se destinam? Os alunos podem também, fazer antecipações, inferências e verificações ao longo do processo de leitura. • Criar situações em que as crianças precisem ler com diferentes propósitos: ler para encontrar o poema preferido, para descobrir uma informação sobre um animal que estão estudando, um jogo novo que não se conhece as regras, uma receita que será feita na sala, uma piada engraçada. • Atividades de leitura compartilhada de textos que circulam em jornais impressos e/ou digitais, revistas impressas e/ou digitais, selecionando temas de interesse dos alunos e que sejam relevantes para a compreensão da realidade cotidiana. • O professor faz a Leitura para as crianças, citando os gêneros textuais previstos para ser estudados ao longo do ano. • Empréstimo de materiais para leitura (livros de literatura infantil, gibis, poesias, outros) • Situações de leitura na biblioteca ou sala de leitura da escola, podendo a criança selecionar livremente o que deseja ler. • Rodas de apreciação de literatura nas quais as crianças são convidadas a compartilhar suas impressões e interpretações sobre um texto lido ou ouvido. • Propostas de atividades em que as crianças precisem escolher o que será lido consultando um índice, um catálogo, outros. • Leitura para trocar opiniões com outros leitores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de instruções para realizar algo solicitado pelo professor (os enunciados das atividades, por exemplo) ou outras ações; - Leitura para relatar de modo resumido o assunto do texto; - Leitura para ordenar textos desordenados ou mesclados; - Leitura para localizar informações solicitadas pelo professor. <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As atividades de leitura para analisar as características dos textos (qualidade da linguagem, estilo do autor, tipo de destinatário, assunto, especificidades de um determinado gênero) devem ser feitas sempre coletivamente e com a ajuda do professor e não são adequadas para avaliar no Ciclo Inicial. • A leitura compartilhada de gibis pressupõe que cada criança tenha um exemplar (ou pelo menos que cada dupla tenha um). • Observação e registro de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior. • Análise do registro das anotações sobre como a criança procede nessas atividades, comparando-as para verificar a evolução. <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A proposta não é utilizar as atividades listadas na coluna anterior para avaliar as crianças, mas apenas 'iniciá-las' nessas práticas. É importantíssimo trabalhar com textos expositivos, porque na escola elas se defrontam com esses textos com muita frequência, por conta
	<ul style="list-style-type: none"> • Localização de informações explícitas em textos adequados para o ano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Informações explícitas. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Efeito de sentido. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de palavras novas com precisão na decodificação. Em caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Decodificação/Fluência de leitura. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa, seleção e leitura com a mediação do professor (leitura compartilhada), de textos que circulam em meios impressos e/ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses. 	<ul style="list-style-type: none"> • Textos que circulam em meios impressos e/ou digitais. 		

	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral, em situações vinculadas ao seu uso social, adequando-a ao contexto de comunicação. • Interesse em debater com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Debate – interpretações geradas pela leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura em situações que envolvem jogo simbólico. Exemplo: diferentes espaços organizados com informações que precisam ser lidas antes de iniciar a brincadeira. Exemplo: “faz de conta que...” supermercado, lanchonete, escritório, consultório médico, outros. • Situações de Leitura que envolvem brincadeiras (dentro e/ou fora da sala de aula). • Leitura de anedotas, piadas e outros textos divertidos. 	<p>dos assuntos relacionados aos diferentes componentes curriculares e, mesmo assim, não conseguem compreendê-los adequadamente. Isso acontece porque, de modo geral, não há um trabalho planejado com essa finalidade e, em consequência, as crianças acabam tendo dificuldade frente a esses textos que explicam conceitos, apresentam informações novas, descrevem problemas, comparam diferentes pontos de vista, argumentam a favor ou contra uma determinada hipótese ou opinião. Portanto, a perspectiva, aqui, é criar condições para que as crianças comecem a se relacionar com esses textos desde o ciclo inicial, sempre com a necessária ajuda do professor.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuição de sentido, ordenando o texto e o contexto, com ajuda do professor e/ou colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuição de sentido – texto e contexto. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação da modalidade de leitura ao propósito do texto. • Estudo destes textos para organizar uma exposição oral, com ajuda do professor e/ou colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Modalidade de leitura ao propósito do texto. • Texto expositivo. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do que é fundamental e secundário em um texto expositivo, com ajuda do professor e/ou de colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ideias principais em textos expositivos. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Resumo das ideias mais relevantes de um texto expositivo, com ajuda do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ideias principais. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para contrapor informações provenientes de diferentes fontes sobre um tema de interesse, com ajuda do professor e/ou colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contraposições de informações. 		
	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção de sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e 	<ul style="list-style-type: none"> • Histórias em quadrinhos relacionando imagens e palavras, interpretando 	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura compartilhada de gibis (professor lê e as crianças acompanham em seus exemplares). 	

<p>palavras, interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).</p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura e compreensão de textos em colaboração com colegas e ajuda do professor ou com certa autonomia, de listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais e/ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, relacionando sua forma de organização à sua finalidade. 	<p>recursos gráficos.</p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura e compreensão de listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais e/ou impressos) dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de leitura compartilhada, em que os alunos compreendam as características de textos selecionados de acordo com os gêneros previstos. Exemplo: Uma receita organiza-se pela presença de: título, quantidades dos ingredientes, modo de fazer. Pode conter ainda: rendimento, grau de dificuldade e tempo de cozimento. Pode ainda, adequar-se ao portador e espaço de circulação. Se for para crianças, as quantidades podem vir indicadas por imagens (xícara, colher outros) e a linguagem será menos complexa, em especial no “modo de fazer”; Nas atividades de estudo, convém destacar as características que forem importantes para a compreensão do texto, articular essas características à finalidade do texto. 	
<ul style="list-style-type: none"> Leitura e compreensão, com certa autonomia, de cantigas, canção e cantos, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, relacionando sua forma de organização à sua finalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura e compreensão de cantigas, canção e cantos, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades em que os alunos compreendam as características de cantigas e canções, gêneros que estão ligados às materialidades: letra e melodia. Na cantiga, a letra é escrita em versos e estrofes e sempre há rimas, o que nem sempre vale para as canções. Há vários tipos de cantigas: de ninar, de roda, de natal, a cada uma correspondendo finalidades específicas. A estrutura rítmica das cantigas e canções permite que se estabeleçam relações entre o que se canta e o que está escrito. O que cria condições para uma leitura de ajuste, possibilitando a reflexão sobre o sistema de escrita. 	
<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento de textos literários que fazem parte do mundo imaginário e apresentam uma dimensão lúdica e encantamento. Valorizando sua diversidade cultural e 	<ul style="list-style-type: none"> Textos literários. 	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades de leituras colaborativas, coletivas, de textos literários e não-literários, para que os alunos compreendam a natureza dos objetivos das diferentes práticas de leitura. 	

<p>como patrimônio artístico da humanidade.</p>		<p>Pode-se propor leitura por autores, por gênero, por região, valorizando a cultura de diferentes grupos sociais.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão, em colaboração com os colegas e ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, de textos narrativos de maior porte como: contos (populares, de fadas e acumulativos) e fábulas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de textos narrativos de maior porte como: contos (populares, de fadas e acumulativos) e fábulas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura de contos populares, de fadas e acumulativos, de maior extensão, resgatando conhecimentos prévios dos alunos sobre os contos de fada, observando e compreendendo as características dos gêneros literários, como por exemplo, os acontecimentos dentro da narrativa. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de poemas visuais/concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Poemas visuais e concretos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa, como roda de leitores, poemas visuais/concretos, utilizando materiais digitais com recursos de áudio, movimento e imagem para perceber os efeitos de sentido e visuais produzidos pelo texto, como a eliminação do verso; a disposição das palavras; a exploração dos aspectos sonoros, visuais dentre outros; 	
<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre texto, ilustrações e outros recursos gráficos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre textos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa, coletiva entre texto verbal e visual, propondo apreciações estéticas e afetivas que colaboram para a percepção, pelo aluno, das diferentes perspectivas pelas quais uma obra pode ser vista. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para participar de uma comunidade de leitores de literatura. • Manuseio e leitura de livros na classe e/ou biblioteca, empréstimo de materiais para leitura em casa, com supervisão do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de livros literários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa de poemas, textos versificados dentre outros — para estudo dos textos e modelização de procedimentos e comportamentos leitores —, como: a roda de leitores e o diário de leitura — para socialização de impressões sobre leituras realizadas e circulação de critérios de apreciação utilizados pelos diferentes leitores. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Releitura de um fragmento anteriormente lido para verificar se compreendeu corretamente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Releitura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de textos ou livros de um mesmo autor para conhecer sua obra. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Seleção do que não foi compreendido ou aparentemente não interessa, para avançar na leitura e buscar compreender melhor o que foi lido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura para analisar as características dos textos (qualidade da linguagem, estilo do au- 	

<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão, com certa autonomia, de textos literários de gêneros variados, para desenvolver o gosto pela leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de textos literários de gêneros variados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de textos literários de gêneros variados. 	<p>tor, tipo de destinatário, assunto, especificidades de um determinado gênero), coletivamente e com ajuda do professor.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de fragmentos de textos para apreciar os recursos utilizados por bons autores para deixar o texto mais interessante, mais bonito, mais claro. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de poemas e outros textos versificados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de poemas e outros textos versificados. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Valorização da leitura como situação de entretenimento e lazer buscando desenvolver o gosto pela literatura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura para deleite. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura para deleite. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Interesse para tomar emprestados livros do acervo da sala de aula e/ou biblioteca escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empréstimos de livros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empréstimos de livros. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Atentar para o cuidado no manuseio dos livros e demais materiais escritos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidados com o livro e outros materiais escritos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidados com o livro e outros materiais escritos. 		
<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão em colaboração com os colegas e ajuda do professor, de fotolegendas em notícias, manchetes e lides de notícias, álbum de fotos digitais noticioso e notícias curtas para público infantil, dentre outros gêneros do campo jornalístico. Considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de fotolegendas em notícias, manchetes e lides de notícias, álbum de fotos digitais noticioso e notícias curtas para público infantil, dentre outros gêneros do campo jornalístico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de fotolegendas em notícias, manchetes e lides de notícias, álbum de fotos digitais noticioso e notícias curtas para público infantil, dentre outros gêneros do campo jornalístico. 	<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura colaborativa de jornais e revistas (impressos e/ou digitais), para que os alunos possam conhecer o local de publicação de textos, contextualizando-os quanto à extensão, orientação de valores e características gráficas. Momentos de rodas de leitura de jornais, observando as características dos diferentes gêneros que circulam na mídia (notícia, reportagem, anúncios outros). • Atividades de leitura colaborativa, em duplas e/ou em grupos, de textos publicitários, slo 	

<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão em colaboração com os colegas e ajuda do professor, de <i>slogans</i>, anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de <i>slogans</i>, anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário. 	<p>gans, anúncios publicitários, textos de campanhas para conscientização, mostrando aos alunos que são textos que buscam convencer os leitores/ouvintes a consumirem determinados produtos, serviços e ideias. São textos multimodais, articulando imagem, texto verbal, cores e, quando radiofônicos, televisivos ou digitais, áudios e imagens ao mesmo tempo. Importante compreender as marcas linguísticas e recursos de outras linguagens no contexto da função dos gêneros e finalidades dos textos (uso do imperativo, metáforas, outros) e tematizar as relações de consumo tal como estão constituídas na nossa sociedade. Relacionando-os com a sustentabilidade e consumo consciente.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa, em grupos e/ou duplas, dos gêneros do campo da vida cidadã: avisos, folhetos, cartazes, regras e regulamentos que organizam as regras da escola e orientações práticas de comportamento, como os multimodais, com diferentes linguagens. Observando e compreendendo a organização interna, marcas linguísticas; conteúdo temático, função, finalidade do texto as características distintas entre eles, nas diversas situações comunicativas em que circulam.
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão em colaboração com os colegas e ajuda do professor de cartazes, avisos, folhetos, regras e regulamentos que organizam a vida na comunidade escolar, dentre outros gêneros do campo de atuação cidadã, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de cartazes, avisos, folhetos, regras e regulamentos que organizam a vida na comunidade escolar, dentre outros gêneros do campo de atuação cidadã. 	
<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão em colaboração com os colegas e do professor de enunciados de tarefas escolares, diagramas, curiosidades, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil, entre outros gêneros 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de enunciados de tarefas escolares, diagramas, curiosidades, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia 	<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa, de textos de gêneros investigativos. Exemplo: enunciados de tarefas escolares, diagramas, curiosidades, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil, considerando suas características, articulando à finalidade do texto, assim como a comparação entre textos por semelhanças e diferenças. Textos de curiosidade, por exemplo, são textos que apresentam aspectos

	<p>do campo investigativo. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da função de textos utilizados e apresentar informações coletadas em atividades de pesquisa (enquetes, pequenas entrevistas, registros de experimentações). • Exploração (com a mediação do professor) de textos informativos de diferentes ambientes digitais de pesquisa, conhecendo suas possibilidades. • Interesse em debater com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura. • Antecipação de sentidos do texto que está sendo lido e disponibilidade para verificá-las. • Releitura de um fragmento anteriormente lido para verificar se compreendeu corretamente. 	<p>infantil, entre outros gêneros do campo investigativo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Função social de textos (enquetes, pequenas entrevistas, registros de experimentações). • Exploração de textos informativos de diferentes ambientes digitais de pesquisa. • Debate – interpretações geradas pela leitura. • Estratégia de leitura – antecipação. • Releitura. 	<p>inusitados de animais, lugares, culturas, países, outros. E que muitas vezes se organizam a partir de uma pergunta: “você sabia que?”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de pesquisa, estudo ou investigação que leve o aluno a compreender qual é a função desse campo de atuação – por meio da análise das características dos textos indicados –, qual papéis tais gêneros possuem no estudo e desenvolvimento da pesquisa? As questões a serem respondidas pelos estudantes, então, seriam: qual a contribuição que uma enquete/entrevista/retrato de pesquisa pode oferecer à pesquisa? Sendo assim, qual a sua função? • Atividades de estudo de textos informativos de ambientes digitais, como revistas e jornais eletrônicos e digitais. Sites especializados e orientados para crianças e <i>blogs</i> confiáveis. O objetivo é a exploração de recursos, como <i>hiperlinks</i> para outros textos e para vídeos, o modo de organização das informações e as possibilidades e limites dos recursos próprios da ferramenta e do site específico. • Leitura para ordenar textos desordenados ou mesclados. • Leitura de regras de jogos ou instruções para construir brinquedos e outros objetos. • Leitura de instruções para realizar algo solicitado pelo professor (enunciados das atividades, por exemplo) ou outras ações. • Leitura para relatar de modo resumido (oralmente ou por escrito) o assunto do texto. • Leitura para localizar informações solicitadas pelo professor. • Ler para realizar atividades, que despertem aspectos aos quais professor considera necessários; 	
--	--	---	---	--

			<ul style="list-style-type: none"> • Situações de leitura oral (que podem estar inseridas numa sequência de atividades ou não) que ofereçam oportunidades à criança de se preparar e fazer a leitura de um texto em voz alta para comunicar algo aos colegas. • Leitura pelo professor de textos expositivos, para buscar uma informação e contrastá-la com outras. • Atividades sequenciadas para aprender a estudar. • Leitura para ampliar o conhecimento sobre temas trabalhados na escola ou assuntos de interesse (em dupla ou pequenos grupos), com ajuda do professor; • Leitura de textos expositivos para organização de uma apresentação oral (em dupla ou grupos), com ajuda do professor. • Leitura para selecionar um fragmento do texto que responde a uma pergunta, com ajuda do professor. • Leitura para fazer comentários, com ajuda do professor. • Leitura para elaborar perguntas sobre o conteúdo para os colegas responderem (em dupla ou pequenos grupos), com ajuda do professor. • Leitura de textos informativos para identificar as ideias principais (coletivamente), com ajuda do professor. • Leitura para elaborar títulos e subtítulos (coletivamente), com ajuda do professor. • Leitura para identificar a 'palavra-chave' que indica o conteúdo do parágrafo/trecho (coletivamente), com ajuda do professor. • Leitura para formular perguntas para as quais um parágrafo possa ser resposta (coletivamente), com ajuda do professor. 	
--	--	--	--	--

<p>Utilizar o conhecimento já construído sobre as convenções da escrita (ortografia, segmentação do texto em palavras, pontuação, outros) para escrever textos de alguns gêneros previstos para o ano, preocupando-se que estejam na melhor forma possível de escrita.</p>	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de textos considerando as convenções da língua escrita. • Uso progressivo do conhecimento sobre: <ul style="list-style-type: none"> • A separação entre as palavras; • A divisão do texto em frases, utilizando recursos do sistema de pontuação: maiúscula inicial, ponto final, exclamação e interrogação; • o estabelecimento das regularidades ortográficas (inferência de regras) e a constatação de irregularidades (ausência de regras): [H inicial; NH; LH; CH; M antes de P e B; R inicial, medial e final, RR; S inicial, medial e final, SS]. • Segmentação de palavras em sílabas, remoção e substituição de sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras, com o objetivo de compreender o processo de formação de palavras. • Leitura e escrita de palavras com correspondências regulares diretas entre letras e fonemas (f, v, t, d, p, b) e correspondências regulares contextuais (c e q; “e” e o), em posição átona em final de palavra). No que envolve as regulares dire- 	<ul style="list-style-type: none"> • Ortografia. • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura para elaborar resumos, identificando o que é principal e o que é secundário (coletivamente), com ajuda do professor. <p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de ortografia que envolvem construção de regras e atividades de sistematização. • Atividade de separação de palavras no texto, em situação de ditado onde as crianças escrevem e discutem quantas palavras o texto tem. • Atividades de pontuação em contexto de revisão de textos, em situações em que seja necessário analisar diferentes formas de pontuar utilizadas pelos autores, pontuar textos criados pelo professor que não apresentem nenhuma pontuação. • Situações de pontuação de piadas. • Atividades para analisar partes de palavras e montar outras podem acontecer com textos conhecidos pelos estudantes, como os nomes da classe, situação em que a segmentação é favorecida pelo aspecto da contextualização e compreensão do princípio do sistema alfabético de que, ao mudar determinada parte de um nome, muda-se o nome (MARIO/MARI/ARI/IAM, RIAM). • Atividade de ditado como situação de aprendizagem sobre as convenções da escrita e avaliação. • Atividades de ditado para que o professor tenha diagnóstico da turma sobre os conhecimentos da convenção ortográfica. Pode-se orientar que o aluno reveja o que escreveu para conferir a ortografia; recorra a fontes confiáveis; anote as regularidades descobertas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de produção de textos dos gêneros trabalhados. • Ditado de palavras, textos curtos ou pequenos trechos de texto (sem artificializar a pronúncia das palavras). • Observação e registro de como a criança procede enquanto realiza atividades (do tipo das relacionadas na coluna anterior). • Análise do conjunto das produções da criança, comparando-as para verificar a evolução. <p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • De todos os procedimentos relacionados à escrita, a cópia é o menos relevante e que demanda menos esforço da criança, até porque não é propriamente uma situação de produção escrita. Portanto, a avaliação dos procedimentos de cópia também tem menos relevância e pode acontecer apenas eventualmente ou a partir da observação da criança nas atividades cotidianas.
--	---	--	--	---

<p>tas, o desenvolvimento da habilidade acontece pela prática da leitura e escrita de modo permanente. No caso das regulares contextuais, é pertinente a construção de regras de observação das semelhanças e diferenças; portanto, a habilidade pressupõe outras distintas, que envolvem procedimento de análise e registro das descobertas.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de cópia somente em situações em que isto faça sentido para se apropriar de algo que seja significativo para as crianças – (Caderno de música, receita). • Atividades em que o aluno compreenda a ordem das letras na palavra e na sílaba, o que não costuma ser evidente para os estudantes. Recomenda-se que se priorize a análise e comparação entre escritas estáveis e as do aluno e, além disso, a análise de escritas diferentes de uma mesma palavra, realizadas em momentos distintos pelo aluno. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e escrita correta de palavras com sílabas CV, V, CVC, CCV, identificando que existem vogais em todas as sílabas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que o aluno compreenda, através da leitura de textos da tradição oral regionais, a relação existente entre fala e escrita. As atividades propostas podem sinalizar relações progressivas que vão desde um registro gráfico não convencional (ainda que relacionado à fala) para uma representação convencional que contemple a escrita de todos os fonemas. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e escrita correta de palavras com marcas de nasalidade (til, m, n). 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que o aluno, após a compreensão do sistema de escrita, adquira proficiência na grafia de textos com os dois tipos de letra: imprensa e cursiva. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Percepção do princípio acrofônico que opera nos nomes das letras do alfabeto, para o domínio da escrita. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do sistema de escrita alfabética e ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações que levem o aluno a refletir e superar, progressivamente, ideias como: artigos definidos, preposições, conjunções, pronomes átonos não devem ser representados por escrito; pronunciar “vem cá comigo” ou “a foto” juntos não torna esses segmentos palavras; na escrita, se enxerga agrupamentos de letras – as palavras – separados por espaços em branco ou sinais de pontuação, o que não acontece na fala. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Escrita de palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento das diversas grafias do alfabeto imprensa e cursiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que os alunos identifiquem os sinais gráficos que chamamos de sinais de 	
<ul style="list-style-type: none"> • Segmentação correta das palavras ao escrever frases e textos, evitando assim, a hiposegmentação ou a hipersegmentação de palavras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Segmentação. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Uso adequado de ponto final, ponto de interrogação e ponto 	<ul style="list-style-type: none"> • Pontuação. 		

	<p>de exclamação, para compreensão de efeitos de sentido no texto.</p>			
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos sinônimos de palavras nos textos lido, determinando a diferença de sentido entre eles. E formar antônimos de palavras encontradas nos textos lidos, pelo acréscimo do prefixo de negação in-/im-. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinônimos e antônimos. 	<p>pontuação; reconheçam — na leitura — sua função; usem, na produção escrita, esses sinais, para garantir legibilidade e provocar os efeitos de sentido desejados. Considerar, ainda, que este é um momento propício à organização inicial desse saber: pela análise dos efeitos de sentido provocados na leitura de textos, especialmente os conhecidos.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Formação do aumentativo e diminutivo de palavras com os sufixos -ão e -inho/-zinho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentativo e diminutivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que o aluno analise a diferença entre os sinônimos no que se refere ao contexto de uso; e forme o antônimo por prefixação definida. Essa tarefa supõe desconstruir a ideia de que os sentidos entre sinônimos são sempre idênticos. Além disso, apresenta ao aluno uma das possibilidades de formação do antônimo, a partir do acréscimo de um prefixo dado. • Atividades de compreensão do uso de aumentativo e diminutivo e do modo como são constituídos lexicalmente na sua forma regular: com as terminações -ão/-zão; -inho/-zinho. É importante analisar que em determinadas situações o uso do diminutivo e aumentativo nos textos, que podem acarretar sentidos depreciativos, pejorativos e afetivos. 	
	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação e (re)produção de cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, de rimas, aliterações, assonâncias, o ritmo de fala relacionado ao ritmo e à melodia das músicas e seus efeitos de sentido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, de rimas, aliterações e assonâncias. 	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura e escrita de textos conhecidos, como parlendas, poemas, cantigas, etc., para a análise da relação fonema-grafema e para a realização de leitura de ajuste, posto que sua organização versificada e o ritmo e melodia oferecem pistas sobre onde começam e terminam os versos. Projetos de coletâneas de cantigas, parlendas, trava-línguas são propostas que viabilizam esse trabalho. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e (re)produção bilhetes, recados, avisos, cartas, e-mails, receitas (modo de fazer), relatos (digitais e/ou 	<ul style="list-style-type: none"> • Bilhetes, recados, avisos, cartas, e-mails, receitas (modo de 		

	<p>impressos), da formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros textuais.</p>	<p>fazer), relatos (digitais e/ou impressos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que os alunos vivenciem, identifique e produzem bilhetes, cartas, recados, e-mails, dentre outros gêneros. Pode ser desenvolvido projetos de troca de cartas em classes de escolas diferentes, de sessões de degustação de pratos da região, acompanhados de um livro de receitas ou de um vlog que as apresenta podem ser boas propostas para viabilizar esse trabalho • Atividades de leitura colaborativa em que os alunos identifiquem os recursos linguísticos e discursivos que constituem os gêneros, como, relatos de experiências pessoais, de modo que seja possível empregá-los adequadamente nos textos a serem produzidos. Projetos para elaborar as memórias do grupo podem ser ótimas oportunidades para a produção desses textos. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e (re)produção de relatos de experiências pessoais, a sequência dos fatos, utilizando expressões que marquem a passagem do tempo (“antes”, “depois”, “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “outro dia”, “antigamente”, “há muito tempo”, outros.), e o grau de informatividade necessário. 		<ul style="list-style-type: none"> • Relatos de experiências pessoais. 		
<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação e reprodução de fotolegendas de notícias, álbum de fotos digitais noticiosos, cartas de leitor (revista infantil), digitais e/ou impressos, a formatação e diagramação específicas de cada um desses gêneros textuais, inclusive em suas versões orais. 		<ul style="list-style-type: none"> • Fotolegendas de notícias, álbum de fotos digitais noticiosos, cartas de leitor (revista infantil), digitais e/ou impressos. 	<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura colaborativa, de gêneros publicados em jornais e revistas, como notícias, cartas de leitor (revista infantil), em que os alunos compreendam as características do gênero. Projetos que prevejam a leitura de matérias de relevância social (local ou global) possibilitam uma compreensão mais crítica das matérias. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da forma de composição de <i>slogans</i> publicitários. 		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Slogans</i> publicitários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura e produção de textos publicitários, como anúncios e slogans, reconhecendo as particularidades dos textos, os recursos linguísticos-discursivos e empregando os recursos em suas produções. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e reprodução de anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil(oral e escrito, digital e/ou impresso),da formatação e diagramação específica de 		<ul style="list-style-type: none"> • Anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil. 		

	<p>cada um desses gêneros, com uso de imagens.</p> <p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação e reprodução de relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil, digitais e/ou impressos, da formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros textuais, inclusive em suas versões orais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatos de experimentos, entrevistas e verbetes de enciclopédia infantil, digitais e/ou impressos. 	<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que os alunos reconheçam e empreguem, no processo de leitura, os recursos linguísticos e discursivos que constituem os verbetes, relatos de experimentos, entrevistas, dentre outros, de modo que seja possível empregá-los adequadamente nos textos a serem produzidos. 	
	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de conflito gerador em uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conflito gerador em uma narrativa. 	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura colaborativa de textos narrativos, capazes de propiciar a análise e o reconhecimento do conflito gerador e sua resolução, além de identificar palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de textos versificados, rimas, sonoridades, jogos de palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Textos versificados, rimas, sonoridades, jogos de palavras, expressões e comparações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura colaborativa, com ajuda do professor, de textos versificados, identificando rimas, sonoridades, jogos de palavras, palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações. 	
<p>Produzir textos de autoria, reescrever histórias conhecidas, mantendo as ideias principais e algumas características da linguagem escrita e revisar textos coletivamente, com ajuda do professor ou em parceria com colegas, até</p>	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de textos de autoria (Inicialmente com apoio de outros textos e ajuda do professor) considerando o destinatário, o propósito e o gênero, preocupando-se com: <ul style="list-style-type: none"> - O planejamento do texto; - A organização das ideias de acordo com as características textuais de cada gênero; 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de textos de autoria, considerando o destinatário, o propósito e o gênero. • Releitura e revisão do texto • Edição de textos • Utilização de tecnologia digital 	<p>Todos os campos de atuação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de início ou final para histórias. • Atividades sequenciadas de produção dos gêneros definidos como prioritários para o ano. • Atividades permanentes de produção dos gêneros já aprofundados nas atividades sequenciadas. • Outras possibilidades: • Escrita de bilhetes, cartas, convites, comunicados em situações reais; 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de produção de texto de autoria semelhantes às relacionadas na coluna anterior. • Observação da criança enquanto realiza atividades de produção de texto de autoria, para verificar como procede. • Análise do registro das anotações sobre o desempenho da criança em relação à escrita de textos de autoria, comparando-as para verificar a evolução.

<p>considera-lo suficientemente bem escrito para o momento.</p>	<p>- A substituição do excesso de repetições e marcas da linguagem oral, por recursos coesivos apropriados: pontuação, conectivos, expressões de temporalidade.</p> <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para que os alunos possam se constituir em bons escritores, é imprescindível: uma prática contínua de produção de textos, um trabalho intenso de leitura com diferentes tipos de texto, situações de análise de textos bem escritos, situações de reflexão sobre formas adequadas de redigir e sobre a qualidade da linguagem utilizada para escrever textos. • É importante que as condições de produção textual estejam sempre garantidas – a existência de um destinatário real, domínio razoável sobre o gênero e o assunto, tempo suficiente para escrever, possibilidade de consultar materiais de apoio e pessoas, entre outros recursos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sistema de escrita alfabética/convenções da escrita 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita a partir de uma necessidade: convite para uma apresentação, comunicado sobre algo que aconteceu ou vai acontecer outros. • Escrita de cartões, convites, recados e outros, para outras turmas / para os familiares e outros; • Atividades sequenciadas e permanentes de produção de texto em que seja necessário revisar em diferentes momentos da produção. <p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a revisar textos é algo que depende não só da análise de textos com problemas, mas também de textos bem escritos para, na medida do possível, 'aprender pelo exemplo'. Isso pode ser feito a partir de atividades de apreciação de textos ou pequenos trechos bem escritos, para analisar a qualidade da linguagem, o estilo do autor, o tipo de destinatário, o propósito do texto, o tema, e outros. • Atividades de edição de textos utilizando ferramentas digitais de edição, com ajuda do professor. Pode-se trabalhar com projetos de elaboração de textos encontrados em: folhetos com orientações sobre questões/problemas locais; guias de pesquisas sobre assuntos de interesse da turma, entre outros. Possibilidade de trabalho Interdisciplinar com Arte no que se refere à utilização de diferentes tecnologias e recursos digitais nos processos de criação. • Produção de textos a partir de outros textos conhecidos: bilhete de um personagem para outro, mensagem de alerta sobre perigo e outros. • Revisão pela classe de um texto apresentado pelo professor que reflita os problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e registro de como a criança procede enquanto realiza atividades de reescrita. • Análise do registro das anotações sobre o desempenho da criança nas situações de reescrita, comparando-as para verificar a evolução. • Atividade de reescrita (do tipo das relacionadas na coluna anterior). • Observação de como a criança procede enquanto realiza atividades cotidianas de leitura para revisar. • Análise do registro das anotações sobre como a criança lê para revisar em diferentes situações cotidianas, comparando-as para verificar a evolução. • Atividade de leitura (ou escuta) de um texto com problemas com a tarefa de indicar as inadequações apresentadas no texto.
	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento com ajuda do professor e/ou individualmente que tipo de texto será produzido. Considerando a situação comunicativa, os interlocutores (Quem escreve? Para quem escreve?); a finalidade ou propósito (escrever para que?); a circulação (onde o texto vai circular?); o suporte 	<ul style="list-style-type: none"> • Situação comunicativa e contexto de produção de diferentes textos. 		

	<p>(qual é o portador do texto?); a linguagem, organização, forma do texto e o tema. Pesquisando em meios impressos e/ou digitais, sempre que for necessário. Buscar informações pertinentes à produção textual, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.</p>		<p>que as crianças apresentam em seus próprios textos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que os alunos produzam pequenos textos e observem o emprego da pontuação, acentuação, presença de letra maiúscula, paragrafação e distribuição gráfica de suas partes, entre outros. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Releitura e revisão do texto produzido com ajuda do professor e em colaboração com os colegas para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão de texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de textos conhecidos mudando o ponto de vista do narrador, a perspectiva de um personagem e/ou as características dos personagens ou inserindo personagens de outras histórias. • Produção de paródias. • Produção de textos a partir de uma necessidade: convite para uma apresentação, comunicado sobre algo que aconteceu ou vai acontecer, curiosidades sobre um tema estudado para ser registrado e colocado no mural. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Edição da versão final do texto em colaboração com os colegas e ajuda do professor. Ilustrando, quando for o necessário, em suporte adequado, manual e/ou digital. 	<ul style="list-style-type: none"> • Edição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relato de experiências vividas. • Produção de textos 'criados' a partir de conhecidos. • Escrever textos expositivos, coletivamente e com ajuda, sobre conteúdos estudados. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de <i>software</i>, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração de recursos multissemióticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades sequenciadas de reescrita de histórias conhecidas no coletivo, em dupla e individualmente. • Atividades permanentes de produção de textos com histórias conhecidas. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de texto, utilizando uma grafia correta das palavras conhecidas ou com estrutura silábica anteriormente dominada. Letras maiúsculas no início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção(ortografia). 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades sequenciadas e permanentes de produção de texto em que seja necessário revisarem diferentes momentos da produção. • Revisão conforme preveem as atividades Sequenciadas. • Revisão coletiva de textos produzidos por um grupo; 	

<p>ponto de interrogação e ponto de exclamação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cópia de textos curtos e significativos, mantendo suas características. Podendo voltar ao texto sempre que tiver dúvidas sobre a sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita de palavras e pontuação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cópia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão integrada à produção coletiva de texto; • Revisão de textos através de: • Bilhetes e/ou anotações feitas pelo professor que indicam aspectos do texto que precisam ser melhorados; • Situações onde as crianças submetam suas produções à apreciação de outros leitores. <p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a revisar textos é algo que depende não só da análise de textos com problemas, mas também da análise de textos bem escritos, para, na medida do possível, 'aprender pelo exemplo'. Isso pode ser feito a partir de atividades de apreciação de textos ou pequenos trechos bem escritos, para analisar a qualidade da linguagem, o estilo do autor, o tipo de destinatário, o propósito do texto, o tema e outros. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita de textos considerando o destinatário, o propósito e o gênero, preocupando-se com: • a organização das ideias de acordo com as características textuais de cada gênero; • Substituição do uso excessivo ou repetições de marcas da linguagem oral, por recursos coesivos apropriados :pontuação, conectivos, expressões de temporalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita. 			
<ul style="list-style-type: none"> • Revisão de textos produzidos por outras pessoas (com ajuda do professor). 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão. 			
<ul style="list-style-type: none"> • Revisão do próprio texto (com ajuda do professor): • Durante o processo de escrita, relendo cada parte, verificando a articulação com palavras escritas anteriormente e planejando o que falta escrever; • Depois de produzida uma primeira versão, revisar o texto para aprimorá-lo, considerando alguns aspectos como: 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão. 			

	adequação ao gênero, coerência e coesão textual, pontuação e ortografia.		
	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para submeter sua produção à apreciação de outros (professor e/ou colegas). 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de textos. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para discutir os efeitos que se quer produzir nos leitores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação de textos. 	
	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção de bilhetes e cartas, em meio impresso e/ou digital, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bilhetes e cartas, em meio impresso e/ou digital, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana. 	<p>Campo da vida cotidiana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades de produção de bilhetes e cartas que: envolvam análise de textos dos gêneros do campo da vida cotidiana, extraindo as suas características e construindo registros que possam repertoriar a produção; b) orientem o uso de procedimentos escritores, como reler o que está escrito para continuar escrevendo, consultar o planejamento para tomar decisões e revisar no processo e ao final.
	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção de pequenos relatos a respeito de observações de processos, fatos, experiências pessoais. Mantendo as características do gênero textual, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pequenos relatos a respeito de observações de processos, fatos, experiências pessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de planejamento e produção de pequenos relatos que envolvam análise de textos dos gêneros de relato, explicitando as suas características e construindo registros que possam repertoriar a produção; orientem o uso de procedimentos escritores, como: reler o que está escrito para continuar, consultar o planejamento para tomar decisões no momento da escrita e revisar no processo e ao final. é possível prever, por exemplo, projetos de elaboração de livros contendo diferentes relatos pessoais temáticos, diários das atividades desenvolvidas na classe, relatos de passeios realizados pela escola, entre outras possibilidades.
	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção em colaboração com os colegas e ajuda do professor, de (re) escrita de histórias conhecidas (fábulas, contos de fadas e acumulativos). • Preocupando-se em manter as características da linguagem e escrita de poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), 	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrita de histórias conhecidas (fábulas, contos de fadas e acumulativos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de escrita de reconto, ditados pelo professor, de histórias conhecidas, tex-

	poemas visuais/concretos, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário. Considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.		tos versificados conhecidos de memória (coletivamente, em duplas ou de modo autônomo), como letras de canção, quadrinhas e cordel, oportunizando a participação em situações comunicativas, como saraus, rodas de leitura de poemas e oralização de quadrinhas/cordel, em dia da família na escola.	
	<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escrita em colaboração com os colegas e ajuda do professor de fotolegendas de notícias, manchetes e lides de notícias, álbum de fotos digitais noticiosos e notícias curtas para público infantil, digitais e/ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotolegendas de notícias, manchetes e lides de notícias, álbum de fotos digitais noticiosos e notícias curtas para público infantil, digitais e/ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico. 	<p>Campo da vida pública</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade de escrita de notícias, fotolegendas manchetes e lides em notícias, álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para o público infantil, propondo reler o que está escrito para continuar, indicação de visitas a ambientes digitais para observação dos gêneros citados, de modo a explicitar suas características e construindo registros que possam repertoriar a produção. • Atividades de produção, com ajuda do professor e colegas, de slogans, anúncios publicitários, articulando temas relevantes para a região, como campanhas de preservação de parques, praças, de cuidado com os animais, entre outros, de modo a criar situações comunicativas em que faça sentido a conscientização de outros interlocutores da comunidade escolar. É possível sugerir portadores para esses textos, como folhetos e cartazes que possam ser divulgados no entorno da escola. • Atividades de planejamento e produção de cartazes, a partir das seguintes orientações: o uso de procedimentos escritores, como: reler o que está escrito para continuar, consultar o planejamento para tomar decisões no momento da escrita, revisar no processo e ao final; pesquisar temas que sejam relevantes para a região e permitam o uso da linguagem persuasiva. É possível, ainda, propor 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita em colaboração com os colegas e ajuda do professor de <i>slogans</i>, anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Slogans</i>, anúncios publicitários e textos para campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e produção de cartazes, folhetos para divulgar eventos da escola ou da comunidade, utilizando linguagem persuasiva e elementos textuais e visuais (tamanho da 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes, folhetos para divulgar eventos da escola ou da comunidade, utili- 		

	<p>letra, <i>layout</i>, imagens, outros) adequados ao gênero. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.</p>	<p>zando linguagem persuasiva e elementos textuais e visuais (tamanho da letra, <i>layout</i>, imagens, outros).</p>	<p>que: prevejam o planejamento coletivo da situação comunicativa e do texto; envolvam análise dos portadores e gêneros que os integram para explicitar suas características e elaborar registros; analisem os elementos presentes nos textos (imagens, textos, tipo de letra, tamanho, cor etc.).</p>
	<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Planejamento e produção em colaboração com os colegas e ajuda do professor de pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil e outros gêneros do campo investigativo, digitais e/ou impressos. Considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> Pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil e outros gêneros do campo investigativo, digitais e/ou impressos. 	<p>Campo das práticas de estudo e pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades em que o aluno planeje e produza, em colaboração, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes, dentre outros, propondo que: envolvam análise de textos dos gêneros do campo investigativo, de modo a explicitar as suas características; orientem o uso de procedimentos escritores, como: reler o que está escrito para continuar, consultar o planejamento para tomar decisões e revisar no processo e ao final. Atividade de planejamento e produção, coletiva, pelo ditado ao professor e em parceria com os colegas, de pequenos registros de observação de resultados de pesquisa, propondo que: indiquem situações de pesquisa e tomada de notas coletivas antes da produção de registros autônomos; orientem o uso de procedimentos escritores, como: reler o que está escrito para continuar, consultar o planejamento para tomar decisões no momento da escrita e revisar no processo e ao final.
	<ul style="list-style-type: none"> Planejamento e produção com certa autonomia de pequenos registros de observações, resultados de pesquisa, coerentes com um tema investigado. 	<ul style="list-style-type: none"> Planejamento e produção de pequenos registros de observações. 	
	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> Reescrita de textos narrativos literários lidos pelo professor. 	<ul style="list-style-type: none"> Reescrita de textos narrativos literários. 	<p>Campo artístico-literário</p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades de reescrita de textos narrativos literários lidos pelo professor, levando em conta que a atividade de recontagem de histórias prevê a elaboração de um texto cujo conteúdo já é conhecido pelo aluno. Pode-se sugerir atividades de redigir o enunciado, considerando a sua organização interna: se-

			quência temporal de ações, relações de causalidade estabelecidas entre os fatos, emprego de articuladores adequados entre os trechos do enunciado, utilização do registro literário, manutenção do tempo verbal, estabelecimento de coerência e coesão entre os trechos do texto, entre outros aspectos.	
--	--	--	--	--

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BNCC comentada. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio> Acesso em: dezembro, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio> Acesso em: abril, 2018.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa - anos iniciais. Brasília, MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim. Revista “Na ponta do lápis”. Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. 2010.



MATEMÁTICA

1. REFLEXÕES SOBRE A MATEMÁTICA

Para melhor compreender o ensino de Matemática na rede pública de ensino, é necessário fazer uma breve retrospectiva histórica sobre o seu ensino no Brasil e no Estado do Acre, tanto em relação à legislação, quanto aos documentos que orientam as práticas pedagógicas dos professores.

Para iniciar esse percurso dos documentos oficiais, vamos na Constituição Federal¹ no Título II - Dos Direitos e Garantias Fundamentais, no Capítulo II - Dos direitos sociais, no Art. 6º, reforça que a educação deve ser garantida por meio de direitos sociais. Nesse artigo temos a seguinte citação: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (EC nº 26/2000, EC nº 64/2010 e EC nº 90/2015)".

Na mesma Constituição Federal no Título VIII - Da Ordem Social, no Capítulo III - Da educação, da Cultura e do desporto, na seção I - Da educação, em seu Art. 205 afirma que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Assim, podemos chegar a alguns conceitos básicos da educação na Constituição, como a Educação é um direito de todos, a Educação é um dever do Estado, a Educação é um direito da família, a Educação deve ser fomentada pela sociedade.

E ainda, na Constituição Federal no Título VIII - Da Ordem Social, no Capítulo III - Da educação, da Cultura e do desporto, na seção I - Da educação, em seu Art. 210 afirma que "Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais". Assim, a Constituição torna o ensino gratuito e obrigatório, um dever do Estado e um direito do cidadão. Neste momento já se discutia a necessidade de estabelecer conteúdos mínimos para o ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº9.394/1996)² afirma no Título I - Da Educação - no Art. 1º que "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". E, que em relação ao currículo garante Art. 26º que "Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)³ do Ensino Fundamental surgiu em 1998 com o objetivo de dar garantia a todos os brasileiros (crianças e jovens), mesmo em condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir dos conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. E os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio, em 2000, que vieram para reformar o ensino em todo o território nacional junto com a Constituição Federal (1988) e com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (1996).

¹ BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. - Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 06/05/2019.

² BRASIL. Lei Darcy Ribeiro (1996). **LDB: Lei de diretrizes da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.- 13. ed. - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. - (Série legislação; n.263 PDF). Disponível em : <https://www.google.com/url?client=internal-uds-cse&cx=partner-pub-5857703812409507:6651582534&q=http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/19339/ldb_13ed.pdf%3Fsequence%3D46&sa=U&ved=2ahUKEwjyq4zZqlziAhWHGbkGHXQzDYsQFJAaegQIARAC&usq=AOvVaw28sP3YQTUwTZ3G1Uhy-W40>. Acesso em: 08/05/2019.

³ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares: matemática/ Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf>>. Acesso em: 07/05/2019.

Em 1999, a Secretaria de Estado de Educação do Acre, criou o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuada - Parâmetros em Ação, que ofereceu aos professores oportunidades para a reflexão, análise e revisão de sua prática pedagógica, com o objetivo de promover as intervenções no processo de ensino e aprendizagem.

Já em 2008 e 2009, com a finalidade de continuar apoiando as equipes escolares no processo de concretização do currículo, um novo processo de formação de professores foi realizado e foram elaborados novos subsídios para o trabalho pedagógico com as diferentes áreas curriculares, incluindo o Caderno de Orientação Curricular de Matemática, sendo disponibilizado em 2010 para as escolas da rede pública do Estado do Acre.

Em 2018, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴ se dar o início de uma nova etapa na educação brasileira. Esse documento é de caráter normativo e, é referência nacional obrigatório para a elaboração ou adequação dos currículos e propostas pedagógicas de todos os componentes curriculares.

Em matemática, ocorreu vários encontros entre os redatores do componente curricular e assessores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco/Acre e Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esportes onde estudaram, analisaram e discutiram as singularidades entre a proposta das Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental I e II vigente para o Estado do Acre e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Buscando identificar pontos comuns entre os documentos e o que precisaria ser (des)construído para a nova proposta curricular do Estado do Acre trazido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir da conclusão dessa etapa, os redatores do componente curricular de Matemática começaram a (re)escrever a proposta que contém os Objetivos (Capacidades), Conteúdos, Proposta de Atividades, Recursos e Formas de Avaliação que compõem o quadro organizador do Currículo de Referência Único do Estado do Acre - Ensino Fundamental I e II que irá nortear a produção dos documentos oficiais das unidades escolares. Em consonância com o trabalho vigente foi desenvolvido a produção do texto introdutório do componente curricular de Matemática, onde consta a trajetória de todo o processo e as concepções que norteiam o ensino de Matemática no Estado do Acre.

A etapa seguinte foi a apresentação da primeira versão deste documento, em consulta pública a todos os professores, coordenadores, gestores e a sociedade em geral ocorrido em todos os municípios do Estado do Acre onde eles tiveram a oportunidade de conhecer e opinar sobre as mudanças que consideraram necessárias. Além disso, especialistas do componente curricular realizaram leituras críticas e apontaram sugestões especializadas. Essas mudanças foram analisadas pelos redatores e agregadas dentro das pertinências que não contradiziam a concepção adotada no Currículo de Referência Único do Estado do Acre - Ensino Fundamental I e II. Feito todas as alterações, o documento foi enviado ao Conselho Estadual de Educação do Acre.

Assim, o Currículo de Referência Único do Estado do Acre - Ensino Fundamental I e II predomina uma concepção de ensino e aprendizagem onde o aluno é protagonista no processo de construção do conhecimento e o professor é o mediador dessa construção, proporcionando situações desafiadoras e intervenções problematizadoras que irão oportunizar os alunos na produção de seu conhecimento.

A Matemática no Ensino Fundamental tem como um de seus objetivos evidenciar para o aluno a importância de valorizá-la como um instrumental para que possa compreender o mundo à sua volta. Por outro lado, é uma área do conhecimento que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas (PCNEF, 1998, p. 15). A Base foca no que o aluno precisa desenvolver, para que o conhecimento matemático seja uma ferramenta para ler, compreender e transformar a realidade. O novo texto deixa mais claro o propósito de levar o aluno a pensar a partir das informações recebidas, de analisá-las e de responder com uma postura ativa (BNCC, Brasil 2018). Podemos considerar, ainda, que as finalidades do ensino de Matemática no Ensino Fundamental têm o seu caráter prático e utilitário, assim como objetivam o desenvolvimento do raciocínio lógico, dedutivo e indutivo.

⁴ BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base - Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 13/05/2019.

O conhecimento matemático é necessário para todos os alunos da Educação Básica, seja por sua grande aplicação na sociedade contemporânea, seja pelas suas potencialidades na formação de cidadãos críticos, cientes de suas responsabilidades sociais (BNCC, Brasil 2018, p.265).

A Matemática não se restringe apenas à quantificação de fenômenos determinísticos – contagem, medição de objetos, grandezas – e das técnicas de cálculo com os números e com as grandezas, pois também estuda a incerteza proveniente de fenômenos de caráter aleatório. A Matemática cria sistemas abstratos, que organizam e inter-relacionam fenômenos do espaço, do movimento, das formas e dos números, associados ou não a fenômenos do mundo físico. Esses sistemas contêm ideias e objetos que são fundamentais para a compreensão de fenômenos, a construção de representações significativas e argumentações consistentes nos mais variados contextos (BNCC, Brasil 2018, p.265).

No Ensino Fundamental, essa área, por meio da articulação de seus diversos campos – Números, Álgebra, Geometria, Grandeza e Medidas, Estatística e Probabilidade, precisa garantir que os alunos relacionem observações empíricas do mundo real a representações (tabelas, figuras e esquemas) e associem essas representações a uma atividade matemática (conceitos e propriedades), fazendo induções e conjecturas. Assim, espera-se que eles desenvolvam a capacidade de identificar oportunidades de utilização da Matemática para resolver problemas, aplicando conceitos, procedimentos e resultados para obter soluções e interpretá-las segundo os contextos das situações. A dedução de algumas propriedades e a verificação de conjecturas, a partir de outras, podem ser estimuladas, sobretudo ao final do Ensino Fundamental (BNCC, Brasil 2018, p. 265).

2. CONCEITOS CHAVE A ABORDAGEM METODOLÓGICA

O Ensino Fundamental deve ter compromisso com o desenvolvimento do **letramento matemático**⁵, definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas. É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da Matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição). O desenvolvimento dessas habilidades está intrinsecamente relacionado a algumas formas de organização da aprendizagem matemática, com base na análise de situações da vida cotidiana, de outras áreas do conhecimento e da própria Matemática. Os processos matemáticos de resolução de problemas, de investigação, de desenvolvimento de projetos e da modelagem podem ser citados como formas privilegiadas da atividade matemática, motivo pelo qual são, ao mesmo tempo, objeto e estratégia para a aprendizagem ao longo de todo o Ensino Fundamental. Esses processos de aprendizagem são potencialmente ricos para o desenvolvimento de competências fundamentais para o letramento matemático (raciocínio, representação, comunicação e argumentação) e para o desenvolvimento do pensamento computacional (BNCC, Brasil 2018, p.266).

Em todas as unidades temáticas, a delimitação dos conteúdos (habilidades) considera que as noções matemáticas são retomadas, ampliadas e aprofundadas ano a ano. No entanto, é fundamental considerar que a leitura dessas habilidades não seja feita de maneira fragmentada. A compreensão do papel que determina a habilidade, representa no conjunto das aprendizagens uma demanda a compreensão de como ela se conecta com habilidades dos anos anteriores, o que leva à identificação das aprendizagens já consolidadas, e em que medida o trabalho para o desenvolvimento da habilidade em questão

⁵ Segundo a **Matriz do Pisa 2012**, o “letramento matemático é a capacidade individual de formular, empregar e interpretar a matemática em uma variedade de contextos. Isso inclui raciocinar matematicamente e utilizar conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas para descrever, explicar e prever fenômenos. Isso auxilia os indivíduos a reconhecer o papel que a matemática exerce no mundo e para que cidadãos construtivos, engajados e reflexivos possam fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões necessárias.”. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/marcos_referenciais/2013/matriz_avaliacao_matematica.pdf>. Acesso em: 23 mar.2017.

serve de base para as aprendizagens posteriores. Nesse sentido, é fundamental considerar, por exemplo, que a contagem até 100, proposta no 1º ano, não deve ser interpretada como restrição a ampliações possíveis em cada escola e em cada turma. Afinal, não se pode frear a curiosidade e o entusiasmo pela aprendizagem, tão comum nessa etapa da escolaridade, e muito menos os conhecimentos prévios dos alunos (BNCC, Brasil 2018, p.276).

Na Matemática escolar, o processo de aprender uma noção em um contexto, abstrair e depois aplicá-la em outro contexto envolve capacidades essenciais, como formular, empregar, interpretar e avaliar – criar, enfim –, e não somente a resolução de enunciados típicos que são, muitas vezes, meros exercícios e apenas simulam alguma aprendizagem. Assim, algumas das habilidades formuladas começam por: “resolver e elaborar problemas envolvendo...”. Nessa enunciação está implícito que se pretende não apenas a resolução do problema, mas também que os alunos reflitam e questionem o que ocorreria se algum dado do problema fosse alterado ou se alguma condição fosse acrescida ou retirada. Nessa perspectiva, pretende-se que os alunos também formulem problemas em outros contextos (BNCC, Brasil 2018, p.277).

Nessa direção, este documento propõe cinco unidades temáticas – [Números](#), [Álgebra](#), [Geometria](#), [Grandezas e Medidas](#) e [Probabilidade e Estatística](#) - correlacionadas, que orientam a formulação de conteúdo a serem desenvolvidos ao longo do Ensino Fundamental. Cada um deles pode receber ênfase diferente, a depender do ano de escolarização (BNCC, Brasil 2018, p. 268).

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

Para a definição de direitos de aprendizagem e dos conteúdos matemáticos do Ensino Fundamental, esse documento, como relatado acima, pauta a intrínseca relação entre os componentes curriculares, priorizando a aprendizagem dos alunos de forma integralizada, projetando a formação dos nossos alunos em um cidadão completo e consciente de como deve ser a sua atuação na sociedade, sendo capaz de atuar sobre as diferentes situações que irá vivenciar em sua vida pessoal e profissional, em detrimento à aprendizagem tradicional que produzia uma aprendizagem fragmentada sem uma correlação entre os conhecimentos dos componentes curriculares que outrora eram discutidos nos ambientes escolares.

Além, da integralidade entre os componentes curriculares, este currículo tem como princípio promover a cultura da regionalidade presente em nosso estado, como também, a inclusão de todas as crianças ao direito fundamental de aprender, para tanto, utilizamos critérios que estão explicitados na sequência deste documento:

Relevância social e cultural

Conceitos, procedimentos e atitudes que são fundamentais para a compreensão de problemas, fenômenos e fatos da realidade social e cultural acreanos, visto que uma das finalidades da escola é a inserção dos jovens na sociedade e na cultura local.

Relevância para a formação intelectual do aluno e potencialidade para a construção de habilidades comuns

Conceitos, procedimentos e atitudes matemáticos que potencializem o desenvolvimento de habilidades como as de investigar, estabelecer relações, argumentar, conjecturar, justificar, entre outras.

Potencialidade para estabelecer conexões interdisciplinares e contextualizações

Conceitos/temas matemáticos que permitam estabelecer relações entre o conhecimento e as situações cotidianas vividas pelo aluno, mas também contemplem contextualizações históricas, culturais e que permitam o intercâmbio de ideias com outras áreas curriculares, em projetos interdisciplinares.

Acessibilidade e adequação aos interesses da faixa etária e necessidades de aprendizagem

É fundamental que as propostas sejam planejadas de modo a interessar os alunos, colocando desafios compatíveis com suas possibilidades e necessidades de aprendizagem.

A seleção dos conteúdos matemáticos a serem trabalhados teve como objetivo a busca de uma formação geral direcionada ao desenvolvimento da cidadania. Nesse sentido, um dos grandes desafios para os professores de Matemática é, em meio a uma grande gama de conhecimentos matemáticos, selecionar aqueles que, por um lado, são importantes para a vida das pessoas na sociedade contemporânea e desempenham papel importante na formação do cidadão, e, por outro lado, que permitam o desenvolvimento de capacidades formativas, o desenvolvimento de atitudes e os que consideram o valor estético e o caráter lúdico e recreativo da Matemática. (Série Cadernos de Orientação Curricular, Acre 2010, p. 21)

Orientações e reflexões para o Ensino Fundamental

No Acre, considerando a existência de uma diversidade cultural, a Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esportes, e demais instituições, construíram o presente documento para nortear o caminho a percorrer e garantir aos estudantes a consolidação de conhecimentos necessários para vida. Nesse sentido, as escolas precisam adequar o seu Projeto Político Pedagógico de modo que considere as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes.

4. ORIENTAÇÕES E REFLEXÕES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, deve-se retomar as vivências cotidianas das crianças com números, formas e espaço, e as experiências desenvolvidas na Educação Infantil, para iniciar uma sistematização dessas noções. Nessa fase, as habilidades matemáticas que os alunos devem desenvolver não podem ficar restritas à aprendizagem dos algoritmos das chamadas “quatro operações”, apesar de sua importância. No que diz respeito ao cálculo, é necessário acrescentar, à realização dos algoritmos das operações, a habilidade de efetuar cálculos mentalmente, fazer estimativas, usar calculadora e, ainda, para decidir quando é apropriado usar um ou outro procedimento de cálculo.

Portanto, este documento orienta-se pelo pressuposto de que a aprendizagem em Matemática está intrinsecamente relacionada à compreensão, ou seja, à apreensão de significados dos objetos matemáticos, sem deixar de lado suas aplicações. Os significados desses objetos resultam das conexões que os alunos estabelecem entre eles e os demais componentes, entre eles e seu cotidiano e entre os diferentes temas matemáticos. Desse modo, recursos didáticos como malhas quadriculadas, ábacos, jogos, livros, vídeos, calculadoras, planilhas eletrônicas e *softwares* de geometria dinâmica têm um papel essencial para a compreensão e utilização das noções matemáticas. Entretanto, esses materiais precisam estar integrados a situações que levem à reflexão e à sistematização, para que se inicie um processo de formalização.

Assim, tomando-se como referência o conjunto de orientações pedagógicas contidas neste documento, os direitos de aprendizagem, para cada unidade temática, no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é de que os alunos sejam capazes de:

Números: resolver problemas com números naturais e números racionais cuja representação decimal é finita, envolvendo diferentes significados das operações, argumentem e justifiquem os procedimentos utilizados para a resolução e avaliem a plausibilidade dos resultados encontrados. No tocante aos cálculos, espera-se que os alunos desenvolvam diferentes estratégias para a obtenção dos resultados, sobretudo por estimativa e cálculo mental, além de algoritmos e uso de calculadoras.

Nessa fase espera-se também o desenvolvimento de habilidades no que se refere à leitura, escrita e ordenação de números naturais e números racionais por meio da identificação e compreensão de características do sistema de numeração decimal, sobretudo o valor posicional dos algarismos. Na perspectiva de que os alunos aprofundem a noção de número, é importante colocá-los diante de tarefas, como as que envolvem medições, nas quais os números naturais não são suficientes para resolvê-las, indicando a necessidade dos números racionais tanto na representação decimal quanto na fracionária.

Álgebra: desenvolver as ideias de regularidade, generalização de padrões e propriedades da igualdade. No entanto, nessa fase, não se propõe o uso de letras para expressar regularidades, por mais simples que sejam. A relação dessa unidade temática com a de Números é bastante evidente no trabalho com sequências (recursivas e repetitivas), seja na ação de completar uma sequência com elementos ausentes, seja na construção de sequências segundo uma determinada regra de formação. A relação de equivalência pode ter seu início com atividades simples, envolvendo a igualdade, como reconhecer que $2 + 3 = 5$ e $5 = 4 + 1$, então $2 + 3 = 4 + 1$. Atividades como essa contribuem para a compreensão de que o sinal de igualdade não é apenas a indicação de uma operação a ser feita. A noção intuitiva de função pode ser explorada por meio da resolução de problemas envolvendo a variação proporcional direta entre duas grandezas (sem utilizar a regra de três), como: “Se com duas medidas de suco concentrado eu obtenho três litros de refresco, quantas medidas desse suco concentrado eu preciso para ter doze litros de refresco?”

Geometria: identificar e estabelecer pontos de referência para a localização e o deslocamento de objetos, construam representações de espaços conhecidos e estimem distâncias, usando, como suporte, mapas (em papel, tablets ou smartphones), croquis e outras representações. Em relação às formas, espera-se que os alunos indiquem características das formas geométricas tridimensionais e bidimensionais, associem figuras espaciais a suas planificações e vice-versa. Espera-se, também, que nomeiem e comparem polígonos, por meio de propriedades relativas aos lados, vértices e ângulos. O estudo das simetrias deve ser iniciado por meio da manipulação de representações de figuras geométricas planas em quadriculados ou no plano cartesiano, e com recurso de *softwares* de geometria dinâmica.

Grandezas e Medidas: reconhecer que medir é comparar grandezas, e o resultado dessa comparação deve ser expresso por meio de um número e uma unidade de medida. Além disso, devem resolver problemas oriundos de situações cotidianas que envolvem grandezas como comprimento, massa, tempo, temperatura, área (de triângulos e retângulos) e capacidade e volume (de sólidos formados por blocos retangulares), sem uso de fórmulas, recorrendo, quando necessário, a transformações entre unidades de medida padronizadas mais usuais. Espera-se, também, que resolvam problemas sobre situações de compra e venda e desenvolvam, por exemplo, atitudes éticas e responsáveis em relação ao consumo. Sugere-se que esse processo seja iniciado utilizando, preferencialmente, unidades não convencionais para fazer as comparações e medições, o que dá sentido à ação de medir, evitando a ênfase em procedimentos de transformação de unidades convencionais. No entanto, é preciso considerar o contexto em que a escola se encontra: em escolas de regiões agrícolas, por exemplo, as medidas agrárias e agrícolas, podem merecer maior atenção em sala de aula, tais como: nas medidas de superfície: alqueire e tarefa; nas medidas de massa, o "paneiro de farinha", a "saca de farinha", nas medidas de comprimento: léguas, "um dia de caminhada", a braça, o palmo; nas medidas de capacidade: a "lata de castanha", "cubicar" um tronco de árvore.

Probabilidade e Estatística: compreender que nem todos os fenômenos são determinísticos. Para isso, o início da proposta de trabalho com probabilidade está centrado no desenvolvimento da noção de aleatoriedade, de modo que os alunos compreendam que há eventos certos, eventos impossíveis e eventos prováveis. É muito comum que pessoas julguem impossíveis eventos que nunca viram acontecer. Nessa fase, é importante que os alunos verbalizem, em eventos que envolvem o acaso, os resultados que poderiam ter acontecido em oposição ao que realmente aconteceu, iniciando a construção do espaço amostral.

Com relação à estatística, os primeiros passos envolvem o trabalho com a coleta e a organização de dados de uma pesquisa de interesse dos alunos. O planejamento de como fazer a pesquisa ajuda a compreender o papel da estatística no cotidiano dos alunos. Assim, a leitura, a interpretação e a construção

de tabelas e gráficos têm papel fundamental, bem como a forma de produção de texto escrito para a comunicação de dados, pois é preciso compreender que o texto deve sintetizar ou justificar as conclusões. (BNCC, Brasil 2018).

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

Levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular, esta Orientação Curricular leva em conta que os diferentes campos que compõem a Matemática reúnem um conjunto de **ideias fundamentais** que produzem articulações entre eles: equivalência, ordem, proporcionalidade, interdependência, representação, variação e aproximação.

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica, a área de Matemática e, por consequência, o componente curricular de Matemática devem garantir aos alunos o desenvolvimento de **competências específicas**, que estão diretamente relacionadas com as competências gerais estabelecida na BNCC e que serão dispostas no quadro abaixo:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>1. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>2. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>3. Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p> <p>4. Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em</p>	<p>1. Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho.</p> <p>2. Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo.</p> <p>3. Compreender as relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções.</p> <p>4. Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las crítica e eticamente, produzindo argumentos convincentes.</p>

diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

5. Utilizar processos e ferramentas matemáticas, inclusive tecnologias digitais disponíveis, para modelar e resolver problemas cotidianos, sociais e de outras áreas de conhecimento, validando estratégias e resultados.

6. Enfrentar situações-problema em múltiplos contextos, incluindo-se situações imaginadas, não diretamente relacionadas com o aspecto prático-utilitário, expressar suas respostas e sintetizar conclusões, utilizando diferentes registros e linguagens (gráficos, tabelas, esquemas, além de texto escrito na língua materna e outras linguagens para descrever algoritmos, como fluxogramas, e dados).

7. Desenvolver e/ou discutir projetos que abordem, sobretudo, questões de urgência social, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários, valorizando a diversidade de opiniões de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

8. Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles.

(BRASIL, 2017).

6. QUADRO ORGANIZADOR DE CONTEÚDOS – MATEMÁTICA - 2º ANO

Objetivos Capacidades / competências amplas do Componente	Conteúdos/Objetos de Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Propostas de Atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de Avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> • Construir o significado do número natural a partir de seus diferentes usos no contexto social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de números para expressar quantidades de elementos de uma coleção. • Utilização de números para expressar a ordem dos elementos de uma coleção ou sequência. • Utilização de números na função de código para identificar linhas de ônibus, telefones, placas de carros, registros de identidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Função social dos números. • Leitura e escrita de números naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças precisam indicar o número de elementos de uma coleção de objetos ou de um grupo de pessoas e representá-lo simbolicamente. • Situações em que as crianças precisam indicar a posição de uma pessoa, de um objeto, de um dia ou mês, numa sucessão ordenada pela quantidade. • Situações em que as crianças possam utilizar os números para expressar codificações utilizadas socialmente, fazendo agenda de telefones, anotando placas de carro de pessoas conhecidas e percebendo como letras e números são combinados nessas placas. • Realização de atividades de preenchimento do calendário, dando ênfase à sequência dos dias da semana e do mês, do número de dias da semana e do mês, da escrita que identifica o ano, fazendo previsões e destacando datas importantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como a criança percebe a função dos números e de como as utiliza em situações-problema em que eles aparecem com a função cardinal, ordinal, como medida e como codificação. • Identificação de quais são números familiares e frequentes para cada criança e com que números ela é capaz de lidar, para intervenções e estímulo ao aprofundamento. • Registro de como cada criança faz uso da sequência numérica.
<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar e produzir escritas numéricas, levantando hipóteses sobre elas, com base na observação de regularidades, 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação de quantidades de objetos de dois conjuntos, por estimativa e/ou por correspondência (um a um, dois a dois, entre outros), para indicar “tem mais”, “tem menos” ou “tem a 	<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência um a um, dois a dois, etc. • Estimativas. • Quantificação de elementos de uma coleção. • Comparação entre quantidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de situações-problema como: apresentar o número 18 e pedir para o aluno comparar com o número 16, ele vai concluir que 18 é maior que 16 e expressar a comparação: 16 é dois a menos que 18 ou que 18 é dois a mais que 16. Expressões tais como igual, diferente, maior, menor e a mesma 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como a criança realiza atividades como as descritas na coluna anterior. • Identificação de como evoluíram as hipóteses de cada criança sobre relação entre ‘o comprimento’ do número à sua ordem de grandeza,

<p>utilizando-se da linguagem oral, de registros informais e da linguagem matemática.</p>	<p>mesma quantidade”, indicando, quando for o caso, quantos a mais e quantos a menos.</p> <ul style="list-style-type: none"> Utilização de diferentes estratégias para quantificar elementos de uma coleção (contagem, formação de pares, agrupamentos e estimativas) e registrar o resultado da coleção (até 1000 unidades). 	<ul style="list-style-type: none"> Princípios que estruturam o SND (decimal, posicional, aditivo e multiplicativo). Leitura, escrita e comparação de números naturais. 	<p>quantidade são importantes para expressar comparações, visto que, nesse momento não se usa os sinais de comparação.</p> <ul style="list-style-type: none"> Realização de rodas de contagem onde as crianças, uma a uma, tenham que falar oralmente a sequência numérica, com variações: contagens de 10 em 10, contagens de 20 em 20, ora usando escalas ascendentes (do menor para o maior), ora escalas descendentes (do maior para o menor). 	<p>a comparação de escritas de números com igual quantidade de ordens, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificação de como evoluíram os registros das crianças nas escritas numéricas, de forma geral.
	<ul style="list-style-type: none"> Contagem em escalas ascendentes e descendentes de um em um, de dois em dois, de cinco em cinco, de dez em dez etc. 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura e escrita de números pela compreensão de características do sistema de numeração decimal (valor posicional e papel do zero). Contagem de um a um, de dois a dois, de cinco em cinco, de dez em dez. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de situações-problema como, por exemplo: apresentar um certo número de tampinhas verdes (35) e um certo número de tampinhas azuis (36) e pedir para que encontrem uma forma de dizer o que tem mais. As crianças podem usar a contagem, mas também podem perceber que formando pares com uma tampinha de cada cor, ao final, poderão responder à pergunta. 	
	<ul style="list-style-type: none"> Formulação de hipóteses sobre a grandeza numérica, pela identificação da quantidade de algarismos que compõem sua escrita e/ou pela identificação da posição ocupada pelos algarismos que compõem sua escrita. Produção de escritas numéricas identificando regularidades e regras do 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura e escrita de números pela compreensão de características do sistema de numeração decimal Composição e decomposição de números naturais. Reta numérica. Comparação de número naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de situações-problema como, por exemplo: apresentar, desenhadas no papel, uma grande quantidade de parafusos e uma grande quantidade de porcas, de modo que a contagem ou a formação de pares não seja uma boa estratégia para saber o que tem mais. As crianças podem perceber que a comparação pode ser feita por meio de agrupamentos, formando grupinhos de 10, por exemplo. Situações em que as crianças explorem as escritas numéricas como elas aparecem em seu cotidiano: nos jornais, nas revistas, nos panfletos de lojas, mercados, para que possam distinguir 	

	<p>sistema de numeração decimal.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uso da calculadora para produzir escritas de números que são ditados. • Comparação e ordenação de números naturais (até a ordem de centenas) pela compreensão de características do sistema de numeração decimal (valor posicional e função do zero). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ordenação de número naturais. • Quadro numérico e suas regularidades. 	<p>seus usos (preço, data, quantidade, peso, etc.) e também formular hipóteses sobre a leitura desses números.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de ditado de números como uma atividade rotineira, para que a criança vá revelando suas hipóteses sobre as escritas numéricas e haja a intervenção do professor para progredir em direção à escrita convencional. • Uso da calculadora pelas crianças para produção de escritas numéricas. A professora dita um número, as crianças digitam na calculadora e depois vão teclando +1, +1, +1 ... e descobrindo o que acontece com a sequência numérica. • É esperado que os alunos sejam capazes de agrupar unidades em dezenas e centenas e realizar comparação de quantidades. Para que isso ocorra, é possível indicar que as contagens de objetos, as situações para a estimativa, os jogos, a utilização de material estruturado, a resolução de problemas envolvendo ou não o sistema monetário e a exploração de estratégias pessoais de cálculo são formas de auxiliar na compreensão dos princípios do sistema decimal. Entretanto, também é importante indicar que, antes mesmo de a escola ensinar, os alunos têm hipóteses a respeito de como se registra e compara quantidades maiores do que 100. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Resolver situações-problema e construir, a partir 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise, interpretação, resolução e elaboração de situações-problema de adição e subtração, 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de fatos básicos/fundamentais da adição e da subtração. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações-problema em que as crianças precisem discutir formas de solução de problemas de composição e de 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como a criança realiza atividades como as descritas na coluna anterior. Certamente, alguns tipos

<p>delas, os significados das operações fundamentais, buscando reconhecer que uma mesma operação está relacionada a problemas diferentes e que um mesmo problema pode ser resolvido pelo uso de diferentes operações.</p>	<p>envolvendo números de até três ordens, compreendendo algumas das ideias da adição e subtração (composição, transformação e comparação), utilizando estratégias pessoais e convencionais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Ideias do campo conceitual aditivo. Cálculo mental. 	<p>transformação positiva e negativa, realizados oralmente e por escrito.</p> <ul style="list-style-type: none"> Situações-problema em que as crianças precisem discutir formas de solução de problemas que envolvem a multiplicação, pelo estabelecimento da ideia de proporcionalidade. Situações-problema em que as crianças precisem discutir formas de solução de problemas que envolvem a divisão como repartição equitativa e como medida (quantos cabem). Propostas de situações que envolvem a divisão de grandezas discretas em partes iguais (duas ou três partes) com o suporte de materiais manipuláveis (coleções de botões, figurinhas, etc.). É importante destacar que compreender metade e terça parte passa também pela exploração de objetos que podem ou não ser divididos em duas ou três partes iguais. Não são esperadas as representações numéricas de metade e um terço, mas os alunos devem ser estimulados a fazer desenhos e justificar por escrito ou oralmente as divisões que fazem e as partes que são obtidas dessas divisões. 	<p>de situações-problema serão compreendidos mais facilmente do que outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> Nesse sentido, é preciso que o professor identifique os de maior ou menor dificuldade para propor novas situações de aprendizagem, adequados às necessidades das crianças. No caso de resolução e situações-problema é sempre conveniente avaliar detidamente se os enunciados estão claros e se as crianças efetivamente os compreenderam e se sabem o que devem buscar.
	<ul style="list-style-type: none"> Análise, interpretação, resolução e elaboração de situações-problema de multiplicação (por 2, 3, 4 e 5) e de divisão (por 2, 3 e 5), compreendendo algumas das ideias da multiplicação e da divisão, proporcionalidade, combinatória, configuração retangular e comparação, por meio de estratégias e formas de registro pessoais, utilizando ou não suporte de imagens e/ou material manipulável. Resolução e elaboração de problemas envolvendo dobro, metade, triplo e terça parte, com o suporte de imagens ou material manipulável, utilizando estratégias pessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de fatos básicos/fundamentais da multiplicação e divisão. Ideias do campo conceitual multiplicativo. Cálculo mental. Adição de parcelas iguais (multiplicação). O significado de dobro, metade, triplo e terça parte. 		
<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver procedimentos de cálculo – mental, escrito, exato, aproximado – pela 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de fatos básicos da adição e subtração a partir de situações-problema e utilização no cálculo mental ou escrito. 	<ul style="list-style-type: none"> Os fatos básicos/fundamentais das operações. Cálculo mental. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de sequências de cálculo mental como atividades rotineiras ao longo do ano, em que as crianças possam construir estratégias de cálculo rápido relativamente a fatos básicos da 	<ul style="list-style-type: none"> Observação, análise e registro de procedimentos de cálculo mental de cada criança e de como percebem as regularidades envolvidas no cálculo.

<p>observação de regularidades e de propriedades das operações e pela antecipação e verificação de resultados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Composição e decomposição de números naturais de até três ordens, com suporte de material manipulável, por meio de diferentes adições e subtrações. • Uso de sinais convencionais (+, -, =) na escrita de operações de adição e subtração. 	<ul style="list-style-type: none"> • Composição e decomposição de números por meio de diferentes adições e subtrações. • Cálculo mental. • Operações do campo aditivo. 	<p>adição, compreendendo e tendo-os de memória.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de sequências de cálculo mental como atividades rotineiras ao longo do ano, em que as crianças possam construir estratégias de cálculo rápido relativamente a fatos básicos da subtração, compreendendo e tendo-os de memória e relacionando-os com os fatos da adição: se $3 + 4 = 7$ então $7 - 4 = 3$ e $7 - 3 = 4$. • Realização de atividades de investigação em que as crianças sejam estimuladas a observar que: se $1 + 1 = 2$, então $10 + 10 = 20$, $100 + 100 = 200$; se $2 + 2 = 4$, então $20 + 20 = 40$, $200 + 200 = 400$. • Realização de sequências de cálculo mental como atividades rotineiras ao longo do ano, em que as crianças possam perceber e utilizar a propriedade comutativa da adição e da multiplicação (sem uso de nomenclatura): se $2 + 3 = 5$ então $3 + 2 = 5$; se $3 \times 4 = 12$ então $4 \times 3 = 12$. • Discussão de procedimentos para o cálculo de adições em que as parcelas envolvidas são maiores que 9, estimulando-se o uso da decomposição das escritas numéricas. • Por exemplo: $54 + 35 = 50 + 4 + 30 + 5 = 80 + 9 = 89$. • Situações em que as crianças precisam fazer uma estimativa do resultado de adições em que as parcelas são maiores que 9 e uso posterior da calculadora para 'validar' se a estimativa foi razoável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e registro dos fatos fundamentais já memorizados e dos que precisam ser mais trabalhados. • Observação, análise e registro de procedimentos que as crianças usam para registrar números na calculadora. • Observação, análise e registro de procedimentos que as crianças usam para compor e decompor números naturais de até três ordens.
	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de estratégias pessoais, sem uso de técnicas convencionais, para cálculo de resultados de multiplicações. • Uso de estratégias pessoais, sem uso de técnicas convencionais, para cálculo de resultados de divisões. 	<ul style="list-style-type: none"> • A multiplicação como adição de parcelas iguais. • O dobro e o triplo como forma de multiplicação. • Repartir igualmente. • A divisão como subtrações sucessivas. • A metade e a terça parte como forma de divisão. • Multiplicando e dividindo por 5. • Operações aritméticas: Iniciando a discussão sobre a relação de inversão entre elas. • Discutindo a propriedade comutativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão de procedimentos para o cálculo de adições em que as parcelas envolvidas são maiores que 9, estimulando-se o uso da decomposição das escritas numéricas. • Por exemplo: $54 + 35 = 50 + 4 + 30 + 5 = 80 + 9 = 89$. • Situações em que as crianças precisam fazer uma estimativa do resultado de adições em que as parcelas são maiores que 9 e uso posterior da calculadora para 'validar' se a estimativa foi razoável. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre a grandeza numérica utilizando a calculadora como 	<ul style="list-style-type: none"> • Construindo o conceito de par e ímpar. 		

	<p>instrumento para produzir e analisar escritas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e escrita de números pela compreensão de características do sistema de numeração decimal • Composição e decomposição de números naturais por diferentes formas. • Reta numérica. • Comparação de número naturais. • Ordenação de número naturais. • Quadro numérico e suas regularidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão de procedimentos para o cálculo de subtrações em que os termos são maiores que 9, estimulando-se o uso da decomposição das escritas numéricas. Por exemplo: $58 - 35 = (50 + 8) - (30 + 5) = (50 - 30) + (8 - 5) = 20 + 3 = 23$. • Situações em que as crianças precisam fazer uma estimativa do resultado de subtrações em que os termos são maiores que 9 e uso posterior da calculadora para 'validar' se a estimativa foi razoável. • Exploração da composição e decomposição de quantidades de até 3 ordens com materiais manipuláveis, como fichas numéricas ou jogos, pode favorecer a compreensão do Sistema de Numeração Decimal. Outro bom contexto pode ser o sistema monetário por meio da análise de formas distintas de se obter uma quantia com cédulas diversas e depois representar as soluções obtidas com escritas aditivas — por exemplo, investigar diferentes formas de representar 150 reais usando apenas cédulas de real e representar as soluções encontradas de pelo menos três maneiras diferentes. Na elaboração do currículo, vale a pena destacar que decompor um número envolve adição, multiplicação ou uma combinação das duas operações e que, nesta etapa, será utilizada apenas a adição. Outro ponto que merece destaque é que um número, por exemplo, 154, podem ter mais do que a decomposição usual expressa em $100 + 50 + 4$, sendo possível também ter 	
--	---	--	--	--

			escritas tais como $150 + 4$ ou $120 + 30 + 4$ ou, ainda, $100 + 30 + 20 + 4$.	
<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer pontos de referência para situar-se, posicionar-se e deslocar-se no espaço, bem como para identificar relações de posição entre objetos no espaço; interpretar e fornecer instruções, usando terminologia adequada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Localização e registro (em linguagem verbal ou não verbal) de pessoas ou objetos no espaço, com base em diferentes pontos de referência e algumas indicações de posição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pontos de referência. • Lateralidade e lateralização. • Localização de pessoas e objetos no espaço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças possam compartilhar opiniões sobre como representar no papel sua localização na sala de aula ou a localização da sua sala no espaço da escola, por exemplo. • Situações em que as crianças possam compartilhar opiniões sobre como representar no papel a trajetória para chegar a um determinado lugar, como por exemplo, sair da escola e ir até um local próximo que seja uma referência de localização na região (uma praça, o correio, etc.). • Situações em que as crianças são convidadas a produzir desenhos relativos tanto às atividades de localização como as de movimentação no espaço. • Situações de leitura e confecção de mapas e croquis. É possível fazer esse trabalho de modo integrado com Geografia, onde também estão previstas habilidades de leitura e confecção de plantas e mapas. Outra situação que propicia o desenvolvimento dessa habilidade está nas brincadeiras de tradição oral – se, após brincar, por exemplo, de amarelinha, os alunos forem estimulados a representar o cenário da brincadeira e detalhes do espaço onde ela ocorreu. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de como estão evoluindo os procedimentos da criança para se localizar e se movimentar no espaço escolar, observando o uso de pontos de referência, lateralidade, etc. • Em atividades como as sugeridas na coluna anterior, outras observações mais detalhadas podem ser feitas sobre como a criança se apropria das relações espaciais.
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e registro (em linguagem verbal ou não verbal) da movimentação de pessoas ou objetos no espaço, com base em diferentes pontos de referência e algumas indicações de direção e sentido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentação de pessoas e objetos no espaço. • Pontos de referência. • Direção e sentido (construção elementar dos conceitos). 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Esboço de roteiros a ser seguidos ou plantas de ambientes familiares, assinalando entradas, saídas e alguns pontos de referência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esboço de roteiros e de plantas simples. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber semelhanças e diferenças entre 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, reconhecimento, nomeação e comparação, por 	<ul style="list-style-type: none"> • Figuras geométricas espaciais (cubo, bloco retangular, pirâmide, 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças possam ampliar seu repertório referente às formas, como a organização de uma 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de procedimentos de observação, de visualização, de cada criança e de

<p>objetos no espaço, identificando formas tridimensionais ou bidimensionais, em situações que envolvam descrições orais, construções e representações.</p>	<p>semelhanças ou diferenças, de figuras geométricas espaciais (cubo, bloco retangular, pirâmide de base triangular e quadrangular, cone, cilindro e esfera), relacionando-as com objetos do mundo físico e reconhecimento de algumas de suas características.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento, nomeação e comparação, por semelhanças ou diferenças, figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo), por meio de características comuns, entre diferentes figuras apresentadas em diferentes disposições ou em sólidos geométricos (corpos redondos e poliedros) sem uso obrigatório de nomenclatura. 	<p>cone, cilindro e esfera): reconhecimento e características.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Figuras geométricas planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo): reconhecimento e características. 	<p>exposição de objetos com fichas de identificação de cada um e a escrita de um pequeno texto descritivo de sua forma.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças vão montar e desmontar caixas, observando que ao desmontá-las suas superfícies se ‘transformam’ em formas planas circulares ou poligonais e estabelecendo relações entre as figuras tridimensionais e seus moldes. • Utilização de massa de modelar ou argila para que as crianças reproduzam diferentes formas geométricas tridimensionais. 	<p>como percebem as semelhanças e diferenças entre as formas dos objetos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação do repertório que a criança é capaz de construir sobre as formas presentes em seu cotidiano. • Observação, análise e registro de como a criança relaciona um sólido geométrico e sua planificação e identifique seus elementos (lados e vértices).
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer grandezas mensuráveis (como comprimento, massa, capacidade), utilizar instrumentos de medida (usuais ou não), estimar 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimativa, medição e comparação de comprimentos de lados de salas (incluindo contorno) e de polígonos, utilizando unidades de medida não padronizadas e padronizadas (metro, centímetro e milímetro) e instrumentos adequados como fita métrica 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades não padronizadas e padronizadas de medidas de comprimento. • Instrumentos de medidas de comprimento. • Estimar medidas de comprimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que as crianças precisam discutir como solucionar problemas da vida prática em que é preciso medir e comunicar o resultado da medição de um comprimento, da capacidade de um recipiente ou da massa de um objeto ou pessoa. • Situações onde a criança perceba que as medidas estão por toda parte e, por isso, os processos de medição, em 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como a criança está evoluindo na comparação de grandezas da mesma natureza para medir, se faz boas estimativas e se conhece alguns instrumentos de medida. • Identificação do repertório que a criança é capaz de construir sobre as formas de medir presentes em seu cotidiano.

resultados elaborar estratégias pessoais medida.	e de		<ul style="list-style-type: none"> • Comparar medidas de comprimento. 	<p>especial os de comprimento, são facilmente identificados e usados em diferentes contextos. É importante que sejam destacados tanto a compreensão dos atributos mensuráveis dos objetos como os processos de medição. Também é importante que os alunos aprendam a utilizar instrumentos de medida de comprimento, tais como régua, trena e fita métrica. Outra consideração a ser feita é que fazer estimativa de medida de comprimento, depois realizar a medição e comparar o dado real com a estimativa é um recurso essencial para o desenvolvimento de habilidades referentes ao tema Grandezas e Medidas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de atividades com receitas, exploração da capacidade das embalagens, utilização de balanças para medir massa de objetos, visitas a mercados para analisar o uso de balanças digitais, levantamento da utilização de medidas de massa e capacidade no cotidiano das pessoas, entre outros, apresentam possibilidades de contextos para problemas que envolvem a medição. • Situações que permitam à criança conhecer, além das relações entre quilograma e grama e entre litro e mililitro, instrumentos de medida e que os utilizem para realizar medições de modo a compreender como se mede cada tipo de grandeza, os cuidados para realizar uma medição, a importância da escolha da unidade de medida e a forma de expressar a medição feita.
		<ul style="list-style-type: none"> • Estimativa, medição e comparação de capacidade e massa, utilizando estratégias pessoais e unidades de medida não padronizadas ou padronizadas (litro, mililitro, grama e quilograma) com uso de instrumentos adequados (balança, recipientes com capacidade em litro e mililitro, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades não padronizadas e padronizadas de medidas de massa e capacidade. • Instrumentos de medidas de massa e capacidade. • Estimar medidas de medidas de massa e capacidade. • Comparar medidas de medidas de massa e capacidade. 	
		<ul style="list-style-type: none"> • .Resolução de situações-problema que envolve a grandeza 'capacidade', comprimento e massa utilizando estratégias pessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de problemas envolvendo grandezas de comprimento, massa e capacidade. 	

<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar informações sobre tempo na identificação de unidade de medidas e resolução de problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de unidades de tempo – dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano – e utilização de calendários na resolução de situações problema. • Indicação da duração de intervalos de tempo entre duas datas, como dias da semana e meses do ano, utilizando calendário, para planejamentos e organização de agenda. • Medição da duração de um intervalo de tempo por meio de relógio digital e registrar o horário do início e do fim do intervalo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de tempo: intervalo de tempo, uso do calendário, leitura de horas em relógios digitais e ordenação de datas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de um pequeno projeto em que se busca investigar o tempo de gestação e o tempo de vida dos animais. Com base em dados que podem ser coletados na internet, são exploradas unidades de medida de tempo como dias, semanas, anos. • Realização de atividades rotineiras em que as crianças precisam observar à sucessão das horas num determinado dia, a sucessão dos dias da semana e dos dias do mês, sendo capazes de identificar unidades de medida de tempo como hora, dia, mês, ano, identificando instrumentos como calendários, relógios, etc. • Realização de atividades rotineiras em que as crianças precisam observar as variações do tempo (dias de chuva, dias de sol, dias nublados) e as variações do clima (elevação da temperatura, queda de temperatura), fazendo registros e identificando instrumentos como termômetro e usando informações sobre o tempo veiculadas na mídia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como a criança percebem a sucessão do tempo em situações cotidianas. • Identificação do repertório que a criança é capaz de construir sobre as medidas de tempo e, presentes em seu cotidiano.
<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento da equivalência de valores entre moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações cotidianas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sistema monetário brasileiro: reconhecimento de cédulas e moedas e equivalência de valores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades em que o professor converse com os seus alunos, perguntando o que eles conhecem sobre dinheiro e se sabem usá-los. É importante que durante a conversa, o professor fique apresentando para os alunos, diferentes cédulas e moedas e pedindo que eles as identifiquem e as relacionem em função dos seus valores. • Situações onde a criança possa verificar o que é possível ou não comprar com determinados valores e como priorizar compras, explorando a ideia de 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação e registro de como os alunos estão identificando as cédulas e moedas corretamente e se as relacionam em função dos seus valores.

			comparação de preços (mais caro ou mais barato), para que os alunos compreendam o sentido e a necessidade de se fazer “economia”.	
<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar tabelas simples e gráficos de colunas para facilitar a leitura e interpretação de informações e construir formas pessoais de registro para comunicar informações coletadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de pesquisas em universo de até 30 elementos, escolhendo até três variáveis categóricas (idade, número de irmãos, peso de animais, etc.) de seu interesse, organizando os dados coletados em listas, tabelas e gráficos de colunas simples. • Leitura e interpretação de dados apresentados em tabelas simples, gráficos de colunas ou de barras. • Comparação de informações de pesquisas apresentadas por meio de tabelas de dupla entrada e em gráficos de colunas simples ou barras, para melhor compreender aspectos da realidade próxima. 	<ul style="list-style-type: none"> • Coleta, classificação e representação de dados em tabelas simples e de dupla entrada e em gráficos de colunas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de situações-problema que envolvam a localização de dados em folhetos de compra e de propaganda. • Organização de tabelas simples para registrar observações realizadas: das condições do tempo e da temperatura, do tempo de gestação dos animais, do número de alunos que faltaram à aula durante um dado período de tempo, dos aniversariantes do mês. • Organização de gráficos de colunas para apresentar o resultado de observações realizadas em situações similares ao que foi descrito no item anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> • As tabelas e os gráficos de colunas aparecem com frequência nos textos de jornais e revistas e devem ser explorados na sala de aula para que a criança aprenda a ler e coletar dados neles expressos, sem qualquer tipo de sistematização nem cobrança de nomenclaturas.
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e classificar eventos aleatórios em situações do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação de resultados de eventos cotidianos aleatórios como “pouco prováveis”, “muito prováveis”, “improváveis” e “impossíveis”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise da ideia de aleatório em situações do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações em que o aluno possa fazer análise de eventos cotidianos para indicar se eles podem ou não ocorrer, se é muito ou pouco provável. • Situações em que os alunos tenham que resolver fazendo uso de expressões do tipo muito provável, pouco provável, nada provável, impossível e certeza. Essas ideias centrais podem ser exploradas por meio de jogos, análises 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, análise e registro de como os alunos compreendem os eventos e os classificam em prováveis e improváveis ou em qualquer outra expressão que possa determinar a condição de ocorrência de evento aleatório.

			de situações desenvolvidas para isso ou de perguntas que levem os alunos a analisarem chances de algo acontecer.	
<ul style="list-style-type: none"> Investigar regularidades em seqüências de números naturais, objetos e figuras, para descrever padrões que possibilite determinar o elemento ausente e construir seqüências de números naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de seqüências de números naturais em ordem crescente ou decrescente a partir de um número qualquer, utilizando uma regularidade estabelecida. 	<ul style="list-style-type: none"> Seqüências repetitivas e de seqüências recursivas. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações em que os alunos percebam regularidades e através dela realizem organização e ordenação de elementos que tenham atributos comuns. Situações em que os alunos possam observar seqüências já iniciadas, construir seqüências, representar seqüências em retas numéricas e investigar elementos faltantes de uma seqüência, esses serão contextos naturais de situações que os alunos precisam resolver. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação, análise e registro de como os alunos estão construindo o pensamento algébrico, percebendo que esse pensamento evolui se houver possibilidade de se representar o padrão observado, e de se falar a respeito dele. Observação, análise e registro de como os alunos estão fazendo identificação dos padrões observados, e na descrição dessas regularidades. Observação, análise e registro de como os alunos estão fazendo generalizações para expressar as regularidades.

7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação do Acre. **Cadernos de orientação curricular: orientações curriculares para o ensino fundamental – Caderno 1, 1º ao 5º ano.** Rio Branco, AC: SEE, 2009.
- ACRE. Secretaria de Estado de Educação do Acre. **Cadernos de orientação curricular: orientações curriculares para o ensino fundamental – 6º ao 9º ano.** Rio Branco, AC: SEE, 2009.
- BALLONGA, Pep Pérez. Matemática. *In*: ZABALA, Antoni (Org.). **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BIANCHINI, Edwaldo. **Matemática Bianchini.** 9. ed. São Paulo: Moderna, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Brasília: SEF/MEC (Série Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Fundamental 1ª a 4ª série). Volumes 1 a 10, 1996.
- FRANCHI, A. Considerações sobre a teoria dos campos conceituais. *In*: **Educação matemática: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1999, p. 155-195.
- LERNER, D.; SADOVSKY, P. **Didática da Matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PIRES, C. M. C. **Currículo de Matemática: da organização linear à ideia de rede.** São Paulo: FDT, 2000.
- PIRES, C. M. C. **Programa de formação de professores em educação matemática – PROFEMAT.** 1. ed. São Paulo: Zapt Editora, 2009.
- POZZO, Juan Ignacio (Org.). **A solução de problemas. Aprender a resolver, resolver para aprender.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PROJETO ARARIBÁ MAIS. **Matemática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018. (Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna).
- SITE NOVA ESCOLA. Nova Escola: Para aprender, para ensinar, 2018. **Planos de aula totalmente gratuitos e alinhados à BNCC.** Disponível em: <<https://nova-escola.org.br/plano-de-aula>>. Acesso em: 30 de outubro de 2019.
- VERGNAUD, G. **La théorie des champs conceptuels. Recherches en Didactique des Mathématiques,** v. 10, n. 23, p. 133-170, 1990.



CIÊNCIAS

1. REFLEXÕES SOBRE CIÊNCIAS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada no ano de 2017, propõe para o ensino de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), como um de seus princípios básicos, o desenvolvimento do Letramento Científico e que os estudantes desenvolvam habilidades, a partir de procedimentos investigativos, compreendendo a natureza da Ciência como produto de uma construção histórica, social, cultural e humana (BRASIL, 2017).

A estrutura conceitual da BNCC de Ciências da Natureza para todo o Ensino Fundamental está ancorada na proposição de uma educação em Ciência que proporcione ao educando o desenvolvimento do letramento científico, o que exige as competências para: 1. Explicar fenômenos cientificamente: reconhecer, oferecer e avaliar explicações para fenômenos naturais e tecnológicos; 2. Avaliar e planejar investigações científicas: descrever e avaliar investigações científicas e propor formas de abordar questões cientificamente; 3. Interpretar dados e evidências cientificamente: analisar e avaliar os dados, afirmações e argumentos, tirando conclusões científicas apropriadas.

Portanto, segundo a BNCC, esse desenvolvimento do letramento científico envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), e também de transformá-lo, com base nos aportes teóricos e processuais das ciências.

Essa capacidade de compreensão e interpretação do mundo está diretamente relacionada com o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade atual e deve avaliar riscos e benefícios do uso das diferentes tecnologias, pois o mesmo desenvolvimento científico e tecnológico que resulta em novos ou melhores produtos e serviços, como por exemplo, máquinas e motores automatizados, alimentos, medicamentos, combustíveis, entre outros, também pode promover desequilíbrios na natureza e na sociedade. (BRASIL, 2017).

Dessa forma, segundo a BNCC, espera-se que os estudantes tenham um novo olhar sobre o mundo que os cerca, como também façam escolhas e intervenções conscientes e pautadas nos princípios da sustentabilidade e do bem comum. Os conteúdos de Ciências da Natureza oferecem, portanto, conhecimentos e instrumentos que fundamentam a participação mais responsável na vida social e política.

Considerando que a produção científica é dinâmica, o conhecimento produzido é constantemente transformado e se encontra disponível em livros, revistas, documentários e internet, cabendo um papel importante à educação científica escolar: desenvolver competências que permitam a pesquisa, a compreensão e a troca de informações, além do aprendizado permanente.

A partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular pelo Conselho Nacional de Educação, e seguindo orientações do Ministério da Educação, a Secretaria de Estado de Educação do Acre - SEE, compôs uma equipe técnica de redatores, formada por Assessores Pedagógicos das redes Estadual e Municipal de Ensino, assim como profissionais de outras instituições, para reorganizar o seu documento curricular para o Ensino Fundamental.

A equipe de redatores, formada por assessores pedagógicos/formadores da Secretaria Estadual de Educação – SEE e Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco - SEME, realizou um estudo da BNCC para o componente curricular Ciências do Ensino Fundamental, comparou com a Orientação Curricular estadual vigente (ACRE, 2009; ACRE, 2010a), e avaliou que, de modo geral, as competências específicas para o componente Ciências, previstas na BNCC, já estavam contempladas na Orientação Curricular da SEE e, portanto, não foram feitas propostas grandes modificações na estrutura do documento, mas algumas inserções de abordagens de conteúdos propostos pela BNCC, que não estavam contemplados.

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

O termo Letramento Científico passou a ser usado com mais frequência nas últimas décadas em propostas para o ensino das Ciências da Natureza da educação básica, procurando destacar a importância do conhecimento a ser construído, seguindo princípios da metodologia científica. “Assim como o letramento é o uso da escrita em práticas sociais, o letramento científico envolve não apenas o conhecimento sobre a Ciência e a tecnologia, mas especialmente sua inter-relação com a sociedade.” (Cunha R. B., 2018). O mesmo autor, ao discutir as características do letramento científico, enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento do outro, pois a Ciência é um produto cultural da humanidade e é preciso a valorização do conhecimento tradicional.

A discussão sobre Letramento Científico também tem ganhado destaque na análise dos resultados de avaliações externas que têm aferido sistemas de ensino. Segundo dados da última avaliação do Pisa, o mais importante exame educacional do mundo, elaborado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com o intuito de aferir a qualidade, equidade e eficiência dos sistemas escolares, e que avalia Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, apresentados em BRASIL(2016), no ano de 2015, os alunos brasileiros ficaram nas últimas posições do *ranking*.

Pesquisas como a de Zompeiro, *et al.* (2016), têm enfatizado a necessidade de que os professores promovam em suas aulas discussões e práticas que possibilitem aos estudantes o desenvolvimento de habilidades de raciocínio e conheçam procedimentos das Ciências Naturais, em um mundo em constante transformação, rompendo um ensino memorístico, sem a preocupação de que os estudantes desenvolvam habilidades cognitivas e competências.

Além disso, um outro aspecto importante para promoção de novas práticas nas aulas de Ciências, como apontado em MINAS GERAIS (2011), diz respeito à proposta de ensino por investigação, destacada por vários autores, onde as atividades de caráter investigativo estão relacionadas com o uso de situações problema, que orientarão o processo de investigação, onde o professor atua como guia e orientador das atividades, contribuindo para a investigação, explicações teóricas, discussão e a argumentação entre os estudantes, para tanto, a proposta de ensino introduz conceitos e promove a sistematização do conhecimento.

Para Zabala (1998), o professor deve ter uma capacidade reflexiva constante como avaliação do seu trabalho e num processo de ensino e aprendizagem onde os conteúdos assumem o papel de envolver todas as dimensões da pessoa, caracterizando as seguintes tipologias de aprendizagem: factual e conceitual (o que se deve aprender?); procedimental (o que se deve fazer?); e atitudinal (como se deve ser?).

Nesse contexto, Pozzo & Gómez Crespo (2009), ao discutirem as dificuldades de aprendizagem no ensino de Ciências, destacam a importância do ensino de conteúdos procedimentais, que devem ocupar “papel de destaque” nas aulas de Ciências:

O desenvolvimento de habilidades cognitivas e de raciocínio científico” e de “habilidades experimentais e de resolução de problemas” vai requerer que os conteúdos procedimentais ocupem um lugar relevante no ensino das ciências, e teriam como objetivo não só transmitir aos alunos os saberes científicos, mas também torná-los partícipes, na medida do possível, dos próprios processos de construção e apropriação do conhecimento científico, o que envolve, também, superar limitações específicas no aprendizado tanto de técnicas ou destrezas como, principalmente, de estratégias de pensamento e aprendizagem. (POZZO & CRESPO, 2009, p.27).

Esses aspectos são aliados às boas aulas de Ciências. O interesse deveria ser o princípio e objeto permanente de avaliação das aulas de ciências, pois o envolvimento da classe em relação aos temas e métodos propostos dão pistas importantes da adequação à classe e compõem o replanejamento, quando necessário. Pelizzari *et al.* (2002), ao discutirem a teoria de aprendizagem significativa de Ausubel, destacam que a aprendizagem é muito mais

significativa, à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento do aluno e adquire significado para ele, a partir da relação com seu conhecimento prévio.

De acordo com a BNCC, a integração entre os componentes de uma mesma área do conhecimento e entre as diferentes áreas é estabelecida ainda, pelos temas integradores, que dizem respeito às questões que atravessam as experiências dos sujeitos em seus contextos de vida e atuação e que, portanto, intervêm em seus processos de construção de identidade e no modo como interagem com outros sujeitos, posicionando-se ética e criticamente no que dizem respeito a essas interações.

Nesta proposta de currículo, são indicados como conteúdos os conhecimentos científicos necessários para ampliar a compreensão de questões relacionadas ao meio ambiente, saúde, sexualidade, ética, pluralidade cultural, trabalho e consumo – e outros que, eventualmente, traduzam especificidade de nível local. A contribuição desse tipo de conteúdo naturalmente será maior, quando houver uma relação mais direta entre os conhecimentos disciplinares das Ciências Naturais e os respectivos temas. Neste sentido, é importante ressaltar que nenhuma dessas questões amplas, que se constituem em temas transversais, pode ser satisfatoriamente abordada em um único componente curricular, porque a abordagem disciplinar não dá conta da complexidade de nenhuma delas (ACRE, 2010a).

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

O presente documento orientador contempla o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver, ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, previstos na BNCC, acrescidos de conteúdos complementares, e integrados àqueles da BNCC, respeitando características regionais e locais da sociedade acreana.

É importante salientar que estamos num Estado de grande potencial para estudo das Ciências da Natureza, pois a biodiversidade do Acre, caracterizada por diferentes paisagens naturais, inseridas no ambiente da floresta tropical amazônica, conforme assinalado em Acre (2010b), e essa diversidade, aliada ao processo histórico de formação do território acreano, possibilita inúmeras abordagens para compreensões e “leituras de mundo” do ambiente que o aluno vive, o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre questões locais e globais e desenvolvimento de habilidades com base em procedimentos investigativos e reconhecendo a evolução histórica da Ciência.

Nesse contexto, ao abordar conteúdos relacionados aos diferentes grupos de seres vivos, por exemplo, é proposto a caracterização de espécies de animais e plantas típicas das nossas florestas, que representam a rica biodiversidade do território acreano, a discussão sobre ações humanas que ameaçam esse patrimônio natural e a importância de sua conservação. Da mesma forma, no estudo sobre doenças veiculadas pela água e pelo solo, por exemplo, orienta-se a abordagem das doenças típicas da nossa região que estão relacionadas, dentre outros fatores, às condições climáticas da região, situação da atual estrutura de saneamento básico do Estado do Acre e outros aspectos sócio-econômicos e culturais envolvidos.

Além dessa contextualização aos conteúdos gerais essenciais, foram acrescidos outros considerados importantes para complementá-los. Por exemplo, para os anos finais, a BNCC propõe apenas alguns sistemas do corpo humano para serem estudados nesta etapa – sistema nervoso, endócrino, reprodutor e musculoesquelético. Neste currículo foram acrescidos os sistemas digestório, respiratório, circulatório, entre outros.

Nos anos iniciais foram inseridos conteúdos relativos à capacidade “Comunicar de modo oral, escrito e através de desenhos ou outras representações gráficas”, além de temas relacionados à reprodução/sexualidade humana e outros de interesse científico e cultural.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS

Para os anos iniciais a BNCC orienta para a valorização da curiosidade natural das crianças:

Assim, ao iniciar o Ensino Fundamental, os alunos possuem vivências, saberes, interesses e curiosidades sobre o mundo natural e tecnológico que devem ser valorizados e mobilizados. Esse deve ser o ponto de partida de atividades que assegurem a eles construir conhecimentos sistematizados de Ciências, oferecendo-lhes elementos para que compreendam desde fenômenos de seu ambiente imediato até temáticas mais amplas. É necessário destacar que, em especial nos dois primeiros anos da escolaridade básica, em que se investe prioritariamente no processo de alfabetização das crianças, as habilidades de Ciências buscam propiciar um contexto adequado para a ampliação dos contextos de letramento. (BRASIL, 2017, p.329).

Nesse contexto, nos anos iniciais do ensino fundamental, é importante oportunizar que os estudantes observem, vivenciem e discutam os fenômenos naturais, assim como a prática dos registros, que favorece a formação de competência leitora e escritora das crianças, por meio de propostas pedagógicas diversificadas, também representam uma importante metodologia para o processo de ensino aprendizagem. Enfatiza-se também, para o processo de ensino e aprendizagem desta etapa, atenção às práticas que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças: sua linguagem, seu pensamento, suas atitudes. Os estudantes nessa etapa são, em geral, curiosos por novidades, gostam das coisas da natureza, gostam de passear e de criar formas diferenciadas de registros.

Além do mais, este tipo de vivência lança as bases para a aquisição da linguagem científica. A orientação geral para os registros é que se tornem cada vez mais ricos em detalhes, ampliando-se para a representação de componentes de uma sequência espaço temporal de eventos, mas as crianças devem, primeiro, fazer suas próprias tentativas, do jeito que conseguirem.

Outros importantes aspectos destacados são, por exemplo, os diferentes objetos de trabalho em Ciências que podem ser abordados por meio da observação direta ou indireta, por meio de filmes e etc. essas vivências geralmente oferecem mais repertório do que os livros, entretanto devem ser preparadas com antecedência. O livro didático também pode ser utilizado com o propósito da investigação, quando contém boas propostas e a parte prática sugerida seja efetivamente realizada. Para tanto, é necessário ter clareza em relação às perguntas sobre ciência e natureza, para poder apresentá-las, oportunamente, às crianças (ACRE, 2010a).

Nesse caso, é muito importante o registro das perguntas feitas pelas crianças, de suas questões, do que as intriga, para explorá-las no momento mais adequado. Em algumas situações, a partir do livro disponível, é possível observar e comparar as imagens que dizem respeito a um tema em estudo. Depois, uma roda de conversa permite trocar mais informações a respeito. Posteriormente, fará mais sentido a leitura compartilhada de um texto informativo, com pausas para comentários, questões preparadas para trazer à pauta as hipóteses e ideias das crianças sobre os diferentes parágrafos, o que poderá favorecer a pesquisa sobre o tema de estudo.

Além disso, descrever acuradamente é muito importante em ciência, porque permite comparações entre diferentes observadores. Todas estas práticas, possíveis desde os anos iniciais, oferecem ao professor e seus alunos o sentido fundamental da investigação, uma das principais contribuições da área de Ciências Naturais à educação básica. Outras áreas também trarão oportunidades de desenvolver investigações, com metodologias semelhantes e objetos de pesquisa diferenciados, sempre com o mesmo propósito de melhor conhecer o mundo e de desenvolver formas para continuar aprendendo sempre.

De acordo com orientações da Base Nacional Comum Curricular apresentadas em Brasil (2017), nos anos iniciais, pretende-se que, em continuidade às abordagens na Educação Infantil, as crianças ampliem os seus conhecimentos e apreço pelo seu corpo, identifiquem os cuidados necessários para a

manutenção da saúde e integridade do organismo e desenvolvam atitudes de respeito e acolhimento pelas diferenças individuais, tanto no que diz respeito à diversidade étnico-cultural quanto em relação à inclusão de alunos da educação especial.

Tomando-se como referência o conjunto de orientações pedagógicas contidas neste documento, a expectativa é de que, ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), os alunos sejam capazes de:

1º ANO

- Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza.
- Investigar temas ou problemas de interesse científico e cultural acerca do corpo humano e da saúde, reconhecendo diferentes fatores que compõem a saúde individual, e transformações do corpo e comportamento humano, em diferentes fases da vida.
- Demonstrar curiosidade e conhecimentos prévios ou construídos para participar da investigação de temas ou problemas de interesse científico e cultural acerca do corpo humano e da saúde.
- Investigar temas ou problemas de interesse científico e cultural acerca do corpo humano e da saúde, distinguindo hábitos saudáveis de alimentação e sono.
- Demonstrar curiosidade e conhecimentos prévios ou construídos para participar da investigação sobre o meio ambiente onde vivem e interagem, identificando seus componentes vivos (animais e plantas) ou não vivos (solo, rochas, ar, calor etc.), isto é, o meio físico característico no lugar onde vivem ou lugares distantes.
- Comunicar, de modo oral, escrito e através de desenhos ou outras representações gráficas, suas perguntas, suposições, dados e conclusões, valorizando as diferentes observações dos colegas e utilizando as informações obtidas para justificar suas ideias e registros.

2º ANO

- Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza.
- Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza, comparando-os e criando grupos de classificação.
- Demonstrar curiosidade e conhecimentos prévios ou construídos para participar da investigação sobre o meio ambiente onde vivem e interagem, identificando seus componentes vivos (animais e plantas) ou não vivos (solo, rochas, ar, calor etc.), isto é, o meio físico característico no lugar onde vivem ou lugares distantes.
- Caracterizar diferentes seres vivos conforme seus aspectos externos e transformações nos ciclos de vida, podendo compará-los aos seres humanos.
- Investigar formas de energia, observando e experimentando propriedades da luz e calor do Sol, da energia do movimento e outras, bem como algumas interações entre a energia e os materiais, compreendendo o Sol como a principal fonte de luz e calor para o planeta.
- Investigar o ambiente onde vivem e interagem e outros ambientes, identificando seus componentes vivos, aspectos do meio físico e algumas mudanças ao longo do tempo.
- Investigar temas ou problemas de interesse científico e cultural acerca do corpo humano e da saúde, distinguindo hábitos saudáveis de alimentação e sono.
- Comunicar de modo oral, escrito e através de desenhos ou outras representações, suas perguntas, suposições, dados e conclusões, valorizando as diferentes observações dos colegas e utilizando as informações obtidas para justificar suas ideias e registros.

3º ANO

- Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza, comparando-os e criando grupos de classificação.
- Investigar formas de energia, observando e experimentando propriedades da luz e calor do Sol, da energia do movimento e outras, bem como algumas interações entre a energia e os materiais, compreendendo o Sol como a principal fonte de luz e calor para o planeta.
- Caracterizar diferentes seres vivos conforme seus aspectos externos, sua alimentação e características dos ciclos de vida, considerando possíveis usos pelo ser humano.
- Investigar diferentes razões pelas quais o ser humano modifica os ambientes, sabendo argumentar sobre atitudes individuais e coletivas de preservação do meio ambiente.
- Investigar temas ou problemas de interesse científico e cultural, acerca do corpo humano e da saúde, reconhecendo diferentes fatores que compõem a saúde individual, e transformações do corpo e comportamento humanos, em diferentes fases da vida.
- Investigar, por meio de observações e experimentos, algumas propriedades e transformações da água, estabelecendo relações de causa e consequência entre fenômenos naturais ou transformações obtidas em experimentação.

4º ANO

- Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza, comparando-os e criando grupos de classificação.
- Estabelecer relações entre seres vivos de um mesmo meio ambiente, observando os papéis ecológicos de plantas, animais e fungos e descrevendo esses seres vivos.
- Investigar as funções de nutrição do corpo humano, reconhecendo propriedades dos alimentos e princípios da alimentação saudável.
- Investigar formas de energia, observando e experimentando propriedades da luz e calor do Sol, da energia do movimento e outras, bem como algumas interações entre a energia e os materiais, compreendendo o Sol como a principal fonte de luz e calor para o planeta.
- Situar o planeta Terra no Sistema Solar, observando as condições e a variedade da vida em nosso planeta na atualidade e em sua história geológica, valorizando a preservação dos recursos naturais, propondo alternativas e o uso racional desses recursos, a diminuição do seu consumo.
- Explorar e valorizar conhecimento sobre a natureza e as tecnologias da atualidade ou de outros lugares e tempos.
- Comunicar de modo oral, escrito e através de desenhos ou outras representações gráficas, ou usando tecnologias de comunicação e informação as perguntas, suposições, dados e conclusões, bem como quadros de dupla entrada, valorizando as diferentes observações dos colegas e utilizando as informações obtidas para justificar ideias e registros.

5º ANO

- Experimentar e descrever materiais ou formas de energia que são recursos renováveis ou não renováveis.
- Identificar relações entre água, solo, seres vivos e calor, considerando as ações humanas e valorizando a preservação ambiental.
- Ampliar conhecimentos sobre saúde e corpo humano, investigando seu funcionamento como um todo.

- Investigar as funções de nutrição do corpo humano, reconhecendo propriedades dos alimentos e princípios da alimentação saudável.
- Situar o planeta Terra no Sistema Solar, observando as condições e a variedade da vida em nosso planeta, na atualidade e em sua história geológica, valorizando a preservação dos recursos naturais, propondo alternativas e o uso racional desses recursos e a diminuição do seu consumo.
- Investigar reprodução e sexualidade humanas, valorizando a preservação da saúde e a paternidade/ maternidade responsáveis, podendo comparar a reprodução de sua espécie a de outros seres vivos.
- Investigar e valorizar conhecimento sobre a natureza e as tecnologias da atualidade ou de outros lugares e tempos, compreendendo a extensa presença de Ciência e tecnologia nos dias atuais.
- Utilizar diferentes estratégias e tecnologias para comunicar suposições, andamento e resultado de investigações, sabendo diferenciar entre a hipótese e a descrição de um fenômeno conhecido e respeitar diferentes opiniões.

É importante destacar que, no presente currículo, optou-se por apresentar um quadro organizador de conteúdo (Quadro Organizador Curricular) a partir do desenvolvimento de um conjunto de Capacidades. O desenvolvimento de uma determinada capacidade não se restringe apenas a um dado momento ou determinado ano. Conforme destacado em ACRE (2010a), como essas capacidades são amplas, e em consonância com a proposta de progressividade, estas podem se repetir em vários anos e englobam ou não conteúdos de diferentes tipos, mas que propõem uma abordagem progressiva e gradual para o desenvolvimento das capacidades.

Tais capacidades dialogam com as dez competências gerais da Educação Básica e as oito competências específicas do componente Ciências, previstas na BNCC de forma articulada, a fim de promover a construção dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento das habilidades, bem como atitudes e valores.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

A Base Nacional Comum Curricular apresenta 10 (dez) competências gerais para a Educação Básica e 08 (oito) competências específicas para o componente Ciências conforme o quadro abaixo:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>02. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>03. Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p> <p>04. Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p> <p>05. Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p> <p>06. Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>	<p>01. Compreender as Ciências da Natureza como empreendimento humano, e o conhecimento científico como provisório, cultural e histórico.</p> <p>02. Compreender conceitos fundamentais e estruturas explicativas das Ciências da Natureza, bem como dominar processos, práticas e procedimentos da investigação científica, de modo a sentir segurança no debate de questões científicas, tecnológicas, socioambientais e do mundo do trabalho, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>03. Analisar, compreender e explicar características, fenômenos e processos relativos ao mundo natural, social e tecnológico (incluindo o digital), como também as relações que se estabelecem entre eles, exercitando a curiosidade para fazer perguntas, buscar respostas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das Ciências da Natureza.</p> <p>04. Avaliar aplicações e implicações políticas, socioambientais e culturais da ciência e de suas tecnologias para propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo, incluindo aqueles relativos ao mundo do trabalho.</p> <p>05. Construir argumentos, com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.</p> <p>06. Utilizar diferentes linguagens e tecnologias digitais de informação e comunicação para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas das Ciências da Natureza de forma crítica, significativa, reflexiva e ética.</p> <p>07. Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o</p>

07. Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

08. Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

09. Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias.

08. Agir, pessoal e coletivamente, com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza, para tomar decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – CIÊNCIAS - 2º ANO

Objetivos	Conteúdos/Objetos de conhecimento	Propostas de atividades	Formas de avaliação	
Capacidades / competências amplas do componente	O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos	Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Situações mais adequadas para avaliar	
<ul style="list-style-type: none"> Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificação de que materiais (metais, madeira, vidro etc.) são feitos os objetos que fazem parte da vida cotidiana, como esses objetos são utilizados e com quais materiais eram produzidos no passado. 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais e objetos de uso cotidiano; Exemplos de materiais e objetos usados no passado. 	<ul style="list-style-type: none"> Rodas de conversa sobre os diferentes objetos e materiais com colegas e professor, comparando-se as finalidades, os tamanhos, as cores e porque o material é útil na fabricação daquele objeto (em integração com Geografia). Apresentação de imagens (slides ou cartazes) sobre materiais utilizados em objetos artesanais que são produzidos em sua região e reconhecer os objetos e seus materiais que são produção da cultura local, como ferramentas, utensílios domésticos, instrumentos musicais ou estruturas para construção. 	<p>Propostas do seguinte tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação de conjuntos de imagens de objetos diferentes e pergunta sobre qual material deve ser usado para a sua fabricação e/ou a qual finalidade se destina em nosso cotidiano.
<ul style="list-style-type: none"> Investigar semelhanças e diferenças entre diversos objetos e seus materiais, ou materiais que vêm da natureza, comparando-os e criando grupos de classificação. 	<ul style="list-style-type: none"> Proposição do uso de diferentes materiais para a construção de objetos de uso cotidiano, tendo em vista algumas propriedades desses materiais (flexibilidade, dureza, transparência etc.). Discussão sobre os cuidados necessários à prevenção de acidentes domésticos (objetos cortantes e inflamáveis, eletricidade, produtos de limpeza, medicamentos etc.). Desenvolvimento de vocabulário descritivo sobre materiais e objetos variados. Observação: objetos são descritos em termos dos materiais de que são formados (massa, tecido, papel etc.) e suas 	<ul style="list-style-type: none"> Propriedades de materiais: flexibilidade, dureza, transparência e etc. Cuidados necessários à prevenção de acidentes domésticos, durante o uso de certos materiais e objetos. Identificação de objetos domésticos que podem causar acidentes: objetos cortantes, inflamáveis, produtos 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades experimentais que ajudem a observar a estrutura da matéria, podendo examinar e categorizar os objetos, de acordo com suas propriedades. <u>Observação</u>: poderão ser transformados materiais de muitos modos: dissolvendo, misturando, congelando, cortando e etc. Poderão ser observadas as propriedades dos objetos e dos materiais de que são feitos. Também podem ser examinados com lentes de aumento para descobrir o que não é visível sem elas. 	<p>Propostas do seguinte tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação de conjuntos de imagens de objetos comuns para que a criança forme grupos, conforme os materiais de que são feitos. Retomada das experimentações realizadas, solicitando que a criança as descreva por meio de desenhos em três etapas, numa folha sulfite dividida em três partes. Realização de um novo experimento semelhante aos que foram feitos, solicitando à cri-

	<p>propriedades físicas (cor, tamanho, forma, peso, textura, flexibilidade etc.).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Organização coletiva de coleções de elementos da natureza - rochas, folhas secas, frutos ou sementes – ou materiais e objetos criados tecnologicamente. 	<p>de limpeza, medicamentos, eletricidade e etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação de objetos domésticos que podem causar acidentes: objetos cortantes, inflamáveis, produtos de limpeza, medicamentos, eletricidade e etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da argila como material adequado à fabricação de um vaso, por conta de sua propriedade maleável que se solidifica, por exemplo. • Roda de conversa para identificar possíveis situações de riscos e acidentes, durante o uso ou manuseio de certos materiais, e relacionar atitudes de prevenção para evitá-las. • Discussões sobre o destino final dos materiais descartados após o uso. • Exploração de materiais e objetos, usando os sentidos do tato, da visão, da audição. • Experimentações com materiais em relação à água, identificando quais se misturam à água, quais os resultados das misturas, usando quantidades diferentes de materiais – corantes, carvão, giz, terra, entre outros. • Análise de grupos de objetos feitos com o mesmo material (tecidos, madeiras, plásticos), criando critérios de classificação e formação de subgrupos. • Diluição de substância e materiais em água (sal, açúcar, chás), seriando da mais diluída a menos diluída em água e testando-as, quando possível, conforme seu paladar e olfato. • Separação de materiais do lixo em dois grupos básicos: seco e úmido, avaliando a importância dessa ação para uso futuro dos materiais 	<p>ança que descreva as transformações, para verificar se adquiriu o vocabulário trabalhado.</p>
--	---	---	---	--

<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar curiosidade e conhecimentos prévios ou construídos para participar da investigação sobre o meio ambiente onde vivem e interagem, identificando seus componentes vivos (animais e plantas) ou não vivos (solo, rochas, ar, calor etc.), isto é, o meio físico característico no lugar onde vivem ou lugares distantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrição e comparação das características (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem e etc.) de animais ou plantas com os quais convivem (domésticos, de criação) ou que conheçam por veículos de comunicação (fotos, livros, filmes). 	<ul style="list-style-type: none"> • Características de animais e plantas domésticos; • Exemplos de animais domésticos; • Exemplos de plantas que temos em casa: ornamentais, frutíferas e medicinais. 	<p>descartados (compostagem ou reciclagem de materiais).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa sobre animais, ambientes ou plantas, a partir de visitas, coleção de fotos ou histórias sobre outros lugares visitados pelas crianças (em férias, por exemplo). • Trabalho de observação e identificação das plantas e dos animais que fazem parte do seu cotidiano (residência, área da escola, bairro e etc.), descrevendo formas, cores características e informando em que fase da vida ou ambiente eles estavam ao serem observados. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como as crianças interagem com os componentes do meio ambiente ao longo das atividades propostas; • sobre o empenho na participação de atividades.
<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar diferentes seres vivos conforme seus aspectos externos e transformações nos ciclos de vida, podendo compará-los aos seres humanos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigação da importância da água e da luz para a manutenção da vida de plantas em geral. • Identificação das principais partes de uma planta (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e a função desempenhada por cada uma delas, e analisar as relações entre as plantas, o ambiente e os demais seres vivos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da água e da luz para as plantas. • Partes da planta: raiz, flores, frutos, folhas e caule; • Funções das partes das plantas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observações de árvores em seu ambiente, investigando-se a presença de árvores de mesma espécie em lugares diferentes, como variam suas formas e o que há de comum. Ao longo do ano, pode-se verificar a época de floração e frutificação, as flores e os frutos. • Comparação de ervas de diferentes espécies em um mesmo jardim, parque ou vasos, observando-se a variedade de folhas, cores, formas, tamanhos e o que 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação dos registros realizados ao longo das investigações, verificando-se o nível de detalhes e características do que foi observado ou experimentado. • Observação, registro e análise de como a criança procede em situações como, por exemplo, apresentar imagens de refeições típicas da nossa região e solicitar que o aluno procure identificar

			<p>mais se possa examinar só pela observação direta.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação das principais partes de uma planta (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e a função desempenhada por cada uma delas, e analisar as relações entre as plantas, o ambiente e os demais seres vivos. • Plantação experimental de sementes e ervas, por meio de diferentes recursos. • Pesquisa sobre a importância da luz e da água para a manutenção da vida e das plantas em geral. • Produção de coleção de sementes ou outras partes de vegetais usadas para fazer chás, com catálogo ilustrado, com informações selecionadas a partir de leituras ou entrevistas. • Pesquisas orientadas sobre o ciclo de vida de certos animais vertebrados, como cães, gatos ou outros de criação. • Pesquisas orientadas sobre o ciclo de vida de animais invertebrados, como insetos (borboletas), tatuzinhos de jardim. • Criação de pequenos animais em terrários, como tatuzinhos de jardim, minhocas, caramujos terrestres, besouros. • Conversa sobre os hábitos diurnos ou noturnos de animais, sua alimentação, sua reprodução e outras características. 	<p>plantas cujos frutos, folhas ou raízes foram usados para produzir essa refeição.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Investigar formas de energia, observando e 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação do arco do sol no céu diurno, das fases da Lua e de estrelas à noite. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação do sol no céu; 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades experimentais variadas, verificando interação entre luz 	<p>Observação, registro e análise:</p>

<p>experimentando propriedades da luz e calor do Sol, da energia do movimento e outras, bem como algumas interações entre a energia e os materiais, compreendendo o Sol como a principal fonte de luz e calor para o planeta.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação com relógios de sol construídos pelos alunos, descrevendo as relações entre os tamanhos das sombras e a posição do Sol em relação ao horizonte. 	<ul style="list-style-type: none"> • O sol como fonte de luz e calor. 	<p>e materiais, observando formação de sombras, penumbras, sombras coloridas ou densas, disco de Newton, arco-íris experimentais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades experimentais para verificar reflexão da luz em espelhos e metais. • Atividades experimentais para verificar as interações de materiais com o calor do sol, se possível, usando termômetro. • Construção de relógio de sol e verificação de seu funcionamento em diferentes dias do ano, para observar a variação da posição e tamanho das sombras durante o dia e durante o ano. 	<ul style="list-style-type: none"> • de como a criança procede e dos resultados obtidos em situações como as sugeridas na coluna anterior. Propostas do seguinte tipo: • identificação de objetos luminosos e iluminados a partir de descrições contidas em textos ou imagens. • descrição, através de desenho, das atividades experimentais realizadas.
	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre objetos luminosos e iluminados, sombras projetadas, verificando o trajeto retilíneo da luz. 	<ul style="list-style-type: none"> • Objetos luminosos e iluminados. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação de conjuntos de sombras ou cores, identificando regularidades ou padrões comuns. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sombras. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação de meios de transporte, conforme sua fonte de energia e outras características, valorizando formas mais econômicas e menos poluidoras para o meio ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação dos Meios de transporte, conforme fontes de energia. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Investigar o ambiente onde vivem e interagem e outros ambientes, identificando seus componentes vivos, aspectos do meio físico e algumas mudanças ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação do efeito da radiação solar (aquecimento e reflexão) em diferentes tipos de superfície (água, areia, solo, superfícies escura, clara e metálica etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Radiação solar; • Aquecimento e reflexão de objetos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de observação de ambientes variados, tendo-se planejado problematização que instigue e oriente as observações das crianças. • Rodas de conversa sobre características dos ambientes, a partir de filmes, fotos, passeios ou outras formas de levantamento de dados e informações relevantes. • Passeios planejados nas áreas externas da escola, ou imediações, com vistas a observações de aspectos específicos do meio ambiente. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de como a criança interage com os componentes do meio ambiente, nas atividades propostas; • das perguntas que elas formulam e do quanto utilizam o vocabulário científico estudado, em situações do seguinte tipo: • apresentação de figuras impressas ou projetadas (slides em PowerPoint) de um ambiente já estudado, para que
	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento e comparação de diferentes ambientes naturais: floresta, rio, praia, por exemplo, a partir de exemplos e imagens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientes em diferentes níveis de luminosidade. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Observação indireta de figuras e fotos de ambientes pouco transformados, reconhecendo e relacionando seus componentes vivos e os elementos do meio físico: água, rochas, solo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de componentes biológicos (animais e plantas) influenciados pela luz em diferentes ambientes; 		

	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação de fotos e figuras de ambientes, relatando observações e levantando hipóteses sobre os mesmos, a respeito de características não observáveis nas fotos, como o calor e o ar do ambiente em questão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de componentes biológicos (animais e plantas) influenciados pela luz em diferentes ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparações coletivas sobre ambientes, a partir de fotos ou passeios, seguidas de registros coletivos e individuais, • Identificação das características de ambientes aquáticos ou terrestres, analisando especificidades os componentes, por exemplo: 	<p>as crianças formulem perguntas que possam ser respondidas pela observação da figura.</p> <ul style="list-style-type: none"> • propostas de preenchimento de tabelas simples, com informações sobre dois ambientes já estudados, para identificar e comparar seus componentes.
	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em preparação de passeios para a investigação de assuntos previamente combinados – estudos de meio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de componentes biológicos (animais e plantas) influenciados pela luz em diferentes ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Água sólida em ambientes gelados; • Plantas rasteiras em dunas de areia; • Vegetação abundante em florestas tropicais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de recursos lúdicos para que as crianças apliquem seus conhecimentos como, por exemplo, pedir que indiquem do lugar visitado qual o melhor espaço para um piquenique ‘de duendes’ (ou outro personagem ficcional que faça sentido para as crianças), para verificar se podem descrever um sítio no local de visitaçào.
	<ul style="list-style-type: none"> • Busca de informações sobre mudanças nos ambientes ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientes que sofrem mudanças ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigação sobre a história de ambientes específicos, integrando conhecimentos de ciências, história, geografia e outros. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento de suposições e busca de informações para explicar as transformações dos ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientes que sofrem mudanças ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de registros, pelo desenho de observações do céu em diferentes horas do dia, em classe ou em casa, para identificar e conversar sobre os componentes naturais e objetos feitos pelo ser humano e avaliar as transformações. • Observações repetidas do entorno para detectar o que muda e o que parece causar mudança. • Observação: “Coisas que mudam” pode ser um tema de trabalho, ao lado de começar a pensar e tentar formas seguras e que ajudem a mudar partes de seu ambiente próximo: • argilas podem ser moldadas e secas para formar objetos; • mudança é algo que acontece a muitas coisas; 	

			<ul style="list-style-type: none"> animais e plantas muitas vezes provocam mudanças em seu ambiente. Músicas e jogos, envolvendo conhecimento dos componentes dos ambientes. 	
<ul style="list-style-type: none"> Investigar temas ou problemas de interesse científico e cultural, acerca do corpo humano e da saúde, distinguindo hábitos saudáveis de alimentação e sono. 	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecimento de relações entre seus próprios hábitos nos diferentes períodos do dia, valorizando hábitos adequados para a saúde – alimentação variada, sono apropriado e exercício físico. 	<ul style="list-style-type: none"> Hábitos importantes para a saúde, em diferentes períodos do dia (alimentação, descanso, dormir...). 	<ul style="list-style-type: none"> Preparação experimental de chás, valorizando o uso de remédios tradicionais para o bem-estar das pessoas e explorando diferentes sabores. Exposição de plantas de uso medicinal tradicional pela população do Acre. Discussão sobre os benefícios de implantação de uma horta na escola. Análise de alimentos combinados em refeições, verificando quais os componentes de origem vegetal, quais de origem animal ou mineral (sal comum) e identificando diferentes sabores. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> De como a criança procede e dos resultados obtidas nas situações propostas; Das respostas dadas em situações como, por exemplo: apresentação de algumas imagens para identificação de quais são atividades tipicamente diurnas ou noturnas para diferentes fases da vida, agrupando as diferentes atividades em um cartaz. Observação: durante a conversa sobre as fotos e organização dos cartazes, é possível verificar o que a criança aprendeu sobre o que foi investigado em relação ao tema.
	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisa sobre ervas medicinais e chás úteis para melhorar a saúde das pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> Ervas medicinais de uso popular na nossa região. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisa, com ajuda do professor, sobre a alimentação variada, para analisar origem dos alimentos e valorizar o consumo de alimentos combinados. 	<ul style="list-style-type: none"> Importância de uma alimentação diversificada para a nossa saúde. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Participação na preparação de lanches nutritivos, valorizando os cuidados com higiene pessoal e dos alimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> Preparo de lanches nutritivos; Importância do manuseio adequado dos alimentos. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Observação de como o paladar e o olfato se relacionam à percepção dos sabores básicos: salgado, amargo, doce e azedo. 	<ul style="list-style-type: none"> Sabores dos alimentos: doce, amargo, azedo e salgado. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Disponibilidade para participar das atividades diárias de cuidado com a higiene do corpo ou do ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades e Hábitos diários de higiene pessoal e ambiental. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Relação entre hábitos de higiene pessoal e ambiental e entre saúde pessoal e coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades e Hábitos diários de higiene pessoal e ambiental. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Comparação entre seres humanos e outros animais quanto à necessidade de comida, remoção de sujeira, e níveis adequados de temperatura. 	<ul style="list-style-type: none"> Diferença entre seres humanos e animais em relação a alimentação, necessidade de 		

		sono, tempo de dormida, remoção de sujeira dos alimentos e etc.		
<ul style="list-style-type: none"> Comunicar de modo oral, escrito e através de desenhos ou outras representações, suas perguntas, suposições, dados e conclusões, valorizando as diferentes observações das colegas e utilizando as informações obtidas para justificar suas ideias e registros. 	<ul style="list-style-type: none"> Criação individual ou coletiva de representações dos temas em estudo, utilizando diferentes suportes. Uso significativo do desenho em casa e, em outros ambientes, para registro de observação dos materiais e objetos, compondo uma investigação específica. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos para representação do que vemos no céu. Desenhos para representação do que vemos no céu. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos do céu, indicando com setas os nomes do que vê: nuvens, avião, céu azul, Sol, lua, estrela D'Alva (o planeta Vênus - no final do dia ou começo da manhã), em diferentes horários, em casa e na escola. Desenhos dos ambientes em estudo, indicando, com setas, e nomeando os componentes estudados. Produção de fotografias de plantas para serem agrupadas em coleções de fotos específicas: fotos de uma mesma espécie de planta em diferentes lugares, variedades de ervas do jardim da escola, ou outros, conforme estudo desenvolvido. Produção de álbuns de fotos de um mesmo local e ângulo ao longo do ano, verificando as mudanças no ambiente, com subsídio para refletir sobre atuação humana no ambiente, mudança do clima ao longo do ano e outras. Tomadas de medidas de comprimento de plantas desde a germinação da semente, durante um tempo suficiente para se obter um gráfico de barras, acompanhado dos pedaços de barbantes equivalentes ao comprimento das plantas, ao longo de um período. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> dos procedimentos da criança ao recontar histórias ou comentar textos trabalhados: se, por exemplo, recupera características dos seres vivos, ambientes, aspectos do corpo humano, ou da saúde, presentes nesses textos, demonstrando que é capaz de localizar informação científica em textos escritos ou imagens. de como a criança procede em situações que tenha que explicar um tema em estudo, a partir de palavras-chave já definidas coletivamente. dos resultados obtidos em situações como as propostas na coluna anterior.
	<ul style="list-style-type: none"> Escuta ativa de histórias sobre animais, plantas, ambientes, histórias de invenções e tecnologias. 	<ul style="list-style-type: none"> Histórias sobre o uso dos chás medicinais na nossa região. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Proposição de palavras-chave sobre uma história, após exemplos oferecidos pelo professor. 	<ul style="list-style-type: none"> Histórias de animais e plantas da floresta. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Explicitação de hipóteses e deduções feitas a partir de imagens e títulos de textos de interesse científico lidos pelo professor. 	<ul style="list-style-type: none"> Histórias de animais e plantas da floresta. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Uso da escrita como registro de atividades de Ciências, acompanhando o desenho ou outra forma de representação gráfica ou tridimensional (como as coleções). 	<ul style="list-style-type: none"> Histórias de animais e plantas da floresta. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de catálogo para coleções. 	<ul style="list-style-type: none"> Organização de catálogo de plantas medicinais. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Registro escrito, com ajuda do professor, de listas de nomes ou de características dos objetos de estudo, legendas para os próprios desenhos ou outras figuras. 	<ul style="list-style-type: none"> Listas de nomes ou de características de animais e plantas na fauna e flora regional. 		

- | | | | | |
|--|--|--|---|--|
| | | | <ul style="list-style-type: none">• Atividades de exposição oral de hipóteses, observações ou conclusões de investigações realizadas. | |
|--|--|--|---|--|

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Série Cadernos de orientação curricular:** Orientações Curriculares para o Ciclo Inicial do Ensino Fundamental, Volumes 1, 2, 3, 4 e 5, Rio Branco, AC. SEE, 2009.
- ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Série Cadernos de orientação curricular:** Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental – Caderno 1 – Ciências **Naturais**, Rio Branco, AC. SEE, 2010a.80p.
- ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre – SEMA. **Zoneamento ecológico econômico do Estado do Acre.** Rio Branco, AC. SEMA, 2010b. 77p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é base. Brasília. 2017. 472p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Brasil no PISA 2015.** Brasília, 2016. 272 p.
- CUNHA, R. B. **O que é letramento científico e qual a sua relação com cultura científica, percepção pública da ciência e jornalismo científico.** ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Abril, 2018.
- MINAS GERAIS. Prefeitura Municipal de Ipatinga. **1º Encontro: O ensino de Ciências por investigação.** Programa de Formação Continuada de 2011. Ipatinga, 2011. 34p.
- PELIZZARI, A. *et al.* **Teoria da aprendizagem significativa segundo Sausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.
- POZO, J. I. & CRESPO, M. A. G. **A Aprendizagem e o Ensino de Ciências** - Do Conhecimento Cotidiano para o Conhecimento Científico. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.28p.
- ZABALLA, A. **A Prática Educativa – Como ensinar.** Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed. 1998. 224p.
- ZOMPEIRO, *et al.* **O desempenho de alunos brasileiros e a avaliação do Pisa:** Alguns aspectos para discussão. Revista Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias Bogotá, Colombia, 20



GEOGRAFIA

1. REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA

As reflexões aqui contidas sobre o ensino de Geografia estão em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver, ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2017).

Deste modo, o trabalho de reescrita das Orientações Curriculares do Estado do Acre foi realizado com a participação de professores e assessores pedagógicos das Secretarias de Educação municipal e estadual, com a realização de vários encontros de estudos para elaboração de capacidades e habilidades exigidas pela BNCC, que não estavam contempladas na Orientação Curricular em vigência.

Neste sentido, vale ressaltar que, nos últimos tempos, no campo educacional, muitos educadores têm se envolvido no debate sobre a importância dos saberes das diferentes ciências na educação escolar. E, de modo específico, no campo da geografia, algumas questões estão postas: como introduzir e dar sequência aos conteúdos, e como propiciar aos alunos desafios interessantes e, ao mesmo tempo, fundamentais para aprenderem o que essa área de conhecimento favorece? Quais saberes são essenciais para interpretar os modos de viver, agir, sentir, produzir e trabalhar?

Alguns autores afirmam que é a visão de mundo que permite a coerência entre as ideias, ou ainda, entre aquilo que concebemos sobre o mundo e que reflete sua importância para o entendimento de nós mesmos, como parte dele. Estudando geografia podemos compreender não apenas nossa posição geográfica, mas também, de algum modo, nossa atuação no mundo.

Oliveira (1998) acredita que existe um renovado interesse pelo estudo da geografia na atualidade, em virtude do processo de aceleração da globalização contemporânea. Os estudos geográficos ganham destaque, uma vez que a geografia é uma disciplina que possibilita o acompanhamento das transformações recentes do mundo, de forma integrada. Outros autores enfatizam que, neste período marcado pela técnica, ciência e informação, é fundamental aprender geografia para compreender nosso lugar no mundo em que vivemos. Qualquer que seja o ponto de vista, eles convergem para um entendimento de que a área curricular de Geografia deve proporcionar ao aluno a possibilidade de compreender seu presente e pensar o futuro com responsabilidade e compromisso, ou ainda preocupar-se com o futuro, através da insatisfação com o presente, tal como está dado.

Portanto, a Geografia, como área curricular, deve abordar o espaço no contexto da sociedade que o constrói, a partir de relações com a natureza e de relações entre os diferentes grupos sociais que o compõem – não é possível, segundo Callai (1999), dissociar os problemas do espaço dos problemas humanos e, portanto, das sociedades.

Sendo o modo de vida uma dimensão essencial na produção do espaço geográfico, é preciso problematizá-lo na escola – o modo de viver, sentir, trabalhar e produzir transformam a natureza.

Nessa perspectiva, busca-se possibilitar condições e formar alunos que aprendam a pensar sobre o espaço, a partir da comparação de relações e interações, semelhanças e diferenças, da análise das relações parte-todo e das contradições que marcam o uso social que fazemos dos processos da natureza. Essa compreensão favorece a formação do pensamento crítico e analítico, estimulando o raciocínio, a partir de diferentes referenciais ligados ao campo da geografia e outras áreas do conhecimento.

Quando adentram à escola, os alunos trazem consigo representações do mundo que farão parte do seu olhar sobre os novos conteúdos e situações vividas na escola. O mundo vivido, evidentemente, é maior e mais diverso e complexo do que aquele que se pode ‘recortar’ para análise no ambiente escolar. As situações que todos vivem no cotidiano são experiências de interação com o espaço, que permitem ampliar as referências pessoais, em relação ao mundo

vivido, e reconhecer, de algum modo, a sua complexidade – as atividades escolares podem contribuir nesse sentido, à medida que acrescentam novas possibilidades de olhar e compreender isso tudo.

Assim, é fundamental garantir oportunidades de acesso à infinidade de informação disponível no mundo atual, utilizar tecnologias de leitura espacial, para visualizar, questionar e interpretar as imagens do mundo próximo e distante, lidar com recursos que permitam aproximações e visões do mundo distante, semelhante e, ao mesmo tempo, diferente.

E, ao professor de geografia, diante das mudanças que vêm almejando as políticas educacionais, cabe a atitude e o compromisso na promoção de cidadãos conscientes e responsáveis pelo espaço social e físico em que vivem. Então, o professor não deve ser alguém que apenas domina os métodos e as técnicas de construção de conhecimento, mas que seja um constante pesquisador e estudioso de saberes e conhecimentos atuais que possibilitem a socialização e mediações dos conhecimentos, no campo da geografia, aos alunos, nos estabelecimentos de ensino. Ou seja, o professor deve propiciar a leitura e a compreensão do espaço geográfico como uma construção histórico social, fruto das relações estabelecidas entre sociedade e natureza (PONYUSCHKA, 2007).

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Segundo a BNCC, o desenvolvimento do letramento científico, proposição de uma educação de cunho científico para todo ensino fundamental, deve ser o cerne e envolver a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), e também de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências.

Assim, a geografia é uma das ciências que, historicamente, procura interpretar o mundo, a partir do estudo das interações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e os padrões e processos da natureza. Através de suas linguagens (escrita e imagética), o estudo da geografia nos permite construir interpretações da organização, produção e reprodução do espaço. Por isso, dizemos que aprender geografia é desenvolver a capacidade de raciocinar espacialmente, nas diferentes escalas em que o mundo se apresenta. Para atingir essa finalidade maior do conhecimento do mundo, é preciso apropriar-se dessas linguagens que darão sustentação à 'leitura', interpretação e representação da realidade em sua espacialidade.

Vivemos múltiplos espaços criados, concebidos, impostos, re-criados, inventados. Espaços produtos das influências mútuas do tempo e das transformações acumuladas que resultam do modo de produzir, informar, sentir o mundo que vivemos. Todos vivemos territórios dimensionados e interpretados à luz do contexto cultural, econômico e ambiental. Somos produto de múltiplas interações.

Compreender os fatos requer a construção de um repertório que permita ver o que não está explícito nas múltiplas imagens de um lugar. Na perspectiva da observação e questionamento da complexidade do mundo, somos intérpretes do espaço. A construção do repertório para ler os fatos e articular elementos próximos e distantes do espaço vivido, requer um trabalho escolar passo a passo, capaz de favorecer que crianças e jovens 'leiam' a trama complexa de analogias, de valores, de representações e de identidades que figuram neste espaço, deste modo, o letramento científico envolve não apenas o conhecimento sobre a ciência e a tecnologia, mas, especialmente, sua inter-relação com a sociedade.

Vale ressaltar que as competências específicas do componente geografia possibilitam a articulação horizontal entre as áreas, perpassando todos os componentes curriculares e, também, a articulação vertical, ou seja, a progressão no Ensino Fundamental e a continuidade das experiências dos alunos, considerando suas especificidades (BNCC, 2017).

Para tanto, é importante afirmar que essas competências específicas terão desdobramentos em unidades temáticas, e estudos da Geografia que permitem conexões com outras áreas de ensino, possibilitando integrações e interdisciplinaridade. Estudar os lugares, territórios, paisagens e regiões pressupõe lançar mão de uma ampla base de conhecimentos que não se restringem àqueles produzidos apenas pela geografia. Muitas são as interfaces com outras áreas curriculares, cada qual com suas formas e seus métodos próprios de ‘recortar’ a realidade estudada.

O estudo da natureza, em Geografia, envolve uma análise de processos que também é feita em Ciências Naturais, por exemplo. No entanto, a geografia traz métodos específicos de estudo quando considera as dimensões escalares, a integração dos fenômenos e a sua representação cartográfica. Um exemplo de conexão e, ao mesmo tempo, de singularidade é que é possível estudar aspectos do tempo meteorológico, o que ocorre tanto em Ciências Naturais quanto em Geografia – nesse caso, essa noção se associa ao entendimento das escalas de clima que podem ser locais, regionais, globais. Os alunos podem aprender a ler e produzir mapas, tabelas e gráficos sobre fenômenos climáticos, ao estudar os comportamentos da atmosfera, e aprender a relacionar as interferências humanas nos processos do clima e do tempo meteorológico no nível da superfície terrestre, por exemplo, ao estudar o fenômeno das ilhas de calor.

As conexões de Geografia com História são ainda mais evidentes, pois as temporalidades também são objetos de estudo da geografia, que busca interpretar o tempo histórico empírico, nas paisagens. Ou ainda, ao associar o ensino da observação do tempo, como na probabilidade de chuva, fenômeno da meteorologia, podemos perceber possibilidades para a leitura dos números, porcentagem e probabilidades (conhecimentos da matemática). Em suma, todas as atividades do ensino de geografia, na medida do possível, devem ser integradas com as demais áreas do conhecimento, permitindo assim um ensino mais significativo e relevante.

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

O presente documento norteador deve apresentar, além de conhecimentos articulados com as competências gerais e específicas do componente curricular, conhecimentos que abordem a parte singular ou a chamada parte diversificada, que englobe temáticas necessárias, respeitando características regionais e locais da sociedade Acreana.

No caso do ensino da Geografia, é importante salientar a abordagem geográfica e política do Acre, a materialização das lutas e disputas no espaço geográfico, configurando o espaço sócioeconômico na formação cartográfica no que hoje temos como nosso espaço territorial, mostrando que nenhum estado tem uma formação igual; mas surge de diferentes modos e condições. Assim, é importante abordar os embates colônias, as relações de fronteiras, os tratados políticos e as questões relacionadas à expansão territorial.

Também, de igual modo, no sentido de relevância, é importante trazer o conhecimento do ciclo da borracha, a vinda dos nordestinos e o processo migratório como um todo, a agricultura, a hidrografia, e a biodiversidade do estado do Acre. E não menos fundamental, o estudo do povo indígena na região acreana e suas contribuições para formação e cultura do povo acreano.

Nesse sentido, a Geografia, na sua parte diversificada, está relacionada à necessidade de se conhecer o espaço geográfico acreano. Este pode ser entendido como o espaço produzido pelo homem e que está em constante transformação ao longo do tempo. Podemos dizer, então, que o espaço geográfico possui um caráter histórico-político e, por isso, é importante seu estudo para compreensão das características da ação humana sobre o meio em que vive. Sendo, portanto, campo de estudo desta parte, toda a dinâmica da natureza e social da Terra.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Nos primeiros anos, a aproximação com as paisagens e os lugares contribui para as primeiras leituras espaciais das crianças, pois a vida humana está impressa no espaço. Desse modo, alargar as possibilidades de compreensão do mundo é bem mais do que ensinar os primeiros passos da cartografia. A área de Geografia tem como objeto básico o estudo das paisagens humanizadas ao longo da história, cujas características são produto da atividade transformadora das sociedades. Portanto, o modo de vida é uma dimensão essencial na produção do espaço geográfico. São os modos de viver, trabalhar e produzir que interagem e transformam a natureza.

Desse ponto de vista, destaca-se o estudo das relações entre o processo histórico da formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, que podem ser identificados em aspectos observáveis, no cotidiano. A perspectiva é que as crianças desenvolvam noções sobre a espacialidade, ou seja, que aprendam a pensar sobre o espaço, a partir das semelhanças e diferenças, da relação 'parte e todo' e das contradições que marcam o uso social que é feito dos processos da natureza. Assim se criam as condições para que desenvolvam, desde pequenas e, progressivamente, um pensamento crítico e analítico, um raciocínio apoiado em diferentes referenciais, ligados ao campo da geografia e de outras áreas do conhecimento.

As crianças, quando vêm para a escola, trazem consigo representações do mundo que farão parte do seu olhar sobre o que aprenderão. O mundo vivido é maior, mais diverso e complexo do que aquele que se pode 'recortar' para análise no ambiente escolar. Ao caminhar, correr, brincar, contestar, a criança está vivendo o espaço, ampliando seu mundo e reconhecendo sua complexidade. As atividades que vier a realizar na escola acrescentarão novas possibilidades de ler, ver, escrever e compreender o vivido.

Tomando-se como referência a finalidade da geografia nos anos iniciais, bem como o conjunto de orientações pedagógicas, destacamos as capacidades que precisam ser desenvolvidas nos alunos com o estudo da geografia, ao longo de cada ano.

1º ANO

- Discutir e elaborar, coletivamente, regras de convívio, em diferentes espaços (sala de aula, escola etc.).
- Perceber-se no espaço e identificar sua posição em relação aos objetos do entorno, identificando o que está à sua frente ou atrás, perto ou longe, assim como noções de lateralidade.
- Identificar objetos presentes no cotidiano em relação a tamanho, forma e cor, o que permite o desenvolvimento da noção de proporção e de legenda.
- Observar, identificar e localizar pontos de referência (praça, padaria, parque, escola, casa) para reconhecer as diferentes distâncias entre os lugares.
- Reconhecer as características e os usos dos espaços públicos urbanos e rurais – festas, manifestações populares, parques, áreas protegidas, praças, dentre outros.

- Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares.
- Descrever e comparar atividades de trabalho e diferentes tipos de moradia ou objetos de uso cotidiano (brinquedos, roupas, mobiliários), considerando técnicas e materiais utilizados em sua produção.
- Reconhecer as mudanças que ocorrem no tempo meteorológico durante o dia e à noite, descrevendo, em textos informativos, as características e mudanças que ocorreram nas nuvens (se choveu, se ficou nublado etc.), as alterações na temperatura, umidade, ventos, associando à mudança de vestuário e hábitos alimentares.

2º ANO

- Conhecer e identificar as diferenças e as semelhanças nas paisagens dos lugares de vivência, expressando suas características visíveis oralmente ou por desenhos e reconhecendo alguns referenciais espaciais na escola, no trajeto 'moradia-escola' e outros do seu cotidiano.
- Ler imagens, identificando a presença da natureza e das ações humanas em seu cotidiano.
- Comparar costumes e tradições de diferentes populações e reconhecer os vínculos afetivos construídos nos espaços de vivência, tais como a escola, a rua, o lugar de moradia, a cidade, entre outros, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.
- Identificar e utilizar o desenho para produzir representações gráficas dos componentes das paisagens do cotidiano, utilizando recursos gráficos simples para construção de croquis.
- Identificar marcadores espaciais, utilizando posições geográficas, tais como os endereços de casa, locais que conhece ou frequenta, reconhecendo os deslocamentos cotidianos (escola, casa, rua, lugar onde mora).
- Representar os locais de vivência, utilizando-se do desenho de croqui, observar e desenhar objetos em diferentes posições (verticais – de cima para baixo –, laterais, frontais) e desenvolvendo procedimentos para ler e compreender mapas e outras representações espaciais comuns em seu cotidiano: mapa de ruas, mapa de rios, guias turísticos, plantas de casa ou ruas.
- Comparar diferentes meios de transporte e de comunicação, indicando o seu papel na conexão entre lugares, e discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável.
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas, em diferentes lugares.

- Relacionar o dia e a noite a diferentes tipos de atividades sociais (horário escolar, comercial, sono etc.), utilizando, com ajuda do professor, informações obtidas em diferentes fontes, organizando registros escritos de dados coletados, através da pesquisa e de entrevistas, construindo procedimentos relacionados ao tratamento e à obtenção de informações (entrevistas, trabalho de campo, análise de vídeos e fotografias, leitura de textos, mapas, tabelas e gráficos, por exemplo).
- Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais, utilizando produção de textos escritos, ilustrações e exposições orais, com ajuda do professor.

3º ANO

- Reconhecer e descrever grupos sociais e seus vínculos (afetivos, familiares e sociais) com o lugar e a paisagem em sua comunidade.
- Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais, em distintos lugares.
- Perceber a natureza, a partir das ações do cotidiano, demonstrando atitudes de conservação, como a atuação na rede da reciclagem de materiais, cuidados com o desperdício de água e energia, consumo em geral e outras ações de conservação ambiental.
- Compreender que a natureza do espaço, enquanto território e lugar, é dotada de uma historicidade, onde o trabalho social tem uma grande importância para a compreensão da dinâmica de suas interações e transformações das paisagens naturais e antrópicas, nos seus lugares de vivência.
- Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), reconhecer as trocas que ocorrem no espaço vivido, seja no comércio, no abastecimento de água, relacionando alguns aspectos com serviços públicos, e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.
- Comparar impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, utilizando diferentes formas de registro: escrito, imagem e desenhos; identificando componentes da natureza e da sociedade na paisagem e percebendo que a natureza participa de todas as nossas atividades produtivas, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.
- Ler, com ajuda do professor, fontes textuais e/ou com imagem, que tratam da previsão do tempo meteorológico (dados de termômetros, pluviômetros, ventos e tabelas pictóricas, publicadas em jornal ou divulgadas pela TV e Internet).
- Utilizar o conhecimento sobre o tempo para elaborar um registro de observações realizadas sobre o céu e a temperatura diária, em sua localidade e participar de discussões sobre a importância do tempo meteorológico no cotidiano, utilizando-se de repertório oral adequado.

- Ler, identificar, interpretar e produzir mapas simples, com ajuda do professor, sabendo fazer uso de legendas, mapas e imagens bidimensionais e tridimensionais, como fonte de informações sobre assuntos geográficos, tais como o clima, as comunidades e os ambientes em sua cidade e no Brasil, observando e comparando mapas com fotografias dos lugares.
- Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares, comunicando as conclusões dos estudos realizados por meio da produção de textos escritos, ilustrações e exposições orais, com apoio do professor.

4º ANO

- Descrever processos migratórios e selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira, percebendo que a sociedade e a natureza possuem princípios e leis próprias e que o espaço geográfico resulta das interações entre elas.
- Reconhecer a importância da cartografia como uma forma de linguagem para trabalhar, em diferentes escalas espaciais, as representações locais e globais do espaço geográfico.
- Realizar leitura e comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças, utilizar algumas formas de representação e reconhecer na cartografia um elemento identificador do método geográfico.
- Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais.
- Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (Distrito, Município, Unidade da Federação e grande região), suas fronteiras e sua hierarquia, localizando seus lugares de vivência.
- Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.
- Distinguir, nas grandes unidades de paisagens, os diferentes graus de humanização da natureza, inclusive a dinâmica de suas fronteiras, sejam elas naturais ou históricas, a exemplo das grandes paisagens naturais, as sociopolíticas (como dos Estados Nacionais) e urbano-rural.

- Reconhecer, na paisagem local e no lugar onde vivem, as diferentes manifestações da natureza.
- Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.
- Reconhecer semelhanças e diferenças do trabalho do campo e da cidade, nos modos que distintos grupos sociais que se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer.
- Identificar, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância, de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vive e se relaciona.

5º ANO

- Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.
- Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos, em diferentes territórios.
- Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações.
- Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação para compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços técnicos e tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas decorrentes de conflitos e acordos, que ainda não são usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, desenvolver atitudes propositivas em favor dessas conquistas.
- Reconhecer e identificar as formas e funções das cidades, analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento e as interações entre a cidade e o campo e o campo e entre cidades na rede urbana.
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e um elemento de fortalecimento da democracia.
- Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.

- Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.
- Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações, desenvolvendo o espírito de pesquisa, fundamentado na ideia de que, para compreender o tema estudado, é importante recorrer aos vários recursos (textos, mapas, gráficos, tabelas, fotografias, imagens de satélite) que possam oferecer informações, com ajuda para fazer sua própria leitura.
- Reconhecer o significado da cartografia como uma forma de linguagem que dá identidade à geografia, mostrando que a mesma se apresenta como uma forma de leitura e de registro da espacialidade dos fatos do seu cotidiano e do mundo.
- Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive.
- Identificar os cuidados necessários para utilização da água, na agricultura e na geração de energia, e reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vive, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na conservação da natureza.
- Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixos domésticos e da escola, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

Nesse contexto, considerando a Base Nacional Comum e o princípio de letramento científico a todas as áreas do conhecimento, apresenta-se a seguir as 10 (dez) competências gerais para a Educação Básica, as competências da área de conhecimento das Ciências Humanas e as 7 (sete) competências específicas do componente curricular de geografia para o ensino fundamental.

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p>	<p>01. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.</p> <p>02. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, con-</p>

- 02.** Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 03.** Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 04.** Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 05.** Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 06.** Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 07.** Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 08.** Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- siderando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
- 03.** Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
- 04.** Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 05.** Comparar eventos ocorridos, simultaneamente, no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes, no mesmo espaço e em espaços variados.
- 06.** Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 07.** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado à localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão. (BRASIL 2017).

09. Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DO COMPONENTE GEOGRAFIA

01. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

02. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza, ao longo da história.

03. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

04. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

05. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

06. Construir argumentos, com base em informações geográficas; debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.

07. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

No presente Currículo de Referência do Acre, optou-se por apresentar um quadro organizador curricular, a partir do desenvolvimento de um conjunto de Capacidades e os seus Objetos de Conhecimento dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental a serem trabalhados pelos professores, com o objetivo de assegurar a aprendizagem dos alunos.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – GEOGRAFIA - 2º ANO

Objetivos Capacidades / competências amplas do componente	Conteúdos/Objetos de Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Propostas de atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer e identificar as diferenças e as semelhanças nas paisagens dos lugares de vivência, expressando suas características visíveis oralmente ou por desenhos e reconhecendo alguns referenciais espaciais na escola, no trajeto 'moradia-escola' e outros do seu cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> Descrição e análise de imagens (fotografias, gravuras, desenhos) fazendo comparação das paisagens dos lugares de vivência em diferentes épocas. 	<ul style="list-style-type: none"> Mudanças e permanências. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de observação de imagem com 'tempestade de ideias' sobre os fatos observados, intenções do autor da imagem, tema da imagem, técnicas utilizadas para produzir imagens. Situações de identificação dos componentes da natureza transformada pelo homem, através de imagens produzidas por fotógrafos, pintores, artistas em geral. Observação empírica da paisagem com representação em desenhos e esquemas. Rodas de conversa sobre as impressões relativas à paisagem vivida, utilizando imagens e depoimentos das crianças e também do professor, como leitores das paisagens do cotidiano. Situações de comparação entre paisagens (contrastantes, semelhantes, diferentes etc.). Situações de desenho com posicionamento da criança diante da paisagem e também de percursos, destacando os marcos referenciais. Situações em que as crianças possam compartilhar impressões e sentimentos sobre a paisagem vivida, percebida e valorizada. Situações em que as crianças possam utilizar o desenho de percurso para chegar à escola, ir à praça, ao parque ou a outra localidade. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> sobre como a criança identifica suas ligações afetivas com a paisagem e espaço vivido, através do repertório oral; de como percebe a interação constante entre componentes da natureza e a vida coletiva na comunidade; de como procede nas situações propostas na coluna anterior.
	<ul style="list-style-type: none"> Observação empírica da paisagem e registro por desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> Elementos que compõe a paisagem. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Comparação de diferentes visões e representações sobre um mesmo objeto (relações topológicas e projetivas). 	<ul style="list-style-type: none"> Localização, orientação e representação espacial. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Identificação das tipologias de moradia, de atividades humanas e presença da natureza nas paisagens. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação da paisagem vivida. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Manuseio e leitura de imagens (fotografia, pintura e desenho) e relato de observação pessoal das paisagens vividas. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação da paisagem vivida. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Participação em conversas sobre suas vivências cotidianas e percepções da paisagem vivida. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação da paisagem vivida. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Participação em conversas sobre suas percepções e hipóteses sobre o cotidiano de outras paisagens distantes (vivas ou não). 	<ul style="list-style-type: none"> Observação da paisagem vivida. 		

	<ul style="list-style-type: none"> • Disposição para fazer maquetes, desenhar objetos e representações de referenciais do espaço vivido (trajetos variados para escola, lazer, comércio). • Observação e identificação dos espaços de moradia, da escola e arredores e representação por meio de desenho. • Utilização de técnicas variadas de desenho (folha inteira, ponto de referência, no papel quadriculado, com folha transparente sobre imagem, entre outros). • Disponibilidade para conhecer seu próprio espaço vivido. • Apreciação de fotografia e pintura da paisagem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Representações de referenciais do espaço vivido. • Conhecendo seu próprio espaço vivido. • Técnicas de representação do espaço. • Conhecendo seu próprio espaço vivido. • A representação da paisagem por meio de obras de arte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação coletiva de produções feitas pelas crianças sobre as paisagens (exposição dos desenhos e fotografias). 	
<ul style="list-style-type: none"> • Ler imagens, identificando a presença da natureza e das ações humanas em seu cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise das formas, cores e texturas de componentes da natureza (vegetação, solos, relevo, rios) e suas modificações: vegetação isolada, mancha, corredor; cores dos solos e suas texturas; formas do relevo (inclinados, planos); cores das águas dos rios; formas dos rios; canalizações; retificações; poluição. • Manuseio e leitura de imagens (fotografia, pintura e desenho) e relato de observação pessoal das paisagens vividas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos naturais e humanizados em representações. • Leitura de imagens dos espaços vividos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de apreciação em fotografias aéreas e imagens de satélite da cobertura vegetal e suas formas de ocorrência (compacta, isolada, mancha, corredor). • Situações de conversa sobre a importância da floresta e comparação entre áreas edificadas (importância do sombreamento, da umidade, da fauna, entre outras). • Situações de desenho de observação de componentes da natureza, mais e menos transformados. • Situações de levantamento de hipóteses sobre o quadro natural antes da ocupação humana e sua transformação. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • sobre como a criança lê diferentes matérias que representam a paisagem e como representa a paisagem vivida; • dos elementos contidos no desenho de observação; • de como procede nas situações propostas na coluna anterior. <p>Outras propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • identificação de texturas, cores e objetos em fotografias aéreas e imagens de satélite (ex.: <i>Google Earth</i>, <i>Nasa</i>, <i>CLBERS</i>, entre outros) e desenho em di-

	<ul style="list-style-type: none"> Análise e comparação de diferentes paisagens, a partir de dados em mapas, tabelas e gráficos, fotografias, ilustrações e textos de um mesmo lugar, em diferentes tempos. 	<ul style="list-style-type: none"> Lugar em diferentes épocas. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de trabalho de campo para observar a vegetação do espaço vivido e as tipologias (manchas naturais, praças, verde viário, árvores isoladas, vegetação espontânea), entrevistando pessoas sobre a presença da floresta no lugar de vivência. 	<ul style="list-style-type: none"> ferentes posições relacionadas à imagem (de cima e do alto, de cima e pela lateral); formulação de perguntas sobre os objetos observados em trabalho de campo. Observação: aqui o destaque é para o trabalho com cobertura vegetal por permitir o uso de portadores de imagem e ser mais perceptível pela criança, mas o professor pode também trabalhar com rios, relevo etc.
	<ul style="list-style-type: none"> Produção de desenhos e esquemas sobre componentes das paisagens conhecidas. 	<ul style="list-style-type: none"> Representação dos componentes da paisagem do espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de sistematização dos estudos com organização de portfólio ou álbum de imagens de estudo da vegetação. 	
	<ul style="list-style-type: none"> Participação em situações de conversa sobre as paisagens e seus componentes. 	<ul style="list-style-type: none"> Representação dos componentes da paisagem do espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de produção de texto de descrição das paisagens estudadas. 	
	<ul style="list-style-type: none"> Apreciação de natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> Representação dos componentes da paisagem do espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de leitura de textos literários, observando a percepção dos autores e personagens sobre a paisagem. 	
<ul style="list-style-type: none"> Comparar costumes e tradições de diferentes populações e reconhecer os vínculos afetivos construídos nos espaços de vivência, tais como a escola, a rua, o lugar de moradia, a cidade, entre outros, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. 	<ul style="list-style-type: none"> Disponibilidade para ouvir relatos orais de vivências cotidianas no espaço da casa, bairro, rua, cidade e outros. Identificação e comparação de costumes e tradições dentro da comunidade. Disponibilidade para ouvir relatos orais de outros sujeitos da comunidade sobre suas vivências cotidianas. Participação em roda de conversa sobre a importância do respeito às diferenças. (Quando possível) Elaboração de registros em multimídia ou fotografia (imagem e som) dos lugares de vivência que sejam significativos. 	<ul style="list-style-type: none"> Convivência e interações entre pessoas na comunidade. Costumes e tradições da comunidade. Costumes e tradições da comunidade. Costumes e tradições da comunidade. Espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações de entrevista com interlocutores que vivem no mesmo espaço. Situações de apreciação de fotografias, mapas, textos sobre o bairro e a cidade. Situações de captura de dados primários em trabalho de campo no bairro ou comunidade em que vive, conhecendo e respeitando os costumes dos moradores do bairro, da comunidade ou até mesmo da cidade. Situações de captura de dados primários em trabalho de campo sobre as impressões positivas e negativas do espaço vivido. Produção coletiva de uma ficha do bairro, rua ou escola com seus dados informativos (endereço, desde quando existe, telefone, quantas pessoas vivem neste espaço, o que fazem etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> Observação dos conhecimentos prévios da criança, por meio de perguntas e registros na lousa para que todos vejam o que a turma já sabe. Observação, registro e análise da capacidade da criança: <ul style="list-style-type: none"> fazer perguntas sobre o assunto; expressar o que sente e vê nas imagens estudadas; -utilizar frases ou palavras-chave para caracterizar suas impressões sobre as percepções do cotidiano; organizar uma ficha com dados; apreciar e conversar sobre imagens, filmes e fotografias que foram trabalhadas; realizar as demais propostas da coluna anterior.

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da escola como lugar de estudo através do trabalho com alunos de outras turmas, funcionários e pais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de desenho destes espaços de vivência (trabalhando lateralidade, posição, distância). • Situações de leitura, com apoio do professor de literatura infantil, que contenham relatos de personagens sobre seus vínculos afetivos com os lugares. • Situação de escrita sobre o seu cotidiano na escola e em casa (o que eu gosto de brincar, ler, onde gosto de ir, onde não gosto de ir, entre outros). • Situação de cinema na escola, abordando como vivem crianças em alguns lugares do mundo e na Amazônia. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e utilizar o desenho para produzir representações gráficas dos componentes das paisagens do cotidiano, utilizando recursos gráficos simples para construção de croquis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de componentes da paisagem, apreendidos a partir dos seus deslocamentos cotidianos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os pontos de referências em percursos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de percurso do cotidiano das crianças e desenho de observação da paisagem, vista de uma janela. • Situações de conversa sobre os desenhos de croqui. • Situações de desenho de memória e desenho de observação com comparação de produções. • Exposição de desenhos em mural. • Situações para leitura e produção de legendas, a partir de mapas mentais, croqui e mapas. • Situações de leitura de imagens, identificando atributos como: cores, texturas, formas, entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise do desempenho da criança nas atividades da coluna anterior, observando seus conhecimentos sobre localização, proporção, escala, perspectiva e outros que as atividades desenvolvidas tenham favorecido.
	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em situações de brincadeiras com uso de croqui. 	<ul style="list-style-type: none"> • Representação espacial. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade para participar de atividades de percurso, utilizando pontos de referência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os pontos de referências em percursos. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e elaboração de mapas mentais, maquetes ou croquis do lugar onde vive. 	<ul style="list-style-type: none"> • Representação espacial. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e produção de croqui, a partir de imagem fotográfica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de imagens fotográficas para construir croquis. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e produção de legendas para fotografias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Legendas. 		
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de legendas de mapas simples e croqui. 	<ul style="list-style-type: none"> • Legendas. 			
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar marcadores espaciais, utilizando posições 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre os marcadores espaciais de posição, seu 	<ul style="list-style-type: none"> • Marcadores espaciais de posição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de troca de informações sobre marcadores espaciais em seu cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificação dos conhecimentos prévios da criança sobre uso social de marcadores espaciais.

<p>geográficas, tais como os endereços de casa, locais que conhece ou frequenta, reconhecendo os deslocamentos cotidianos (escola, casa, rua, lugar onde mora).</p>	<p>endereço e lugares que frequenta.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção escrita de endereços úteis para a família, consulta a livros de endereços (lista telefônica, agenda, informações orais). • Aplicação dos princípios de localização, posição em relação a objetos e ao espaço em brincadeiras. • Organização coletiva de informações sobre marcadores espaciais. • Organização coletiva da agenda de endereços da turma. 	<ul style="list-style-type: none"> • Endereços e lugares. • Princípios de localização em brincadeiras. • Marcadores espaciais. • Endereço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa que envolva temas cotidianos sobre o uso de marcadores espaciais ('o endereço serve para quê, em nosso dia-a-dia?'). • Situações de jogos e brincadeiras, utilizando marcadores de posição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação, registro e análise de como a criança utiliza marcadores espaciais, tendo em conta os conhecimentos prévios que possui. • Análise do nível de participação da criança nas situações propostas na coluna anterior dos registros produzidos.
<ul style="list-style-type: none"> • Representar os locais de vivência, utilizando-se do desenho de croqui, observar e desenhar objetos em diferentes posições (verticais – de cima para baixo –, laterais, frontais) e desenvolvendo procedimentos para ler e compreender mapas e outras representações espaciais comuns em seu cotidiano: mapa de ruas, mapa de rios, guias turísticos, 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e representação de diferentes objetos na sala e na escola, por meio de relações de lateralidade e topológicas. • Manuseio de materiais com diferentes formas de representação do espaço. • Desenho da disposição de diferentes objetos no pátio da escola, em relação ao próprio corpo. • Desenho de diferentes espaços da escola, da moradia e das ruas próximas. • Manuseio de guia e/ou planta de ruas e comparação com outras formas de arruamento. • Observação de croqui e discussão de seu uso social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Localização, orientação e representação espacial. • Representação do espaço. • Representação de objetos em relação ao próprio corpo. • Representação do espaço de vivência. • Uso de guias de ruas. • O croqui em uso social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de brincadeira para exercitar os termos: ao lado, perto, longe, entre, dentro e fora. • Situações de identificação do próprio corpo, trabalhando com autorretrato e desenho do próprio corpo. • Situações de análise de croqui que aparecem em jornais, revistas, folhetos e no livro didático. • Situações em que as crianças examinem e explorem diferentes materiais que representam o espaço e informações orais sobre uso de marcadores espaciais. • Uso de um endereço e o guia de rua, ou catálogo telefônico, para ir e vir, num trabalho de campo nos arredores da escola, para buscar informação sobre algo importante no cotidiano das crianças, estudando e analisando com elas o uso do marcador. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • sobre como a criança trabalha a sua relação com os objetos do entorno e se sabe utilizar croqui para informar localizações; • de como faz o desenho de croqui em situações cotidianas; • de como procede nas situações propostas na coluna anterior.

<p>plantas de casa ou ruas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Participação de jogos que requeiram o exercício de posição espacial. • Interesse e empenho em conhecer seu próprio espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> • A posição espacial em jogos e brincadeiras. • Reconhecimento do espaço vivido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa sobre as localizações na própria escola e exploração do conhecimento sobre outras localizações importantes no cotidiano. • Situações de comparação de posição geográfica entre localizações da escola, da rua, da moradia, dos locais de lazer, dos rios. • Situações de desenho com posicionamento de objetos em fotografia aérea. • Situações em que as crianças possam compartilhar impressões e sentimentos sobre perto e longe, envolvendo fatos ocorridos (viagem, férias, visita a parentes). • Situações em que as crianças possam utilizar um croqui para chegar a alguma localidade do cotidiano. • Apresentação coletiva de produções feitas pelas crianças sobre o croqui. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Comparar diferentes meios de transporte e de comunicação, indicando o seu papel na conexão entre lugares, e discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e comparação dos diferentes meios de transportes que circulam no bairro, na cidade. • Participação em rodas de conversa sobre os riscos dos transportes utilizados para a vida e para o ambiente. • Identificação e comparação dos meios de comunicação utilizados na comunidade e como ele interfere nos processos de conexão entre os povos. • Produção de fichas informativas sobre trajetos e roteiros de deslocamento. • Produção de lista de localidades, utilizando observação dos diferentes meios de transporte que circulam no bairro e 	<ul style="list-style-type: none"> • Meios de transportes. • Riscos e cuidados nos meios de transportes e de comunicação. • Meios de comunicação utilizados na comunidade. • Meios de comunicação utilizados na comunidade. • Meios de comunicação utilizados na comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de organização de fichas sobre trajetos e roteiros de deslocamentos. • Situações de produção de listas de localidades (ditadas ao professor ou de próprio punho) que fizerem sentido no contexto do trabalho. • Atividades coletivas de exploração e análise de mapas pictóricos, roteiros de turismo, mapas de percurso de meios de transporte, em geral. • Rodas de conversa sobre o uso responsável de diferentes meios de comunicação e transporte. • Situação de conversas sobre a desigualdade de acesso ao transporte e aos meios de comunicação. • Situação em que as crianças possam utilizar o desenho de percurso para chegar à escola, ir à praça, ao parque ou a outra localidade, identificando o meio de transporte 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • se a criança sabe fazer uso desse tipo de texto informativo e se compreende a sua finalidade; • se a criança identifica símbolos em mapas de percurso, roteiros turísticos, mapas pictóricos, entre outros; • de como participa das situações propostas na coluna anterior.

	<p>na cidade, para procurar organizar um guia de localizações.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exploração de mapas pictóricos, roteiros de turismo, mapas de percurso de meios de transporte, em geral. • Produção de escritas que envolvam nomear ruas, rios, partes de diagramas de trajeto, entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mapas pictóricos. • Roteiros turísticos. • Mapas de percurso. • Mapas pictóricos. • Roteiros turísticos. • Mapas de percurso. 	<p>que ela utiliza para chegar até essas localidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação coletiva de produções feitas pelas crianças sobre o tema. • Situações de leitura de imagens, identificando e comparando os meios de comunicação utilizados na comunidade e como eles interferem nos processos de conexão entre povos e lugares. • Situações de conversas sobre o uso irresponsável que os meios de transportes e comunicação causam para a vida e para o ambiente. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão e reconhecimento das semelhanças e diferenças nos hábitos cotidianos, identificando aqueles que são individuais e aqueles que são compartilhados. • Elaboração de uma lista das características dos hábitos de vida e da relação com a natureza das pessoas que moram no campo e nas grandes cidades. • Reconhecimento das mudanças dos modos de vida de um lugar, trazidas pelas tecnologias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Semelhanças e diferenças nos hábitos cotidianos. • Hábitos de vida e da relação com a natureza no campo e na cidade. • As mudanças nos modos de vidas, decorrente das tecnologias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situação de conversas sobre a diferença entre cidade e campo. • Pesquisa sobre os hábitos de vida e da relação com a natureza dos diferentes modos de viver e de ocupar o espaço. • Elaborar lista com as características dos hábitos de vida e da relação com a natureza das pessoas que moram no campo e nas cidades. • Situação de perguntas problematizadas sobre o tema. • Situação de leitura de imagem e fotografia para identificar as mudanças dos modos de vida de um mesmo lugar, apresentando a importância da técnica para a transformação do local. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • do nível de participação da criança nas situações propostas na coluna anterior dos registros produzidos. • de como a criança procede nas situações propostas na coluna anterior.
<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o dia e a noite a diferentes tipos de atividades sociais (horário escolar, comercial, sono etc.), utilizando, com ajuda do professor, informações obtidas em 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre o dia e a noite, no estudo da paisagem e do lugar (espaço vivido e percebido). • Produção de registros sobre os diferentes tipos de atividades sociais realizadas no período da manhã, da tarde e da noite. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de trabalho em lugares e diferentes períodos do dia. • Atividades sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de troca de informações a respeito dos temas estudados, com um ou mais interlocutores, com colegas de classe e com demais alunos da escola e adultos. • Rodas de conversa sobre trabalhos de campo, pesquisas em diferentes fontes de textos, mapas e dados. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • dos trabalhos de campo, a partir dos livros pesquisados, de croquis, levando em conta os propósitos, a finalidade do registro e o contexto de circulação previsto para esses registros; • de como a criança procede nas situações propostas na coluna anterior.

<p>diferentes fontes, organizando registros escritos de dados coletados através da pesquisa e de entrevistas, construindo procedimentos relacionados ao tratamento e à obtenção de informações (entrevistas trabalhos de campo, análise de vídeos e fotografias, leitura de textos, mapas, tabelas e gráficos, por exemplo).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento do dia e a noite com diferentes tipos de atividades sociais (horário escolar, comercial, sono etc.). • Escuta de narrativas orais, de diferentes interlocutores, em trabalho de campo, e registro das informações obtidas. • Revisão de texto para saber o que já foi escrito e o que ainda falta escrever. • Participação na organização coletiva de reformulação de texto sobre entrevistas, análise de vídeos, mapas, tabelas e gráficos adequados à faixa etária. • Apresentação de pequenas exposições sobre temas estudados em Geografia, com ajuda do professor. • Organização de informações pesquisadas em diferentes fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades sociais. • Atividades sociais. • Atividades sociais. • Atividades sociais. • Atividades sociais. • Atividades sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho com diferentes formas de registros de estudo (dados numéricos, relatos orais, registros escritos, imagens, entre outros). • Situações de apresentação de pequenas exposições sobre temas estudados em Geografia, envolvendo debates e propostas de registro de informações. • Situações de produção de texto supervisionadas pelo professor. • Situação de pesquisa sobre as características das atividades realizadas durante o dia e a noite. • Situação de listagem das diferentes atividades sociais realizadas durante o dia e noite. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais, utilizando produção de textos escritos, ilustrações e exposições orais, com ajuda do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da origem dos principais produtos vegetais (frutas, legumes, cereais), animais (carnes em geral) e minerais (água) do cotidiano do aluno. • Descrição das diferentes atividades extrativas. • Elaboração de mural com problemas ambientais, oriundos da produção e da extração. 	<ul style="list-style-type: none"> • Origem dos principais produtos vegetais. • Origem dos principais produtos animais. • Origem dos principais produtos minerais. • Atividades extrativas. • Problemas ambientais oriundos da produção e da extração. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações de seleção de informação e escolha de linguagens para expor produções sobre o lugar e a paisagem. • Situações de apreciação de painéis em exposições extraclasse ou pela televisão (eventos, feiras culturais, museus, entre outros). • Situações de organização de seminários orais para comunicar conclusões de estudo. • Situações de conversa sobre de onde vêm os recursos que utilizamos na escola, em casa e em outros locais do cotidiano. • Situação de entrevistas com moradores da comunidade sobre onde obtêm alimentos, extração. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • da capacidade de uso do repertório adquirido pelo estudo nas exposições orais e o interesse em comunicar os saberes adquiridos em evento extraclasse; • se a criança reconhece as linguagens estudadas fora da sala de aula, em exposições, museus, eventos, feiras etc. • sobre participação em pesquisas na comunidade;

	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de exposições. • Participação na organização de painéis. • Participação na organização de murais, folhetos, roteiros. • Participação em seminários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas ambientais oriundos da produção e da extração. 	<p>vestuário, calçados e outros produtos do seu cotidiano.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situações de pesquisa sobre os problemas ambientais oriundos da produção e da extração. • Trabalho de campo na cidade para observar, indagar e confrontar hipóteses levantadas, coletivamente, sobre o comércio de alimentos ou vestuário. • Situação de análise de diferentes modos de vida e suas relações com o ambiente (por exemplo, pescador artesanal, trabalhador urbano). • Situações para analisar o ciclo de vida de matéria prima utilizada no cotidiano, para perceber a relação entre fontes de matérias primas (recursos naturais), trabalho e transformação, comércio, uso e descarte de resíduos. • Exercício do uso orientado da internet para obter e tratar a informação sobre os assuntos que estão sendo estudados. 	
--	---	--	--	--

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Série Cadernos de orientação curricular:** Orientações curriculares para o Ciclo Inicial do Ensino fundamental Volumes 1, 2, 3, 4 e 5,, Rio Branco, AC. SEE, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é base. Brasília. 2017.
- CALLAI, Helena Copetti e AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **A licenciatura de Geografia e a articulação com a Educação Básica**, In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al]. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões* 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/AGB, Sessão Porto Alegre 1999, p. 187 a 193.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Integrar para entregar: políticas públicas e Amazônia*. Campinas: Papirus, 1988.
- PONTUSCHKA, Nidi; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Nuria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007



HISTÓRIA

1. REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História tem sido seriamente repensado, o paradigma tradicional, que enfatizava a memorização de informações isoladas, geralmente de caráter político, encontrava-se em nítido descompasso com a produção historiográfica acadêmica, além de pouco contribuir para a formação do aluno como pessoa e cidadão. Em função disso, esse modelo tem dado lugar a abordagens diferenciadas, o que pode ser evidenciado, por exemplo, nas ações de educadores, nas políticas educacionais e nas mudanças de enfoque presentes em boa parte dos livros didáticos de História.

Essas abordagens diferenciadas para o ensino de História têm possibilitado a incorporação e estudo de novos conteúdos, de novos sujeitos históricos e tempos históricos que contribuem para a formação do aluno a partir de um conjunto de conhecimentos e valores atualizados e dinâmicos. Além disso, é preciso ter em mente que uma abordagem renovada do ensino de História pressupõe uma mudança radical na postura do educador: ao invés de ser um transmissor de conteúdos, que coloca os alunos permanentemente sob sua dependência, avaliando-os em sua capacidade de reproduzir o que é ensinado em sala de aula, o professor de História precisa se tornar um mediador, ocupando um papel importante no processo de ensino e aprendizagem, mas, ao mesmo tempo, favorecendo e estimulando a autonomia e o interesse dos alunos.

Neste sentido, a proposta aqui apresentada parte da premissa de considerar que o ensino de história deve contribuir para a formação da consciência histórica dos alunos, possibilitando a construção de identidades históricas e sociais, a partir da análise crítica da realidade vivida, bem como os questionamentos e análises de outras realidades atuais e históricas.

Por isso, em vez de iniciar por estudos do passado, seguindo uma ordem linear e cronologicamente em direção ao presente, a proposta é partir de estudos que problematizam questões do presente e do local onde se vive, para estabelecer relações com outros acontecimentos, tempos e lugares, e retornar ao presente e ao local para evidenciar suas temporalidades, suas dimensões espaciais próprias, suas dimensões históricas e geográficas. Essa é também uma metodologia que permite que se estude por comparações, com vistas à percepção de mudanças e permanências, semelhanças e diferenças e de transformações sociais nos processos históricos.

É importante lembrar que a opção de ir e vir no tempo, externos a todos os estudos realizados e relacionada à valorização das vivências atuais dos educandos, não significa abandonar as medidas cronológicas, como datas, séculos, linhas e extensões de duração, muito menos, ensinar apenas e especificamente os marcadores de tempo para que apreendam abstratamente noções temporais.

A proposta é possibilitar referências temporais para que especifiquem os acontecimentos históricos estudados em seus contextos e para distinguirem um fato do outro, uma época da outra. Se a premissa é possibilitar a apreensão da temporalidade e da historicidade do presente e, portanto, das durações dos acontecimentos e contextos que se estendem em suas relações no tempo, cabe ao professor recorrer sempre à linha cronológica, demarcando os fatos estudados e suas durações.

Em relação à história do Acre ou de qualquer lugar, aproveitar a imensa diversidade que temos para reforçar que, de acordo com a constituição de 1988, toda e qualquer visão etnocêntrica sobre qualquer ator e ou cultura que faz parte da história, deve ser combatido à medida que os seres humanos forem adquirindo conhecimentos. De acordo com a literatura jurídica todo e qualquer preconceito é resultado da falta de conhecimento. Assim sendo determinados protagonistas de nossa história não podem ser apontados como inferiores (indígenas, seringueiros, ribeirinhos, escravos...) e ou superiores em detrimento de outro. O Art. 5º da Constituição Federal de 1988 diz que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

A História é um campo de pesquisa e produção de saber em permanente mudança que influencia o ensino de história e, por sua vez, a prática pedagógica dos professores em sala de aula, favorecendo o desenvolvimento de metodologias ativas que articulem prática e teoria e que possibilite aos alunos elementos que desenvolvam capacidades de identificação, comparação, contextualização, interpretação, análise e outras; uma metodologia construída a partir das experiências e realidades mais próximas dos alunos. Para que dessa forma, possamos transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e das sociedades em que se vive

No trabalho com o ensino de História é importante construir formas de ensinar e aprender que procurem desenvolver a produção do conhecimento vinculando o ensino e a pesquisa, oportunizando aos sujeitos do processo, isto é, ao professor e ao aluno, uma postura que leve sempre ao questionamento, à coleta de dados, bem como à permanente reflexão. Como afirma Cunha (2001)

“Unir ensino e pesquisa significa caminhar para que a educação seja integrada, envolvendo estudantes e professores numa criação do conhecimento comumente partilhado. A pesquisa deve ser usada para colocar o sujeito dos fatos, para que a realidade seja apreendida e não somente reproduzida “ (CUNHA, 2001, p.32).

Ao se trabalhar com a pesquisa escolar, alguns procedimentos devem ser ensinados como, por exemplo, localizar e ler informações em diferentes fontes-livros, revistas, jornais, estabelecer relações entre elas e compará-las, familiarizar-se e desenvolver domínios linguísticos. A pesquisa escolar deve ser graduada de acordo com a idade dos alunos e à sua realidade, deve ser uma atividade que desperte interesse e curiosidade dos alunos, incentivando-os a aprofundar o conhecimento, garantindo-lhes participação ativa, autonomia e construção. Para isso o professor deverá assumir, no processo, o papel do orientador, direcionando os passos da pesquisa, como levantamentos de questões, coleta de fontes (com indicações dos locais onde elas possam ser encontradas), objetivos a serem alcançados, instrumentos de análise das fontes de redação ou de exposição oral, além da avaliação.

Um outro aspecto relevante é que, do confronto entre a produção existente e o que está sendo construído pelo aluno, resulta a problematização. “A problematização deve ser trabalhada e entendida pelo professor como a ultrapassagem do senso comum, da aparente uniformidade e permanência que o cotidiano apresenta, para a pluralidade das práticas sociais, das inúmeras tensões que constituem o presente, bem como a recuperação da historicidade dessas práticas”. Daí a importância que o professor se acostume a trabalhar problematizando os conteúdos porque cria condições para o aluno pensar sobre eles, argumentar e fundamentar suas opiniões. A problematização sempre exige que o aluno pesquise, levante hipóteses, classifique-as e passe por um processo de desaprovação ou rejeição com argumentos da hipótese escolhida.

Ainda nos estudos dos conteúdos históricos escolares destacam-se algumas categorias conceituais importantes comuns a todas as etapas e modalidades de ensino, consideradas fundamentais nos estudos e na construção do conhecimento histórico: **sujeito histórico, tempo histórico e fato histórico**. E depreendem-se importantes conceitos como: contexto histórico, cultura e sociedade e outros, e ao mesmo tempo, enfatiza-se a compreensão de que conteúdos escolares abarcam diferentes tipologias, como por exemplo: as informações, os conceitos, os procedimentos e atitudes que e que serão organizados a partir de capacidades (objetivos), considerando o nível cognitivo em que a criança se encontra.

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

Considerando que o Currículo tem uma parte comum e uma parte diversificada e específica de cada Estado, o Currículo para o ensino de História orienta que ao se trabalhar os conteúdos históricos mais gerais, se faça uma articulação com os conteúdos mais locais e regionais. Nesse sentido, a proposta, permite que se parta de estudos que problematizem questões do presente e do local onde se vive, por exemplo, quando se estuda as atividades econômicas da Amazônia e do Acre em particular, pode ser objeto de estudo a expansão da pecuária em nosso Estado, refletindo os problemas causados por essa atividade, que vai desde a expulsão do homem do campo para a cidade, como os problemas urbanos gerados por essa ação como: desemprego, falta de moradia, marginalidade, falta de saneamento básico, entre outros. Além disso, não podemos esquecer a discussão sobre as questões de degradação ambiental causadas pelo processo de substituição da floresta pelo pasto. A ideia é que estabeleça relações com outros acontecimentos, tempos e lugares, e retorne ao presente e ao local para evidenciar suas temporalidades, suas dimensões espaciais próprias, suas dimensões históricas e geográficas. Essa é também uma opção metodológica que permite aos alunos estudarem por comparações, com vistas à percepção de mudanças e permanências, semelhanças e diferenças e de transformações sociais nos processos históricos.

Temáticas locais e regionais podem ser trabalhadas de forma conjunta e interdisciplinar, visto que há uma dificuldade de se trabalhar alguns conteúdos devido à escassez de materiais didáticos. No entanto, a História tem muito a ganhar, estabelecendo um diálogo com outras áreas curriculares, seja por meio da incorporação de objetos, seja por meio da utilização de métodos e modelos de análise. Em um estudo sobre cultura erudita no Renascimento, por exemplo, um mesmo objeto de estudo – as obras de arte da época – pode ser comum tanto a História como Artes Visuais.

De modo análogo, o diálogo sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena, reafirma a interdisciplinaridade da história com os campos do conhecimento, como geografia, sociologia, antropologia, linguística, literatura, filosofia e outros. O caráter dialógico favorece a compreensão das singularidades, dos processos históricos, dos intercâmbios culturais, das contribuições mútuas, das contradições em processo. A postura interdisciplinar alarga o campo de formação de alunos e professor, assim como facilita a incorporação de diversificadas fontes e problemas. Por isso, é importante que os professores de História estejam atentos às possibilidades de diálogo interdisciplinar e, para tanto, precisam estar entrosados com o trabalho desenvolvido pelos colegas de outras áreas.

Outra preocupação do ensino de história, esbarrando em outras áreas de conhecimento, é o trabalho com diferentes fontes de informação (textos, imagens, filmes, músicas, depoimentos orais, objetos, construções, paisagens...). Ela decorre da importância de ensinar os alunos a 'lerem' as coisas do mundo, pois precisam aprender a identificar e 'ler' a diversidade de elementos presentes naquilo que as envolve culturalmente e que constitui a sociedade em que elas vivem, inclusive identificando a presença das relações entre o mundo de hoje, outros tempos e outros espaços. É preciso que elas percebam que estão circundadas por diferentes paisagens, materialidades, obras e meios de comunicação que transmitem (ou silenciam) ideias, opiniões, concepções e valores, sem que com isso necessitem dominar procedimentos e informações para refletirem sobre eles criteriosamente.

O currículo local não deve ser desprestigiado e colocado em segundo plano, a valorização do currículo global em detrimento do currículo local inviabiliza a interação de saberes, temporalidades e espaços. A abordagem dos conteúdos deve obedecer a uma referência tanto sincrônica quanto diacrônica, dessa forma é necessário situar a História do Acre a História do resto do Brasil e do Mundo, inserindo os aspectos políticos, econômicos e sociais dos ciclos da borracha a história da República brasileira, aos ciclos de industrialização de outros países e as grandes guerras. Conteúdo local não deve apenas aparecer de passagem por esses momentos, mas devem ser privilegiados tanto quanto os demais.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS

O ensino de História para as crianças pequenas é um campo ainda aberto a investigações, principalmente quando os educadores se interessam por entender as noções de tempo que elas dominam, como elas interpretam suas convivências sociais e culturais e como constroem suas hipóteses a respeito dos acontecimentos, dos costumes, das histórias de diferentes épocas e povos. O que pensam a respeito, a partir de seu universo particular, do que ouvem, veem ou leem no mundo social? Como organizam o tempo? O que sabem e pensam sobre a história? Distinguem os contos de fadas das histórias vividas?

Dependendo dos objetivos, dos temas e dos procedimentos metodológicos, o estudo de História possibilita que, aos poucos, as crianças comecem a pensar além de suas dimensões individuais e além dos acontecimentos imediatos do presente, para considerarem às poucas vivências sociais, culturais e históricas em seu cotidiano. O estudo da história estimula, ao longo da escolaridade, as crianças a questionarem suas vivências e aprenderem a identificar, debater e analisar de maneira reflexiva suas ações como relacionadas aos contextos e ao tempo, identificando e discernindo acontecimentos, obras, costumes, organizações e valores comuns entre grupos, procurando alternativas de atitudes e compromissos com outras pessoas e com a realidade por elas vivida.

Em relação à faixa de idade das crianças, é importante considerar que, apesar de pequenas, elas são inteligentes e capazes de estudar épocas e sociedades diferentes das suas, e que necessitam ter acesso a informações sobre outras culturas e modos de viver, outros tempos e contextos históricos, e acesso a possibilidades de organização de acontecimentos no tempo, para construir relações temporais, amadurecerem suas noções e estabelecerem relações entre outras sociedades e os elementos conhecidos e reconhecidos por elas em seu cotidiano.

Como bem ressalta a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2017), o ensino de História nos anos iniciais contempla, antes de mais nada, a construção do sujeito. O processo tem início quando a criança toma consciência da existência de um “Eu” e de um “Outro”. Portanto, com estes indicativos estabelecidos, espera-se garantir os direitos de aprendizagens dos alunos, explicitados nos anos a seguir:

1º ANO

- Identificar e Relacionar lugares e tempos vividos na vida cotidiana (na família, escola, ruas, parques, bairro...) com rotinas, medições e marcadores de tempo cronológico para apreender noções de tempo vivido no presente.
- Identificar e registrar acontecimentos diferentes e cotidianos da sala de aula e suas sequências temporais, distinguindo aqueles pertencentes ao presente, passado e futuro.
- Perceber permanências e mudanças nas atividades e hábitos envolvendo rotinas diárias, semanais, mensais e anuais (na casa, na escola, lazer...).
- Conhecer e identificar histórias de diferentes sujeitos (pessoas, famílias, grupos...) envolvidos nos diferentes tipos de acontecimentos cotidianos, e distinguir os papéis e responsabilidades relacionados à família, escola e comunidade.
- Identificar e valorizar diferentes formas de convívios sociais compartilhados nas brincadeiras, jogos e festas no presente e em diferentes

tempos, reconhecendo mudanças e permanências nesses hábitos culturais, e registrando suas relações com grupos, elementos culturais e marcadores de tempo.

- Identificar características de diferentes objetos envolvidos em jogos e brincadeiras, pertencentes à cultura local, às culturas indígenas e africanas no Brasil, no presente e em diferentes tempos, reconhecendo mudanças e permanências em seus elementos culturais.

2º ANO

- Relacionar lugares, tempos e documentos pessoais na vida cotidiana com rotinas, mudanças de medições e marcadores de tempo cronológico para apreender noções de tempo vivido no presente e no passado.
- Identificar e registrar acontecimentos e suas sequências temporais, distinguindo aqueles pertencentes ao presente, passado e futuro.
- Reconhecer mudanças e permanências nos hábitos culturais alimentares, nos objetos e, comparando aqueles que são por eles compartilhados e utilizados atualmente, com os identificados nos hábitos de seus pais e avós, em outros tempos.
- Identificar e estabelecer relações entre diferentes hábitos alimentares da comunidade e de outras localidades, tempos e culturas (sociedades, indígenas, quilombolas...), em diferentes ocasiões – cotidianas e festivas, bem como sua influência na cultura brasileira.
- Identificar e estabelecer relações nas diferentes formas de trabalho realizados na produção, distribuição e modos de preparo de alimentos existentes na comunidade em que vive, bem como a importância dos sujeitos históricos envolvidos nesses trabalhos, em diferentes épocas e sociedades.

3º ANO

- Relacionar lugares e tempos vividos com rotinas, medições e marcadores de tempo cronológico e histórico (datas, décadas e séculos) no esforço de apreensão do tempo.
- Identificar e registrar acontecimentos e suas sequências temporais, distinguindo aqueles pertencentes ao presente, passado e futuro, e diferenciando acontecimentos de curta, média e longa duração
- Coletar e Identificar informações sobre modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado, como, por exemplo, formas de acesso, hábitos e uso da água na vida familiar, na escola e na comunidade onde vive, identificando mudanças e

permanências com o passar do tempo.

- Reconhecer mudanças e permanências na relação da população com a água, comparando as práticas que são identificadas hoje em dia, com os hábitos de seus pais e avós e nos diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
- Identificar indícios da história do passado nas atividades culturais da localidade e nos patrimônios históricos de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.
- Estabelecer relações de conhecimento entre os diversos povos com a arte e a cultura.
- Identificar e estabelecer relações entre manifestações culturais na sociedade brasileira (festa junina, folclore, festa da primavera ou da árvore, Natal...) e em outras culturas – indígenas, africanas e migrantes.

4º ANO

- Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, identificando as mudanças e permanências nas relações de trabalho, nas ferramentas, nos materiais e nos equipamentos utilizados na produção de diferentes objetos presentes no cotidiano e relacionados à história local.
- Identificar diferentes relações de trabalho entre os moradores do local, no presente e em outras épocas, distinguindo o trabalho escravo do trabalho livre, e relacionando a história local com a história do Brasil.
- Relacionar atividades locais e acontecimentos históricos com a preservação da memória de indivíduos, grupos e classes, compreendendo na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração e ocorridas a partir dos fluxos populacionais que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.
- Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo, a partir da paisagem e dos diferentes espaços de memórias, discutindo suas interferências nos modos de vida de seus habitantes.
- Confrontar informações colhidas em diferentes tipos de registros, referentes aos mesmos acontecimentos históricos.
- Identificar os diferentes espaços que compõem o local onde moram, compreendendo suas mudanças e permanências nos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

- Relacionar lugares e tempos diferentes, com medições e marcadores de tempo cronológico e histórico (datas, décadas e séculos), no esforço de apreensão do tempo, a partir das transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação), discutindo seus significados para os diferentes grupos.
- Identificar e registrar acontecimentos e suas sequências temporais, distinguindo aqueles pertencentes ao presente, passado e futuro, e diferenciando acontecimentos de curta, média e longa duração.
- Conhecer os motivos e as técnicas pelas quais os seres humanos transformam a natureza nas diferentes temporalidades.

5º ANO

- Relacionar diferentes formas de registro (desenhos, pinturas, escritas, gravações sonoras e visuais...) com sociedades de determinados locais e épocas históricas, identificando aqueles que foram produzidos em diferentes contextos da história brasileira, incluindo as pinturas rupestres e os grafismos criados pelos povos indígenas.
- Relacionar lugares e tempos diferentes com medições e marcadores de tempo cronológico e histórico (datas, décadas e séculos) no esforço de apreensão do tempo
- Conhecer a diversidade da população local, os moradores antigos, as diferentes procedências das famílias e as relações de diferenças e de identidades, por meio das histórias coletadas em fontes orais, escritas e iconográficas e através de estudos do meio ou do entorno.
- Relacionar as histórias pessoais e das famílias com a história do local onde moram, identificando a diversidade cultural da população e valorizando as diferenças de costumes dos grupos sociais e étnicos.
- Conhecer a história do local onde moram, usando diferentes fontes históricas (escritas, orais, iconográficas, musicais...) e através de estudo do meio, identificar os movimentos sociais da população em prol de melhores condições de vida (por terra, trabalho, escola, moradia, saneamento básico, coleta de lixo, serviços de água e energia elétrica, transporte, áreas verdes, lazer, qualidade das águas dos rios e do ar...) como garantia à cidadania.
- Confrontar informações e pontos de vista diferentes, referentes aos mesmos acontecimentos históricos e sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo as orais.
- Relacionar as normas e regras de convívio na sala de aula, na escola, no local onde moram, com leis e normas gerais da sociedade (por exemplo, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei de direitos humanos, da abolição, contra o racismo...).

- Conhecer, identificar e registrar os mecanismos de organização do poder político, com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social do local onde moram e do Brasil em diferentes momentos: colônia, império, república e democracia.
- Compreender e organizar a história do local onde moram e sua relação com a história brasileira, identificando a presença e/ou a ausência de diferentes grupos sociais que compõem a sociedade, discernindo acontecimentos de curta, média e longa duração.
- Relacionar e valorizar registros históricos com a preservação da memória de grupos e classes, analisando as mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO
<p>01. Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>02. Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>03. Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p> <p>04. Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica,</p>	<p>01. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.</p> <p>02. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.</p> <p>03. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.</p> <p>04. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.</p>

para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

- 05.** Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 06.** Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 07.** Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 08.** Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 09.** Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10.** Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

05. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

06. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

07. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

(BRASIL, 2017).

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DO COMPONENTE HISTÓRIA

- 01.** Compreender acontecimentos históricos, reações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
- 02.** Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
- 03.** Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
- 04.** Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- 05.** Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
- 06.** Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica
- 07.** Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – HISTÓRIA - 2º ANO

Objetivos Capacidades / competências amplas do componente	Conteúdos/Obejtos de Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos		Propostas de atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> Relacionar lugares, tempos e documentos pessoais na vida cotidiana com rotinas, mudanças de medições e marcadores de tempo cronológico, para aprender noções de tempo vivido no presente e no passado. 	<ul style="list-style-type: none"> Participação em situações em que é preciso ouvir, relatar, selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias, nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário, distinguindo as autorias, a ficção da realidade, e os acontecimentos na ordem temporal e a partir dos lugares. 	<ul style="list-style-type: none"> O significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias. Distinção entre, a ficção da realidade, e os acontecimentos na ordem temporal. 	<ul style="list-style-type: none"> Situações em que os alunos possam sequenciar fatos cotidianos de forma cronológica, aplicando palavras e expressões temporais (antes, durante e depois), o que permite desenvolver a compreensão da temporalidade linear. Troca de informações a respeito do vivido no presente, com um ou mais interlocutores, com colegas de classe e com adultos. Troca de informações a respeito de narrativas vividas no presente e no passado, distinguindo ficção e realidade, autoria, tempos e lugares. Situações cotidianas em que as crianças tenham que fazer leitura, registro e uso constante de datas, medidas de tempo cronológico, sequências temporais, e relações entre o tempo cronológico e os acontecimentos vividos, e os que constam de relatos e narrativas históricas. Rodas de conversa que envolvam temas cotidianos e históricos (e suas relações com medidas de tempo cronológico). Situações em que as crianças organizem acontecimentos no tempo cronológico. Organização coletiva de narrativas históricas com propostas de organização dos acontecimentos no tempo e nos lugares. Apresentação de pequenas exposições sobre temas históricos, vividos no presente e 	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre noções de tempo; Distinção entre acontecimentos do presente e do passado; Relações entre acontecimentos e medidas de tempo cronológico; Organização de acontecimentos em sequências temporais. Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre as narrativas históricas: Distinção entre ficção e realidade; Autoria; Relações entre a sequência de acontecimentos e o tempo cronológico. Confronto dos conhecimentos prévios das crianças e suas hipóteses iniciais, com o registro de seus conhecimentos e opiniões, ao longo do ano. Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior.
	<ul style="list-style-type: none"> Construção de relações entre histórias vividas, rotinas, lugares e tempo cronológico, identificando suas mudanças, bem como utilizando diferentes marcadores de tempo como relógio e calendário. 	<ul style="list-style-type: none"> Relação entre histórias vividas, rotinas, lugares e tempo cronológico. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Identificação e organização de relatos das vivências cotidianas próprias e de outras pessoas, referentes ao presente e ao passado, assim como o uso de noções relacionadas ao tempo (antes, durante e depois). 	<ul style="list-style-type: none"> O tempo como medida (antes, durante e depois); 		
	<ul style="list-style-type: none"> Construção de relações entre histórias vividas, rotinas, lugares e tempo cronológico, identificando e utilizando diferen- 	<ul style="list-style-type: none"> Os diferentes marcadores de tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário. 		

	tes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário.		no passado, que envolvam debates e propostas de organização a partir de critérios de tempo.	
<ul style="list-style-type: none"> Identificar e registrar acontecimentos e suas sequências temporais, distinguindo aqueles pertencentes ao presente, passado e futuro. 	<ul style="list-style-type: none"> Discussão, Identificação, e organização sobre assuntos relacionados ao presente, ao passado e ao futuro, a partir dos fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante e depois). 	<ul style="list-style-type: none"> Tempo Cronológico; passado, presente e futuro, a partir dos fatos da vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> Troca de informações a respeito do vivido e de temas estudados, com um ou mais interlocutores, com colegas de classe e com adultos. Rodas de conversa que envolvam temas cotidianos, que contemplem assuntos históricos e culturais – passeios, estudos do meio, brincadeiras, costumes individuais e familiares, visita a museus e exposições, lendas, crônicas, reportagens, textos históricos (encontrados em livros, jornais, filmes...), memórias de pessoas... Situações em que as crianças distingam vivências coletivas e individuais, a ficção da realidade, organizem produções coletivas (textos, desenhos, tabelas...), organizem acontecimentos históricos no tempo (colhidos por meio de levantamento de costumes ou tema estudado). Apresentação de pequenas exposições sobre temas estudados em História, envolvendo debates e propostas de organização, a partir de critérios de tempo. 	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre noções de presente, passado e futuro. Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre as narrativas históricas a distinção entre ficção e realidade, a autoria, e as relações entre a sequência de acontecimentos e o tempo cronológico. Confronto dos conhecimentos prévios das crianças e suas hipóteses iniciais, com o registro de seus conhecimentos e opiniões, ao longo do ano. Observação, registro e avaliação de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior.
	<ul style="list-style-type: none"> Escuta de narrativas históricas, selecionando situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória, distinguindo presente, passado e futuro, e a ficção da realidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Formas de registrar e narrar histórias distinguindo presente, passado e futuro, e a ficção da realidade. 		
	<ul style="list-style-type: none"> Organização coletiva de acontecimentos e relatos no tempo, contendo acontecimentos vividos, estudados e os projetados para o futuro. 	<ul style="list-style-type: none"> A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço; 		
	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação de pequenas exposições sobre temas estudados em História, com ajuda do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço; 		
	<ul style="list-style-type: none"> Interesse e empenho em organizar, na fala, informações no tempo, ao expor situações e fatos vividos no cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais 		

<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer mudanças e permanências nos hábitos culturais alimentares, nos objetos e, comparando aqueles que são por eles compartilhados e utilizados atualmente, com os identificados nos hábitos de seus pais e avós, em outros tempos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre permanências e mudanças nos seus hábitos alimentares, de seus familiares e da comunidade, distinguindo os hábitos do presente e os do passado, registradas e compiladas em diferentes fontes. • Discussão sobre os hábitos alimentares – dos alunos, da classe e dos seus familiares, identificando objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados. • Explicação das próprias opiniões sobre mudanças e permanência nos hábitos alimentares, reconhecendo os espaços de sociabilidade e identificando os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco. • Apresentação de pequenas exposições sobre os hábitos alimentares, selecionando situações cotidianas que remetam à percepção de mudanças, permanências, pertencimento e memória. 	<p>ais e da comunidade no tempo e no espaço;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os hábitos alimentares, seus familiares e da comunidade no presente e passado. • Os hábitos alimentares, seus familiares e da comunidade no presente e passado. • Mudanças e permanências nos hábitos alimentares. • Mudanças e permanências nos hábitos alimentares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de informações (e registro) a respeito dos hábitos alimentares individuais e da classe, no presente, em situações cotidianas e em ocasiões especiais (festas, feriados...). • Coleta de informações (e registro) a respeito dos hábitos alimentares dos familiares em outros tempos. • Distinção dos hábitos alimentares que pertencem ao presente e os que pertencem ao passado, por meio de conversas orais, organização de tabelas e registros escritos com a ajuda do(a) professor(a). • Situações em que as crianças confrontem hábitos alimentares do presente e do passado, com debate sobre suas permanências e mudanças, com registros de suas reflexões em textos coletivos. • Apresentação de pequenas exposições sobre hábitos alimentares, envolvendo a identificação das permanências e das mudanças desses hábitos culturais no tempo. • Situações em que o aluno reúna as histórias de familiares e/ou da comunidade a partir das informações coletadas em diferentes fontes, como relatos orais, fotografias, objetos, notas em jornais ou mensagens em redes sociais etc. • Coletar, selecionar e organizar as informações que ele encontrou para, depois, juntá-las em um só lugar. 	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre as permanências e mudanças nos acontecimentos vividos e estudados. • Confronto dos conhecimentos prévios das crianças e suas hipóteses iniciais, com o registro de seus conhecimentos e opiniões, ao longo do ano, a respeito da organização do tempo. • Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior.
--	--	---	--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e estabelecer relações entre diferentes hábitos alimentares da comunidade e de outras localidades, tempos e culturas (sociedades, indígenas, quilombolas...), em diferentes ocasiões – cotidianas e festivas, bem como sua influência na cultura brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre os hábitos alimentares dos alunos da classe, identificando aqueles que são individuais e aqueles que são compartilhados, na vivência cotidiana e em determinadas ocasiões. • Participação de situações na escola, que se relacionam a hábitos alimentares da comunidade e de outras culturas: festas, comemorações de aniversários, Páscoa, Festa Junina etc. • Escuta de narrativas históricas de hábitos alimentares de outras culturas, de outras localidades, e de outros tempos. • Apresentação de pequenas exposições sobre hábitos alimentares, com ajuda do(a) professor(a). • Identificação, no calendário da comunidade, sobre os eventos sociais e culturais estudados, envolvendo hábitos alimentares, e organizar essas vivências coletivas por meio do uso de marcadores de tempo. • Contribuição de culturas diferentes para a culinária brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Hábitos alimentares, individuais e coletivos, da comunidade, de outras culturas e de outros tempos. • Hábitos alimentares de sua comunidade e de outras culturas. (páscoa, festa junina, comida regional e etc.) • As diferentes culturas e suas contribuições para a culinária brasileira. • As diferentes culturas e suas contribuições para a culinária brasileira. • As diferentes culturas e suas contribuições para a culinária brasileira. • As diferentes culturas e suas contribuições para a culinária brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em eventos sociais e culturais na escola, na família e na comunidade, com conversas a respeito dos hábitos alimentares compartilhados entre os participantes. • Promoção de eventos sociais e culturais, como lanches coletivos e festas, com conversas de valorização de vivências compartilhadas nos hábitos alimentares, e identificação desses eventos no calendário local. • Situações de ouvir histórias ou relatos, envolvendo hábitos alimentares, relacionados ao cotidiano dos alunos, e pertencentes a outras culturas, distinguindo os hábitos do presente e do passado, identificando os compartilhados em outros grupos sociais. • Identificação de diferentes calendários de festas e eventos, de diferentes culturas, confrontando com o calendário local. • Apresentação de pequenas exposições sobre eventos sociais e culturais, vivenciados na escola, na família e na comunidade, destacando os hábitos alimentares das ocasiões. • Organização coletiva e registro (em textos, imagens e linha do tempo) de costumes relacionados aos hábitos alimentares de diferentes povos, culturas e épocas, que foram estudados. • Organização coletiva de painéis com a apresentação dos eventos sociais e culturais da escola e da comunidade, destacando os hábitos alimentares compartilhados. 	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre as convivências coletivas (sociais e culturais), envolvendo hábitos alimentares que conheçam, a partir de vivências e relatos. • Confronto dos conhecimentos prévios das crianças e suas hipóteses iniciais, com o registro de seus conhecimentos e opiniões, ao longo do ano. • Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior.
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e estabelecer relações nas diferentes formas 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão e identificação das diferentes formas de trabalho no processo de produção de 	<ul style="list-style-type: none"> • As diferentes formas de trabalho no processo 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em eventos sociais e culturais, na escola, na família e na comunidade, com 	<p>Algumas propostas:</p>

<p>de trabalho realizados na produção, distribuição e modos de preparo de alimentos existentes na comunidade em que vive, bem como a importância dos sujeitos históricos envolvidos nesses trabalhos, em diferentes épocas e sociedades.</p>	<p>alimentos existentes na comunidade em que vive, estabelecendo relações entre produção, distribuição e modos de preparar e de servir alimentos, presentes em seu cotidiano, assim como os sujeitos históricos envolvidos, seus significados, suas especificidades e importância nesses trabalhos.</p>	<p>de produção, distribuição e preparação dos alimentos existentes na comunidade em que vive.</p>	<p>conversas a respeito dos hábitos alimentares compartilhados entre os participantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promoção de eventos sociais e culturais como lanches coletivos e festas, com conversas de valorização de vivências compartilhadas nos hábitos alimentares e identificação desses eventos no calendário local. • Situações de ouvir histórias ou relatos, envolvendo hábitos alimentares, relacionados ao cotidiano dos alunos, e pertencentes a outras culturas, distinguindo os hábitos do presente, do passado, e identificando os compartilhados em outros grupos sociais. • Identificação de diferentes calendários de festas e eventos, de diferentes culturas, confrontando com o calendário local. • Apresentação de pequenas exposições sobre eventos sociais e culturais, vividos na escola, na família e na comunidade, destacando os hábitos alimentares das ocasiões. • Organização coletiva e registro (em textos, imagens e linha do tempo) de costumes relacionados aos hábitos alimentares de diferentes povos, culturas e épocas, que foram estudados. • Organização coletiva de painéis com a apresentação dos eventos sociais e culturais da escola e da comunidade, destacando os hábitos alimentares compartilhados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa dos conhecimentos prévios das crianças sobre as convivências coletivas (sociais e culturais), envolvendo hábitos alimentares que conheçam, a partir de vivências e relatos. • Confronto dos conhecimentos prévios das crianças e suas hipóteses iniciais, com o registro de seus conhecimentos e opiniões, ao longo do ano. • Observação, registro e análise de como a criança procede nas atividades propostas na coluna anterior.
	<ul style="list-style-type: none"> • Escuta de narrativas históricas de hábitos alimentares de outras culturas, de outras localidades, e de outros tempos, identificando e descrevendo as práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Hábitos alimentares de outras culturas, localidades e tempos. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos impactos no ambiente, causados pelas diferentes formas de trabalho no processo de produção de alimentos, existentes na comunidade em que vive. 	<ul style="list-style-type: none"> • Impactos no ambiente causados no processo de produção de alimentos. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de trabalhos e trabalhadores envolvidos nos hábitos alimentares compartilhados pela turma, pela comunidade e por outras culturas (de locais e tempos diferentes). 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos e trabalhadores envolvidos nos hábitos alimentares da sua comunidade e de outras culturas. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de pequenas exposições, com ajuda do professor, sobre hábitos alimentares, os trabalhadores e os trabalhos neles envolvidos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos e trabalhadores envolvidos nos hábitos alimentares da sua comunidade e de outras culturas. 		

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Série Cadernos de orientação curricular:** Orientações curriculares para o Ciclo Inicial do Ensino fundamental Volumes 1, Rio Branco, AC. SEE, 2009. (1º ao 5º Ano)
- BITTENCOURT, Circe. (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.
- BITTENCOURT. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Educação é base.** Brasília. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História (1ª a 4ª série).**
- CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e Sua Prática.** 2 ed. Campinas, SP, Papyrus Editora, 1992, p. 32.



ENSINO RELIGIOSO

1. REFLEXÕES SOBRE ENSINO RELIGIOSO

A Proposta Curricular do Ensino Fundamental – Implementação do Ensino Religioso, Acre, 2002, destaca a necessidade da educação integral e o modo como o Estado tem o dever de promovê-la. Também menciona o Art. 33, da Lei 9475/97 da Constituição de 1988, por meio da qual o Ensino Religioso tem status garantido entre as demais disciplinas. A norma legal apresenta-se da seguinte forma:

“O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso”. (ACRE 2002, p.9)

A Base Nacional Comum Curricular, 2018, ao estabelecer os referenciais para esta disciplina, aproxima-se, em seus pontos principais, daqueles delineados no documento do Estado do Acre, quando destaca que a construção histórico-social do ser humano, por meio de produção e apropriação cultural, ocorre em meio a relações sociais, com o meio ambiente e com o transcendente, num contexto de pluralidade de identidades. A Proposta Curricular do Acre apresenta essa idêntica finalidade.

Por isso, se queremos colaborar na formação de pessoas construtoras e transformadoras da história, livres e solidárias, capazes de amar e viver em comunidade, comprometidas com a causa da justiça, dos direitos humanos, dos valores ecológicos e da paz; responsáveis pela construção de um mundo democrático, justo e solidário; capazes de conviver com os avanços tecnológicos, humanizando-os em favor da sociedade, convictos de que a realização não virá de acúmulos de bens, dos sucessos, mas da própria pessoa e da sua essência etc., precisamos reconhecer e dar importância a esta disciplina dentro do nosso sistema educativo e, ao mesmo tempo, esclarecer e renovar o seu conceito, e o da sua prática pedagógica, da definição de seus conteúdos, natureza e metodologia adequada ao universo escolar. (ACRE 2002, p.8).

A Base Nacional Comum Curricular destaca o ser humano como constituído de uma dimensão imanente (concreta/biológica), ao mesmo tempo que transcendente (subjéctiva/simbólica), percebendo-se igual e diferente, de modo que a opção ou não por uma religião é componente essencial. Nessa construção de identidades, na distinção “eu” / “outro” / “nós” / “eles”, é fundamental a percepção das diferenças (alteridades), mediadas por relações dialógicas de referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores). A Proposta Curricular do Acre aponta essa mesma perspectiva.

Cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida. (BRASIL 2018, p. 434).

Para sair da tendência catequético-sectária, com seus tabus que isolam a comunidade em grupos fechados, em que se influenciaram as aulas de religião, [...] para adquirir o carácter de ensino de uma ciência, que trata do homem nos seus aspectos ontológico-metafísicos, o ensino religioso deve reestruturar-se [...] no preparo de docentes, de modo que venha a ser um instrumento do conhecimento, da crítica reflexiva, do diálogo e da construção de novas competências. Para tanto, precisa: autonomia, flexibilidade, compromisso e competência profissional, responsabilidade ética e isenção de proselitismo. (ACRE 2002, p. 16).

Portanto, a estreita relação entre esses dois documentos facilitou a formulação final de um Currículo de Referência Único para o Ensino Religioso do Estado do Acre, tarefa fundamental pela qual objetivo e função desta disciplina estarão definidos com clareza.

2. CONCEITOS-CHAVE E ABORDAGEM METODOLÓGICA

O ponto de partida para a composição do Currículo de Referência Único para o Ensino Religioso do Estado do Acre foi a comparação entre o documento nacional, a Base Nacional Comum Curricular 2018, e a Proposta Curricular do Ensino Fundamental – Implementação do Ensino Religioso, Acre, 2002, o documento estadual. Verificou-se estreita semelhança de terminologia e conceitos entre os dois documentos.

A Proposta Curricular do Acre já definia o pressuposto de dois Eixos Norteadores, Transcendência e Alteridade, antecipando essa mesma abordagem na Base Nacional Comum Curricular, que destaca “Alteridade” e “Transcendência”, sendo este último eixo focado nos objetos de conhecimento e nas habilidades.

O documento do Acre enseja que qualquer abertura para o Transcendente, característica geral de qualquer religião, não pode prescindir de equivalente postura de respeito ao outro, configurada no eixo Alteridade. Já o documento nacional apresenta o ser humano, ao mesmo tempo, “imane e transcendente”, indicando “Alteridade” como Unidade Temática, juntamente com “Identidade”.

A Proposta Curricular do Acre também define quatro Unidades Temáticas como contexto de abordagem para seus Tópicos Curriculares: Ser Humano, Tradição, Ética e Espiritualidade. Tal contextualização permite enquadrar, de modo genérico, qualquer definição para “religião”, evitando induções que comprometam a isenção de uma proposta curricular dessa natureza.

As Unidades Temáticas na Base Nacional Comum Curricular, embora não totalmente idênticas às da Proposta Curricular do Acre, expressas por Identidade e Alteridade, Manifestações religiosas (1º ao 5º e 7º ano) e Crenças e filosofias de vida (6º ao 9º ano), não apresentam notáveis distinções em relação ao documento do estado.

Por exemplo, elementos definidos no documento nacional como “práticas ritualísticas”, “espaços”, “territórios sagrados”, “ritos”, “mitos”, “crenças”, “divindades”, “tradições” e, ainda, “narrativas”, “oralidade”, “escritos” e “doutrinas”, estão incluídos, na Proposta Curricular do Acre, na Unidade Temática “Tradição”.

E o que neste documento aparece como “Ética”, numa Unidade Temática em separado, no documento nacional é definido como “Crenças religiosas e filosofias de vida”, sobretudo quando se discutem diferenças doutrinárias e os condicionamentos consequentes derivados dos códigos éticos e morais relacionados aos fundamentos de cada religião.

Enquanto “Espiritualidade” é Unidade Temática, na Proposta Curricular do Acre, embora não apareça com essa mesma terminologia na Base Nacional Comum Curricular, tem sua equivalência conceitual em meio a outros termos identificados na coluna “Habilidades”.

Preservados, nos dois documentos, os pressupostos éticos e científicos, no trato criterioso com as diversas culturas e tradições religiosas, sem privilégio concedido a qualquer crença ou convicção, o documento resultante dessa comparação é o Currículo de Referência Único de Ensino Religioso, diretriz para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais, propondo o reconhecimento e respeito às histórias, memórias e valores das diferentes culturas, tradições religiosas e filosofias de vida, como critérios essenciais à formação integral do aluno.

E segue o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Religioso, em relação à construção do caráter individual (subjeto/eu) e diverso (alteridade/outro) do aluno, no que se refere à reflexão e ao estudo de práticas espirituais (ritos e mitos diversos) e diferentes histórias de acontecimentos religiosos (narrativas, celebrações, festas, peregrinações etc.).

Estabelece fundamentos teóricos e pedagógicos, como interculturalidade e ética da alteridade, de modo metódico, para que atenda também a quem não possui religião, porém dotado de filosofia de vida que retrate o respeito ao outro e à dignidade humana. Para tanto, o estudo da disciplina opera-se num contexto interdisciplinar:

O conhecimento religioso, objeto da área de Ensino Religioso, é produzido no âmbito das diferentes áreas do conhecimento científico das Ciências Humanas e Sociais, notadamente da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões). Essas Ciências investigam a manifestação dos fenômenos religiosos em diferentes culturas e sociedades enquanto um dos bens simbólicos resultantes da busca humana por respostas aos enigmas do mundo, da vida e da morte. De modo singular, complexo e diverso, esses fenômenos alicerçaram distintos sentidos e significados de vida e diversas ideias de divindade (s), em torno dos quais se organizaram cosmovisões, linguagens, saberes, crenças, mitologias, narrativas, textos, símbolos, ritos, doutrinas, tradições, movimentos, práticas e princípios éticos e morais. Os fenômenos religiosos em suas múltiplas manifestações são parte integrante do substrato cultural da humanidade. (BRASIL 2018, p. 434).

O lugar estratégico que a escola ocupa caracteriza-se como um espaço de aprendizagem, que atende à múltipla variedade de tradições religiosas, garantindo conhecimento, valorização e respeito entre seus representantes. O componente Ensino Religioso, encarado em sua seriedade e complexidade, oferece importante referencial para essa finalidade.

O Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade. (BRASIL 2018, p. 435).

O professor deverá treinar, antecipadamente, a flexibilização de sua experiência religiosa individual visto que, com naturalidade, vai expor elementos de diversidade religiosa que, certamente, podem parecer estranhos a ele. Por isso deve ser cauteloso, porque lidará com traços muito pessoais de religiosidade, até mesmo posturas restritivas, trazidas pelo aluno do contexto familiar, ainda que de modo não intencional.

Mais um dado que o professor deve observar, além do seu referencial em Ciências da Religião, como indica a Base Nacional Comum Curricular, é o potencial de interdisciplinaridade do Ensino Religioso. Pelo fato de ser mediador competente no contexto da questão religiosa, tão afeita a sensibilidades, esse profissional deve antever a capacidade de conexão com as disciplinas de História, Ciências, Linguagens, Arte e áreas como Filosofia, Sociologia, Psicologia, Antropologia etc., pois o saber ocorre, no mundo real, vinculando entre si todas as ciências.

É usual criticar-se a evolução histórica da presença do Ensino Religioso em sala de aula, em função da pretensa hegemonia religiosa imposta pelo colonizador que, desde o “descobrimento” do Brasil, constituiu-se em fator de opressão a indígenas e, posteriormente, a negros, forçando-os a se tornarem cristãos. Todavia, o ensino dessa disciplina deve ser visto no mesmo status de qualquer outra, não como “ensino de religião”, mas como estudo do fenômeno religioso, no contexto acadêmico das Ciências da Religião, segundo consta da Base Nacional Comum Curricular.

3. PARTE DIVERSIFICADA E ESPECIFICIDADES DO ESTADO DO ACRE

O Ensino Religioso, na Base Nacional Comum Curricular, constitui-se área do conhecimento e disciplina curricular do Ensino Fundamental, nos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, e finais, do 6º ao 9º ano. Estão estabelecidos critérios históricos de estudo, abordagem e identidade aplicáveis às várias denominações religiosas, permitindo reconhecer a importância de cada uma, sem discriminação entre elas, visando o estímulo de uma cultura de paz, cooperação e respeito.

Estabelecido como componente curricular de oferta obrigatória nas escolas públicas de Ensino Fundamental, com matrícula facultativa, em diferentes regiões do país, foram elaboradas propostas curriculares, cursos de formação inicial e continuada e materiais didático-pedagógicos que

contribuíram para a construção da área do Ensino Religioso, cujas natureza e finalidades pedagógicas são distintas da confessionalidade. (BRASIL 2018, p. 433).

É reconhecida a abrangência do campo de estudo da religião. O principal referencial é a família, levada em conta a diversidade de tradições religiosas. Também devem ser incluídos aqueles sem religião. O papel específico da escola será, por meio do Ensino Religioso, habilitar o aluno para uma convivência plural, no contexto social mais amplo. Daí a necessidade de se conhecer, de modo criterioso e aprofundado, a experiência trazida pelo aluno de seu contexto familiar. Por isso é de fundamental importância, também na área desta disciplina, o levantamento dos conhecimentos prévios:

O conhecimento prévio auxilia na organização, incorporação, compreensão e fixação das novas informações, desempenhando assim, uma “ancoragem” com os subsunçores, já existentes na estrutura cognitiva. Sendo assim, novos conceitos podem ser aprendidos, à medida que haja outros conceitos relevantes, adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo, que funcionarão como pontos de ancoragem para os novos conceitos. (MEDINA & SILVA KLEIN 2015, p. 49).

É relevante para o professor de Ensino Religioso reconhecer e avaliar, de modo efetivo e estratégico, o conhecimento prévio dos alunos. Isso porque, juntamente com a religião que trazem em sua formação, há um conjunto de fatores relacionados a modos de crer, substratos de tradição familiar e sensibilidades em relação às crenças individuais. Estas serão, no ambiente escolar, reconhecidas, contextualizadas e dinamizadas, no contato com a pluralidade religiosa, encarada a escola como laboratório do típico contexto de complexidade das relações sociais.

A sala de aula do Ensino Religioso precisa ser esse ambiente moderador, devidamente respaldado, tanto pelo currículo quanto pela destreza do professor, para que o aluno obtenha os recursos de compreensão e análise de sua própria realidade religiosa, compreendida não como superior ou única, porém como mais uma entre outras, de mesmo valor e igual necessidade de acolhimento e respeito.

Nas palavras de Oliveira, et al (2007), a presença de diferentes culturas com suas diferentes expressões de ordem linguística, artística, religiosa, etc., num sistema educacional requer, indubitavelmente, uma tomada de consciência, uma reflexão sobre os encaminhamentos e a elaboração de suas propostas curriculares. Por isso mesmo, a formação e a prática docente para ministrar a disciplina de Ensino Religioso reveste-se de especial importância, pois um professor preparado e qualificado conseguiria selecionar o conteúdo, assim como teria o conhecimento teórico necessário para abordar adequadamente os assuntos discutidos em sala (HONORATO 2019, p. 98).

A não influência de qualquer grupo religioso, a formação bem fundamentada dos professores e a adoção de práticas que priorizem a pesquisa e o diálogo tornam possível ao aluno, já a partir dos anos iniciais do ensino fundamental, com a devida e cuidadosa transição para os anos finais, o desenvolvimento de habilidades específicas para atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Tais procedimentos são definidos na Base Nacional Comum Curricular como “acolhimento da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz”, cujos objetivos são:

a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania. (BRASIL 2018, p. 434).

A fim de compreender o modo como as habilidades definidas no Currículo de Referência Único são flexíveis e de consensual aplicabilidade aos variados contextos no Estado do Acre, é importante conhecer que mudanças recentes ocorreram em relação ao Ensino Religioso. A partir de 1999-2002, foi

organizado o Fórum de Ensino Religioso, no âmbito do Conselho Estadual de Educação, que reuniu múltiplos representantes de variadas religiões, resultando na elaboração da já mencionada Proposta Curricular do Acre.

Em 2011, ocorreu a 1ª Conferência Estadual da Diversidade Religiosa, estabelecendo o início da parceria entre Secretaria de Estado de Educação e Esporte e o Instituto Ecumênico Fé e Política, ocasião do lançamento da Cartilha de Diversidade Religiosa "Muitos são os caminhos de Deus", um marco dos avanços no diálogo ecumênico e inter-religioso, no Estado do Acre, no contexto do Instituto Ecumênico, desde 2005.

Essa parceria tem fundamento no § 2º, Art. 33 da Lei 9475/97, que formula: "os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso". O Instituto Ecumênico foi referendado, pelo Conselho Estadual de Educação, como natural substituto do Fórum de Ensino Religioso, por definir-se estatutariamente como "entidade de direito privado, suprapartidária, comprometida com a justiça social e o respeito à diversidade cultural e religiosa, que defende o combate de todo tipo de preconceito, discriminação e fundamentalismo".

Esses esforços contribuíram para um novo impulso ao Ensino Religioso no Estado, com vistas a conscientizar os professores no preparo para lecionar a disciplina. Usualmente indicados docentes de outras áreas que, de modo extraordinário, complementam sua carga horária lecionando Ensino Religioso, a formação do professor torna-se essencial, em função das exigências de qualidade na mediação docente. Essa formação necessita de maior detalhamento e especificidade, uma vez considerada a complexidade dos conteúdos relacionados ao Ensino Religioso, levando-se em conta a pluralidade, tanto da clientela quanto das variadas tradições religiosas, e a necessária interdisciplinaridade presente no currículo escolar.

É imprescindível ao professor, portanto, conhecer o quadro geral das confissões religiosas no contexto social em que atua. Na abordagem do fenômeno religioso, precisa empreender proficiente leitura, tanto a partir de sua própria formação quanto do perfil do contexto social de sua escola e cidade. O quadro abaixo é representativo dos dados disponíveis, embora alguns fatores devam ser definidos como balizadores dessa leitura, como abaixo indicado:

QUADRO COMPARATIVO DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS DO ACRE – IBGE – 2010		
RELIGIÕES	NÚMERO REAL	NÚMERO PROPORCIONAL
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	133.926	100.000
EVANGÉLICA	133.632	100.000
SEM RELIGIÃO	53.535	50.000
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	3.871	4.000
ESPÍRITA	3.309	3.500
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	2.616	2.500
NÃO DETERMINADA E MÚLTIPLO PERTENCIMENTO	1.601	1.500

TRADIÇÕES INDÍGENAS	945	1.000
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	714	700
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	653	650
UMBANDA E CANDOMBLÉ	183	200
CATÓLICA ORTODOXA	177	200
CANDOMBLÉ	170	200
JUDAÍSMO	59	50
TRADIÇÕES EXOTÉRICAS	57	50
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	51	50
BUDISMO	47	50
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	21	20
ISLAMISMO	20	20
ESPIRITUALISTA	23	20
UMBANDA	13	20

Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/rio-branco/pesquisa/23/22107>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

- 01.** Embora de fonte fidedigna, este quadro não está atualizado. Portanto, ao oferecer um mosaico indicativo da presença religiosa no Acre omite, entre outras, as religiões de tradições ayahuasqueiras, também conhecidas como daime, originárias do Acre já a partir de 1910, possuindo rica, história e sistemática documentação desde sua origem, incluída a sua relação com tradições indígenas;
- 02.** Há menção a “tradições indígenas”, no quadro, porém numa proporção de 1.000, certamente desatualizada, visto existirem 15 etnias diferentes, distribuídas entre 34 terras indígenas de 11 municípios do estado, sem contar os denominados povos isolados;
- 03.** Católicos e evangélicos são expressões do cristianismo. Mas evangélicos subdividem-se em grupos, uns mais e outros menos simpáticos ao ecumenismo, aqui definido como diálogo entre religiões cristãs. A aproximação ecumênica deve ser incentivada em sala de aula, preservada a identidade desses dois

- grupos. Essa equivalência entre eles, da ordem dos 100.000, não deve ser entendida como fator de hegemonia numérica, porém como advertência, para que a quantidade de adeptos não se constitua em fator de negação do igual valor que se deve atribuir, indistintamente, a todas as religiões, independentemente de sua abrangência;
- 04.** Observa-se, também, o acentuado grupo dos “Sem religião”, da ordem de 50.000 correspondendo, proporcionalmente, à metade dos dois maiores grupos religiosos. Não devem ser discriminados em sua escolha, mas estimulados a conviver, em sala de aula, junto aos adeptos de quaisquer outras religiões, visto ser contemplados no Currículo de Referência Único pelo conteúdo “filosofias de vida”, atendendo às suas convicções, as quais devem ser conhecidas e valorizadas, de mesmo modo que qualquer doutrina de confissão religiosa;
 - 05.** Observem como a quantidade para “Outras religiosidades cristãs”, proporcionalmente 4 X 1.000, amplia-se quando somadas às declaradamente cristãs, também indicadas no quadro: católicos apostólicos brasileiros, cerca de 650; católicos ortodoxos, mais 200. E uma vez incluídos os Testemunhas de Jeová, 2,5 X 1.000, e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, chega-se a um total de mais 5.500. Os critérios de estudo e pesquisa em Ciências da Religião indicam os parâmetros exatos de abordagem dessas modalidades de variação do ramo cristão. Suas especificidades devem ser respeitadas, compreendidas as variações de seu modo de crer, sem nenhuma discriminação;
 - 06.** Há problemas de terminologia na designação de grupos religiosos, como a semelhança entre as classificações “Espírita” e “Espiritualista”, também uma definição precisa para “Tradições Exotéricas”, assim como “Novas” e “Outras” Religiões Orientais. As mais antigas podem ser Hinduísmo, Confucionismo, Budismo, Taoísmo e Xintoísmo. E as “Novas” seriam Seicho-no-ie, Fé Bahá’í, Igreja Messiânica (ou Johrei), algumas entres elas presentes no Acre. Há religiosos espiritualistas que não são, propriamente, espíritas. E costuma-se classificar a Maçonaria como exotérica, embora não seja uma religião. Terminologias e designações necessitam de cuidadosa pesquisa, para que reflitam com exatidão os variados aspectos dessa complexidade;
 - 07.** As religiões de matriz africana devem estar incluídas nessa pesquisa criteriosa. Aparecem separadas, ora como “Umbanda” e “Candomblé”, assim como conjuntamente “Umbanda e Candomblé”. Os adeptos dessas duas vertentes, de modo muito nítido, reconhecem suas diferenças. Mas também há subgrupos que se consideram conjuntamente praticantes dessas duas correntes religiosas. A melhor posição, nesses casos, são entrevistas com líderes dessas religiões, mesmo porque valorizam a tradição oral e bons livros publicados sobre essas religiões ainda são raros;
 - 08.** “Judaísmo” e “Islamismo” que, ao lado do “Cristianismo” são designadas como “Grandes Religiões”, com significativo número de adeptos em todo o mundo, não devem ser consideradas de maior importância por tamanho ou antiguidade. É curioso notar que as três têm uma origem comum, sendo Abraão, Ab’haam ou Ibrahim o mesmo líder, patriarca ou profeta de origem dessas religiões. Porém, infelizmente, já houve história de grandes conflitos, perseguições e guerras. Daí a necessidade de se desenvolver, de modo maduro e permanente, uma cultura de paz e tolerância entre as religiões. A escola deve se tornar um espaço democrático e pluralista, que contemple a diversidade religiosa presente na sociedade, aspecto este previsto tanto na Proposta Curricular do Acre quanto na Base Nacional Comum Curricular e levado em consideração na preparação deste Currículo de Referência Único.

4. ORIENTAÇÕES DE APLICABILIDADE DO COMPONENTE ENSINO RELIGIOSO NOS ANOS INICIAIS

É fundamental ao professor compreender as subdivisões do Quadro Organizador Curricular, observando a relação entre os Objetivos (Capacidades) e sua correspondência com os Conteúdos, definidos como: “O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos”. Estes Objetivos correspondem a Direitos de Aprendizagem equivalentes às seis Competências Específicas para o Ensino Religioso, conforme expressas na Base Nacional Comum Curricular.

Aparecem na coluna “Objetivos”, no Quadro Organizador Curricular, seja nos Anos Iniciais, do 1º ao 5º ano, assim como nos Anos Finais, do 6º ao 9º ano. Estão alinhados aos Conteúdos correspondentes, sendo possível e necessário ao professor verificar essa correspondência, no momento em que consulta o Quadro Organizacional Curricular, visto que seu objetivo final, como está expresso, será alcançar a formação plena de seus alunos dentro desses Direitos de Aprendizagem, as mesmas Competências Específicas do Ensino Religioso, em correspondência às 10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular.

A tabela abaixo indica, a cada ano, a incidência de conteúdos e a que direitos de aprendizagem correspondem de modo específico. Isto significa que, por exemplo, o primeiro direito de aprendizagem ou competência específica 1 do Ensino Religioso, que é “Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos”, será abordado por 1 conteúdo no 1º, 2º e 3º anos, por 3 conteúdos no 4º e 2 conteúdos no 5º ano. E assim por diante, em relação aos demais direitos de aprendizagem ou demais competências específicas do Ensino Religioso. Na última coluna à direita, na coluna TOTAL, em relação a cada direito de aprendizagem, verifica-se a quantidade de vezes em que é abordado cada conteúdo, nos Anos Iniciais e nos Anos Finais, numa leitura horizontal. Até o final dos Anos Iniciais, o aluno terá contato, por meio dos conteúdos abordados, oito vezes com os direitos de aprendizagem 1 e 2, sete vezes com os direitos de aprendizagem 3, 4 e 5 e seis vezes com o direitos de aprendizagem 6, conforme pode ser conferido numa leitura vertical da coluna TOTAL dos Anos Iniciais.

DIREITOS DE APRENDIZAGEM	ESTATÍSTICA DOS CONTEÚDOS											
	ANOS INICIAIS					TOTAL	ANOS FINAIS					TOTAL
	1º	2º	3º	4º	5º		6º	7º	8º	9º		
09. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.	1	1	1	3	2	8	4	2	3	4	13	
10. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.	1	2	2	2	1	8	2	3	2	4	12	
11. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza enquanto expressão de valor da vida	2	1	1	2	1	7	2	2	1	3	8	

12. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.	3	1	1	1	1	7	2	2	1	3	8
13. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.	1	2	1	1	2	7	2	3	3	3	11
14. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.	1	1	1	1	2	6	1	3	2	3	9

Análise geral dos conteúdos

Os conteúdos do 1º ano contextualizam o aluno como indivíduo, no meio em que vive, assim como em suas relações. Inclui valorização e preservação da vida, abordando religião no contexto do mútuo respeito. Reparem que a terminologia de abordagem do “eu”, “outro” e “nós”, da fraternidade, respeito e acolhimento, incluída a ética individual e coletiva definem as ênfases dos tópicos dessa primeira etapa, visto que um dos objetivos do Ensino Religioso é demonstrar de que modo o respeito às diferentes religiões começa com o respeito ao outro.

No 2º ano, o professor deve observar que a ideia de relacionamento e respeito ao outro, independentemente da forma de crer, continua a ser enfatizada. Ao introduzir a ideia de relação com o transcendente, característica de qualquer religião, verifica-se obrigatória equivalência com a valorização da vida, do meio ambiente e reciprocidade na relação com o outro. Os símbolos religiosos, em sua variada especificidade, têm reafirmado o seu significado, quando compreendidos nesse mesmo espaço de convivência porque, por meio deles, as semelhanças e diferenças entre religiões são definidas e aceitas.

O 3º ano introduz o estudo de tradições orais e escritas, destacando sua diversidade, sempre no intuito de promover aproximação, para convivência e respeito entre as diferentes religiões. Celebrações, rituais e festas, cultos e peregrinações complementam a necessidade de conhecer, para aprender a respeitar. O aprofundamento no estudo da simbologia, as variadas formas de espiritualidade, no contexto dos direitos humanos e, mais uma vez, a equivalência entre respeito ao transcendente, à sustentabilidade e preservação do meio ambiente e aos direitos humanos reforçam a coerência entre religião e respeito ao outro.

O 4º ano, ainda por meio dos textos e tradições orais, foca a liderança religiosa e dá continuidade à história dos símbolos, porém desta vez incluindo sua expressão artística. Relacionamento com o outro retorna à pauta, focando família, escola e sociedade. E para compreender como se forma a ideia de transcendente, entre as religiões, destaca-se a formação do indivíduo e as manifestações de sua espiritualidade, além do papel dos ritos, nesse mesmo contexto, como instrumento de solidariedade, essencial à construção coletiva do sentimento religioso.

No 5º ano, a ideia do transcendente será analisada por meio de ritos e mitos constantes nos textos sagrados, assim como modos de ser e de viver. Ainda por meio dos textos, as concepções de mundo, natureza, vida e morte e, mais uma vez, a ideia de reverência ao transcendente indissociável do respeito

ao outro. O papel das lideranças religiosas referente às tradições orais, modos de ser e viver, em textos e tradições orais e, mais uma vez, a expressão artística relacionada às religiões, associada de modo interdependente a valores éticos e religiosos.

Evidentemente que, para os Anos Finais, aprofundam-se os graus de abordagem, em função do amadurecimento da criança e pré-adolescente. Os conteúdos, em linhas gerais aqui comentados, estão expressos na coluna Conteúdos, do Quadro Organizador Curricular, correspondentes aos Objetivos ou Capacidades, permitindo ao professor situar sua abordagem de modo a que os alunos atinjam os seis direitos de aprendizagem que, por sua vez, correspondem às seis competências específicas do Ensino Religioso, por sua vez ajustadas às dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.

Essa natural gradação de conceitos, no que se refere às habilidades, sempre adaptadas ao grau de desenvolvimento do aluno, deverá levar em conta recursos a seu alcance, facilitadores do aprendizado, no nível correspondente à formação deles. Será necessário compreender as características relacionadas às peculiaridades da idade, para que o aproveitamento seja o maior possível, ao lidar com os desafios propostos pelo referido Currículo, a cada etapa, no contexto da sala de aula:

[...] eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL 2018, p. 35).

Isso requer cuidadoso planejamento por parte do professor, de modo a reinterpretar para o aluno cada um dos itens, adaptando-os ao nível de seu aprendizado. Alguns aspectos são fundamentais para que a aplicabilidade deste documento às duas etapas da Educação Básica, Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental, seja eficiente.

Uma vez inteirado da totalidade do Currículo, o professor não deve não se limitar, apenas, aos itens correspondentes à etapa à qual leciona. Deste modo, obterá uma ideia de conjunto, essencial ao entendimento da progressão dos componentes do documento, seja em relação aos Conteúdos, seja no que diz respeito aos Objetivos (Capacidades).

Do mesmo modo, com relação à Base Nacional Comum Curricular, além da leitura obrigatória de toda a sua introdução, destacamos e reforçamos a necessidade da leitura completa do item 3: “A etapa da Educação Infantil”, p. 33, incluído o item 3.3, “A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental”. Esses são pontos essenciais para que se conheçam os aspectos do desenvolvimento intelectual dos alunos.

Há ainda necessidade, do mesmo modo, da leitura do item 4: “A etapa do Ensino Fundamental”, p. 55, no interior da qual se encontra a parte específica do Ensino Religioso, “A área de Ensino Religioso”, p. 433, e “Ensino Religioso”, p. 436. Desse modo, o professor será capaz de compreender o contexto e aplicabilidade desta disciplina, segundo orienta a Base Nacional Comum Curricular, e sua aplicabilidade no contexto do Estado do Acre, pelo Currículo de Referência Único.

O texto da Base destaca a criança como observadora, questionadora, capaz de levantar hipóteses, ajuizar e de tirar suas próprias conclusões. Desse modo, por meio de interações com o mundo físico e social, ela também é capaz de produzir conhecimento, assim como assimilar aquele já sistematizado.

Tais características devem predispor o educador a que defina uma intencionalidade educativa, como preceitua o texto da Base. Ele deverá proporcionar ao aluno as experiências, por meio do aprendizado, que previamente organizou, para que a criança seja possível conhecer a si mesma e ao outro, bem como entenda sua efetiva relação com a natureza, com a cultura, de um modo geral, assim como sua própria capacidade de produção científica.

A intenção final do professor será proporcionar o desenvolvimento pleno das crianças, sabendo como aproveitar a pluralidade de situações. Neste contexto, será imprescindível a necessidade do diálogo, componente essencial, seja no contexto geral da educação, seja em relação ao específico do Ensino Religioso, frente à multiplicidade de opções religiosas com que convivem as crianças no meio social.

Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade. (BRASIL 2018, p. 34).

No que se refere ao fenômeno religioso, objeto específico desta disciplina, será fundamental compreender que religião será herança do contexto familiar. Este aspecto implica cuidado e o devido preparo com que o professor deverá abordar os conteúdos relacionados ao Ensino Religioso, de modo a conduzir, sempre em perspectiva de contínua troca de experiências, o desenvolvimento de seus alunos.

No Ensino Fundamental, o Ensino Religioso adota a pesquisa e o diálogo como princípios mediadores e articuladores dos processos de observação, identificação, análise, apropriação e ressignificação de saberes, visando o desenvolvimento de competências específicas. Dessa maneira, busca problematizar representações sociais preconceituosas sobre o outro, com o intuito de combater a intolerância, a discriminação e a exclusão. (BRASIL 2018, p.434).

Portanto, o professor deve treinar a si mesmo como mediador desse processo, compreendendo as sutilezas dos estranhamentos possíveis ao focar religiões díspares em suas concepções, estando preparado para demonstrar ao aluno a dinâmica do processo de novas descobertas, sem que fira sensibilidades do próprio aluno e da família, com repercussões para fora da escola.

5. COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ÁREA

Por meio da mediação do professor, as Competências Específicas do Ensino Religioso, efetivamente correspondentes aos direitos de aprendizagem, visam construir, pelo estudo dos Conteúdos relacionados aos conhecimentos religiosos e às filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades, no contexto de uma cultura de paz. Essas Competências Específicas estão plenamente contextualizadas com as dez Competências Gerais, de âmbito abrangente, de modo a complementar a formação do aluno ao final de todo o período da Educação Básica.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL 2018, p.8).

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da BNCC, a área de Ensino Religioso – e, por consequência, o componente curricular de Ensino Religioso –, devem garantir aos alunos o desenvolvimento de competências específicas. (BRASIL 2018, p. 435). São elas, para toda a Educação Básica, Competências gerais da BNCC e Competências Específicas do Ensino Religioso:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

- 01.** Conhecimento - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 02.** Pensamento científico, crítico e criativo - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 03.** Repertório cultural - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 04.** Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 05.** Cultura digital - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 06.** Trabalho e projeto de vida - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 07.** Argumentação - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local,

COMPETÊNCIAS DA BNCC DA ÁREA DE CONHECIMENTO

- 01.** Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
- 02.** Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
- 03.** Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
- 04.** Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
- 05.** Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
- 06.** Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.

(BRASIL, 2017).

regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

08. Autoconhecimento e autocuidado - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

09. Empatia e cooperação - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Responsabilidade e cidadania - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2017).

Todas as 10 competências gerais, integralmente, para o Ensino Religioso, assim como para as demais disciplinas, compõem o perfil geral do aluno que se deseja formar ao final da Educação Básica. O professor deve estudá-las, conhecendo de cada uma as dimensões/subdimensões, bem assim os níveis/subníveis, estes últimos associados às etapas até o 3º/até o 6º/até o 9º/até o 3º ano, este já no final do Ensino Médio. Esses desdobramentos setorizam as competências gerais, desdobrando seu significado, de modo a torná-las compreensíveis e aplicáveis, de modo detalhado, ao desenvolvimento do aluno. A própria Base Nacional Comum Curricular preceitua, de modo objetivo, a funcionalidade do uso das competências, sejam elas gerais, específicas por disciplina ou ainda aquelas associadas a cada conteúdo, de modo que os objetivos educacionais sejam alcançados para além do contexto escolar.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). (BRASIL 2018, p. 8).

As 10 competências definem o perfil do aluno que se deseja formar. Há fatores facilitadores de sua abordagem, como a subdivisão entre aquelas relacionadas ao conhecimento, que são as competências que vão de 1 a 3, as relacionadas à comunicação, de 4 a 6, e as relacionadas a aspectos socioemocionais, de 7 a 10. Essa subdivisão não é ultrarrestrita. Por exemplo, a competência 7 apresenta aspectos relacionados à comunicação, enquanto a 6 relaciona-se também ao contexto socioemocional. A disciplina de Ensino Religioso, por meio de seus conteúdos, visa desenvolver habilidades e competências estreitamente relacionadas aos aspectos socioemocionais da formação do aluno. O professor deve pesquisar, no documento “Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC” (ver em <http://twixar.me/YNg1>. Acesso em 9 ago 2019) o modo como as 10 competências se desdobram em dimensões e subdimensões que, por sua vez, por meio de seus níveis e subníveis indicam o modo como os alunos do 1º ao 3º anos, nos Anos Iniciais, do 4º ao 6º, nos

Anos Finais e do 1º ao 3º, no Ensino Médio habilitam-se, por etapas, na formação pretendida para eles com relação às 10 competências gerais da BNCC. Esse detalhamento deve ser verificado para todas as competências e, no caso do Ensino Religioso, enfatizado no âmbito das quatro competências socioemocionais.

Isso porque os próprios conteúdos e os direitos de aprendizagem/competências específicas do Ensino Religioso, em função da formação pretendida para o aluno, têm estreita relação com subdimensões/níveis/subníveis expressos como objetivos das competências socioemocionais. Os conceitos atuais de habilidades e competências proporcionam, no contexto escolar, os avanços necessários a esse aprendizado, tornando a escola vital no processo de construção de um aluno crítico, preparado, desse modo, para lidar com a complexidade da diversidade religiosa, entre outras que a sociedade apresenta.

As estruturas essenciais do processo educacional e a organização escolar vinculam-se em torno da importância da concepção do sujeito para resolver situações-problema do cotidiano, que envolvem distintos graus de complexidade. São nessas situações que o aluno passará a exercitar habilidades e competências através dos conteúdos. Para que isso aconteça é objetivo do ensino propiciar oportunidades para que aconteçam mudanças que desencadeiem desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. (<<http://twixar.me/nWz1>>. Acesso em 21 nov 2018).

Almeja-se, portanto, uma educação voltada para o desenvolvimento da consciência do indivíduo, com eixo principal no diálogo sobre a práxis vivenciada nas diversas tradições religiosas, garantindo: a) acesso aos saberes, práticas e experiências culturais relevantes para o desenvolvimento integral de todos; b) desenvolvimento de diferentes capacidades cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de relacionamento interpessoal e inserção social; c) experiências, conhecimentos e saberes necessários para que, progressivamente, ocorra participação na vida social, em plena cidadania; d) desenvolvimento da personalidade, do pensamento crítico, da solidariedade social e do juízo moral, contribuindo para o conhecimento e transformação de si mesmo e do mundo em que vive; e) domínio das ferramentas necessárias, a fim de continuar seu aprendizado para além da escola.

Portanto, apresentar o Ensino Religioso de modo específico, como componente curricular, não era uma preocupação no nível nacional, estadual ou municipal. Não havia, nas escolas, uma orientação clara do que deveria ser ensinado, não se via funcionalidade social na disciplina, abordando-se o que parecia conveniente. Por essa razão, constitui-se em grande avanço a presença desse componente na Base Nacional Comum Curricular, não somente como disciplina, mas precipuamente como área do conhecimento.

O material que agora chega às mãos dos professores, caracterizado como Currículo de Referência Único, é de extrema qualidade e reflete os avanços recentes experimentados na área das Ciências da Religião. É certo que a dinâmica das próprias religiões e o contexto social e até mundial em que elas se apresentam requer permanente preparo e aperfeiçoamento.

Num país com profundos traumas na história e variados conflitos de aceitação das diversidades, o ensaio de compreensão e convivência na área da religião torna propício o mesmo exercício de tolerância e respeito ao outro em outras áreas do convívio social. E a tarefa da escola se constitui num desafio ainda maior, em função do papel fundamental e estratégico de mediação que exerce na formação da sociedade.

6. QUADRO ORGANIZADOR CURRICULAR – ENSINO RELIGIOSO - 2º ANO

Objetivos Capacidades / competências amplas do componente	Conteúdos/Objetos de Conhecimento O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos	Propostas de atividades Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos	Formas de avaliação Situações mais adequadas para avaliar
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção, nas diferentes tradições religiosas, de como se constrói a ideia do transcendente, a comunicação e o relacionamento com a divindade. 	<ul style="list-style-type: none"> • O transcendente nas variadas religiões: construção dessa ideia e relacionamento com ele. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos materiais produzidos, considerando a qualidade da informação e da comunicação; • Avaliação da habilidade para a exposição oral, com auxílio do professor e outros parceiros; • Outras propostas: • Participação nas atividades de pesquisa, observações e reflexões. • Organização de pontos de vista e ideias que serão discutidas por meio de debates, rodas de conversa e exposições. • Elaboração de quadro comparativo sobre como entendem a natureza e a ciência, os que creem e os que não creem em Deus.

			<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre respeito ao outro e religião - mesmo quem não tem religião, deve agir de modo respeitoso e correto. • Relação entre ética e religião. Não pode haver religião, de um lado, e desrespeito ao outro, ao meio ambiente e às leis, de outro lado. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento nos variados espaços de convivência das diferentes manifestações de religiosidade, identificando costumes, crenças e formas de viver e ser. 	<ul style="list-style-type: none"> • O espaço de convivência das diferentes religiões: costumes, crenças, formas de viver e ser. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa sobre as diferentes expressões de religiosidade: formas de culto, celebrações, festas; roupas, cânticos, alimentos; dias de culto, calendários, crenças e rituais, entre outros aspectos. Obs.: Destacar para os alunos que reafirmar a importância de cada religião é igualar todas, visando estabelecer respeito mútuo. • Trabalho em grupo, discussão e debate sobre as diferenças entre as religiões pesquisadas, relacionando pontos de aproximação e semelhanças entre elas. Entender que o que é estranho na outra religião não pode afastar as pessoas umas das outras. • Análise de imagens sobre os espaços onde cada religião manifesta sua forma de culto, que elementos simbólicos são utilizados e quais as diferenças e semelhanças entre elas. O que é sagrado para o outro, pode parecer estranho e não sagrado para mim, mas é necessário respeitar o outro e seu modo de crer. • Estudo das religiões mais representativas entre diferentes raças e culturas, nas variadas regiões do planeta, assim como o modo de pensar daqueles que não apresentam nenhum tipo de religiosidade. En- 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção para socializar as informações pesquisadas (tópicos principais, resumos, quadros comparativos, etc.). • Situações de leitura crítica de imagens sobre os espaços sagrados, símbolos e significados. • Trabalhos em grupo, discussões, debates sobre as semelhanças e diferenças existentes entre as várias tradições religiosas. • Avaliações escritas com questões de diversas modalidades (a partir de textos, múltipla escolha, situações-problema etc.), buscando identificar os conhecimentos adquiridos pelo aluno ao longo do estudo sobre as religiões de maior representatividade e as situações de conflito existentes, entre pessoas de diferentes religiões ou sem religião.

			<p>tender que quem está mais perto e apresenta outra religião ou nenhuma é com quem o treinamento de aceitação é mais urgente.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de situações de conflito entre religiões na sociedade e de que modo podemos contribuir para que qualquer tipo de conflito seja evitado. Depoimentos sobre o que se acha mais estranho nas religiões, sejam elas de gente próxima ou mais distante. 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de que, na construção da identidade religiosa, é necessária a reciprocidade entre a ideia de divindade e o respeito a identidade do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identidade religiosa: conceito e reciprocidade na ideia de respeito à divindade e respeito ao outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de pesquisa com os líderes de sua própria religião sobre os ensinamentos de sua tradição voltados para o relacionamento com o próximo. • Análise de situações conflituosas entre pessoas de diferentes crenças, de modo que possam respeitar a identidade religiosa ou a religiosa das pessoas com as quais convive nos diversos espaços sociais. Aprender como, de modo negativo, até guerras religiosas já ocorreram por meio de histórias lidas ou contadas. • Palestras e diálogos com religiosos ou ateus sobre a intolerância religiosa, de modo que percebam a necessidade de se manter o respeito e a amizade, independentemente do credo que possuem, assumindo publicamente sua identidade. • Discussão sobre o não ter nenhuma religião e como não se deve discriminar essas pessoas. • Observação do comportamento das pessoas diante das próprias experiências religiosas e de • Saberes nos momentos de reciprocidade com o outro. Assistir a vídeos sobre outras religiões, cultos, celebrações e rituais para se discutir o que se acha estranho e como 	<ul style="list-style-type: none"> • Observações sobre como os alunos organizam as informações decorrentes de atividades de pesquisa. • Participação em palestras e diálogos com religiosos ou ateus sobre situações conflituosas vivenciadas no interior de seu grupo. • Participação na socialização das informações pesquisadas (mural, exposição, etc.) sobre a necessidade de combater a intolerância religiosa e garantir o mútuo respeito.

			tratar e aceitar a manifestação da religião do outro.	
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do valor das diferentes formas de registro de memórias pessoais, familiares e escolares, pessoais e coletivas, por meio de narrativas, fotos, músicas, álbuns, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Modelos de registros de memória pessoal, familiar e coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa sobre o uso dos símbolos para representar as memórias pessoais, desde os tempos primitivos. • Organização de uma exposição ressaltando as diferentes formas de registro utilizadas pelas pessoas ao longo da história para guardar os acontecimentos, tais como: cartas, fotografias, álbuns, caderno de registros, anotações pessoais, agendas, etc. • Enumeração de uma relação de objetos que representam a história das pessoas em cada fase, ressaltando que lembranças estão associadas a cada um deles. Sugestão: cada dupla ou grupo fica com um tema diferente: memória escolar, memória familiar, etc. • Montagem de uma linha do tempo, a partir das memórias pessoais. • Listagem de músicas que relembram acontecimentos importantes. Fala sobre a memória que cada música representa. • Registro dos conhecimentos adquiridos ao longo desse estudo. 	<p>Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos conhecimentos que o aluno já possui sobre o uso dos símbolos para a representação de memórias; • Da participação dos alunos na elaboração da linha de tempo; • Avaliação da participação e disposição do aluno nas diferentes atividades realizadas.

<ul style="list-style-type: none"> • Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão, distinção e respeito ao uso dos símbolos nos mais variados espaços de convivência, identificando-os em manifestações, tradições e instituições religiosas diversas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão, diferenciação e uso respeitoso do símbolo nos variados espaços sociais de convivência, assim como no contexto das diferentes manifestações e tradições religiosas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de símbolos para expressar sentimentos, situações cotidianas, etc. • Pesquisa sobre os símbolos das diferentes tradições religiosas. Montagem de um painel com as informações coletadas: imagens e descrição dos significados dos símbolos. • Distinção de símbolos comuns utilizados nas diversas tradições religiosas. • Discussão das diferenças entre esses símbolos, como representam o sagrado para cada membro dessas religiões e de como é necessário respeitar essas diferenças. • Realização de atividades lúdicas para fortalecimento das aprendizagens. <u>Sugestão:</u> Utilização de jogos de memórias com os símbolos das diversas tradições religiosas, bingo dos símbolos através de pistas que resgatem as informações pertinentes sobre o conteúdo em estudo. • Explicação dada pelos alunos, entre si, sobre os símbolos religiosos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação de como o aluno utiliza os símbolos para fazer representações de situações do cotidiano. • Participação nas atividades de estudo, seja elas de pesquisa, distinção ou análises. • Envolvimento dos alunos nas atividades práticas, tais como: jogos, brincadeiras, produções de textos, etc..
<ul style="list-style-type: none"> • Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre o sentido da vida para si próprio e para o outro, compreendendo as diferentes concepções de relação com o transcendente. 	<ul style="list-style-type: none"> • As diferentes concepções de relação com o transcendente e o sentido da vida para si e para o outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento de conhecimentos prévios sobre o sentido da vida. <u>Sugestão:</u> Produção de texto: "Qual o sentido do sagrado para a religião e para a minha vida?" No texto, abordar questões que justifiquem o significado da vida. Como é o sagrado para o outro? Aprender com as diferenças. • Reflexões sobre a valorização da vida nas diversas tradições religiosas presentes no contexto familiar dos alunos. <u>Sugestão:</u> Solicitar que os representantes das diferentes religiões presentes em sala, na escola, família e no bairro elaborem um informativo para estudo em sala de aula. • Apresentação em projetor multimídia frases que ressaltem o sentido da vida e colocar em discussão. <u>Sugestões:</u> O que eu sei 	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação, registro e análise: • De como os alunos demonstram os conhecimentos prévios acerca dos sentidos da vida. • Da participação dos alunos nas reflexões e discussões sobre como ocorre a valorização da vida nas diferentes tradições. • De como os alunos organizam as informações em tabelas ou quadros sínteses sobre a relação do transcendente com o outro e com a natureza. • Participação na resolução de situações-problemas, seja de reconhecimento, enumeração ou resolução.

			<p>sobre deus e o sentido da vida? Eu acredito que o sentido da vida inclui o meu bem-estar. Eu acredito que o sentido da vida é fazer sentido a outras vidas. Eu acredito que o sentido da vida inclui viver em harmonia com a natureza.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discussão, a partir de pranchas, figuras ou livros, de representações que propiciem o entendimento de que a relação com o transcendente implica respeito e cuidado de si mesmo, do outro e do meio ambiente. Elaboração de quadro-síntese com história das demais religiões para que se compreenda as diferenças entre elas, a fim de respeitar todas. • Realização de atividades práticas onde os alunos necessitem cultivar o respeito por si e pelos outros, de modo que sejam desenvolvidas atitudes de reconhecimento, aceitação, apreciação e valorização das qualidades das pessoas com as quais se convive, independentemente de sua religião. • Enumeração de situações onde seja possível reconhecer o próprio valor e o direito dos indivíduos, diante da sociedade. • Realização de brincadeiras e jogos onde os alunos sejam estimulados a seguir regras. • Estudo de situações práticas vivenciadas nos diferentes ambientes sociais: Como ocorrem os relacionamentos? Há respeito entre as pessoas? Você se sente valorizado no seu ambiente de convivência? Você se reconhece como cidadão de direitos e de deveres? • Reflexão, discussão e observação do comportamento humano em diversas situações do cotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa em jogos e brincadeiras, observação do comportamento e mudanças de posturas diante das situações de conflito.
--	--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e exemplificação do significado atribuído aos alimentos, bebidas e ervas, em diferentes culturas, tradições e manifestações religiosas, compreendendo os significados a eles atribuídos. 	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico atribuído aos variados alimentos, bebidas e ervas no contexto cultural das variadas tradições religiosas 	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa sobre como, na religião de cada um, são utilizados os diferentes alimentos, bebidas e ervas. • Apresentação de imagens para que os alunos possam identificar os alimentos, bebidas e ervas conhecidas e também aprender sobre aqueles desconhecidos. • Estudo, por meio de imagens, nomes e significados dos diferentes alimentos, bebidas e ervas nas variadas tradições religiosas: como são preparados, qual o seu simbolismo e significados. • Confecção de cartazes para uma exposição sobre os alimentos, bebidas e ervas mais representativos das religiões abordadas em sala, assim como de outras menos conhecidas, como as religiões indígenas e orientais. • Inventário, por meio de pesquisas, das modalidades de curas praticadas nas diferentes religiões comparadas aos tratamentos médicos nas unidades de saúde. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e envolvimento dos alunos nas rodas de conversa, confecção de cartazes, inventário, etc. • Atividades de pesquisa e exposições dos materiais produzidos ao longo do estudo. • Atividade de identificação, reconhecimento e exemplificação, onde os alunos tenham sido protagonistas.
<ul style="list-style-type: none"> • Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da relação entre a ideia do transcendente, o cuidado com a natureza e respeito ao outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • O transcendente: reciprocidade na ideia de respeito à divindade, ao outro e ao meio ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrição de boas ações que sejam realizadas pela igreja/outras grupos de sua comunidade para tornar as pessoas mais felizes. O cuidado com o meio ambiente começa com o cuidado pessoal e com o outro. • Criação de história em quadrinhos onde pessoas de diferentes religiões se acolhem e se ajudam mutuamente. Como podemos cuidar uns dos outros? • Reflexões sobre a influência do transcendente (divino) na vida das pessoas, através de questões problematizadoras, que enfatizam as relações, seja com a natureza ou entre os próprios indivíduos: 	<p>Algumas propostas: Observação, registro e análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos conhecimentos que o aluno já possui sobre as ações desenvolvidas por sua igreja ou grupo; • De como o aluno procede durante as atividades de estudo, seja elas de criação, reconhecimento ou reflexão. • Confrontação entre hipóteses iniciais do aluno e o registro de seus conhecimentos e opiniões ao longo do estudo. • Acompanhamento dos trabalhos dos alunos durante as atividades investigativas.

			<ul style="list-style-type: none">• - Como você se relaciona com os animais e com as pessoas que são diferentes de você?• A sua igreja/grupo religioso dá alguma orientação sobre como você deve se comportar com o seu próximo?• Por que é importante cuidar da saúde dos rios, das árvores e dos animais? A religião influencia no projeto de salvar a biodiversidade do planeta?• As relações que estabelece com o outro e com a natureza ajudam na construção da ideia que possui sobre a existência de Deus?• Mostra de imagens de situações de descuido com o meio ambiente. Como evitar? Conversar sobre como ações pequenas, como não sujar o chão em sala de aula, cuidar do próprio material, entre outras, educa para a preservação do meio ambiente e o cuidado pessoal.	
--	--	--	--	--

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <<http://www.altinomachado.com.br>>. **Diversidade religiosa no Acre.**
- <<http://www.ihu.unisinos.br/564083>> **A transição religiosa em ritmo acelerado no Brasil.**
- <http://www.pesquisas.org.br/wpcontent/uploads/2017/08/perfil_e_opiniao_dos_evangelicos_no_brasil.pdf> **Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil.**
- <<https://cardapiopedagogico.blogspot.com/2015/07/fanatismo-roda-de-leitura-e-conversa.html>>
- <<https://www.ecodebate.com.br/2017/04/10/rio-brancoacre-capital-mais-adiantada-na-transicao-religiosa-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. **Rio Branco/Acre: a capital mais adiantada na transição religiosa.**
- <<https://www.infoescola.com/comportamento/fanatismo/>>**Estudo de caso.**
- <<https://www.infoescola.com/comportamento/fanatismo/>>**Fanatismo.**
- <<https://www.letras.mus.br/dj-alpiste/314244/>>**música Fanático**, Dj Alpiste.
- ACRE, Fórum de Ensino Religioso. **Proposta Curricular do Ensino Religioso: Implementação.** Rio Branco, 2002. (Organização: Iris Célia CabannellasZannini e outros)
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **Uma projeção linear da transição religiosa no Brasil: 1991-2040.** Eco debate, RJ, 11/01/2017
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Brasília: CONSED/UNDIME, 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Tema Transversal- Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEB, 1997.
- COSTA, Manoel Pacífico da et al. **Muitos são os caminhos de Deus: um pouco de nossa história e de nossas crenças.** Rio Branco: Instituto Ecumênico Fé e Política-Acre, Secretaria de Estado de Educação e Esporte, 2011.
- Depoimentos**
- HONORATO, Elaine Costa. **O Ensino Religioso e seus fundamentos pedagógicos.** São Paulo: Recriar. 2019.
- <http://www.youtube.com/watch?v=-m8qTw6NXkl>. **Ramificações do budismo.**
- <http://www.youtube.com/watch?v=Tgl-isRE-sc>. **Islamismo.**
- <http://www.youtube.com/watch?v=wfbSgAn3pLo>. **Xintoísmo**
- <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/contexto-competencias-habilidades.htm>. **O contexto, as competências e habilidades.**
- JUNQUEIRA, Sérgio Roberto Azevedo (org.). **Ensino Religioso no Brasil.** Florianópolis: Insular. 2015.
- JUNQUEIRA, Sérgio Roberto Azevedo et.al (orgs.). **Perspectivas Pedagógicas do Ensino Religioso: Formação Inicial para um profissional do Ensino Religioso.** Florianópolis: Insular. 2015.

